

Lucília Maria Oliveira Silva

PEDIR, PROMETER E PAGAR:

**escritos, imagens e objetos
dos romeiros de Canindé.**

UFC-2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

PEDIR, PROMETER E PAGAR:

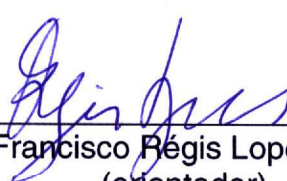
**escritos, imagens e objetos
dos romeiros de Canindé.**

Dissertação elaborada por Lucília Maria Oliveira Silva, sob orientação do Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos, como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre junto ao Mestrado em História Social da Universidade Federal do Ceará em Dezembro de 2007.

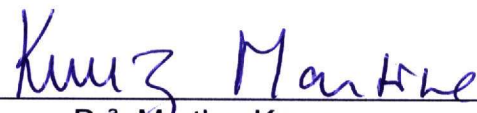
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**TÍTULO: “PEDIR, PROMETER E PAGAR:
ESCRITOS, IMAGENS E OBJETOS DOS ROMEIROS DE CANINDÉ”
AUTORA: LUCÍLIA MARIA OLIVEIRA SILVA**

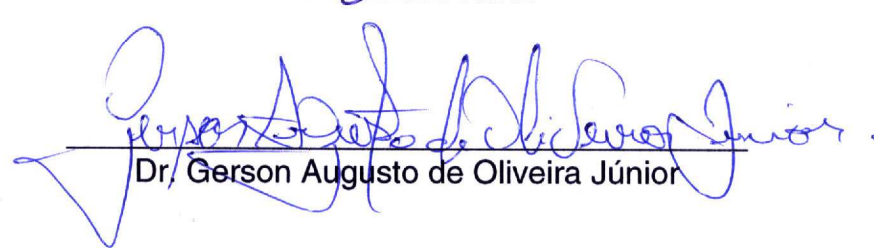
Esta dissertação foi defendida no dia 20, de Dezembro de 2007, na Universidade Federal do Ceará, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores que abaixo assinam:



Dr. Francisco Régis Lopes Ramos
(orientador)



Dr.ª Martine Kunz



Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior

Para meus amados pais Antônio e Lúcia, a quem devo tudo;

Meus avós Chagas e Maria, Expedito e Neuza, fortemente presentes em mim;

Minha querida bisavó Rita, que sempre me acompanha em sonhos.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pelo patrocínio à pesquisa.

Aos funcionários da paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé que me ajudaram e a Frei João Sannig, pelo acesso às fontes.

Ao professor Régis, pela paciência, leveza, e brilhantismo inspirador.

Ao professor Fred, pelos primeiros incentivos.

Aos demais professores e professoras do Departamento de História – UFC pela dedicação e contribuições para minha formação ao longo do curso de História e do Mestrado.

À professora Martine Kunz e ao professor Ernani Filho que no Exame de Qualificação ofereceram valiosas contribuições para este trabalho.

Aos estimados colegas da graduação e/ou do mestrado, João Paulo, Pereira, Henrique, Marla, Idalina, Marcio Inácio, Tiago, Leandro, Íris e Eltern, com os quais travei profícuas discussões sobre minha temática e outras de fundamental relevância, bem como, pelos amigáveis momentos “extra-acadêmicos”.

A meu grande amigo Daniel, valiosa amizade que devo ao curso da História, e de História (1º sem.), por sua presença afetuosa e prestativa.

A minha grande amiga Fabiana, pelos dezoito anos de verdadeira amizade.

A minha grande amiga Rosi, presente da R.E.U., por muitas dádivas em poucos anos.

Aos amigos Francisco, Lopes e Sheila. Distantes, mas não ausentes.

A meu namorado e *grande amor* Sérgio, pela digitalização das fontes e muito mais. Por seu carinho, atenção, incentivo, e apoio em todos os aspectos.

A meus pais, Antônio e Lúcia, pelo amor e o sacrifício incondicionais com que me criaram e educaram para a vida.

ÍNDICE

Resumo	7
Abstract	8
Introdução	9
 Capítulo 1 – A Sacralização do Espaço de Canindé	 19
1.1. A Sacralidade do Espaço	19
1.2. O Caminho	42
1.3. Canindé de Todos os Santos	56
 Capítulo 2 – Os Sentidos do Merecimento	 67
2.1. Padim Pe. Cícero na terra de São Francisco	67
2.2. Argumentação dos Devotos na Cultura da Proteção	80
2.3. Promessa é Dívida	92
 Capítulo 3 – “Oi São Francisco, meus pedidos são...”	 103
3.1. A Diversidade dos Pedidos	103
3.2. Saúde, Paz e Amor	113
3.3. O Pão e o (Jogo) de Cada Dia	141
 Considerações Finais	 182
 Fontes	 186
 Bibliografia	 188

RESUMO

O presente estudo objetiva discutir as experiências religiosas dos romeiros de São Francisco das Chagas de Canindé (CE), buscando apreender as formas (práticas) pelas quais vêm se relacionando com o sagrado, com destaque para a escrita de pedidos e suas finalidades. Este intuito surgiu, principalmente, do diálogo com cartas e fotografias que os devotos depositaram em Canindé pedindo, agradecendo ou narrando milagres. Seguindo estas escolhas e a disponibilidade das fontes, optei por não delimitar de forma rígida um recorte temporal. Desta forma, inicio pensando o processo de sacralização do espaço de Canindé permeado por narrativas de milagres, pela ação da Igreja e as interpretações dos romeiros, que vivenciam esse espaço reafirmando-o e resignificando-o. Desenvolvo uma abordagem histórica sobre as formas de argumentação dos devotos para com o santo e sobre os milagres, isto é, as necessidades e anseios apresentados pelos devotos. O que permite vislumbrar como pensam e vivenciam suas experiências cotidianas, e as relacionam com um imaginário de fé e de proteção historicamente situado.

ABSTRACT

This research discusses the religious practices of São Francisco pilgrims from Canindé (CE), Brazil, apprehending their relationships with the sacred according to their written prayers, and its purpose. This aim arose mainly from the analysis of devotees' letters and photographs sent to Canindé to thank, ask for, or tell miracles. According to these choices and the availability of the sources, I opted to not delimit an inflexible period in order to consider certain inherent questions. Thus, at first I tried to understand how Canindé became a holy place by the narratives of miracles, the Church action and the devotees' interpretations. Besides that, I focused on some peculiarities relating devotees' concepts about the saints and the tactics for miracles attainment. Therefore, I talked about the miracles, that is, the needs presented by the pilgrims. This allowed us to perceive how they think and live deeply their daily historical experiences relating them with a concept of faith and protection.

INTRODUÇÃO

A cidade de Canindé¹ é considerada o maior santuário franciscano da América Latina e a segunda maior romaria franciscana do mundo (sendo a primeira, em Assis, na Itália, cidade de origem do santo). Partindo das experiências observadas nessa cidade, onde nasci, adveio-me uma série de questões que fomentaram meu interesse em desenvolver o presente estudo.

Atualmente, a romaria ao santuário se realiza durante todo o ano, tendo o seu ápice nos meses de setembro e outubro, quando se realiza a Festa de São Francisco das Chagas de Canindé. Durante os dias de festejos², a pacata cidade transforma-se em um agitado e superlotado centro. Há uma programação intensa por parte da Igreja, na qual clérigos e leigos (integrantes das pastorais) revezam-se nos serviços.

Os romeiros chegam em grupos e vão se acomodando nos dois abrigos públicos da cidade, nos hotéis, pousadas, nas casas dos próprios moradores, alugadas por temporada, ou quando não há vagas, nos caminhões em que viajam. Andam em grupos pela cidade, apinham-se na basílica de São Francisco a rezar em pé, de joelhos ou sentados no chão. Os mais cansados deitam-se e dormem. Sentem-se à vontade. A basílica nesta época encontra-se vazia de bancos, retirados para ceder lugar à multidão. Devotos brigam por um lugar na Gruta³ a fim de pegar um pouco de água benta, enquanto outros se friccionam entre as ruelas formadas pelas barracas de vendas ou aglomeram-se nas portas dos forrós.

¹ A cidade de Canindé está situada na região agreste, com uma superfície de 2.892 km², a 120 km de Fortaleza, com uma população em torno de 70.000 habitantes. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>.

² A festa de São Francisco acontece entre os dias 24 de Setembro a 04 de Outubro, exceto em anos eleitorais, quando adiada para o período de 04 a 14 de Outubro.

³ Pequena gruta artificial nos fundos da Basílica de Canindé, cuja água é considerada benta pelos romeiros.

Há musica por toda parte. Os moradores saem para ver as novidades, fazer compras e/ou participar dos festejos. Alguns montam também sua banquinha de vendas, sendo a feira predominantemente formada por vendedores provenientes de cidades próximas e até de outros estados. É comum alguns moradores alugarem suas casas ou partes delas, dividindo o espaço com os romeiros, estranhos ou conhecidos. Uns trabalham dobrado, varando noites, outros não trabalham porque algumas instituições não funcionam durante os festejos, como é o caso das escolas, para alegria dos alunos e funcionários: as férias da Festa!

E foi para os romeiros de São Francisco das Chagas de Canindé que voltei meus esforços nesta pesquisa histórica. Para discutir suas experiências religiosas, seu relacionamento com o sagrado, buscando compreender as práticas de comunicação e reafirmação dessa aliança, seus sentidos e objetivos.

Neste sentido, a figura de São Francisco é configurada ao longo do trabalho através das atribuições dos devotos, forjadas em contato ou não com as hagiografias oficiais. Nos devotos, encontramos o santo de Assis nos sertões. O santo das Chagas formado à imagem e semelhança do devoto que o venera.

Os devotos concretizam sua fé em gestos. Pessoalmente em peregrinação, pelo correio ou por meio de algum parente ou conhecido que visita o santuário, depositam em Canindé cartas, objetos os mais variados e ex-votos dirigidos a São Francisco. Estes são manifestações de formas diversas: fios de cabelos, mortalhas franciscanas, fitinhas de santo, diversas formas talhadas em madeira, gesso, barro ou outro material, representando casas, objetos e principalmente pessoas e partes específicas do corpo humano.

No entanto, estas evidências mais diretas dos devotos, que possibilitam estudos sobre suas experiências e religiosidades têm sido destruídas. Todos os anos, o depositário da Casa dos Milagres⁴ precisa ser esvaziado para dar lugar a novos montantes decorrentes da constante afluência de romeiros com seus ex-votos sob o argumento de que estes “... são

⁴ Salão reservado para recepção e exposição de ex-votos e outros objetos, construído em 1896 com este intuito. C.f. WILLEKE OFM, Venâncio. *São Francisco das Chagas de Canindé: resumo histórico*. 2ª edição. Canindé 1973. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 1973, p. 50.

em tamanha quantidade que seria impossível guardá-los para sempre. Senão, no fim de dez anos, não haveria mais lugar nos depósitos por maiores que fossem”⁵. Desta forma, perdemos a cada ano registros da ação dos romeiros, de suas crenças e práticas. Pois, como bem observou Le Goff, “de fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado, e do tempo que passa, os historiadores”⁶. Nesta perspectiva, acrescento que esta pesquisa, em seu advento, suscitou de minha parte uma reflexão que me levou a uma ação urgente. As fontes que embasaram este trabalho escaparam ao fogo, numa verdadeira ação de salvamento. Percorrendo os depósitos anexos à Igreja de São Francisco de Canindé, dialogando com alguns funcionários e frades, pude reunir um considerável material produzido pelos devotos, a ser devidamente catalogado, conservado, e futuramente posto à disposição de outros pesquisadores.

O material disposto para a temática escolhida está distribuído no tempo de forma que dificulta a definição de um recorte temporal rigoroso, ou, pela natureza da pesquisa, força-nos a trabalhar com um longo período. O que faço sem a pretensão de percorrê-lo em toda sua densidade. Procurei lançar um olhar panorâmico, me detendo nos desdobramentos inerentes à temática apreensíveis nas fontes disponíveis.

A base documental constitui-se de *cartas*: parte destas publicada no Jornal “O Santuário de São Francisco - Órgão Oficial da Basílica de Canindé”, décadas de 30 a 60 (séc.XX), e a maior parte coletada na paróquia, referente a 1996-2004; e de *retratos votivos*: fotografias compreendidas entre 1980-2003.

As cartas (e/ou bilhetes) são depositadas na Basílica de São Francisco em Canindé ou enviadas pelo correio. Geralmente vêm acompanhadas de uma oferta em dinheiro ou objetos, como “jóias”. Vêm de vários estados, principalmente Piauí, Maranhão e Pará. Nelas os devotos compartilham suas vidas, relacionando-se de maneira íntima com o(s) santo(s). Sempre pedindo e/ou agradecendo, narram acontecimentos, expondo seus problemas, às vezes

⁵ BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza. 1962, p.16.

⁶ LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, in: *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996, p. 535.

minuciosamente explicados. Revelam complexas e contraditórias religiosidades, concepções de mundo e formas de agir no mundo. Por meio delas o devoto materializa num papel a oração, o sentimento, a prece.

Para muitos dos devotos semi-alfabetizados, a escrita é considerada um privilégio de poucos, um poder, também associada justamente ao poder de se comunicar de forma mais concreta com o sagrado. Nesta fonte, deparei-me com pessoas que podem ser consideradas participantes de uma cultura marcadamente oral, mas que *escrevem* para seus santos. Por isso as cartas apresentam uma linguagem bem próxima da linguagem oral, como conversas ou preces espontâneas gravadas instantaneamente, da forma que se fala e se ouve, e não como se devem escrever segundo regras gramaticais. Além disso, contêm muitos erros de gramática que se devem mesmo ao desconhecimento da língua portuguesa. Quanto a isso, aviso que procurei reproduzir as cartas (ou partes delas) de forma fidedigna, como foram escritas pelos devotos, fazendo ressalvas ou modificando alguma palavra apenas para tornar o texto inteligível.

As fotografias também foram deixadas por devotos na Casa dos Milagres de Canindé. Interessante atentar para a produção das fotos, de seus significados: algumas são pensadas cenograficamente, nas quais tudo é preparado para a produção de uma foto que já se destina a ser exposta como retrato votivo. Outras, no entanto, são fotografias de situações cotidianas e que foram posteriormente escolhidas para uso sagrado, por retratarem uma situação, pessoa, coisa, animal ou lugar que tenha determinada importância para o devoto. Muitas fotos são escritas no verso ou acompanhadas de cartas. Há muitos desenhos feitos pelos devotos representando partes do corpo, casas, pessoas, etc. Há, também, outras imagens: santinhos com orações no verso, cartões fúnebres (impressos com foto e convite para missas de sétimo dia). Nas fotografias, como nas cartas, são várias as temáticas: trabalho, questões de saúde, moradia, família, afetividades, morte, etc.

Algumas imagens foram abordadas e, portanto, reproduzidas no texto. Neste caso, as pessoas fotografadas acabaram sendo expostas, diferentemente das cartas, em que omiti os nomes dos missivistas. Parti do pressuposto de que uma carta é algo bem mais reservado, e os devotos assim o fazem escrevendo e revelando seus problemas e sentimentos mais íntimos,

neste sentido, suas identidades permanecem aqui resguardadas. As fotografias, porém, foram produzidas ou escolhidas com o fim exclusivo de serem expostas no grande mural da Casa dos Milagres para de fato atestarem algo. Para serem vistas por todos. Nestas “fontes” os próprios devotos optaram pela exposição de suas vidas, de seus corpos, de suas chagas ou de suas graças.

O Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário (1915-1968) foi criado em 1915, sendo uma iniciativa dos frades Capuchinhos — então à frente dos serviços paroquiais em Canindé — juntamente com alguns canindeenses. O jornal, desde o início, era de propriedade da Casa de São Francisco. Dentre as sessões do jornal, existem três diretamente relacionadas aos romeiros de São Francisco: *Graças alcançadas* (editada geralmente na página de anúncios comerciais, na qual os devotos anunciam e agradecem graças alcançadas, na maioria das vezes cumprindo a promessa feita ao santo de publicar a graça no jornal), *Esmolas para São Francisco* (onde consta o nome dos devotos, sua procedência e quantia enviada), *Romarias* (que noticia as romarias citando, por exemplo, todos os nomes de uma comitiva e sua procedência). Interessante salientar que, apesar de dedicar três colunas para as graças dos romeiros, estas dispunham de um espaço bem pequeno e sem destaque no Jornal.

Entre 1958 e 1968, O jornal passou a publicar algumas cartas que os devotos escreviam para São Francisco. Claro que estas cartas eram selecionadas, de modo que seus conteúdos referiam-se sempre a milagres já realizados, exaltando os poderes do santo. As cartas publicadas passavam pelo filtro da Igreja e da edição do jornal. Mesmo assim, ainda que em menor medida, constituem uma fonte interessante e reveladora de experiências e anseios dos devotos.

O vislumbre da possibilidade de formação deste corpo documental surgiu a partir da necessidade de ver os devotos de forma mais aproximada, mais direta nas fontes, o que não era possível através das fontes inicialmente consultadas (documentos eclesiásticos: regulamentos, consistórios, ofícios, etc.). Optando por uma maior liberdade teórico-metodológica, fui à caça de fontes, disposta a “transformar em documentos o que estava distribuído de

outra forma”⁷. Reuni, então, este material. E obtive a promessa de Frei João Sannig, pesquisador interessado da história do santuário, de me ser doado mais um montante de cartas, às quais eu havia tido acesso. Estas, entretanto, infelizmente, desapareceram do convento onde se encontravam.

A idéia de trabalhar com as cartas (principalmente) ao mesmo tempo fascinava e amedrontava. Convém ressaltar, neste sentido, a importância do livro *“O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos”* do historiador Régis Lopes Ramos. O autor buscou “refletir sobre a experiência religiosa que se gerou em torno de Pe. Cícero. Em outros termos, perceber como o devoto, nas urdiduras que refazem sua religiosidade, constrói o ‘Santo de Juazeiro’”⁸. Conseguiu perceber como o poder do sagrado foi sendo atribuído a Padre Cícero e como essas visões se articulavam na vivência dos devotos. Este estudo constituiu forte apoio teórico-metodológico. Primeiro, por seu caráter inovador, na mudança de perspectiva e abordagem do que se vinha escrevendo sobre o fenômeno de Juazeiro, em consonância com minha escolha pelos romeiros, lacuna nos livros escritos sobre Canindé. Segundo, pela natureza das fontes (principalmente cartas dos devotos para Pe. Cícero, Literatura de cordel, memórias e imagens) e o tratamento dispensado a estas, o que me encorajou a trilhar este caminho desconhecido para mim até então de trabalhar com este tipo de material. A partir da leitura deste texto, que afirmava a necessidade de estudos sobre o universo cultural dos devotos e sua relação com o santo ficou mais patente para mim a necessidade de trilhar nesta direção o meu próprio caminho.

A partir de então, já embrenhada nas dificuldades da pesquisa, um outro livro foi de fundamental importância. Indicação direta de Régis Lopes Ramos, *O Sertão das Romarias*, de Carlos Alberto Steil, resultado de três anos de pesquisa e participação do autor nas celebrações e peregrinações do Bom Jesus da Lapa - Bahia, traçou um quadro amplo do santuário e de sua romaria, origem, rituais, símbolos, mitos fundantes da crença, etc.. Com o objetivo de

⁷ Como observa Certeau: “Em História, tudo começa com o gesto de selecionar, de reunir, de dessa forma, transformar em ‘documentos’ determinados objetos distribuídos de outra forma. (...) consiste em produzir tais documentos (...) mudando, ao mesmo tempo, seu lugar e seu estatuto.” CERTEAU, Michel de. A Operação Histórica. In: LE GOFF, Jacques (comp.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979, p. 18-33.

⁸ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998, p. 13.

mostrar como os romeiros “interpretam o seu mundo, conferem-lhe significados e lhe infundem emoção a partir de uma determinada experiência religiosa”⁹, ajudou a pensar a constituição do espaço sagrado a partir de determinados signos no campo do simbólico, e a perceber a romaria como algo multifacetado, onde diferentes vivências se encontram. Um campo de tradições onde várias concepções ‘velhas e novas’ se articulam e se refazem.

É preciso salientar, principalmente, que neste trabalho as “experiências religiosas” que procuro discutir são vistas como experiências não desvinculadas do cotidiano dos romeiros. Assim sendo, é mister antecipar que, como muito bem interpretou RAMOS a partir de interessantes procedimentos hermenêuticos, “termos como ‘identidade’, ‘catolicismo popular’, ‘religiosidade popular’, ‘religiosidade mágica’, ‘cultura popular’ ou ainda ‘religião do povo’ mostram determinados limites.”¹⁰ Pois, seguindo a interpretação de Michel de Certeau, o cotidiano seria o lugar onde o fazer-se da vida prática e das experiências do corpo não se desvinculam da subjetividade. Cotidiano este inventado por “trajetórias indeterminadas”, “em conformidade com as ocasiões”.

Os romeiros “usam” por si mesmos a possibilidade de receber milagres (o que apesar de fantástico é já um consenso até avalizado oficialmente e com certos pressupostos), mas o fazem, como veremos (em algumas formas de pedir, e a respeito do que pedem) de formas “aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam.” E essas “trajetórias indeterminadas”, essas “trilhas”, como infere Certeau, “continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos *diferentes*”¹¹.

É dessa forma que busco perceber os devotos que traçam seus próprios caminhos até o sagrado, até São Francisco, ou qualquer santo que

⁹ STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário do Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996, p. 13.

¹⁰ “A concretude histórica da experiência religiosa não pode ser expressa por meio de definições e sim através de problematizações em torno da multiplicidade de vivências dos homens e mulheres que instituem suas confianças e suas dúvidas, em uma topografia eivada de mutações e ambigüidades. No dia-a-dia dos devotos, há um “folheado” de caminhos que não seguem postulados já instituídos.”. RAMOS, Francisco Régis Lopes *O Meio do Mundo: territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero*. Tese de Doutorado em História – PUC. São Paulo: PUC, 2000, p. 15-16.

¹¹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 97.

queiram contatar em Canindé, expondo formas e desejos diferentes, pedindo astuciosamente, crendo num “possível por definição milagroso”¹². Devotos, em sua grande maioria, pobres (embora não somente), que almejam a resolução de problemas cotidianos ou a realização de projetos ambiciosos e utópicos. Crendo neste “possível”, “criam um espaço diferente, que coexiste com aquele de uma experiência sem ilusões”¹³.

Crer, neste sentido, subtende capacidade de inventar caminhos, ou perseguir diferentes possibilidades. Concordando com Certeau, “entendo por ‘crença’ não o objeto do crer (um dogma, um programa etc.), mas o investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira”. Este investimento pode se dar e se manifestar pela “criatividade dispersa, tática e bricoladora” de que fala Certeau e se dá, como veremos, nas formas de relacionamento dos romeiros aqui estudados com o sagrado, força na qual podem ou devem ser beneficiados.

A partir do diálogo com as fontes e da reflexão gerada pela leitura destes e de outros trabalhos, que referencio ao longo do texto, foi assim se configurando a presente interpretação, que organizei da seguinte forma:

No primeiro capítulo, procuro discutir a sacralização do espaço de Canindé e como esta sacralidade vem sendo vivenciada e reafirmada pelos devotos. Inicio focalizando três elementos fundantes deste processo: os

¹² Michel de Certeau demonstra que “*um possível por definição milagroso*” se afirmava em relatos religiosos de trabalhadores (em Crato, Juazeiro, Itapetim etc.). E como este discurso trapaceava com “o campo das perpétuas vitórias dos ricos” e com “o reinado da mentira” para mostrar uma injustiça, não só dos poderes estabelecidos, mas da história. Este discurso e esta forma de ver dos trabalhadores, qualificados pelos relatos religiosos, “reconhecia nesta injustiça uma ordem das coisas, em que nada autorizava a esperar a mudança. Mas não se concedia nenhuma legitimidade a esse estado de fato. Pelo contrário, embora sendo uma realidade sempre repetida, esta relação de forças nem por isso se tornava mais aceitável. (...)” O autor ressalta como era necessário “um outro cenário, religioso, que reintroduzisse, ao modo de acontecimentos sobrenaturais” e “com referenciais celestes”, uma recusa a esta injustiça, posta como natural, e “um lugar para o protesto”, “a justo título sob a forma do milagre”. “Ali, numa linguagem necessariamente estranha à análise das relações sócio-econômicas, podia-se *sustentar* a esperança que o vencido da história possa, na ‘pessoa’ do santo, erguer-se graças às forças dos céus.” (Id. Ibidem., p. 76-77). Embora se trate da análise de discurso construído, o que não é bem o caso aqui, pois os devotos não escreveram as cartas para tornarem-se um discurso frente a outros, podemos pensar que pelo menos compartilham de uma mesma idéia. A de que imbuídos do sagrado partilham duma força frente às adversidades estabelecidas por um mundo, ou uma ordem, que na maioria das vezes, não lhes favorece. Entretanto, aqui, como veremos, essa força sagrada é utilizada para se sobressair não apenas contra “o mais forte”, mas contra os próprios pares na pobreza, na medida em que, no embate cotidiano, quase sempre, para um ganhar outros têm que perder.

¹³ Id. Ibidem., p.78.

primeiros milagres que mitificam a construção da antiga capela de São Francisco de Canindé, a *ação da Igreja* na viabilização e desenvolvimento do culto, bem como seu empenho em dar-lhe um formato oficial, e as *interpretações dos devotos*, testemunhando e narrando milagres seus ou de pessoas próximas, reforçando assim a crença no poder do santo e em sua morada sagrada. Neste sentido, continuo focalizando a própria romaria dos devotos vivenciada como uma necessidade de encontrar-se no espaço primordial do pedir e agradecer. Espaço em que se desenvolve, com efervescência, um trânsito de corpos e de objetos. Este espaço tem sua significação expandida, indo aos extremos do que se poderia (convencionalmente) esperar de um lócus que é passagem, elo direto com um outro gênero de existência: ali, os devotos comunicam-se também com outros santos reconhecidos ou não pela Igreja.

No capítulo seguinte, busco explorar quais os sentidos e interpretações dos devotos em relação ao merecimento de benefícios diante do santo. E como procuram se beneficiar desta contígua relação com seus protetores. Começo apresentando a interessante e estreita relação que estabelecem entre São Francisco e Padre Cícero, e entre Padre Cícero e o espaço canindeense, resignificando a vinculação santo/território que constitui, inclusive, uns dos motivos centrais das romarias, visitar o santo “em sua casa”. Em seguida, procuro traçar as linhas de argumentações que os devotos tecem nas cartas para convencer o santo de que são dignos de serem agraciados. Observo como se definem ou se avaliam, antes de serem avaliados pelo seu protetor. Desenvolvo um estudo sobre a forma pela qual os fiéis explicitam e discutem suas angústias, seus comportamentos, suas razões e suas necessidades. E por fim, abordo a prática de fazer promessas, dimensão que perpassa toda a pesquisa. Detenho-me no aspecto da abundância de promessas. São acordos que, no entendimento dos devotos, possibilitam ganhos e resoluções de problemas na vida cotidiana. Julgando-se beneficiados, contraem novas e novas dívidas sagradas.

No terceiro e último capítulo, apresento a grande diversidade dos pedidos direcionados a São Francisco. Enfoco a liberdade e até ousadia com que muitos deles são postos diante do santo. São pedidos que não se enquadram nos moldes oficiais, nem numa pretensa religiosidade típica, de

uma devoção fervorosa com regras preestabelecidas de culto. São feitos com fervor. Fervor de quem barganha as próprias demandas. Neste capítulo, mapeio os anseios mais íntimos e ao mesmo tempo coletivos, da lógica do “eu” que se inscreve predominantemente nos bilhetes. A fé dos devotos aparece como deve aparecer: *encarnada*. Voltada para as preocupações básicas de alimentação e saúde do corpo, e mais do que isso, com seu bem-estar ligado a noções de beleza e valores estéticos apregoados pela mídia. Fé *envolta nos sentimentos humanos*, com afetividades, desamores e inimizades, mergulhada em guerras, grandes ou pequenas. Fé *materializada* nos sonhos de consumo, busca pelo dinheiro, “riqueza material” que por milagre pode vir por meio de jogos de azar, loteria, sorteios, apostas no jogo do bicho, etc. São pedidos situados entre o sagrado e o profano. Pedidos que nos indicam a complexidade destas formas de crer, além de configurarem o São Francisco — ou suas faces — vislumbrado pelos devotos.

CAPÍTULO 1: A Sacralização do Espaço de Canindé

1.1. A Sacralização do Espaço

“No começo a terra estava sem forma e vazia...”¹⁴

Os sertões de Canindé, em seu “começo”, embora inóspitos, não estavam vazios, e sua forma seria transformada e/ou organizada por pessoas, atos, fatos e principalmente por suas narrativas. Narrativas orais e escritas que compartilharam a configuração deste espaço amorfo em um espaço sagrado, legando as origens de seu desenvolvimento a uma fagulha divina e a um braço fundador imbuído de fervor religioso.

Possível local de aldeamento de índios, ligado a Monte-Mor o Novo da América (Baturité)¹⁵ em meados do século XVIII, a região canindeense, em vias de povoamento¹⁶, compreendia já algumas fazendas de gado e exploração de lavouras de proprietários vindos do Jaguaribe, Fortaleza ou Baturité. A região de Canindé passou a pertencer civilmente à comarca de Baturité, criada em

¹⁴ Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, Gn 1, 2.

¹⁵ A dúvida quanto a este ponto dá-se pelo fato de o sertão de Canindé constituir o território da Nação Tapuia Canindé, instalando-se, porém, a base de seu aldeamento religioso em Monte- Mor-o-Novo-d'América, Baturité.

¹⁶ Padre Néri Feitosa, pesquisador da história de Canindé, baseado em Antônio Bezerra em *Algumas Origens do Ceará*, afirma que a Ribeira do Canindé foi habitada por brancos a partir de 1723 com a concessão de sesmarias. Sua exploração e povoamento se deram mais efetivamente, entretanto, através da exploração da serra de Baturité, onde moravam os colonos, o que só aconteceu a partir de 1737. É como em 1775 foi criada a paróquia de Santo Antonio de Quixeramobim, muitos padres e frades (Franciscanos, Capuchinhos e Carmelitas) saíam pelos sertões em missões populares. FEITOSA, Pe. Néri. *Origens do Canindé: escolar e turístico*. Instituto Memória de Canindé. Canindé: Gráfica e Editora Canindé, 2002.

1764, e eclesiasticamente à paróquia de São José do Ribamar de Fortaleza. Os serviços religiosos do futuro santuário surgem sob a égide franciscana, ordem religiosa fortemente presente desde a colonização no Brasil, tanto por seus frades, quanto por seus terciários¹⁷.

Neste ínterim, figura Francisco Xavier de Medeiros¹⁸, um sargento mor português, membro da Ordem Terceira de São Francisco, a quem em geral se atribui a construção da primeira capela de Canindé, entre 1775-1796.

Quanto à data de início da construção da capela há algumas divergências entre pesquisadores e até quanto a seu fundador, não havendo fonte comprobatória. O autor Álvaro Martins defende que se tenha iniciado em **1775**, no entanto não por Xavier de Medeiros, mas pelo primeiro donatário das terras do Canindé, tendo sido suspensos os trabalhos em 1776 devido à grande seca que assolou a região¹⁹. O pesquisador Fr. Venâncio Willeke, que concordava com esta versão quanto à data, numa segunda obra conclui que Xavier de Medeiros teria projetado a segunda capela só depois em **1787** no mesmo local da primeira, terminando quase dez anos após, em 1796²⁰. Já Antônio Cunha Marreiro, nascido em 1785, informou ao relatório da Comissão Científica em 1861 que Xavier de Medeiros principiou a igreja em **1789**²¹.

¹⁷ Em 1209, São Francisco fundou a Ordem Franciscana ou dos Frades Menores da qual fazia parte, mais em 1212 fundou a 2ª Ordem Franciscana ou das irmãs Clarissas juntamente com sua prima, Clara. E em 1221 fundou a Ordem Terceira Secular para os não-clérigos que desejavam seguir o ideal franciscano. Esta, segundo Le Goff, “correspondia sobretudo aos desejos da Santa Sé de conter a onda franciscana e voltá-la para seu proveito, no sentido de fazer dela uma milícia leigo-religiosa a serviço de seus interesses espirituais e temporais”. (LE GOFF, Jacques. *São Francisco das Chagas de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 85). No Brasil, a ordem franciscana estabilizou-se de modo definitivo a partir de 1585 quando da instalação da custódia franciscana com sede em Olinda. Na primeira missão do Ceará em 1624, fixaram-se em Fortaleza dois confrades como capelães do forte de Nossa Senhora da Assunção e como missionários de várias aldeias de índios. Em 1695 foi fundada a Ordem Terceira do Recife na qual estavam alistados muitos leigos que assim como os missionários levavam a cabo trabalhos religiosos e alguns se sobressaíam nas atividades de colonização, como o terciário Antonio Dias Ferreira, pioneiro na exploração de Quixeramobim e Francisco Xavier de Medeiros, junto com outros fazendeiros, em Canindé. WILLEKE OFM, Venâncio. *São Francisco das Chagas de Canindé: resumo histórico*. 2ª edição. Canindé 1973. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 1973, p. 29-31.

¹⁸ Padre Néri Feitosa chama atenção para o cuidado que se deve ter ao estudar a figura de Medeiros, pois, afirma ter encontrado registro de cinco homens com o mesmo nome, Francisco Xavier de Medeiros, dentre eles, o pai do Xavier de Medeiros estudado pelo autor, e o próprio. FEITOSA, Pe Néri., Op. Cit. 2001.

¹⁹ MARTINS, Álvaro. *A Capela Milagrosa*. Fortaleza: Typ. Universal, 1898

²⁰ WILLEKE OFM, Venâncio. *Um santo conquista o Brasil* in: Revista de Cultura VOZES. Rio de Janeiro: Vozes, Ano 56, Abril de 1962 pág. 262-269.

²¹ Anais da Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, vol. 81, 1961, p. 335.

Joaquim dos Santos Lessa por sua vez, em suas memórias, terminadas em 1906, afirma que a Igreja fora começada por Medeiros tardiamente em **1792**²².

Apesar da escassez de fontes oficiais sobre o período de construção da capela, o santuário de Canindé foi narrado e configurado proficuamente pela “tradição”. Esta encontrou lugar cativo na escrita de alguns cronistas, que registraram uma oralidade preta de versões e milagres.

Em 1898, Álvaro Martins, aventurando-se a discorrer sobre as origens de Canindé, escrevia no preâmbulo de sua obra:

“Em fins de Maio do anno passado, os edictores Cunha, Ferro & C^a, procuraram-me por duas vezes em minha residencia, e pediram-me com insistencia que escrevesse um livro sobre SÃO FRANCISCO de Canindé, visto possuir eu larga copia de notas e documentos relativos à milagrosa capella.

Faltando-me estudos especiaes e competencia para escrever sobre assumpto de tanta magnitude, reluctei a principio; porém, depois melhor inspirado, e já tendo adoptado um plano geral de obras descriptivas sobre o Ceará, no intuito de tornal-o bem conhecido, resolvi traçar as paginas que ora submetto á apreciação do publico.

É este um livro escripto para o povo, e como tal o fiz em linguagem singella e simples, ao alcance de todas as intelligencias e cultivos. [...]

Fortaleza, 27 de Abril de 1898

Alvaro Martins”²³

Mais do que um arrobo de amor à História, ou curiosidade sobre o passado buscava-se organizar o espaço canindeense através das narrativas já em curso na oralidade. Organizar os sentidos, explicar o santuário, justificar sua sacralidade.

Álvaro Martins dividiu sua obra em duas partes, a primeira intitulada “Parte Histórica”, onde discorre sobre a primeira capela, reformas nesta, administração de bens, irmandades, etc., e a segunda parte, chamada “Tradicional”, onde apresenta milagres ouvidos da “tradição”, muitos acontecidos há tempos, outros quase contemporâneos do autor. Sintomático é que toda narrativa referente aos primeiros milagres — que operam como mitos fundadores do santuário, sinais, aliança entre São Francisco e o local escolhido — encontra-se na parte Histórica do livro. Apesar de ser tratado como cronista e de sua relutância em iniciar a obra, ao assumir tal tarefa Álvaro Martins deu

²² SANTOS LESSA, Joaquim dos. Memórias Canindeenses, 1775 (?) – 1906 (?).

²³ MARTINS, Álvaro. Op. Cit..

início, a seu ver e aos olhos de seus leitores, a uma obra de História, pois como afirmava, possuía larga copia de notas e documentos sobre o assunto. As narrativas de memórias se fizeram História. No seguinte trecho, o autor apresenta as circunstâncias miraculosas em que se originou o santuário:

“O movimento de romeiros, que se tem estabelecido em torno da capella de São Francisco, data da fundação da mesma nos fins do seculo 18. Já no começo deste seculo era grande o numero dos que se dirigiam aquellas paragens; assim o attestam as tradições que nos foram transmittidas pelos nossos avós.

Conta-se que, quando o portuguez Xavier de Medeiros deu começo a erecção da capella, o terreno escolhido para este fim pertencia a tres proprietarios. Succedeu, porém que, depois de iniciadas as obras, aquelles negaram-se a ceder o terreno. E logo um delles cahiu gravemente doente, falecendo poucos dias depois. Igual sorte teve o segundo. O terceiro e ultimo sentindo-se também doente, fez votos a São Francisco, de não mais pôr obstaculos a edificação de seu templo, e assim comsegio restabelecer-se immediatamente.

Estes factos, e outros não menos significativos, fizeram, ao que parece, nascer a confiança do povo de dahi deriva naturalmente a corrente religiosa, que tem augmentado progressivamente atravez do seculo.”²⁴

O sagrado manifesta-se inicialmente no espaço de Canindé, segundo a “tradição”, na referida disputa de terras. A contenda entre Xavier de Medeiros, terciário franciscano, e os três donos da terra resolvera-se, sinalizando a sacralidade do lugar. Essa indicação divina se dera de forma peremptória, quase violenta, ao mesmo tempo exemplar, resolvendo-se com a promessa da doação da terra em troca do restabelecimento de saúde do último antagonista à instalação do templo, após duas mortes. Hierofania²⁵ bastante condizente com a realidade das disputas nos sertões.

Não foram encontrados registros sobre a doação de terras nem sobre os doadores. Entretanto em 1861, Antônio Cunha Marreiro, nascido em 1785, informava ao relatório da Comissão Científica:

“Não sendo compreendida uma porção de terras na margem esquerda do Canindé, foi esta aproveitada para se fazer o templo de

²⁴ MARTINS, Álvaro. Op. Cit. Parte Histórica, Capítulo II.

²⁵ Mircea Eliade propõe o termo hierofania a fim de indicar o ato da manifestação do sagrado. Explica: “Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela.” ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 17.

São Francisco das Chagas. Uns sujeitos de Jaguaribe, chamados se bem se lembra Pais Calaças [talvez Colaços], puseram demanda querendo fazer-se senhores das terras; mas por morte deles cessou essa questão.”²⁶

Cessou a questão e iniciou-se a crença no milagreiro São Francisco vinculado à incipiente capela e seu entorno. Seja no plano do mito ou com referências históricas, a narrativa deste episódio, sempre interpretado como sinal milagroso e assim reapresentado, tem servido, juntamente com outros, para explicar o desenvolvimento da crença em Canindé.

Álvaro Martins dá continuidade à parte histórica de sua obra sobre as origens de Canindé apresentando mais um milagre. Trata-se de um acidente de trabalho durante as obras de construção da capela. Um pedreiro teria se desprendido do alto de uma das torres e valhendo-se de São Francisco “ficou suspenso no ar, prezo pela camiza a extremidade de um andaime, d’onde foi retirado são e salvo, recomeçando a trabalhar.”²⁷

A este ‘fato’ acrescentam-se outros dois. Que outros autores passaram a destacar também como marco da intervenção de São Francisco. Joaquim dos Santos Lessa, em suas memórias, depois de narrar a já referida disputa por terras, acrescenta:

“Três fatos notáveis deram-se naquelas épocas e são considerados como os primeiros milagres de São Francisco neste lugar (Canindé). São: 1º Antonio Maciel, um dos operários escapulindo de um andaime com uma tábua debaixo do braço, segurou-se em um tijolo que a pouco se havia pregado a cal. Medeiros, que estava em baixo em frente a janela invocava a proteção de São Francisco, e dizia: lacem o homem pela cintura e puxem no carritel e assim foi salvo. O mesmo Maciel relatou este fato sendo lhe perguntado.

2º Por ocasião de subirem as tesouras o que se fazia por um carritel, estando Medeiros sentado em uma cadeira aconteceu escapulir uma tesoura e pegou-lhe uma coxa. Todos supuseram que ficaria arrebentada, e logo o levaram para sua casa. A vista do desastre consideraram que a obra seria interrompida por algum tempo, mas no dia seguinte apresentou-se Medeiros e continuou o serviço.

3º Por ocasião de abrirem o caixão em que acabara de chegar São Francisco, saiu um ratinho e estando por ai muitas pessoas, por mais diligências que fizessem para o pegar não

²⁶ Anais da Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, vol. 81, 1961, p. 335.

²⁷ MARTINS, Álvaro. Op. Cit. Parte Histórica, Capítulo II.

conseguiram. Tendo o ratinho acultando-se debaixo do altar de São Francisco, disse Medeiros: deixem o ratinho, sabem lá que mistério é esse; pois vindo de tão longe não ofendeu a Imagem. História relatada por um irmão de Joaquim dos Santos que assistiu abrir o caixão.”²⁸

Em 1907, um outro pesquisador, Augusto Rocha, na primeira edição de sua obra *Santuário de São Francisco de Canindé*, reproduziu os milagres narrados por Álvaro Martins e Joaquim dos Santos Lessa, tratando-os como “verdades que atestam as tradições transmitidas e conservadas pela atual geração [dele]”. Fatos extraordinários que, segundo afirma o autor, ouvidos de “pessoas de inteiro crédito”, de seus “antigos”, da tradição de seus “avoengos”, correm “com bons fundamentos”. O autor, assim como os anteriores, atribui a estes fatos a origem principal das peregrinações a São Francisco de Canindé e acrescenta:

“Remontamos, portanto, o início da devoção a São Francisco a essa época remota e podemos afirmar que as primeiras manifestações extraordinárias da intercessão do Santo, no Santuário datam do tempo da construção do mesmo. [...] O eco desses primeiros acontecimentos prodigiosos repercutiu ao longe, e, desde então, uma corrente contínua de romeiros entra constantemente às portas do magnífico templo...”²⁹

Diante das versões sobre as ‘origens de Canindé’, pode-se pensar como o caráter de lenda tem ornado os fatos, neste ponto onde memória toma ares de História. É possível perceber que a composição do espaço/santuário de Canindé deu-se, segundo as narrativas, por meio de acontecimentos sagrados e fundamentou-se no ato de pedir, esperar e agradecer, consolidando uma relação definida em termos de obrigações entre o santo e seus beneficiados pela fé. Dessa forma, dava-se a expansão do culto a um São Francisco já conhecedor das chagas do povo do sertão. Crença esta desenvolvida mais pelo “eco” das graças concedidas do que pela hagiografia oficial do santo. Assim, os sertões inóspitos de Canindé configuravam-se num espaço sagrado por excelência.

Tanto Álvaro Martins quanto Augusto Rocha dedicaram parte de seus trabalhos a apresentarem os milagres operados por São Francisco. Se, por um

²⁸ SANTOS LESSA, Joaquim dos. *Memórias Canindeenses*, 1775 (?) – 1906 (?).

²⁹ ROCHA, Augusto *Santuário de Canindé: resumo histórico*. Fortaleza: Tipografia Minerva (2ª ed.), 1911. II. Romarias.

lado, os autores afirmaram que apenas divulgaram fatos que “já chegaram ao domínio tradicional como verdades inconcussas”³⁰, por outro, suas descrições contribuíram para validação de tais fatos extraordinários.

Na parte tradicional de seu livro, Álvaro Martins afirma:

“Não queremos discutir ou comprovar a verdade de todos os casos, que nos são revelados; concordamos mesmo que alguns delles são exaggerados pelo fanatismo. É certo porem, é claro, é positivo, que milhares de creaturas enfermas tem no ardor de sua fé readquirido o alento salutar do corpo e do espírito. [...]

Quanto a nós reservamo-nos apenas ao papel de chronista, e como tal descrevemos.

Em Canindé, na casa chamada dos *exvotos* existem actualmente cerca de 3000 votos em barro, gesso, cera, madeira, etc. [...]”³¹

Augusto Rocha, escrevendo em 1907, aponta já um montante de 15 mil ex-votos e também se refere a vários milagres de contemporâneos que asseguraram ter recebido as graças. Apesar de discorrerem sobre os trabalhos religiosos desenvolvidos pela Igreja em Canindé, sobre os esforços missionários e os primeiros administradores, ambos os autores atribuíram a sacralização do espaço aos primeiros milagres, e destacaram a crença dos devotos divulgando as inúmeras graças recebidas. O discurso da Igreja oficial, por sua vez, procurava focalizar mais o santo e as diretrizes religiosas.

O ano de 1898, ano de publicação de *A Capela Milagrosa*, de Álvaro Martins, é um ano emblemático para a cidade de Canindé no que se diz respeito aos trabalhos paroquiais. Chegam a Canindé os frades da Ordem Capuchinha³² para suprir a necessidade de uma comunidade religiosa em Canindé, visto que a paróquia, desde sua criação em 1817, havia sido dirigida por uns poucos religiosos, auxiliados pelas irmandades do Santíssimo

³⁰ ROCHA, Augusto. Op. Cit. V. Graças e fatos Extraordinários.

³¹ MARTINS, Álvaro. Op. Cit. Parte Tradicional, Capítulo I.

³² A Ordem Capuchinha ou dos Frades Capuchinhos foi fundada na Itália em 1525 quando Papa Clemente VII aprovou a forma de vida do *Franciscano Observante* Mateus Básio, que propunha a fuga do mundo conventual, voltando ao modo de vida de São Francisco e de seus primeiros companheiros, num movimento eremita de renovação da Regra Franciscana. Os *Frades Franciscanos Observantes* levavam uma vida caracterizada pela observância moderada da Regra de São Francisco. Em 1517 a bula ‘Ite Vos’ do Papa Leão X, havia incorporado aos *Frades Observantes Regulares* vários grupos que desejavam uma observância mais rigorosa da Regra, entre eles *Os Eremitérios* (ou *Capuchinhos* – por utilizarem capuz pontiagudo). (Constituições dos Frades Capuchinhos escritas em 1536). <http://www.procasp.com.br>, site que disponibiliza ampla documentação sobre São Francisco e sua Ordem Franciscana.

Sacramento, Nossa Senhora das Dores e Irmandade de São Francisco, que estavam à frente de muitos trabalhos.

Sobre isso deve-se considerar que a organização da Diocese do Ceará (criada em 1859) ocorreu no período inicial do processo de romanização³³ da Igreja. No Brasil, a clerização da Igreja propiciou a substituição dos leigos pelos clérigos na direção das igrejas, santuários, confrarias e irmandades³⁴. Não foi por acaso que em 1897 o bispado do Ceará estabeleceu para a Confraria de São Francisco — Irmandade então encarregada de administrar os bens ‘de São Francisco’ — um regulamento³⁵ com uma série de novas exigências referentes às práticas gerais da Confraria. E no ano seguinte, 1898, esta foi dissolvida sendo estabelecido novo regulamento³⁶ com a chegada dos Capuchinhos³⁷.

O bispo Joaquim José Vieira, naquele mesmo ano, em viagem episcopal a Canindé, celebrou solenemente a inauguração de um colégio, como noticiou o jornal A República do dia 14 de Outubro:

“Um estabelecimento de educação da maior importância sob qualquer ponto de vista, quer profano, quer religioso pois que o ensino ali abrangerá todos os estudos primários, moraes de artes e officios para as classes, pobres e além destes, os theológicos e especiais para os que pretendem dedicar-se ao presbytério.”³⁸

³³ A romanização termo sugerido por Roger Bastide e desenvolvido por outros autores, como Ralf Della Cava e Ribeiro de Oliveira, estava relacionada com o movimento reformador da prática católica na segunda metade século XIX, que buscava retomar as determinações do Concílio de Trento. O objetivo era sacralizar os locais de culto, moralizar o clero, reforçar a estrutura hierárquica da Igreja e diminuir o poder dos leigos organizados nas irmandades, ou seja, moldar o catolicismo brasileiro conforme o modelo romano, centrando-se na prática dos sacramentos e no clericalismo. No Brasil esse processo disseminou-se fortemente após a separação entre Igreja e Estado. ABREU, Marta. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro*: Nova Fronteira, São Paulo: FAPESP, 1999; e STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário do Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

³⁴ AZZI, Rioldo. *A vida religiosa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1982, p.10.

³⁵ Regulamento que se deve observar a Comissão encarregada de administrar os bens de São Francisco das Chagas de Canindé – 1897. Arquivo do Seminário da Prainha, Fortaleza – Ceará.

³⁶ Regulamento que se deve observar a Comissão encarregada de administrar os bens de São Francisco das Chagas de Canindé – 1898. Arquivo do Seminário da Prainha, Fortaleza – Ceará.

³⁷ Tratava-se dos Missionários da Província Capuchinha Lombarda de Milão-Itália, cuja missão era dirigida pelo Superior Regular de São Luiz do Maranhão.

³⁸ Jornal A República. Sociedade Anonyma – Ceará – Libertador, 14/10/1898.

Percebe-se na ação da Igreja a intenção de efetivar a incorporação do culto à ortodoxia católica, procurando exercer com maior afinco um controle sobre a ética e a moral, e não só dos moradores da região, mas, principalmente dos devotos em romaria.

Os Capuchinhos desenvolveram diversos projetos ao longo de sua vigência no santuário. Além dos colégios (com oficinas de artes e ofícios para introduzir os jovens não aptos ao sacerdócio no aprendizado profissional), lançaram um jornal com notícias locais, passaram a promover o incremento da produção agrícola nas fazendas, construíram um teatro (escola paroquial) onde foi inclusive instalado um cinematógrafo para exibição de filmes religiosos e de cunho moral, realizaram entre 1910-1915 a reforma na Igreja Matriz, assumindo esta a forma atual. Num movimento reverso à dissolução de irmandades e confrarias, voltaram a reavivar os leigos, porém sob sua instrução. Frei Matias fundou a Ordem Terceira de São Francisco em Canindé, em março de 1899, e associações religiosas como a Associação das Mães Cristãs, a Pia União das Filhas de Maria, a Associação dos Santos Anjos, para meninos e meninas, e o Círculo Católico para operários. Reformou o Apostolado da Oração já existente desde 1874 e a sociedade Vicentina, instalada de desde 1891³⁹. Por meio destas realizações, que inegavelmente assistenciavam a população canindeense e viabilizavam uma melhor acolhida às romarias, se estabelecia uma rede de ação pautada na moral católica e nos preceitos da hierarquia eclesiástica. Além da administração dos bens e serviços paroquiais e do incremento nos serviços públicos, almejava-se a um controle mais efetivo do fiel⁴⁰.

Com esse caráter disciplinador dos Capuchinhos e as reformas empreendidas no santuário é sintomático que a Igreja tenha visto com bons olhos sua ação, sendo que após dois anos de sua partida em 1923 o santuário foi elevado a Basílica Menor⁴¹. Quando da saída dos Capuchinhos o santuário

³⁹ WILLEKE OFM, Venâncio. Op. Cit. 1973, p. 95.

⁴⁰ MARTINS, Mário de Souza. Canindé: a caminhada prometida (um estudo sobre romarias). Dissertação de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento, UFC, 1983.

⁴¹ (Em 1925), “a Santa Sé contemplou o santuário com a dignidade de Basílica Menor, equiparando-o às celebres Igrejas de Roma como São Pedro ad vinctula, Santa Cruz de Jerusalém, Santa Maria de Trastevere, etc. [...] Qual a finalidade que o Santo Padre visa ao elevar certas igrejas à categoria de basílicas? Para tais igrejas não constitui apenas uma honraria a mais, e sim o encargo excepcional de fomentarem sobremaneira a vida religiosa e a piedade cristã juntamente com a filial obediência ao Vigário de Cristo em Roma.”

foi entregue aos frades Franciscanos, responsáveis desde então pela boa sistemática do culto e da administração dos bens e serviços paroquiais.

Além dos direcionamentos paroquiais para contenção de “excessos” nas práticas dos devotos, uma outra contribuição neste sentido, servindo a determinada construção simbólico-ideológica, foi, mais tarde, a produção de uma História de Canindé. O frade franciscano Frei Venâncio Willeke⁴², lamentando “a ausência de uma exposição rigorosamente histórica”⁴³, assumiu com afincos a tarefa de buscar a “origem histórica da devoção e do santuário canindeenses” e de orientar a correta vivência da romaria através de sua obra *São Francisco das Chagas de Canindé*, idealizada nos anos 1955 e 1956, quando trabalhava em Canindé, e publicada em 1962.

Abaixo, um trecho em que o autor expõe o posicionamento oficial da Igreja sobre um assunto melindroso, o milagre. Ele procura salvaguardar a conduta dos romeiros de Canindé a este respeito:

“Não é, em primeiro lugar, para apreciar milagres que o bom romeiro visita o Santuário Basílica de São Francisco das Chagas, mas para consolidar sua fé e afervorar a vida religiosa. O verdadeiro milagre constitui um acontecimento raríssimo, tanto em Canindé como nos santuários mais célebres do mundo, não passando geralmente de graças extraordinárias os fatos descomuns que se chamam <milagres>. Entretanto, não podemos separar da Igreja esses sinais miraculosos atribuídos à intercessão dos Santos, visto que Nosso Senhor prometeu aos Apóstolos os mesmos milagres que Ele fazia, e a história testemunha que, em todos os tempos, houve tais fatos extraordinários como provas irrefutáveis da única verdadeira Igreja e da santidade de seus filhos a serem elevados à honra dos altares ou já canonizados.”⁴⁴.

Segundo o autor, o romeiro não busca milagres, em primeiro lugar, mas eles existem e não se podem separar da Igreja. Este discurso nega a

(WILLEKE OFM, Venâncio. Op. Cit., 1973, p.69.) Na arquitetura romana, o termo basílica se aplicava de começo, a todo edifício público coberto. Gradualmente portando certas características estéticas com uma plataforma elevada ao fundo. Por volta do século I a.C. esses edifícios eram usados como tribunais. Quando, com o édito de Milão (313), o Cristianismo se tornou a religião oficial e a Igreja deixou as catacumbas (onde a missa era celebrada sobre os túmulos dos mártires), muitos tribunais se converteram em templos, mas conservaram o nome tradicional, surgindo as primeiras *basílicas* cristãs. Grandes templos que representavam grandes centros do Cristianismo. Enciclopédia Barsa. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1987, Vol. 3, p. 502.

⁴² Frei Venâncio Willeke, trabalhou na paróquia de Canindé de 1955 a 1956. O autor apresenta de fato um rigoroso levantamento documental e bibliográfico consultando arquivos do Ceará, Maranhão, Pernambuco, e Rio de Janeiro.

⁴³ WILLEKE OFM, Venâncio. Op. Cit. 1973, p. 19.

⁴⁴ Idem., p. 48.

autonomia dos devotos em vivenciar milagres, que só deveriam se constituir enquanto tais quando avalizados pela Igreja. Porém, a Igreja, não pretendendo ficar à margem da religiosidade dos fiéis, trata, com cuidado, de aceitar alguns milagres, procurando, no entanto, traçar sobre eles uma interpretação que permita administrar, institucionalizar a crença.

Este posicionamento se deu inclusive sobre os milagres que ‘originaram’ o santuário de Canindé. Sobre isto, Frei Willeke discorre apresentando os milagres, assim como o fizeram os primeiros cronistas, como parte da História, focalizando, entretanto, a ação do Santo e da Igreja. E interpretando categoricamente o teor dos milagres como “nítida lição da punição dos maus e da premiação da prece confiante”.

Voltando a este ponto, há um outro mito sobre a origem milagrosa do santuário que não aparece nas primeiras crônicas, e sobre o qual Frei Venâncio Willeke traçou considerações. Trata-se de um sinal que antecede a disputa pelas terras, se referindo à própria escolha do local sagrado. Escolha também sagrada, pois teria se dado por meios divinos. O milagre tomou parte num folheto de literatura de cordel, de autoria de Gonzaga Vieira, publicado em 1986, como se vê no seguinte trecho:

“A lenda nos diz então
Como nasceu esse culto
Que certo dia um vaqueiro
Achou um pequeno vulto
No meio de um capinzal
em um nicho quase oculto

Levou o santo pra casa
e guardou-o numa mala
Quando voltou novamente
quase perdeu a fala
O santo havia sumido
ele muito se abala.

Voltou ao capinzal
e o santo estava lá
Levou o santo pra casa
na mala tornou a guardar
Mas a pequena imagem
sempre teimava em voltar.

Ele aí compreendeu
que o santo lhe pedia
P’ra construir uma igreja

no capinzal que havia
Edificado um templo
para sua moradia.”⁴⁵

O autor dá continuidade ao cordel narrando os outros milagres já referidos pelos cronistas. Mas no trecho acima versa sobre o misterioso aparecimento da imagem mais antiga de São Francisco, popularmente chamada *São Francisquinho*, cuja procedência é desconhecida. Frei Venâncio Willeke supõe que a imagem remonta ao período de construção da capela, senão a época anterior.

Na falta de referências concretas sobre a origem da imagem, a “lenda” deve então explicar “como nasceu esse culto”. Na versão popular, a imagem encontrada por um humilde vaqueiro indica o lugar exato onde a providência divina se faria presente nas bênçãos de São Francisco. Sua misteriosa aparição confirmaria a escolha do santo, que de longe vinha se fazer presente em Canindé⁴⁶.

Mas a este respeito escrevia Frei Venâncio Willeke em 1962 num artigo intitulado: *Um santo conquista o Brasil*:

“O historiador moderno não se contenta com piedosas lendas e multisseculares tradições quando se trata de explicar a origem de santuários [...] Quem aceita a ingênua origem de capelas e igrejas atribuída ao aparecimento de alguma imagem em plena mata e que, levada à igreja mais vizinha, teria voltado ao mesmo lugar para assim dar a entender a vontade do santo de ser venerado no local indicado? Tal lenda, muito espalhada em Portugal, e em toda a Europa, proliferou no Brasil de Norte a Sul, desde o começo da colonização.”⁴⁷

⁴⁵ VIEIRA, Gonzaga. *Canindé da lenda à realidade*. Canindé, Edições Canindé 1999. (Cordel em quadrinhos). O cordel é recente, mas o conteúdo de idéias sobre a imagem é bem mais antigo, pois Frei Willeke já bradava contra estas em 1962, como veremos adiante.

⁴⁶ Mircea Eliade indica a partir de seus trabalhos *como* inúmeras vezes “um sinal qualquer basta para indicar a sacralidade do lugar. – Segundo a lenda, o morabio que fundou El-Hemel no fim do século XVI parou, para passar a noite, perto da fonte e espetou uma vara na terra. No dia seguinte, querendo retomá-la a fim de retomar seu caminho, verificou que a vara lançara raízes e que tinham nascido rebentos. Ele viu nisso o indício da vontade de Deus e fixou sua morada nesse lugar. É que o *sinal* portador de significação religiosa introduz um elemento absoluto e põe fim à relatividade e à confusão. *Qualquer coisa* que não pertence a este mundo manifestou-se de maneira apodítica, traçando desse modo uma orientação ou decidindo uma conduta [...] o que significa que os homens não são livres de *escolher* o terreno sagrado, que os homens não fazem mais do que procura-lo e descobri-lo com a ajuda de sinais misteriosos.” ELIADE, Mircea., Op. Cit. 1992, p.30-31.

⁴⁷ WILLEKE OFM, Venâncio. Op. Cit. 1962, p.262.

O religioso apresentou colocações contraditórias, pois ao contrário de um texto anterior, em que considera a lenda dos três irmãos que disputavam as terras e os outros milagres quando da construção da capela, nega nesta passagem as “piedosas lendas e multisseculares tradições”, especialmente as que dizem respeito a imagens que indicam locais sagrados. Essa contraditoriedade é compreensível a este respeito, pois na concepção oficial, milagres existem, porém sempre ligados à Igreja. Neste sentido, o autor pretende enfocar a ação dos primeiros missionários franciscanos, creditando-lhes a difusão da crença. A imagem teria sido trazida por estes religiosos, ou pelo terciário Xavier de Medeiros. Além do mais, ele está se colocando também como historiador, que produz a história verdadeira de Canindé, e almeja configurar por meio desta escrita um modelo de devoção com menos excessos.

Neste mesmo sentido, Willeke continua, apresentando os três motivos principais pelos quais o culto franciscano conquistara a “simpatia” do povo:

“1º o *nascimento* do patriarca assisiense (por volta de 1181 ou 1182), segundo a lenda tão parecido ao de Cristo — pois, teria nascido num estábulo — e as circunstâncias difíceis por que então a mãe do santo teria passado, de modo que as gestantes até o presente proclamam São Francisco seu advogado, usando muitas o cordão franciscano; 2º a *estigmatização*, fato historicamente provado que, antes do nosso santo, outro nenhum gozou; 3º a *morte* invulgar do Poverello e a atual cerimônia comemorativa do ‘Transito’ que constituíram o santo, guia das almas para o outro mundo e libertador do purgatório e tudo isto justamente pelo merecimento das sagradas chagas.”⁴⁸

Aqui o autor reproduz, mais uma vez, a visão oficial que retoma a essência do santo de Assis. O santo, canonizado pela Igreja, resume assim suas principais atribuições diante de uma série de outras qualidades atribuídas pelos romeiros. O principal, entretanto, parece ser a ratificação da semelhança de São Francisco com Cristo e de sua relação com a Igreja, situando-o entre os principais santos da Igreja Católica. Nesta, como em outras ocasiões, Frei Venâncio reproduz essa preocupação da Igreja em manter sob seus domínios as diversas práticas religiosas. Para impor uma significação da crença que retire do romeiro o poder hegemônico que o milagre lhe confere, numa clara

⁴⁸ Id. Ibidem.

tentativa de reduzir sua intimidade com o santo a fim de se colocar como intermediadora da relação, assumindo assim um papel essencial na vida dos devotos.

Além de sua obra de História, Frei Venâncio Willeke se dedicou ao ensinamento e à correta difusão da crença em Canindé em seus trabalhos paroquiais e também por meio do Jornal O Santuário. Em 1º de Janeiro de 1964 revelou um virtuoso exemplo para os romeiros:

“Dois Papas Romeiros (por frei Venâncio Willeke).

Poucos dias antes de estrear, em 1962, o Concílio Ecumênico Vaticano II, o Sto Padre João XXIII de saudosa memória fez a sua romaria ao sepulcro de São Francisco de Assis. [...] onde rezou demoradamente como é de praxe em qualquer peregrinação. O exemplo do Papa-romeiro sirva de incentivo aos nossos romeiros que vêm visitar São Francisco das Chagas de Canindé. [...] Eis o exemplo para cada romeiro que visita a basílica-santuário de Canindé. A romaria não é perfeita se não for toda ela acompanhada de orações, penitências e sacrifícios ou se ela não se distinguir de qualquer passeio ou turismo.”⁴⁹

O exemplo ideal para os romeiros vem diretamente do Papa. Pode-se ver como a sacralidade do santuário foi se construindo, também, através da ação difusora da Igreja presente desde as primeiras missões no território, e depois, mais efetivamente na administração na paróquia⁵⁰. No trecho acima publicado pelo Jornal, Willeke adverte os romeiros sobre qualquer ação de caráter lúdico vinculada à romaria. Orientação bastante trabalhada pela paróquia, no que se diz respeito à contenção de excessos nas práticas religiosas durante os festejos.

Em 15 de Junho de 1964, divulgava-se, no mesmo jornal, uma reunião entre os dirigentes do santuário e o Arcebispo de Fortaleza Dom José Delgado, para “estudar com o vigário e o povo [...] uma maneira de dar mais vida à

⁴⁹ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano 50. 1º de Janeiro de 1964. “Dois Papas Romeiros”.

⁵⁰ Neste ponto, o que Steil afirma sobre a ação da Igreja na Lapa do Bom Jesus aplica-se perfeitamente a Canindé: “Os dirigentes do santuário têm procurado construir uma racionalidade para o culto da romaria, que tentam impor aos peregrinos, apesar de suas resistências. Seu controle sobre a organização do espaço e do tempo em relação às atividades no santuário dá a eles uma vantagem considerável, de forma que sua lógica se impõe, mesmo quando aparece estranha e distante da concepção dos romeiros. A partir dessa racionalidade oficial definem o que é *religioso*, estabelecem objetos e áreas sagradas e procuram protegê-los da contaminação que vem do profano, pelo comércio e pelas diversões ou pela *magia e superstição*.” STEIL, Carlos Alberto. Op. Cit., p.83.

grande festa”⁵¹. Segundo o Jornal, o objetivo das mudanças era promover a “exaltação das qualidades positivas dos romeiros” — quais seriam, a busca de Deus, espírito de bondade e de paciência — e a erradicação da ignorância e do fanatismo religioso através de uma “prudente e sábia” apresentação da Liturgia da Palavra. Para tanto, os trabalhos administrativos, sociais, e litúrgicos deveriam adotar o plano: pré-romaria, romaria, pós-romaria, seguindo o mesmo planejamento regional para as missões: pré-missão, missão e pós-missão. Neste sentido, a paróquia procurava preparar os moradores da cidade e regiões vizinhas para também vivenciar de forma correta os festejos, bem como receber os romeiros e indicar às romarias vindouras os requisitos para uma santa romaria. Tanto que no dia 15 de Setembro de 1964 a paróquia dirigia aos leitores do jornal os seguintes direcionamentos:

“Alguns Conselhos aos Romeiros de São Francisco:

1. a romaria é um ato religioso. Os romeiros evitem, portanto, tudo que prejudique a piedade deste ato. Em caminho para a terra abençoada de São Francisco não deixem de cantar algum hino religioso ou de rezar devotamente o terço. Romeiros pobres encontram hospedagem (por 3 dias) no ‘Abrigo dos Romeiros’.

2. Uma vez em Canindé, cuidem de cumprir as suas promessas, de fazer uma confissão bem feita, evitando tudo que possa tornar menos santas as horas passadas aos pés de São Francisco. Visitem também os demais pontos religiosos da cidade. [...]”⁵²

E mais adiante, no dia 4 de Outubro⁵³, dia do santo, propunha-se o comportamento ideal de forma mais veemente, não mais sob conselhos, mas sob *Mandamentos*:

“Os Mandamentos do <<Romeiro>>

1. Ama a Deus como São Francisco amou.
2. Não profanes de modo algum a festa do Santo Patriarca.
3. Participe com respeito e piedade da santa missa.
4. Faze uma boa confissão
5. Recebe com amor, o Cristo na Hóstia Consagrada.
6. Presta muita atenção à pregação.
7. Respeita o outro, ele é teu irmão em Cristo.
8. Não toques no alheio.
9. Imita o Cristo e São Francisco, em tua vida.
10. Volta melhor cristão da romaria.⁵⁴

⁵¹ Id. Ibidem., 15 de Junho de 1964. “A Festa Vai Mudar?”.

⁵² Id. Ibidem., 15 de Setembro de 1964.

⁵³ Dia da morte de Francisco, no Convento de Porciúncula, Itália, em 1226.

Muitas são as responsabilidades atribuídas ao bom romeiro. O bom romeiro não deve amar a São Francisco mais do que a Deus, é o que parece querer dizer o primeiro mandamento acima. E não profanar a festa do santo inclui plena observância aos sacramentos da igreja, como também a regras de convivência ditadas por esta durante os festejos, e mesmo a retidão de caráter, pois não se deve roubar. Quanto a isso, os romeiros são sempre advertidos, pois muitos já perderam seus pertences em uma travessia apertada durante uma procissão, ou enquanto caminhavam por entre as vielas formadas pelas barracas de vendas, abarrotadas de gente comprando tudo o que seu dinheiro podia comprar, ou simplesmente olhando as mercadorias. É neste ínterim, em meio a apertos e empurrões, que se deve tomar “cuidado com os batedores de carteiras e amigos do alheio que sempre se ajuntam nos lugares de grande afluência popular”⁵⁵. Como distinguir romeiros de gatunos? Neste ponto pode-se dizer que a boa intenção é a que vale: O “bom romeiro” não deve tocar no alheio, visto que deve ir a Canindé “com espírito de fé, com a intenção de fazer uma santa romaria, cumprir suas promessas e fazer os sacramentos”⁵⁶. Não profanar de modo algum os festejos do padroeiro deve certamente se referir a todas as festas de caráter profano que acontecem paralelamente e que fazem parte da romaria, pois esta se funde numa oscilação entre os rituais (sagrado) e o lazer (profano) que não poderia deixar de ser aproveitado nas viagens⁵⁷.

Apesar de espontânea, no sentido de afluir de todas as partes do Brasil, e de nela se estabelecerem relações múltiplas e complexas no que tange às diversas formas de vivenciá-la, a romaria em Canindé teve sempre este “incentivo” de caráter oficial. Que desde seu início a cercou de cuidados, tratando de administrar não apenas o complexo paroquial, com todas as atividades clericais que requeria tamanho movimento, mas a própria crença, as

⁵⁴ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano 50. 04 de Outubro de 1964. “Os Mandamentos do Romeiro”.

⁵⁵ Id. Ibidem., 15 de Agosto de 1964.

⁵⁶ Id. Ibidem.

⁵⁷ Estudando as romarias ao Santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia, Steil discorre sobre o caráter dual da romaria constituída pela oposição entre penitência e alegria, dispondo dois núcleos de práticas e sentidos complementares. Há em um a ordem ritual com a busca pela repartição de papéis, a codificação dos símbolos, a ação cerimonial, e em outro o espaço da espontaneidade, da indiferença, da inarticulação, da emoção coletiva e informal. “[...] As dimensões penitencial e festiva apontam para a romaria como um evento onde o corpo tem um lugar central, enquanto ele de continuidade que relaciona morte e vida, dor e prazer, excesso sensual e êxtase místico, privação de jejum e saciedade comungante.” STEIL, Carlos Alberto. Op. Cit., p.133-134.

práticas dos devotos. Organizando, normatizando, encaixando-as nos pré-requisitos oficiais. Como de certo modo aconteceu quando da imposição papal de algumas mudanças para aprovação da Regra que regeria a vida dos Frades Menores no movimento encetado por São Francisco, na Itália do século XIII.

Mas a despeito dos direcionamentos disciplinadores da Igreja, os devotos têm encontrado formas de vivenciar sua fé de acordo com suas experiências. E, partindo destas, vêm inclusive se apropriando ou reelaborando o que ouviram sobre os milagres (de fundação) do santuário.

Exemplo disso é a citada imagem encontrada pelo vaqueiro. Este milagre, cuja veracidade foi posta em questão por Willeke, apresenta algumas matrizes referenciais com as quais os devotos se identificaram, ou pelo menos admitiram como integrantes dos padrões culturais em que estão inseridos⁵⁸.

Em 15 de Março de 1964, o devoto Misael Fernandes Pinheiro de Brejo Santo - Ceará agradecia, no jornal O Santuário de São Francisco, “a considerável melhora de grave encomôdo” por intercessão de São Francisco de Canindé “e das almas dos Vaqueiros martirizados”⁵⁹. A que mártires o devoto se refere? Possivelmente haja referência entre esta alusão e um fato específico, acontecido 10 anos antes, em 1954, nos sertões de Pernambuco: o assassinato do vaqueiro Raimundo Jacó, cantado aos quatro ventos por Luiz Gonzaga, em sua música, *A Morte do Vaqueiro*. Esta transformou-se em hino de protesto contra a impunidade, e de exaltação das características dos vaqueiros nordestinos, que de vida sofrida morrem “sem deixar tostão”.

⁵⁸ Segundo Steil, o vaqueiro é uma figura central nas estórias sobre a origem da romaria da Lapa. E sobre isto o autor acrescenta: “A figura do vaqueiro aparece ligada à origem de outros santuários católicos, como mostram os trabalhos de Dupron (1967), Turner & Turner (1978) e Christian (1981). Dupron, ao analisar os cultos de peregrinação na França no século XVIII, diz que ‘o inventor da estátua é sempre um pastor (1967:212)’. Para este autor as estórias serviam para localizar imagens sagradas em lugares de significado universal – perto da água, de árvores, sobre colinas e picos – conduzindo assim a uma espécie de cristianização da paisagem. Victor e Edith Turner relacionam a figura do vaqueiro, com o mito bíblico da encarnação de Jesus. Para estes autores, a presença reiterativa de vaqueiros e pastores nas estórias sobre a origem dos santuários estaria evocando o mito do nascimento de Jesus e da adoração dos pastores, narrado por Lucas 2, 7-20 (1978:41-47). Citando os estudos de Vicente de la Fuente sobre os santuários católicos, falam de um ciclo de aparições de imagens a pastores que se inicia no século XVI, caracterizado como ‘ciclo de los pastores’. Segundo Victor e Edith Turner, este ciclo se constituiu a partir da ‘raiz paradigmática’ do mito bíblico, que atua como um meio pelo qual ‘os pobres e iletrados’ conservam em sua memória as doutrinas e dogmas católicos.” Id. Ibidem., p. 153-156.

⁵⁹ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano 50. 15 de março de 1964. Graças Alcançadas por Intercessão de Diversos Santos.

“Eita boi!
 Numa tarde bem tristonha
 Gado muge sem parar
 Lamentando seu vaqueiro
 Que não vem mais aboiar
 Não vem mais aboiar
 Condolente a cantar.

Tengo, lengo, tengo, lengo,
 Tengo, lengo, tengo. (bis)
 Eita boi!

Bom vaqueiro nordestino,
 Morreu sem deixar tostão
 O seu nome é esquecido
 Nas quebradas do sertão
 Nunca mais ouvirão
 Seu cantar meu irmão.

Sacudido numa terra,
 Desprezado do senhor,
 Só lembrado do Cachorro
 Que inda chora a sua dor
 É demais tanta dor
 A chorar com amor.
 Eita boi!”⁶⁰

O autor da música refere-se a seu primo, Raimundo Jacó, vaqueiro assassinado na madrugada de 8 de julho de 1954 com uma pancada na cabeça, por Miguel Lopes, com quem cultivava uma rixa antiga e com quem se embrenhara nas caatingas do Sítio de Lages⁶¹ em busca de uma rês que havia se perdido do rebanho. A prova do crime, uma pedra manchada de sangue, foi entregue à Polícia local, mas desapareceu misteriosamente impedindo que o assassino fosse incriminado. Acredita-se que tudo — a rês desgarrada, a missão entregue aos dois vaqueiros de só retornar após encontrá-la, sendo preciso pernoitar na caatinga, o desaparecimento da prova — foi parte de uma emboscada armada pelo fazendeiro que chefiava os vaqueiros, por questões políticas. O próprio Luiz Gonzaga chegou a afirmar isto publicamente. Raimundo Jacó passou a ser consagrado, como modelo do vaqueiro, símbolo de dedicação e coragem, bem como lhe foram atribuídos a partir de então, vários milagres. Desta forma, o local do crime passou a ser motivo de

⁶⁰ Música ‘*A Morte do Vaqueiro*’, de autoria de Luiz Gonzaga e Nelson Barbalho, lançada no disco ‘*Pisa no Pilão*’ em 1963 pela gravadora RCA, e mais tarde no disco ‘*Missa do Vaqueiro*’ em 1989 pela Magazine.

⁶¹ Distrito do município de Serrita, localizado no alto sertão Araripe, localizado a 553 quilômetros de Recife.

constante romaria. Foi então que 17 anos depois, em julho de 1971, num esforço conjunto do Padre João Câncio, Luiz Gonzaga e do poeta Pedro Bandeira, conhecido repentista do Cariri, foi celebrada a primeira Missa do Vaqueiro, como homenagem a Raimundo Jacó. Ato que se transformou numa tradição cultivada até os dias atuais. Na semana que antecede à Missa do Vaqueiro, o município de Serrita vive todo o clima de festejos de uma festa de padroeiro. Os festejos desdobram-se em manifestações como vaquejada, banda de pífanos, cantorias, apresentações de repentistas e aboiadores, feira de artesanato e de comidas típicas.

No mesmo ano, 1971, em outubro, também foi celebrada em Canindé a primeira missa do vaqueiro. Até hoje, uma das celebrações mais concorridas durante os festejos de São Francisco. Embora tenha ligação direta com o fato ocorrido em Pernambuco, na Missa do Vaqueiro em Canindé, o tema central é a exaltação das características gerais dos vaqueiros, do povo nordestino, como forte, que vence as dificuldades com trabalho árduo e fé. Conservam-se, porém, algumas peculiaridades litúrgicas da primeira missa de Serrita-Pe, onde no momento da comunhão, a hóstia era substituída por queijo, rapadura e farinha de mandioca, alimentos do cotidiano sertanejo. Em Canindé, não se chega a tanto, mas durante a celebração da missa, assim como em Serrita, os vaqueiros se mantêm montados em seus cavalos e no momento do ofertório sobem ao altar e oferecem a Deus sua indumentária de couro, arreios e instrumentos usados no pastoreio.

Nesta celebração, destaca-se Maria Aleuda Viana Madeira, que lidera o comboio em procissão antes da missa. Esta escreveu um cordel intitulado *A História do Milagroso São Francisco das Chagas*, apresentando um resumo histórico sobre Canindé. Interessante observarmos o movimento das narrativas, pois, ao contrário de Gonzaga Vieira, Aleuda Viana, considerada a rainha dos vaqueiros, parece não fazer alusão ao vaqueiro que encontrou a imagem nos primórdios do santuário. Apesar de fazer referência aos milagres mais famosos⁶². O que demonstra que o movimento de interpretação e

⁶² Arievaldo Viana, em seu livro *‘São Francisco de Canindé na Literatura de Cordel’* afirma: “O poeta Gonzaga Vieira utiliza elementos de história, mesclando-os com lendas da tradição popular oral. Daí a impossibilidade da utilização de seu trabalho como fonte histórica. Aleuda Viana, ao contrário, é criteriosa quanto a datas e fatos [...] a narrativa de Aleuda sobre as origens do culto franciscano em Canindé estão fundamentadas em dados

apropriação das narrativas de milagres é bem mais complexo do que uma compilação de histórias sempre passadas adiante.

Neste sentido, deve-se considerar que a preponderância de algumas delas foi de fundamental importância para a consagração do santuário. Volto aqui aos primeiros cronistas de Canindé para destacar mais uma vez as narrativas incontáveis de milagres, que segundo eles merecem todo crédito.

Um desses milagres, que paira na atmosfera canindeense, talvez mais do que entre os romeiros, é o conhecido milagre da *Menina Perdida*, tendo seu registro escrito mais antigo em 1907, narrado pelo já citado Augusto Rocha na primeira edição de seu livro *Santuário de São Francisco de Canindé*, e que foi ponto de partida para muitos cordéis. Abaixo o trecho do livro que se refere ao milagre:

“Uma família cearense, residente no interior do Amazonas, relata o seguinte caso extraordinário; tendo se perdido uma criança da casa um dia, em uma das umbrosas florestas daquelas regiões, a aflição e o desespero invadiram o coração dos seus pais; estes lançaram mão de todos os meios a seu alcance afim de descobrir o paradeiro da criança, e, batidas as matas vizinhas durante três dias consecutivos, resignaram-se, aniquilados, a chorar a morte da querida criaturinha, de certo devorada por alguma fera. A desolada mãe, logo que se lhe antolhou o espectro da terribilíssima desgraça, cheia de ardente fé fez a promessa a São Francisco das Chagas, de se reouvesse a filha perdida, vir com ela a Canindé, e oferecer uma esmola ao Santo.

Com indizível pasmo de todos, surge como por encanto no pátio da barraca a criança perdida, ao terceiro dia depois do desaparecimento.

Na alegria intensa em que vibrava toda a família, interrogam-na sobre o seu súbito aparecimento, e a criança responde-lhes que fora um padre que a trouxera até as imediações da casa. A família, logo após, pôs-se em viagem para Canindé, afim de cumprir o voto feito, certa da intercessão miraculosa de São Francisco. Ao entrar às portas da Igreja, a inocente criança, num grito de ingênua e reconhecida gratidão, indicou a sua mãe, apontando a imagem de São Francisco das Chagas: - *Mamãe! Foi aquele o padre que me trouxe!..*”⁶³

Este milagre ganhou uma representação no Museu de São Francisco, muito visitado pelos romeiros. Lá, uma boneca de mais ou menos um metro,

históricos.” Os dados históricos a que o autor se refere são os apresentados pelos já discutidos cronistas e por frei Venâncio Willeke, e ambos, deve-se ressaltar, também mesclaram em suas narrativas fatos documentados como ‘lendas da tradição popular’, exceto quanto ao vaqueiro. VIANA, Arievaldo. *São Francisco de Canindé na Literatura de Cordel*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002, p.123.

⁶³ ROCHA, Augusto. Op. Cit. V. Graças e fatos Extraordinários.

vestida com um singelo vestido e um chapéu, retrata até hoje a menina do referido episódio. E sempre que os visitantes chegavam a ela, era novamente recontada a história por um guia do museu, ou por uma pessoa qualquer que conhecesse o mito, digo, o acontecido, pois em Canindé “se acredita como sendo uma realidade, não se acredita como sendo uma lenda, absolutamente”⁶⁴. Deste ponto de vista, pelo menos cinco cordelistas se debruçaram sobre o assunto, difundindo e dando outras nuances ao milagre: Jota Ferreira, Gonzaga Vieira, João Lucas Evangelista e João de Cristo Rei, do qual segue um trecho em que a menina narra os acontecimentos nos três dias de seu desaparecimento:

“— Minha filha vai me dizendo
Tudo que viu pelo mato
Respondeu: — Foi um velhinho
Que me deu comida e trato
Me deu cobertor de lã
E água fria do regato.

Este velhinho me encontrou
Estendida sobre o chão
O frio gelava o peito
Partia meu coração
Ele acendeu uma luz
Me segurou pela mão.

Quando as feras me cercavam
Ele pra longe tangia
Ficava juntinho de mim
Servindo de companhia
Passava a noite acordado
Enquanto um sono eu dormia.

— Quando papai me achou
Na sombra do gameleiro
Meu padrinho acompanhou-me
Até o fim do terreiro
Depois subiu pro céu
Suspenso em um nevoeiro.

O pai vendo a narrativa
Que a menina lhe contou
Para o Canindé urgente
Uma viagem marcou
Tirou da filha o ex-voto
Fez a estátua e levou.

⁶⁴ Depoimento de Francisco Magalhães Karam (1926-2001), pesquisador da história de Canindé, in: OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *Francisco: o santo vivo dos devotos*. Fortaleza: Edições Livro Técnico/Premius, 2001.

No dia em que chegaram
 Na matriz do Canindé
 Que a menina na igreja
 De São Francisco deu fé
 Lhe disse: — Olhe papai
 O meu padrinho quem é!

Foi a maior alegria
 Depois que o reconheceu
 Olhou para o céu chorando
 A São Francisco agradeceu
 Cortou seus lindos cabelos
 Fez uma trança e lhe deu.”⁶⁵

Este milagre já faz parte do repertório de casos que servem de afirmação do sagrado em Canindé. Por outro lado, para além da ação da Igreja, como foi discutido, e daquelas primeiras narrativas de milagres, conservadas e/ou cultivadas como provas ou justificativas, a crença que os devotos têm depositado no santuário se mantém por seus próprios mitos: milagres em torno dos devotos ou narrados por pessoas próximas. Novos e novos milagres que reforçam a “tradição”, e sobre os quais a Igreja, de certa forma, lança um olhar mediado de convivência, a fim de se manter como gestora do culto.⁶⁶

As motivações dos romeiros, portanto, vão de encontro ao discurso por muito tempo sustentado pela Igreja de que, como afirmou seu representante Willeke, “não é, em primeiro lugar, para apreciar milagres que o bom romeiro visita o Santuário, mas para consolidar sua fé e afervorar a vida religiosa.”⁶⁷

⁶⁵ *A Inocente Perdida nas Matas do Amazonas e os Milagres de São Francisco*. João de Cristo Rei. Editor Manoel Caboclo e Silva, Juazeiro do Norte-Ce. 02/agosto/1974. Apud VIANA, Arievaldo. Op. Cit., p. 51.

⁶⁶ Dialogando com STEIL, concordo que também o santuário de São Francisco, como na Lapa do Bom Jesus, “tem sido um espaço privilegiado de inovações que se revestem de um caráter de antiguidade na medida em que representa a continuidade com a tradição.” O autor ressalta ainda sobre a delicada relação entre mito e razão: “Embora o clero tente impor o seu discurso racionalizado aos romeiros, o caráter *sui generis* da romaria o constrange – como dizia um dirigente – a ‘respeitar as atitudes dos romeiros e a não combater suas superstições’. Ou seja, proibido de esvaziar a densidade mítica da romaria, sob a condição de destruir o próprio culto, acaba contribuindo para reforçar a diversidade dos discursos e práticas que compõem a pluralidade polifônica e multifacetada do catolicismo que se constitui justamente através do diálogo entre o conteúdo mítico da religião e sua expressão racional. Esta divisão entre razão e mito que a modernidade colocou para o catolicismo está distante de se resolver no âmbito dos santuários. Mesmo por que nos cultos de peregrinação, ao lado das tentativas de imposição de uma racionalidade moderna, há a afirmação da densidade mítica que impregna o discurso dos romeiros.” STEIL, Carlos Alberto. Op. Cit., p. 86.

⁶⁷ WILLEKE OFM, Venâncio. Op. Cit. 1973, p. 48.

Quando o devoto se dirige ao santuário, na grande maioria dos casos, já tem a certeza de que será atendido em suas preces ou já o faz em agradecimento pela graça já atendida⁶⁸. A interpretação dos devotos quanto aos poderes do santo difundidos pela Igreja é conveniente às suas necessidades, como será discutido mais adiante no terceiro capítulo. Além do nascimento parecido com o de Cristo, da estigmatização e da morte santa, outros pontos de sua vida são destacados, com os quais os devotos identificam-se e sentem-se contemplados. Como por exemplo, a opção de Francisco pela “Irmã Pobreza”⁶⁹, o que faz pressupor que seu poder esteja principalmente à disposição dos pobres, e o beijo no leproso⁷⁰, interpretado como desprendimento e disposição do santo de curar as feridas materiais e espirituais de seus “irmãos”. No santuário de Canindé, além destes dados oficiais, muitas outras características são atribuídas ao santo, e as possibilidades de ação dele multiplicam-se fugindo à concepção oficial. O que o santo pode ou não pode fazer é ‘resolvido’ entre ele e o devoto, numa complexa relação, que tem sua efetivação neste espaço sagrado onde o milagre acontece por excelência.

Assim, o espaço de Canindé foi construído material e simbolicamente a partir de narrativas de milagres, de ações da Igreja, de memórias consagradas como tradição. A construção dessa sacralidade em Canindé se fez, principalmente, pelos devotos, que ao longo do tempo vêm buscando e vivenciado o santuário, e projetando eles mesmos as histórias que querem difundir sobre o santuário em suas vidas, seus anseios.

⁶⁸ Pois como interpreta Régis Ramos, “a fé do devoto produz uma confiança com características próprias. Para o devoto o milagre é plausível. Todos os fiéis contam histórias sobre a realização de milagres, ou seja, possuem ‘dados’ que confirmam a existência do fato miraculoso. A crença, portanto, possui uma fundamentação no que é visto, ou melhor, na forma pela qual certos acontecimentos são percebidos. O mundo do fiel pode ser previsto ou modificado pelas forças do sagrado.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998, p. 24.

⁶⁹ Como se refere Francisco: irmã pobreza, irmão sol, irmã lua, irmã morte, etc. (WILLEKE, OFM, Venâncio Op. Cit. 1973); (LE GOFF, Op. Cit 2001).

⁷⁰ Segundo biografias, São Francisco beijou e abraçou um leproso após voltar para casa depois de ter participado de uma Guerra entre Assis e Perúgia por volta de 1204. LE GOFF. Op. Cit. 2001.

1.2. O Caminho

“Oração do Motorista 27/08/03

Meu Senhor e meu Deus, quando eu estiver no volante. Peço-vos firmeza na mão e atenção na vista para evitar acidentes vos criastes a vida que esse dom não sofra dano por minha culpa protegei-me como também todos os que se colocam sob a minha responsabilidade livrai-nos de acidentes Senhor não permitais que me passe despercebido e inconscientemente. Daí-me senão de responsabilidade e consciência profissional, para que dirigindo pelas estradas da terra, alcances no final de minha vida o Caminho do céu que é o meu fim, onde vós me esperais sede meu Companheiro de Viagem. Amém. [nome de dois homens]”⁷¹

Os romeiros percorrem longas distâncias para adentrarem no tempo e no espaço sagrados⁷². Dirigem-se, portanto, a um centro que é ponto de chegada e, ao mesmo tempo, de partida para toda significação ou resignificação do mundo. Entre este centro, onde fica o santo, e a periferia há uma outra distância, a simbólica, que se deve transpor com o sacrifício da peregrinação⁷³. A oração do motorista, acima, bilhete escrito por um devoto e deixado na casa dos milagres, expressa bem este sentimento na romaria. É uma oração, digamos, de fórmula fixa. Muitos motoristas a mantêm consigo, ou no automóvel em que dirigem a fim de serem livrados de acidentes. Mas neste

⁷¹ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 25. Datada: 27/08/2003.

⁷² “Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. [...] Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos.” ELIADE, Mircea. Op. Cit. 1992, p.25.

⁷³ Rubem César Fernandes destacar este aspecto da devoção: “O romeiro cumpre a devoção fazendo uma viagem e, de romaria em romaria, os devotos desenham um círculo imaginário em torno de determinado santuário. Há círculos de alcance internacional, como os traçados pelos peregrinos que vão a Roma ou a Jerusalém, há os nacionais, como o de St. Patrick, na Irlanda, Czestochowa, na Polônia, ou de Guadalupe, no México; os regionais, como o de Padre Cícero, em Juazeiro, ou o do Bom Jesus da Lapa, nas margens do São Francisco, e há uma infinidade de círculos locais em torno de uma vila, ou mesmo em capelas de beira de estrada. As romarias, portanto, qualificam os espaços, atribuindo-lhes um centro, onde fica o santo, e uma periferia, onde vivem as pessoas que lhe rendem louvor. Entre estas e aquele, a distância simbólica é grande, pois em conversa de romeiro quanto mais longa a viagem, maior a devoção.” FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1982, p. 9.

caso, provavelmente um motorista de caminhão de uma romaria o depositou no destino de chegada, como agradecimento e, ao mesmo tempo, como garantia da volta. Mais do que isso, a oração expressa não só quanto ao motorista, mas a todos os passageiros o caráter penitencial da romaria — embora esta seja por vezes considerada também um lazer pelos romeiros — e principalmente o desejo de se alcançar por meio dela o caminho do Céu. Sim, alcançar em paz o santuário, e merecer um dia uma viagem feliz para um mundo sem privações. Neste sentido, os romeiros realizam os paradigmas católicos do sacrifício e da recompensa, como agradeciam no Jornal ‘O Santuário’, em 1948: “Luís Medeiros Araújo e sua consorte por ocasião de uma penosa, mas feliz romaria a Canindé, acompanhados de 50 devotos de São Francisco, Cr\$10,00”⁷⁴. Na romaria, portanto, à medida que perfazem trajetos, os romeiros se projetam num espaço transcendente. Sendo a própria romaria o caminho espiritual e temporal para uma vivência do sagrado.

Em 1948, a Inspetoria de Trânsito de Canindé registrou o número de veículos que deram entrada na cidade durante os 11 dias de festejos de São Francisco: 1.810 caminhões, 140 automóveis e 35 ônibus e jipes⁷⁵. Em 1950, além de automóveis de pequeno porte, motocicletas e bicicletas, em menor número, constatou-se: vindos de Fortaleza, 720 caminhões e 15 auto-ônibus; de Sobral, Santa Quitéria e Piauí, 273 caminhões e 9 ônibus; Quixeramobim e Boa viagem, 64 caminhões e 6 auto-ônibus; Itapiuna, 145 caminhões e 16 auto-ônibus; Rio Grande do Norte e Paraíba, 120 caminhões; Pernambuco, 60 caminhões⁷⁶. ‘O Santuário de São Francisco’, do dia 1º de Setembro de 1963, noticiava:

“Procedentes de Aracati, Russas e Beberibe, conduzindo em 2 carros mistos, luzida caravana de 120 romeiros, os srs, proprietários irmãos Luiz e Sólon Silva, e o nosso assinante Benedito Bernardo de Sena — este, ladeado da esposa Maria Garcia de Sena — com 76 romeiros; de Maracanaú, os Srs. José Rufino de Souza e o nosso assinante João Galdino de Oliveira — com 46 romeiros; [...]

⁷⁴ Jornal O Santuário de São Francisco — Órgão Oficial da Basílica de Canindé — Quinzenário. Ano XXIII. Graças Alcançadas, 1º de Junho de 1948.

⁷⁵ Dados da Inspetoria de Trânsito de Canindé, transcritos por José Bonifácio citados in: Canindé — Centro Regional de Romaria. CNBB. Secretariado Nacional de Pastoral Especial, 1963.

⁷⁶ Jornal O Santuário de São Francisco — Órgão Oficial da Basílica de Canindé — Quinzenário. Ano XXXV. Dados da Inspetoria de Trânsito de Canindé. 1º de Novembro de 1950.

de Jurema (Limoeiro), o sr. Manuel Aureliano — com 170 romeiros; [...] de Acaraú, o comerciante de tecidos Santos Moura e o abastado criador Cláudio Moura;[...]”⁷⁷

“Cumprindo promessas ao glorioso São Francisco, visitaram a cidade: de Santana do Acaraú, com 60 pessoas, os srs. Zacarias Amaro de Farias, Luís Jr. De Farias, e João Luiz de Oliveira — de Beneditinos com esposa Corina Alves, o sr. Martinho José da Cunha, que veio conduzindo 43 romeiros, entre os quais o sr. Jerônimo Soares e d. Leonice de Melo Soares — completando 27 peregrinações, procedente de Assaré, o sr. Pedro Cruz, já dono de uma geração de 14 filhos e 98 netos[...]. Também outros grupos de romeiros nos visitaram procedentes do Ceará, Maranhão e Piauí.”⁷⁸

Os caminhões que em geral transportavam e ainda transportam os romeiros são os chamados paus-de-arara⁷⁹, nos quais, dependendo da distância da viagem, os romeiros ‘habitam’ por até três dias⁸⁰. Viajando durante o dia e dormindo à noite em redes improvisadas na carroceria do próprio caminhão, os romeiros chegavam a seu destino. Consta na sessão “Romarias a São Francisco” deste mesmo jornal que os romeiros vinham de todo o Brasil, principalmente dos estados da região Nordeste⁸¹, de São Paulo, do Amazonas, Acre, Amapá. Além da maior afluência durante os festejos, o santuário sempre foi muito visitado no período natalino, estendendo-se até os ritos da semana santa. Chegando à cidade, os romeiros tratavam de pagar suas promessas, cumprindo e mantendo seus votos.

Mas a grande distância e certas condições financeiras e/ou de saúde às vezes impediam muitos devotos de marcar presença nos festejos do Santuário e de realizar seu encontro ‘pessoal’ com o santo. No dia 15 de Julho

⁷⁷ Id. Ibidem. Romarias a Canindé. 1º de Janeiro de 1963.

⁷⁸ Id. Ibidem., 1º de Setembro de 1964.

⁷⁹ Caminhões equipados com grade e bancos de madeira, cobertos por um toldo para proteger os passageiros do sol ou da chuva. Os grandes paus-de-arara comportam entre 40 e 60 pessoas.

⁸⁰ Continuando sua reflexão sobre a travessia dos sentidos que é a romaria, Fernandes afirma: “a romaria faz no espaço o que a mística realiza no tempo, ultrapassando ambas os limites do profano e aproximando o devoto do domínio do sagrado. Enquanto a viagem mística se manifesta por uma série de transformações psicológicas, a romaria expressa o mistério de uma forma objetiva, conduzindo as pessoas por uma viagem no sentido literal, onde é a paisagem que se transforma. Tem por isso as atrações de uma aventura, cujo fim, no entanto, é predefinido, fechando ao viajante o fascínio da estrada e impondo-lhe o reconhecimento de um destino que tem para ele uma significação interior.” FERNANDES, Rubem César. Op. Cit. 1982, p. 43.

⁸¹ Steil situa Canindé, atualmente, entre os mais importantes santuários do Nordeste, ao lado de Bom Jesus da Lapa (santuário estudado pelo autor) e Juazeiro. Sendo Bom Jesus da Lapa mais popular na Bahia e Minas Gerais, Juazeiro nas áreas situadas no coração dos estados nordestinos e Canindé especialmente nos estados do norte (Ceará, Piauí e Maranhão). STEIL, Carlos Alberto. Op. Cit. 1996, p.24.

de 1958, o jornal 'O Santuário de São Francisco' publicou a carta de Manoel Moura:

“Sou um devoto do milagroso São Francisco das Chagas de Canindé e desde que comecei essa devoção, com a graça de Deus, tudo me corre bem [...] meu maior desejo é ir um dia visita-lo, pois minha fé nos seus poderes é grande e espero alcançar êste favor antes de morrer [...] Segue uma esmola para as obras sociais da Igreja [...] O humilde devoto [assina]. Manaus”⁸²

Para os devotos, impossibilitados de empreender viagem até o Santuário, a opção era enviar algo por algum conhecido, ou via postal, visto que era necessário se fazer presente de alguma forma.

“Achando-me muito doente no hospital, desenganada dos médicos quando estava com sete meses de grávida e ainda com hidropisia, fiz uma promessa ao glorioso São Francisco, e fiquei boa em menos de um mês; por ter recebido esta graça, pelo voto feito, mando meu retrato para São Francisco e uma importância em vale postal. Raimunda Pereira Carvalho - Manaus”.⁸³ [grifos meus]

“ Prezados Senhores

Utilizo-me da presente, para relatar as seguintes graças alcançadas.

1º) Meu filho, Paulo Moreira Matos, tendo que fazer uma peça mecânica, a fim de passar num exame [...] encontrava bastante dificuldade [...] Recorri, fervorosamente, a proteção de São Francisco, e meu filho conseguiu executar a peça em questão com esmêro, tendo, em virtude disso, obtido o primeiro lugar no exame.

2º) Sempre que me encontro em situações vexatórias, recorro ao meu glorioso São Francisco, e tendo alcançado as graças necessárias para o alívio completo de minhas atribulações: Pelo correio, em registro com valor declarado, estou fazendo seguir a quantia de Cr\$ 700,00 sendo Cr\$ 500,00 pelo segundo milagre. Assino, também, o jornalzinho < O Santuário de São Francisco. > Francisca Moreira Matos. São Miguel, São Paulo.⁸⁴ [grifos meus]

Neste sentido, o sistema de postagens tornava-se o caminho mais seguro e direto para suas preces ou agradecimentos, que endereçados à Basílica de Canindé, ou à sede do Jornal 'O Santuário de São Francisco', muitas vezes vinham com a recomendação de serem publicadas nas páginas do jornal.

“Pe Diretor do Santuário de São Francisco

⁸² Id. Ibidem., Cartas a São Francisco, 15 de Julho de 1958.

⁸³ Id. Ibidem., Cartas a São Francisco 1º de Julho de 1958.

⁸⁴ Id. Ibidem., 1º de Abril de 1963.

Como devoto de São Francisco de Canindé, estou remetendo Cr\$ 500,00 para a Igreja desse milagroso Santo. Sou telegrafista do DCT e minha espôsa é agente postal. Fazendo eu uma promessa a esse milagroso Santo, fui atendido e de joelho, agradeço o milagre. Toda correspondência, jornais, etc., destinada aos devotos de São Francisco, desta região amazonense, é realizada com todo cuidado e interesse, tanto nas remessas, como nos despachos, aqui [...] São Francisco de Canindé me abençoe e cubra de felicidades minha família.”⁸⁵

O devoto acima deve ter de fato realizado sua tarefa com cuidado, pois muitas eram as cartas vindas daquela região. Os missivistas eram cearenses, ou de outros locais do Nordeste, que contrários aos demais devotos haviam feito naquele período um percurso inverso ao da romaria. Além de São Paulo, outro destino que idealizava-se como promissor era a Amazônia, desde a criação de uma agência de migração para exploração da borracha, em 1942, o SEMTA (Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia), com sede em Fortaleza⁸⁶. Muitos trabalhadores recrutados não mais retornavam; pelas péssimas condições de sobrevivência em que lá se encontravam, acabavam fixando moradia e novas relações pessoais, integrando-se ao novo meio⁸⁷.

Nas cartas vindas dessa longínqua região, os devotos contavam diretamente a São Francisco quão sofrida era a experiência de se viver longe de quaisquer recursos, onde só o santo os podia valer nas aflições.

“Meu protetor São Francisco

Aqui desta longínqua região amazônica, agradeço-vos este grande milagre, de que peço publicação na folha, aí editada, do vosso Santuário. Meu filho menor Nicodemos, esteve por muitos meses bastante doente dos olhos e com uma caroeira no corpo que fazia pena... longe de recursos medicinais, onde pudesse melhor curar meu filhinho, lembrei-me dos vossos santos poderes pedindo a cura do menino. Logo me veio à lembrança de fazer uns cozimentos

⁸⁵ Id. Ibidem., 1º de Julho de 1963.

⁸⁶ “A ‘batalha da borracha’ com seus ‘soldados da borracha’ faz parte de um desses deslocamentos da população. Sua particularidade está arraigada a momentos específicos da história do país e do Ocidente pois nela se cruzam duas contingências: O Estado Novo e a Segunda Guerra”. MORALES, Lúcia Arrais. *Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002. p.9.

⁸⁷ “Ao embarcarem em caminhões, trens e navios deixavam o local de moradia, a família e o trabalho na agricultura e no pastoreio. Transformavam-se, então em migrantes, futuros seringueiros, soldados da borracha ou, dos seus pontos de vistas, indivíduos buscando alguma perspectiva diferente. Ao chegar à região amazônica, percebem que são reconhecidos pelos moradores locais como ‘nordestinos’ e não como alguém nascido em Içó, Camocim, Iguatu, etc. Recebem, ali, qualificação de ‘brabos’ porque não foram ainda domesticados pelo rio, pela floresta, e por seus habitantes”. Id. Ibidem., p. 21.

caseiros com certa ‘erva’ daqui, obtendo bom resultado; o menino já enxerga bem, sarando tôda a erupção da pele, graças à vossa proteção, pois antes jamais tinha tido tal lembrança.

Clotilde Alexandre Torres. Jacarezinho – Am”⁸⁸

A lembrança dos poderes de São Francisco foi o caminho para a salvação do garoto. Ao santo, basta que ele seja consultado para entrar em ação e realizar suas graças. O remédio estava ali bem perto e Clotilde já o conhecia, no entanto, não havia atinado para isso. Quando finalmente veio-lhe a lembrança, esta foi duplamente considerada, pois fôra a resposta do santo ao seu apelo.

As notícias dos milagres continuavam chegando a Canindé. São Francisco atendia seus devotos onde se encontravam, mas à casa do santo deveriam ser endereçados os agradecimentos.

“Lago do Piranha_ João Alves da Silva, [agradece] o grande milagre de ver sua filha a menor Maria de Lourdes, salva de um afogamento num dos grandes rios do Amazonas, depois de muitos esforços Cr\$ 20,00. [...]”⁸⁹

“Sr. Diretor do ‘Santuário’

Escrevo-lhe esta carta relatando a seguinte graça. Sou uma cearense que moro aqui nos garapés do Curusu, Amazonas, onde se distancia muito do nosso querido Estado. Estou passando bem de saúde ao lado de meu esposo e 7 filhos. Só uma coisa agora veio abalar-me (dezembro de 1963), quando via um de meus filhos menores tragado pelas águas do grande rio. Neste cruciante momento, gritei: Valei-me meu São Francisco! O garoto que pedia socorro, distante já uns 30 metros, embarcou num ciposal e pude salva-lo sem ser jogada nágua, quando ia sendo vítima de um animal anfíbio. Conto-lhe assim, dois extraordinários milagres de São Francisco. Tenho fé em Deus que ainda pagarei esta graça em Canindé. Meu esposo é comerciante ambulante. Esta carta rogo publicá-la no jornal da Basílica. Respeitosamente Judite sombra de Melo.”⁹⁰

Os devotos estreitavam suas relações com o santo cada vez mais, pois só através da fé estariam constantemente protegidos. Adquiriam muitas dívidas com o santo, visto que a natureza selvagem da Amazônia oferecia perigos e pesares inesperados e desconhecidos, além das já experimentadas

⁸⁸ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano XLIV. Cartas a São Francisco, 1º de Maio de 1959.

⁸⁹ Id. Ibidem., Graças Alcançadas, 1º de Abril de 1948.

⁹⁰ Id. Ibidem., Cartas a São Francisco, 15 de Fevereiro de 1964.

dificuldades básicas como condições de saúde, moradia e alimentação precárias.

Mesmo quando não havia condições para um serviço de correspondência postal, improvisavam-se os meios para realização de promessas e manutenção do voto com o santo.

“Monte Alegre, 5 de Novembro de 1955.

Rev^o Vigário da Paróquia de Canindé. Comunico a V. Revma. Que estou enviando, sob registro postal, a quantia de Cr\$ 50,00 que foram encontrados dentro de uma garrafa, na margem do rio Gurupatuba, que banha esta cidade de Monte Alegre, (Pará), acompanhados de dois bilhetes que seguem anexos. A garrafa foi encontrada, no dia 2 do corrente.

...atenciosamente Ernani Gonçalves Chaves.

Os dois bilhetes tinham o mesmo texto dizendo: <Tapara, 19 de outubro de 1955. A São Francisco de Canindé agradeço a graça alcançada. Envio Cr\$ 50,00. São Francisco de Canindé, rogai por nós. Amém. Tomé Pereira da Cruz>”.⁹¹

A fé do devoto o encorajou a enviar a oferenda e a acreditar que de alguma forma a garrafa chegaria ao santuário; que o santo assistindo e aceitando o ato guiaria os bilhetes até seu santuário. E a garrafa foi encontrada por alguém que se comoveu e solidarizou-se com o ato de devoção, querendo inclusive fazer parte do elo sagrado, viabilizando a difícil travessia para a realização da promessa de outrem.

Três anos depois, era registrada no jornal ‘O Santuário’ a carta do devoto Raimundo Vargas, que comunicava:

“... Junto a esta remetendo uma carta que foi encontrada no rio Amazonas, em uma garrafa, contendo junto a importância de Cr\$ 60.000, em cumprimento dum voto feito pelo Sr. Ernani Nogueira, do rio Ituí. Enfermeiro Raimundo Vargas. Macapá, Amapá.”⁹²

A carta publicada no jornal vinha de longe, de mais longe era a carta anexa, encontrada pelo remetente no interior de uma garrafa que outro devoto lançara ao mar a espera de um milagre. Uma outra forma mais elaborada, performática até, de enviar mensagens e ex-votos a Canindé era corrente por essa época.

⁹¹ Id. Ibidem. 1º de Dezembro de 1955.

⁹² Id. Ibidem. 1º de maio de 1958.

No ano de 1956, Gustavo Barroso escrevia na Revista ‘O Cruzeiro’⁹³ sobre uns barcos pequeninos, mas bem construídos, que de alguma forma chegavam à cidade de Canindé sendo entregues à paróquia de São Francisco. Tratava-se de “uns barquinhos de 50 a 80 cm de comprimento vindos dos mais distantes igarapés da Amazônia pelos afluentes do Rio-Mar, [...] e pelo oceano afora até as praias nordestinas”⁹⁴. Os barcos traziam velas para serem ascetas no altar de São Francisco ou dinheiro para missas, ornamentados com carinho, esmero e criatividade. Eram, nas palavras de Gustavo Barroso, “silenciosos e fiéis mensageiros dos humildes cearenses perdidos na batalha da borracha, dentro das brenhas do inferno verde”.

Em tom de admiração, Gustavo Barroso descrevia o espetacular plano de percurso imaginado pelos devotos para que seus resistentes barquinhos chegassem até o santuário: “sabendo que os ribeiros correm para os rios e os rios correm para o mar, [...] constroem esses barcos os lançam às águas do igarapé ou rio amazonense onde estão vivendo”. Pintavam com letras vistosas o endereço a que os barcos se destinavam: “Para São Francisco das Chagas de Canindé” e escreviam, além disso, letreiros com as seguintes recomendações fundamentais à travessia dos barquinhos: “*Pede-se a pessoa que encontrar este barco na beira fazer o favor de pôr para o meio. Graças alcançadas deste Grande Santo, ou: Quem me encontrar parado me empurre para o meio.*”⁹⁵

A chegada destas correspondências ao seu destino demonstra fé não só de quem envia, mas de quem as encontra e passa adiante com toda consideração. Assim, uma devota, Luisa Barreto, encarregou-se de garantir a chegada de um barco e de sua carga, registrando ainda a graça do remetente do barco e a sua de tê-lo encontrado:

“Lago do Ipixuma: Valor para São Francisco, achado num Barquinho à mercê das águas do Solimões, pela sra. Luísa Barreto, 682,00 cruzeiros e 3m de fitas;”⁹⁶

⁹³ O Cruzeiro, 17 de Novembro de 1956, p. 20-21. “Os barcos de São Francisco de Canindé. A devoção a São Francisco das Chagas em Canindé – O Santo dos Cearenses – As ofertas que vêm do Amazonas – Um fato assombroso e um Brasil que já não é deste tempo”, por Gustavo Barroso.

⁹⁴ Id. Ibidem.

⁹⁵ Id. Ibidem.

⁹⁶ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano XLIX. Graças Alcançadas, 04 de Outubro de 1964.

As publicações das graças no jornalzinho 'O Santuário' eram pagas ou constituíam privilégio de quem tinha assinatura. Mas, em sua condição de devota de São Francisco, D. Luisa não podia se abster dessa missão. Como não se abstiveram, segundo Gustavo Barroso, canoieiros ou pescadores que desencilhavam os barquinhos encontrados fora das correntezas. E depois de um longo percurso pelos igarapés, afluentes, e pelo rio Amazonas, eram lançados ao mar e levados pelas correntes marítimas, ou por alguma embarcação, "às praias de Tutóia, ou Amarração, do Camocim ou do Acaraú". De onde saíam de mãos em mãos, carregados por jangadeiros, comboieiros, motoristas de caminhão, até chegarem a Canindé.

Ali chegando eram levados para a Casa dos Milagres e hoje se encontram expostos no Museu de São Francisco⁹⁷, mantido pela paróquia. Abaixo, alguns dos pequenos barquinhos que venceram a distância e as intempéries marítimas:



Imagem 1⁹⁸

⁹⁷ Criado em 1972 o museu passou a ocupar um prédio que servira de maternidade. E no início, segundo Willeke, o museu destinava-se às "artes populares" realizando-se ali periodicamente exposições de "produtos artísticos de autores como Bibi, Francildo, Lisboa, Da. Lili, Da Benedita, incentivando entre a população o fino gosto pelas artes e estimulando a criatividade dos talentos da própria zona." WILLEKE OFM, Venâncio. Op. Cit. 1973, p. 140.

⁹⁸ Barquinhos de São Francisco. Museu de São Francisco, em Canindé. Apenas estes barcos se encontram no Museu, entretanto, segundo Gustavo Barroso escrevia em 1956, "são às dezenas os barcos dessa espécie que chegam anualmente a Canindé". O Cruzeiro, 17 de Novembro de 1956, p. 20-21.

Imagem 2⁹⁹

Os barcos acima medem em torno de 50 a 80 centímetros de comprimento. Medindo um pouco mais de um metro o maior. Um deles conserva ainda uma placa que veio junto com ele, reproduzida em destaque a seguir, com os seguintes dizeres:

Imagem 3¹⁰⁰

Tão importante quanto agradecer, era atestar diante de todos a graça recebida, o merecimento, portanto, dos benefícios do santo, o pagamento da

⁹⁹ Id. Ibidem.

¹⁰⁰ Placa do Barco São Francisco. (Detalhe do barquinho esquerdo da Imagem 2)

promessa, e a própria identidade. A escrita se destaca complementando e dando um alcance maior ao barco ex-voto. Pois mesmo que o barco não chegasse a seu caminho, São Francisco saberia, na concepção do devoto, que este o havia construído, e o intuito de tornar pública a graça se realizaria, pois, em algum lugar, alguém encontraria a placa e de qualquer forma se saberia da promessa, da piedade do santo, do simples pescador bem-aventurado e do “pescueiro”.

Neste sentido é que se dá, em Canindé, não a chegada de mais um barquinho, mas a notícia, publicada no jornal ‘O Santuário’ (1959), de sua existência e prodigiosa trajetória:

“Deu na praia deste município, um barquinho que foi encontrado bem estragado, contendo porém um vidro com 200 cruzeiros. Como tinha pintado ao lado o nome do glorioso São Francisco de Canindé, certamente, foi promessa de algum devoto da milagrosa imagem... êste achado foi parar na Delegacia de Polícia, entregando-me em seguida, o sr. Delegado, por saber que eu era agente da fôlha de Canindé. O barquinho-miniatura que está assim estragado fico com ele como lembrança, remetendo de minha parte 50 cruzeiros para as obras sociais dessa Basílica. Carlos Camacho Reis – Afuá – Pará”¹⁰¹

De algum modo, os barcos chegavam a seu destino. E se não, pelo menos chegavam as oferendas que traziam como carga. Gustavo Barroso, inclusive destaca em seu texto, “a honestidade da pobre gente que não lhe permite tocar no dinheiro do santo”. E acrescentando sua opinião, conclui: “E, se tocasse, decerto lhe aconteceria grande desgraça”¹⁰². No caso acima, o barco, depois de ter passado por uma delegacia, foi parar nas mãos do Sr. Carlos Camacho, correspondente do Jornal ‘O Santuário’. O barco ficara consigo, porém o dinheiro que continha e mais 50 cruzeiros foram enviados à paróquia de Canindé. Outro ponto muito importante, consumado, a divulgação da graça e do barquinho. O jornal tinha alguns correspondentes, pois tinha uma boa abrangência. Em Maio de 1948, o jornal detinha assinaturas do Ceará, Amazonas, Maranhão, Pará, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e território do Acre. A abrangência do Jornal e o serviço do correio se

¹⁰¹ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano XLIV. Cartas a São Francisco, 15 de abril de 1959.

¹⁰² O Cruzeiro, 17 de Novembro de 1956, p. 20-21.

prestavam tanto ao envio de cartas como de objetos, mas alguns votos exigiam que o trajeto fosse trilhado pessoalmente e com muito sacrifício.

É o caso de muitos devotos que, apesar da distância e das condições financeiras, tinham ou têm que se dirigir pessoalmente ao santuário, para levarem eles mesmos seus ex-votos, parte do voto ou promessa concebidos no ideal do sacrifício da peregrinação. Uma peregrinação que excede a romaria, uma entrega mais profunda, numa forma que exige uma performance mais densa.

Em 1972, pela 1ª vez em Canindé, um devoto chegava levando uma enorme cruz de madeira às costas. Era Zé Paulino, de Cabedelo – Paraíba, que trazia a cruz como pagamento de promessa. Este ato, imitação do sofrimento de Cristo, tem estreita semelhança com outro ato encenado pela primeira vez em 1960, na peça *‘O Pagador de Promessa’*¹⁰³ de Dias Gomes, e logo depois popularizada num filme de mesmo nome lançado em 1962.

O pagador de promessas Zé Paulino fez por merecer este título, pois assim como no filme, certa polêmica se teceu em torno desta saga de reviver o sofrimento de Cristo, e o ato ainda foi repetido mais tarde pelo mesmo Zé em 1982, como noticiou o jornal *‘Diário do Nordeste’*, que, aliás, o comparou com Zé do Burro:

“Romeiro com cruz às costas chega a Canindé.

Ele partiu de Castelo no Piauí em princípios de Julho e somente agora após longa caminhada – 600 Km – chegou à Basílica de Canindé carregando sobre as costas uma cruz de madeira de quase 40 kl. Seu nome: Zé Paulino. É um Zé típico do Nordeste que nos faz lembrar, inevitavelmente, aquele célebre ‘Zé do burro’ de Dias Gomes, da peça e do filme *‘O Pagador de Promessas’*, palma de ouro no festival de Cannes.

Um profissional?

¹⁰³ *O Pagador de Promessas*: peça de Dias Gomes encenada em 1960, no Teatro Brasileiro de Comédia (São Paulo). Em 1962, virou filme, com de Direção de Anselmo Duarte, ganhou o troféu Palma de Ouro, no Festival de Cannes na França no mesmo ano. E foi indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro em 1963. *O Pagador de Promessas* conta a história de Zé do Burro, um homem simples do campo, que fez uma promessa a Santa Bárbara para salvar seu burro da morte, quando este fora atingido por um raio. Com o restabelecimento do animal, Zé do burro começa a cumprir sua promessa, doando metade de seu sítio e partindo rumo a Salvador com uma enorme cruz às costas para adentrar a igreja de Santa Bárbara. Porém, a peregrinação torna-se de fato uma via-crucis com muitos acontecimentos contrários, onde Zé do burro tem que enfrentar resistência do padre diante da consumação de sua promessa, a traição e o abandono por parte de sua própria esposa, as reações dissonantes da multidão que se forma em torno do episódio e a ação da polícia. O que culmina na morte (crucificação alegórica) de Zé do burro. A promessa de Zé é cumprida, mas não em vida. Capoeiristas que se colocaram do seu lado puseram seu corpo sobre a cruz e adentraram a igreja num cortejo fúnebre, diante de todos estupefatos.

Fala mansa, gestos suaves, vai narrando a quem se dispõe a ouvi-lo os percalços da caminhada, sob a curiosidade de todos, o escárnio de alguns e a compaixão de poucos. Para muitos, não passa de um profissional, um tanto esperto que lucra com sua fé, uma vez que esta não é a primeira caminhada do gênero que faz a Canindé carregando sua pesada cruz. Os mais humildes o vêem como um santo, os mais críticos como um maluco de modo que as opiniões se dividem de acordo com o julgamento de cada um. O que não lhe pode negar é a fé, o sacrifício, a mortificação e a semelhança com os demais camponeses nordestinos, que a esta época do ano chegam à Basílica de Canindé, impregnados de misticismo e fé.”¹⁰⁴

Trazendo mais uma cruz¹⁰⁵, o devoto percorre 600 km por mais de dois meses. Obviamente sua chegada foi um episódio no mínimo curioso, atraindo atenção de todos. Tratava-se de uma promessa extremada, ousada até. Até que ponto iria a fé dos romeiros que o observavam? Certamente se perguntavam se teriam coragem de prometer e cumprir algo tão martirizante. Mas as interpretações sobre o episódio, como aponta o trecho acima, foram bastante dissonantes. Por um lado, na interpretação dos mais humildes, o romeiro praticara um ato de extrema humildade, sacrifício e depreciação diante de Deus, por outro, isto é, na opinião dos mais críticos, o romeiro agira com pretensão e até fanatismo ou, na pior das hipóteses, quem sabe até com má fé.

Fato é que nas atribuições destas visões há uma interpretação implícita. Os mais humildes, portanto, não seriam críticos, aceitando ingenuamente todo tipo de misticismo. Neste sentido, a devoção estaria unicamente associada à condição social¹⁰⁶. O que não procede. Apesar de os romeiros serem pobres em sua maioria. Devotos de diferentes classes sociais se deslocam até o santuário em seus carros de passeio, ou dependendo de onde venham, até de avião. Há, não obstante, a idéia de que os romeiros, em

¹⁰⁴ Diário do Nordeste, Fortaleza-Ceará – Sexta-feira, 17 de Setembro de 1982.

¹⁰⁵ As duas cruzes trazidas por Zé Paulino, encontram-se no Museu de São Francisco, onde, além dos objetos mais tradicionalmente chamados de ex-votos, há um grande montante dos mais variados objetos de devoção e até mesmo de uso cotidiano dos romeiros, que insistem em doá-los ao santo (deixando-os no museu) como pagamento de promessa.

¹⁰⁶ No estudo ‘Canindé: a caminhada prometida’ Mário de Souza Martins, associa a devoção a São Francisco à condição do pobre camponês por este “constituir-se maioria entre os romeiros que freqüentam a cidade”. Para o autor a religião “é um elemento da superestrutura e se concretiza nas relações sociais através da fé, elaborada na consciência do homem como produto das relações que estabelece com os outros homens na sociedade.” O estudo focaliza o cotidiano dos camponeses, pois é nele que “reproduzem sua fé e elaboram as resistências contra a opressão”. Essa caracterização de uma resistência popular, como muito já foi discutido, é forjada de forma paradoxal, em que estão diretamente associadas resistência e ingenuidade. MARTINS, Mário de Souza. Op. Cit. 1983.

sua devoção, são como uma criança que, bonitinha, é ao mesmo tempo pura e por consequência ingênua, e deve ser salva ou guiada em sua maneira de crer e se manifestar¹⁰⁷.

Esta manifestação se realiza principalmente na romaria, de forma geral, na peregrinação e vivência do espaço sagrado, começando no esforço do deslocamento. A cavalo, como muitas romarias organizadas até a década de 80¹⁰⁸, de ônibus, nos paus-de-arara, como se dá até hoje mais comumente, ou de automóvel, ou novas formas como a motoromaria¹⁰⁹, ou antigas, como a peregrinação a pé, qualquer que seja sua forma de realização, a romaria constitui-se no próprio caminho para o sagrado. Os devotos não só percorrem um caminho até Canindé, eles se fundam, vivenciam o caminho que é a própria romaria. E quanto mais vezes a realizarem, mais significativa e eficaz ela se torna para elevar esta experiência de viagem dos devotos a uma dimensão transcendental. Onde os devotos buscam, numa peregrinação humana, alívio para as dores terrenas. Peregrinação esta que é para os devotos dor e sacrifício, mas principalmente renovação das forças, e festa da substanciação e reinvenção de seu mundo.

¹⁰⁷ CERTEAU critica a associação “criança e povo” em alguns estudos sobre cultura popular, além de criticar o próprio conceito. Para o autor estas abordagens favorecem a assimilação do povo à criança, uma vez que “tornam mais sintomático tudo aquilo que é *dito* da criança, figura que serve de alegoria daquilo que se *pensa* do povo”. CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas: Papius, 1993, p. 74.

¹⁰⁸ FERNANDES, Rubem César. Op. Cit. 1982.

¹⁰⁹ Romaria em que seus participantes viajam de motocicletas. A ‘tradicional’ motoromaria que sai de Fortaleza para Canindé todos os anos iniciou-se em 1987. Já havendo registros, da participação de seis mil motos numa motoromaria.

1.3. Canindé de Todos os Santos

Com a devoção a São Francisco, a cidade de Canindé tornou-se espaço de entrecruzamento entre este mundo e um outro gênero de existência. Neste sentido, deve-se pensar a pluralidade deste espaço, quanto aos usos e apropriações dos romeiros em sua comunicação com o sagrado: a quem os romeiros buscam e como acreditam encontrar, com quem se comunicam, enfim.

Potencialmente e prioritariamente Canindé é de São Francisco, e lá os romeiros, em geral, buscam se aproximar do santo das Chagas para pedir ou agradecer favores, milagres. Assim, constituiu-se o santuário, fundado em São Francisco. Porém, desde cedo, outros santos fizeram-se presentes no santuário, por meio das preces e veneração dos romeiros, que entendiam que Canindé era o lugar apropriado para o desenvolvimento de múltiplas conexões.

Em 1936, na coluna ‘Graças Alcançadas’¹¹⁰, registravam-se os seguintes agradecimentos:

“São Francisco Uruburetama Barreiras. Maria Exelsia de Araújo alcançou uma graça de Santa Rita e outra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ambas por intercessão de São Francisco e mais 2 que alcançou de São Francisco. Deu 4.000.”¹¹¹

“Caridade (São Bento) Marieta Menezes de Paula agradece ao milagroso São Francisco das Chagas, a Santa Terezinha do menino Jesus e a Santo Antônio 3 graças.”¹¹²

Os devotos acima agradecem a vários santos. E fizeram por onde publicar as graças no *Jornalzinho de São Francisco*. Publicar uma graça no jornal, se não fosse parte do pagamento de uma promessa, era tão considerado como se fosse. Era um ato santificado. Significava o mesmo que

¹¹⁰Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. *Graças Alcançadas*. Nesta coluna, os devotos se expressavam de forma sucinta, muitas vezes, agradecendo por duas ou mais graças de uma só vez. Apesar do pequeno espaço no jornal reservado para este fim, os romeiros atestavam muitos pedidos atendidos, por intercessão de São Francisco, também de outros santos.

¹¹¹ Id. Ibidem., 1º de janeiro de 1936

¹¹² Id. Ibidem., 15 de Janeiro de 1936.

pôr um ex-voto na casa dos milagres. Assim, os devotos entendem que os outros santos são merecedores de empenho e consideração, tanto quanto São Francisco, e na terra dele. Os santos fazem parte do mesmo céu de benfeitores, um tribunal que ouve as súplicas dos pecadores necessitados. A primeira devota conseguiu duas graças, por intercessão de São Francisco. E mais duas do santo. São quatro graças, é muito. A quanto mais gente se pede, mais chances de se conseguir algo. O milagre, difícil de acontecer, parece ser mais fácil em Canindé. Os devotos continuavam, em 1948, no mesmo jornal, rendendo homenagens aos muitos santos da Igreja Católica.

“Bom Sucesso – Amélia Uchoa Lessa, a São Francisco, a Nossa Sra. Do Desterro e a Santa Rita, diversos favores”¹¹³

“Potengi – Maria Mendes (a São Francisco e São Judas Tadeu) Ana Regina M. O. Guedes (a São José, a São Francisco, a São Judas Tadeu e a Virgem Maria) Feliciano Rosal (a São Francisco e a virgem do Perpétuo socorro).”¹¹⁴

Além dos acima mencionados, os santos e santas mais recorrentes são Santa Terezinha, São Lázaro, Santa Luzia, N. Sra. de Fátima, N. Sra. do Carmo, Nossa Senhora das Graças, Frei Marcelino, N. Sra. Da Cabeça e o Menino Jesus. Mas, além destas devoções consagradas pela igreja oficial, os devotos elaboram outras devoções. Há agradecimentos a almas benfeitoras:

“Santa Cruz – Maria da Costa Ribeiro agradece a N. Sra. Do Carmo, a São Francisco, a São Lázaro e a alma do Pe. José Arteiro, diversas graças em favor de sua família. Enviou 3.000”¹¹⁵

“Pacoti_ Hosana Barbosa, a Nossa Senhora das Graças, ao Pe Antonio Pinto e alma de Donaninha Arruda, favores em seu benefício e de sua filhinha, assina este jornal.”¹¹⁶

Outros agradecimentos a outros clérigos têm aparecido constantemente nas publicações de graças, nas décadas de 40, 50 e 60. Há uma lista de nomes de padres, freis, bispos: Pe. José Arteiro, a São Brás bispo Fr. Galvão, Fr. Matias, Fr. Bernardino, Fr. Marcelino, Fr. Galdêncio, Mons. Tabosa, Fr. Aurélio, Bispo Dom Francisco Pinto do Crato, Dom Expedito Lopes, Pe. João Batista Réus, Pe. João Dehon, Dom José Tupinambá, Pe. Aloísio Tavares, Pe. Antonio Pequito, Fr. Fabiano de Cristo.

¹¹³ Id. Ibidem., 1º de janeiro de 1948.

¹¹⁴ Id. Ibidem., 15 de janeiro de 1948.

¹¹⁵ Id. Ibidem., 15 de janeiro de 1936.

¹¹⁶ Id. Ibidem., 1º de Junho de 1948.

A partir de 1948, chamou minha atenção as muitas e muitas alusões a Pe. Antonio Pinto, de Urucânia. Como se vê mais uma vez no jornal 'O Santuário':

"Ipu – Luzia Alves, ao menino Deus, a Virgem do Desterro e ao Pe. Antonio de Ucrânia, 1 favor para sua família"¹¹⁷

"Aratuba_ Maria de Lourdes P. Souza, do íntimo d'alma, 2 favores a São Francisco e também por intermédio da Novena de Nossa Senhora das Graças, de Urucânia, Cr\$ 5,00. Pau-Ferro_ Justina Lopes de Azevedo, a São Francisco, a Nossa Senhora e ao Pe Antônio, a Santa Rita, a melhora de uma doença, Cr\$ 35,00."¹¹⁸

Os devotos agradecem a Pe Antonio e a Nossa Senhora das Graças, ambos de Urucânia. Acontece que N. Sra. Das Graças e a padroeira do lugar, um município do Estado de Minas Gerais, pertencente à arquidiocese de Mariana¹¹⁹, para o qual foi enviado em 1946 o padre Antonio Pinto, após ter trabalhado também em Santo Antonio da Gramma e em Rio Casca, outros município mineiros. Com sua chegada em Urucânia, Pe. Antonio Ribeiro teria começado a operar milagres em virtude de Nossa Senhora das Graças, passando a ser chamado de Taumaturgo de Urucânia. Em 1948, o Jornal 'O Santuário', de Canindé publicava uma entrevista do Arcebispo de Mariana concedida ao jornal 'O Globo':

"[...] V.Excia. Rev.ma. visitou o padre Antônio? Qual a impressão que lhe ficou das curas realizadas com a benção do padre? Sua Excia. Ver.ma respondeu: Conheço o padre Antonio desde de 1924, quando visitei, como bispo diocesano, Santo Antonio da Gramma, de que ele foi zeloso vigário até janeiro deste ano, época em que , por motivo de saúde, pediu licença do vicariato. [...] O padre Antonio é um sacerdote simples e virtuoso. Vai para dez dias estive com ele pois que o sabia doente. Já o encontrei porém, quase bom e repousando das fadigas dos seus últimos esforços em Rio Casca e Urucânia, onde com a Unção de um verdadeiro sacerdote abençoa a milhares de enfermos depois de ter pedido a Nossa Senhora das

¹¹⁷ Id. Ibidem., 1º de fevereiro de 1948

¹¹⁸ Id. Ibidem., 1º de Março de 1948.

¹¹⁹ A arquidiocese se tornara, dentro do contexto brasileiro, a sexta diocese, depois do bispado da Bahia (1555), Rio de Janeiro (1676), Olinda (1676), Maranhão (1677) e Pará (1719). Antes da data inaugural da diocese (2/2/1748), a Província das Minas Gerais devia obediência aos Bispos do Rio de Janeiro. Informações do site: www.arquidiocesedemariana.com.br.

Graças que operasse as curas miraculosas que todos hoje reconhecem”¹²⁰.

O Arcebispo continua exaltando o padre e destaca o principal motivo de ser ele considerado milagroso, afirmando ter testemunhado seu maior e mais notável milagre: “por via das curas obtidas de Nossa Senhora das graças, por intermédio do virtuoso padre Antonio Pinto, 20.000 homens, na Arquidiocese de Mariana receberam pela 1ª vez os sacramentos da Igreja.” Ressalta o Arcebispo que foram mais de 50.000 pessoas “reconciliadas ou ingressadas na Igreja de Cristo. Este é o maior milagre de Nossa Senhora das Graças”¹²¹. O milagre foi da santa, mas por intermédio do virtuoso padre, que servia fielmente à Igreja católica. Em Canindé eram muitos os agradecimentos publicados no jornal da basílica. Ao lado do Taumaturgo de Canindé, padre Antonio Pinto de Minas Gerais, os devotos que lhe rendiam graças eram quase todos daqui do Ceará.

Os devotos continuam agradecendo muitos milagres ao padre Antonio:

“Poço do Angico_ Antônio Cândido dos Santos, a Nossa Senhora das Graças e ao virtuoso Pe Antônio, a sua cura de paralisia, Cr\$ 5,00.”¹²²

Fortaleza_ I.F, do íntimo d’alma, agradece a Nossa Senhora das Graças, ao Pe Antônio ribeiro Pinto, à Virgem de Fátima e aos Santos de sua devoção, muitos favores, Cr\$ 5,00.”¹²³

“ Veados – Maria Daura Ferreira a São Francisco, a São Brás Bispo, a Virgem do perpétuo Socorro, a N. Sra. Das Graças e ao Pe. Antonio milagres em seu favor.”¹²⁴

Em 22 de Julho de 1963, morreu Padre Antônio, este tornou-se seu dia em Urucânia, quando passou a ser realizada a Festa da Medalha Milagrosa em honra à Nossa Senhora das Graças, no período de 18 a 27 de novembro, quando milhares de pessoas passaram a visitar a Santuário onde estão depositados os restos mortais do milagreiro. No Jornal de Canindé, continuam as publicações de graças por intercessão do padre.

Importante ressaltar que até 1958 a coluna ‘Graças Alcançadas’ registrava todos os agradecimentos, porém era tão grande o numero de graças

¹²⁰ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. “Milagre sem par. Cerca de mil pessoas reconciliadas com a religião”. 15 de Fevereiro de 1948.

¹²¹ Id. Ibidem.

¹²² Id. Ibidem., 1º de Junho de 1948.

¹²³ Id. Ibidem., 15 de Junho de 1948

¹²⁴ Id. Ibidem., 15 de janeiro de 1950.

diretamente referidas a outros santos que o editorial resolveu dividir a coluna em duas: 'Graças alcançadas por intercessão de São Francisco' e 'Graças alcançadas por intercessão de diversos santos'. Qualquer agradecimento que não fosse a São Francisco registrava-se nesta última.

Onde se encontram inclusive algumas graças atribuídas ao dirigente principal da Igreja Católica:

“Crato: José Gonçalves da Silva, funcionário público, agradece ao Papa João XXIII \$ 20,00”¹²⁵

Maria Augusta da Paz, Mulungú, à Virgem do perpétuo Socorro e de Fátima, e às almas dos Padres Aloísio Tavares e Antônio Pequito, vários favores, cada com \$ 50,00; [...] ao Papa Pio XII, o milagre de receber notícias do filho Francisco, ausente há 3 anos, \$ 100. Maria Amélia, Fortaleza, 2 graças importantes à Nossa Senhora do Sagrado Coração e ao Papa João XXIII.”¹²⁶

Neste movimento de formação de crenças, a Igreja de certa forma permanece intocada e é até incluída nas devoções eleitas pelo povo¹²⁷. Entre as almas de pessoas boas em vida, ou que tiveram uma morte de mártir, estão os clérigos benfeitores e os dirigentes que segundo os dogmas da Igreja são santos.

Em Canindé, portanto, há oportunidade de se buscar todos os santos, inclusive, porque oficialmente São Francisco é tido como o ‘Santo dos santos’.

O que nos importa a este respeito é percebermos como os romeiros de São Francisco vivenciam sua religiosidade, apropriando-se do espaço sagrado como lhes convém, reelaborando-o continuamente, usando como nexos com toda uma comunidade celestial.

A complexidade desta forma de crer, que ao que parece foi uma constante em Canindé até os tempos atuais, se revela na carta seguinte escrita no ano de 2001:

¹²⁵ Id. Ibidem., 1º de Janeiro de 1964.

¹²⁶ Id. Ibidem., 15 de Janeiro de 1964.

¹²⁷ Sobre esta complexa relação, Régis Lopes Ramos chama atenção: “Podemos, então, pensar em uma negação da Igreja no imaginário desses devotos? Em princípios, não. A Igreja, enquanto guardiã do cristianismo permanece intocável. A crítica, quando existe, se direciona, sobretudo contra membros do clero que não acreditam no poder do Patriarca.” (RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 1998, p. 119). Claro que o autor se referia mais diretamente à questão da perseguição e suspensão de Pe. Cícero e a reação de seus devotos, mas a afirmação é muito profícua para se pensar esta influência crista/católica que referencia mesmo as formações de crenças mais independentes de uma institucionalização oficial.

“Caxias, 24 de 09 de 2001

Meu querido São Francisco é com muito amor e carinho que eu estou lhe escrevendo estas lindas linhas para lhe dizer algumas coisas porque eu não posso lhe falar pessoalmente, este ano não vai dar pra nós irmos a sua casa em canindé. Meu compadre eu lhe peço vários pedidos com a fé que eu tenho no senhor e em Deus será realizado. Peço que ilumine a minha casa dos maus olhares e ladrões, invejosos e candomblér. Dê muita saude para para minhas duas filhas, porque eu não tive ainda outro filho mais já lhe considero como meu compadre. Me perdoe não ir este ano ao canindé, peço mil e uma desculpa que nada de ruim mim aconteça nem comigo nem com minha família. Mais estou lhe mandando uma jóia que estou enviando por minha mãe. E uns marcos de velas para ascender

1 para Santa Betânia (uma jóia),

1 para meu compadre São Francisco (jóia),

1 para minha comadre nossa senhora das Dores jóia

1 para meu padrim Padre Cícero (uma jóia)”¹²⁸ [grifos meus]

A devota demonstra um grande afeto pelo santo. Sua relação é bastante intimista, no entanto, deve se deslocar até o santuário se quiser lhe falar pessoalmente. Pede proteção contra perigos concretos, como ladrões, e mágicos, como mau olhado. Mas pela lógica cristã, quem acredita em Deus não pega mau olhado. Muito menos teme o poder da inveja ou candomblé. Ainda mais se tem como compadre São Francisco e como comadre Nossa Senhora das Dores. Há na carta uma ameaça de que algo ruim aconteça por não ter ido visitar seus compadres, o que indica uma relação quase perigosa. E pra finalizar, a devota ainda aproveita a oportunidade de falar com São Francisco e de enviar-lhe algo, para manifestar sua consideração com outros santos ‘compadres’ seus, enviando-lhes também oferendas, ‘jóias’ e velas.

Outra devota acha que os santos são próximos entre si e podem ‘conversar’:

“Fortaleza 16 de outubro de 98. [...] São Francisco, [...] eu tenho uma história meia triste eu era uma pessoa normal eu enxergava bem de repente eu fiquei com um problema do meu olho direito, eu já fiz uma operação mas não adiantou nada eu não to enxergando nada do meu olho direito, mas o outro olho eu vejo tudo graças a Deus. Eu acredito de milagre e que você pode me ajudar. Peço que você pense com carinho e me dê a visão de novo covesse com Santa Luzia e fale o meu problema a ela, eu já pedi mas não deu certo, que você aí está perto dela e mais fácil você falar com ela eu sei que ela ama todos os tipos de doença de olhos. Eu estou tão

¹²⁸ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 20. Por razões de ética, nas cartas mais atuais optei por omitir os nomes dos missivistas. Datada: 24/09/01.

triste me ajude a ver de novo mando uma foto minha e um Anel terço para você rezar por mim, eu agradeço, eu fico esperando que vocês me ajude a ver de novo. Obrigada por tudo. [assina]”¹²⁹[grifos meus]

A devota explica muito bem seu problema. Sua narrativa comove. Ela joga todas as suas esperanças nessa união entre São Francisco e Santa Luzia, dois santos poderosos. Pede a São Francisco, talvez pela intimidade e costume de fazer-lhe pedidos. Este assunto, porém, é especialidade de Santa Luzia. A devota entende que os santos podem conversar, convencer, interceder uns aos outros por seus protegidos, dependendo do caso, e das ‘especialidades’ de cada um. Além disso, juntos, eles podem mais. Durante toda a carta, a devota pede a São Francisco que interceda por ela, só se arriscando no final, a se referir à santa de forma mais direta: “fico esperando por vocês”.

Como se viu nos anúncios do jornal “O Santuário”, os devotos também mencionam muitas almas benfeitoras, inclusive as mais relacionadas ao martírio e sacrifício, como foi o caso das almas da Batalha de Jenipapo:

“Meu nome é Francisca das Chagas Souza tenho 26 anos moro no lugar alto formoso. Município de Campo Maior. Sofro muito muito com um problema nus dentes. só vivo no dentista mas tenho tenho muita fé nos alma da batalha do Genipapo e em Padri Cecero. são Francisco das Chagas de caninde falei se eu mim curace que deixaria um retrato na casa dos milagres.”¹³⁰ [grifos meus]

Dentre os santos, a devota acredita firmemente nas almas tidas como mártires. A referida batalha ocorreu às margens do riacho Jenipapo no Piauí, em 1823, pela Independência do Brasil e consolidação do território brasileiro. Uniram-se forças do Piauí, Maranhão e Ceará contra as tropas portuguesas que, em maior numero e mais experientes, venceram ocasionando uma sangrenta batalha. A devota manifesta a crença nas almas martirizadas da batalha, na esperança de sanar os martírios da vida cotidiana. E acredita que tanto quanto os santos as almas podem fazê-lo. No altar dos devotos, o espaço é compartilhado por diversos poderes.

¹²⁹ Id. Ibidem, n° 43. Datada: 16/10/98.

¹³⁰ Id. Ibidem., n° 49. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

Duas fotografias que foram coletadas na paróquia de Canindé em 2001 são bem significativas nesse universo religioso habitado por múltiplos benfeitores:



Imagem 4¹³¹



Imagem 5¹³²

Nestas fotografias, representando pedido ou agradecimento, as devotas expõem ao santo e a todos (pois pretendiam expor as fotos quando as deixaram na Casa dos Milagres) suas concepções, suas relações com os vários santos. O traje marrom indica o pagamento de promessas. Fotografadas na sala de casa, em cenários do cotidiano, apresentam seus altares permanentes, feitos em cimento. Apresenta-se aqui uma prática bastante recorrente nos lares dos sertanejos, na própria cidade de Canindé, e em muitas paragens do Nordeste, a de constituir um altar doméstico. Geralmente, e como se pode ver nas fotografias acima, o altar é formado pela disposição de uma mesa de madeira ou em cimento montada na própria parede, onde se destacam algumas imagens em gesso, carinhosamente ornamentadas com flores que não murcham jamais, de plástico ou papel crepom; e de muitas imagens de santos e santas, que estão dispostas na parede até o alto como

¹³¹ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Altar Doméstico* nº 02. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

¹³² Id. Ibidem., nº 04.

um céu de protetores. Um verdadeiro mosaico de sentidos, exemplos de boa vida e boa morte, mistérios e revelações, exaltação e sacrifício. O altar doméstico acolhe, protege e envolve. O dono do altar ou um visitante, devoto, em contato visual com o agrupamento de imagens espalha seu olhar na infinitude simbólica de outra existência.

São tantas personagens e suas histórias fantásticas, gloriosas ou martirizadas, que o devoto se torna pequeno em sua vivência, lembrando sua humilde condição, e ao mesmo tempo grande, com um pouco da força e qualidades de cada santo¹³³. E nestes altares domésticos, para sua eficácia e magnitude, não podem faltar: Nossa Senhora das Graças pronta a atender todas as preces de seus filhos; São Jorge, matando o dragão, para a força contra as dificuldades da vida e superação dos obstáculos; Cosme e Damião, os bons e belos gêmeos cheios de virtude; São Sebastião suportando seu martírio; o bom pai São José; Santa Luzia com seus olhos na bacia; Nossa Senhora do Bom Parto, com Jesus no colo e velando pelos recém nascidos nos bercinhos em torno de si com suas mães a rezar de joelhos; São Francisco, pai dos pobres, e o “Padim” Pe. Cícero.

Na fotografia seguinte, um altar doméstico tendo a imagem de Padre Cícero em evidência:

¹³³ “Na moradia dos sertanejos, o sagrado sempre se faz presente, por meio de uma colorida icnografia que segue as perspectivas estéticas da assim chamada ‘religiosidade popular’ [...] O lugar dos santos cria harmonia e tensão. As reproduções das pinturas ou as estatuetas sagradas exalam uma paz e um equilíbrio ausentes no cotidiano. Nessas ‘representações’, ergue-se a beleza plástica das coisas de Deus, a energia de um eterno poder sobre todo o mundo. Nesse pedaço da casa não há perigo: a ordem se faz presente. O sentido profundo se mostra em figuras de ar bondoso, em protetores que podem atender ao justo pedido do fiel em desespero. [...] Dentro dessa harmonia terapêutica ou ao seu redor, emerge o outro lado da moeda: a profunda tensão de dor e angústia. Isso é bem visível em São Sebastião ou nas imagens de Cristo crucificado. Trata-se do aviso sobre a necessidade de sofrimento para a purgação do espírito. Claro indício do valor dado à penitência, que compõe certa dimensão da religiosidade católica.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. Entre a casa do santo e o santo da casa. In: ODISIO, Agostinho Balmes. *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero* – 1935. Fortaleza, Museu do Ceará, secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p.17.

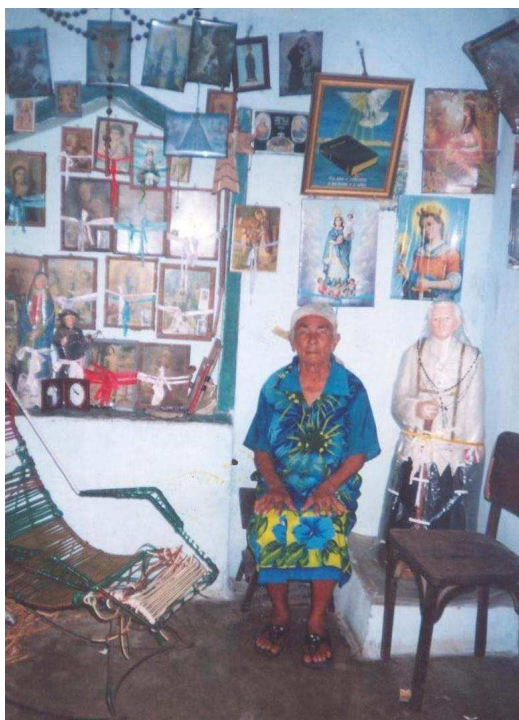


Imagem 6¹³⁴

A devota o deixou em posição de destaque com um pequeno patamar em cimento separado do altar construído para as outras imagens. Sob o céu de imagens, enfeitadas com fitinhas azuis e brancas, e sentada ao lado Padre Cícero do Juazeiro¹³⁵ foi fotografada. A fotografia virou ex-voto de São Francisco de Canindé.

Considerando que o sagrado está, ou melhor, “é” em Canindé, assim como o “é” em Juazeiro, as devotas enviaram suas imagens para a casa de São Francisco querendo manter uma conexão entre este e seus “santos de casa”, consagrando e dando mais significado e poder a seus próprios santuários domésticos.

Nesta conexão entre os santos, a associação entre São Francisco e Pe. Cícero destaca-se nas fontes.

¹³⁴ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Altar Doméstico* nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

¹³⁵ No artigo *Entre a casa do santo e o santo da casa*, Régis Ramos demonstra como “proibido de entrar na Igreja, o protagonista do milagre (Padre Cícero) encontrou caloroso abrigo no santuário doméstico [...]. No depoimento de muitos fiéis de Juazeiro, a imagem do ‘Padrinho’ é a materialização do sagrado, realidade com a qual efetuam pedidos e promessas. Na estátua do Padre Cícero está o ‘Padrinho’ de todos, que recebe respeito, homenagens e orações. A imagem do Padre Cícero não é o Padre Cícero, mas também não deixa de sê-lo. Dialética que – somente aos olhos da fé – desemboca em síntese plausível. Em sua essência, ergue-se uma teofania. Em seu redor emerge um território de segurança e conforto.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 2006, p. 15-16.

Neste caso, os devotos pedem a um santo por intercessão de outro ou reforçam seus pedidos aos dois santos, ou ainda escrevem diretamente a Pe. Cícero e depositam o escrito em Canindé. Numa aparente ‘confusão’ trocam nomes e sentidos escrevendo para “São Francisco de Canindé no Juazeiro do Norte” ou endereçando as cartas a “Canindé de Padim Cícero”.

Devemos considerar estas atribuições simples engano ou má informação dos devotos a respeito da geografia ou das peculiaridades de cada santo? Supomos que não. Devemos sim, lançar um olhar mais apurado sobre este aspecto, uma vez que se apresenta em muitas das fontes observadas não só nas cartas e fotos, mas também nos outros objetos.

O santuário de Canindé vem sendo para os devotos um canal, entre este mundo e um outro, povoado por seres sobrenaturais (santos, anjos e almas)¹³⁶. Neste sentido, o espaço canindeense pode ser considerado um centro de significados, um “meio” que transita entre o Céu e a Terra¹³⁷. Estando em Canindé, os devotos se comunicam com toda comunidade espiritual, santos, santas, companheiros de São Francisco. Suas crenças mais veladas se manifestam neste espaço de entrecruzamento entre este mundo e o outro, e entre aquele espaço sagrado e outros, como o de Juazeiro, como se verá adiante.

¹³⁶ O que tem sido característica específica do catolicismo vivenciado no Brasil desde a colônia, onde, apresentava-se uma religião permeada por um substrato comum à feitiçaria européia, também com fortes elementos africanos e indígenas, a qual prestava-se à resolução de problemas do dia-a-dia, de uma população com procedências variadas e credos diversos, com múltiplas tradições culturais que se entrecruzavam e reelaboravam. MELLO E SOUZA, Laura de. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

¹³⁷ Régis Lopes interpretando a significação do espaço de Juazeiro como “o meio do mundo”, ressalta que o espaço deve ser pensado como inesgotável potência de conexões que faz parte da experiência do ser-no-mundo. Para os devotos de Pe. Cícero Juazeiro é “o centro do mundo e maneira de significá-lo. Mas a fundação da sacralidade de Juazeiro não é a colocação de um centro no espaço e sim a própria constituição do espaço por meio das vivências que fazem o centro”. RAMOS, Francisco Régis Lopes O Sangue da Terra: tramas do sagrado no espaço de Juazeiro. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Argos, 2001.

CAPÍTULO 2: Os Sentidos do Merecimento

2.1. “Padim” Pe. Cícero na terra de São Francisco

Numa apropriação peculiar do espaço de Canindé, os devotos estabelecem múltiplas conexões com o sagrado. Os devotos comunicam-se mais diretamente com São Francisco e também com outros santos. Enfim, sentem mais próximos da divindade e de seus agentes. Dentre os santos buscados pelos devotos em suas cartas depositadas ou enviadas a Canindé, destaca-se Padre Cícero, como vizinho que é de São Francisco. Esta relação é dada não apenas pela localização geográfica dos santuários, mas por uma aproximação construída pelos devotos a partir de suas visões de mundo e conseqüentes atribuições identitárias a ambos os santos.

É importante considerar que muitas romarias a Canindé fazem parte de um projeto maior, onde se insere a visita a Juazeiro do Norte¹³⁸, em romaria ao

¹³⁸ Apesar do nome, a cidade de Juazeiro do Norte está situada bem ao sul do estado do Ceará, quase na divisa com Pernambuco. Tratava-se de uma fazenda chamada Taboleiro Grande (município do Crato), onde conta-se que havia três grandes juazeiros, e onde fôra erguida uma Capela a Nossa Senhora das Dores em 1827. Tornou-se emancipada em 1911, recebendo a atual denominação em 1943. Graças à ação política de Padre Cícero e à devoção que se desenvolveu em torno dele, Juazeiro cresceu e se desenvolveu economicamente superando a cidade do Crato. Com uma população aproximada de 250 mil habitantes, estima-se que a cidade chegue a receber mais de dois milhões de romeiros por ano, tem-se a mesma estimativa para Canindé. Mas uma conta mais séria e menos propagandista deve situar os números na casa de 1 milhão. Aproximadamente 445 quilômetros separam Juazeiro do Norte da cidade de Canindé.

Padre Cícero. ‘Um pacote de viagem’, um ‘tour’, onde um dos dois santuários será o primeiro a ser visitado dependendo da trajetória, ou dos planos de participar do calendário de festejos dos santuários¹³⁹. Neste sentido, vale a pena ressaltar, mais uma vez, sem se deter na discussão, como essa viagem, ainda mais se tratando de uma dupla romaria, constitui-se num misto eufórico de lazer e sacrifício. Sacrifício de angariar meios para as provisões da viagem, de enfrentar quilômetros sentados em desconfortáveis tábuas de madeira que servem como acentos nos caminhões, e distâncias que obrigam a pernoitar dormindo no chão ou nas carrocerias dos caminhões, além dos sacrifícios vivenciados no santuário, no pagamento de outras promessas, nas vias-sacras, novenas e procissões com o andor do santo. Lazer de sair de sua terra numa grande aventura a desbravar os sertões, encontrar diferentes paisagens, viajar em grupo, numa grande comunidade, e na heterogeneidade da romaria, vivenciar afetos e desafetos; conhecer ou revisitar os santuários, que são cidades fervilhando com os atrativos de seus melhores tempos, os tempos de festa, muito movimento, feiras de produtos variados, muitos bares e festas de forró, com as atrações mais badaladas do momento.

Mas os devotos não só visitam os santuários fazendo romaria. Também podem, numa cadeia de significados, estabelecer contato com um lugar por meio de outro: comunicar-se com o santo de Juazeiro estando em Canindé.

Esta manifestação dos romeiros referente à Padre Cícero em Canindé data de muito tempo. Nos anos de 1948 e 1950, dois devotos publicaram no jornal de São Francisco, ‘O Santuário’, os favores obtidos por intercessão também de Padre Cícero:

“Pereiro_ José Carlos do Nascimento, a São Francisco e ao Pe Cícero, 1 milagre, Cr\$ 5,00.”¹⁴⁰

Potengi_ Maria Inês de Jesus, a São Francisco, a Nossa Senhora das Graças e ao Pe. Cícero, 2 favores, Cr\$ 5,00”¹⁴¹.

¹³⁹ Ao contrário de Canindé que celebra a Festa de São Francisco entre setembro e outubro os festejos do santo de Juazeiro não se concentram num novenário. O calendário é bastante amplo, sendo maior a romaria em quatro principais ocasiões: *24 de março* (data de nascimento de Padre Cícero); *20 de julho* (seu falecimento); primeira quinzena de setembro (Festa da Padroeira Nossa Senhora das Dores); e *2 de novembro* (Dia dos Finados).

¹⁴⁰ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Graças alcançadas, 15 de Junho de 1948.

¹⁴¹ Id. Ibidem., 15 de maio de 1950.

Passados quatorze anos após a morte do Padre Cícero Romão Batista, o devoto José Carlos divulgava seu nome como um santo que ao lado de São Francisco lhe rendera um milagre. E dois anos depois também a devota Maria Inês se refere ao padre como seu benfeitor.

As romarias para o então pequeno povoado de Juazeiro haviam começado há pouco tempo, no ano de 1889, com o grande marco do milagre da hóstia que se transformara em sangue na boca de uma beata durante a comunhão ministrada por Pe Cícero¹⁴². Desde então a cidade de Juazeiro do Norte vem sendo para os que acreditam nos poderes do Padim o lugar sagrado escolhido por Deus para redimir os pecados e diminuir os sofrimentos da vida humana. O milagre foi contado e recontado. Sertanejos se fizeram peregrinos em busca das ajudas do “Padim” durante sua vida e perenemente após sua morte¹⁴³.

O estabelecimento do santo de Assis em Canindé também foi narrado. Ali também o extraordinário esteve presente, validando e significando o espaço, configurando um repertório de acontecimentos fantásticos e por isso mesmo fundantes e necessários a uma inteligibilidade da condição humana na concepção dos devotos. Entretanto, esta religiosidade em Canindé obteve da Igreja uma reação diferente da reação desta quanto às manifestações em

¹⁴² “Em março de 1889, acontecia, pela primeira vez em público, o ‘Milagre de Juazeiro’. A hóstia transmutava-se em sangue quando a beata Maria Madalena do Espírito Santo de Araújo (1863-1914) recebia a comunhão da missa celebrada pelo Pe. Cícero. Além desse, outros fatos extraordinários marcavam presença no pequeno povoado do Cariri: colóquios da beata com Jesus, sangramento de crucifixos e êxtases. Daí, surgiu um forte movimento religioso: as romarias de Juazeiro. A partir de então, os sertanejos começaram a alimentar crenças sobre o poder miraculoso do Pe. Cícero, criando rituais e narrativas em torno das forças do Além que aliviam os sofrimentos do viver. Enquanto isso, Pe. Cícero transformava-se em um poderoso dono de terras que possuía grande prestígio nos jogos da política local. Foi o primeiro prefeito de Juazeiro (em 1911), influenciou o resultado de eleições e ajudou a promover o desenvolvimento comercial e agrícola da cidade.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998, p. 11.

¹⁴³ “As primeiras narrativas das beatas e do Padre Cícero falavam em milagres a partir de outras histórias que estavam na Bíblia ou nas vidas dos santos, transmitidas por tradições orais e escritas. Já familiarizadas com o ato de contar e de ouvir graças alcançadas e a prodigiosa biografia de homens e mulheres escolhidos por Deus, os devotos espalhados pelos sertões receberam as notícias sobre o “milagre de Juazeiro” como um acontecimento extraordinário, porém inseridas em perspectiva coerente e plausível. Assumindo a condição de devotos do Padre Cícero, homens e mulheres passaram a dar ressonância aos prodigiosos de Juazeiro na medida em que também sentiram-se partícipes do movimento, protagonizando narrativas de promessas e dádivas recebidas. As crenças geravam histórias, assim como as histórias geravam crenças. Antes de ser explicado, Juazeiro foi narrado.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Sangue da Terra: tramas do sagrado no espaço de Juazeiro*. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Argos, 2001, p.29-78.

Juazeiro. Afinal, São Francisco, ao contrário de Padre Cícero e mais ainda da beata Maria de Araújo, apesar de manter uma relação delicada e meio estremecida com a Igreja de sua época, foi exaltado pela mesma. Visto que seu movimento rendeu uma inesperada renovação de ânimos atraindo fiéis para a vida religiosa de forma mais comprometedora, por meio da Regra de frades menores, ou possibilitando um vínculo mais livre, através da Ordem Terceira¹⁴⁴. Tendo sido desta forma canonizado (1228) apenas dois anos após sua morte.

Quanto aos os acontecimentos e narrativas de 1889 em Juazeiro, a Igreja de imediato posicionou-se contrária. O Bispo D. Joaquim pautado na burocracia canônica interpretou a falta de uma comunicação oficial por parte de Padre Cícero como quebra do voto de obediência, e determinou providências, que não foram cumpridas, para sanar a “onda de fanatismo”. Passou a perseguir Padre Cícero, que, depois de duas intimações do Bispo, viajou a Fortaleza para responder inquérito sobre os acontecimentos. D. Joaquim foi peremptório ao anunciar, falando em nome da Igreja, que os acontecimentos com a Beata Maria de Araújo não poderiam constituir um milagre, pois iam de encontro aos ensinamentos da teologia católica. E depois de conturbadas conclusões de duas comissões de inquérito enviadas a Juazeiro, e do relatório resultante enviado por D. Joaquim, a Congregação do Santo Ofício, em 1894, inferiu a não existência do milagre, e em 1896, diante das crescentes romarias que ignoravam as determinações canônicas, suspendeu de vez as ordens de Padre Cícero. As romarias a Juazeiro continuavam crescendo, apesar das proibições e de toda uma intervenção da Igreja em Juazeiro.

Enquanto isso, o culto a São Francisco em Canindé era benquisto pela Igreja, merecendo particular benevolência e como ressaltou um de seus representantes, “justamente a presença da hierarquia eclesiástica às devoções populares patenteia aos peregrinos o alto conceito de que a romaria desfrutava não só entre os leigos mas igualmente entre o clero”¹⁴⁵. Sintomático que um ano após a suspensão de Padre Cícero, o Bispo D. Joaquim volte-se para

¹⁴⁴ O que supriu as necessidades da Igreja quanto ao direcionamento de um fenômeno que, segundo Le Goff, começava a se desenvolver na virada do século XII para o século XIII, a ascensão dos leigos. LE GOFF, Jacques. *São Francisco das Chagas de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁴⁵ WILLEKE OFM, Venâncio. *São Francisco das Chagas de Canindé: resumo histórico*. 2ª edição. Instituto Histórico e geográfico Brasileiro. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 1973, p.67.

Canindé no intuito de evitar que este rebanho também incorra no pecado da insubordinação aos superiores. Pois, passou a estabelecer regras, em 1897, para a Confraria de São Francisco, responsável pelos trabalhos e os bens da paróquia. Um ano depois destituiu a referida irmandade, afastando os leigos da administração e providenciando a chegada da primeira comunidade eclesial de Canindé, os Frades Capuchinhos. Enquanto Juazeiro crescia sob ferrenha perseguição, o santuário canindeense era constantemente agraciado por indulgências plenárias¹⁴⁶ concedidas pela Igreja. Embora o processo de formação do culto em Canindé se dê a vários outros fatores, deve-se ressaltar que a Igreja manteve um controle e direcionamentos no que tange à organização e manutenção do culto.

Apesar das proibições em Juazeiro, e das normatizações e direcionamentos canônicos em Canindé, os romeiros, em ambos os casos, encontraram formas de vivenciar, narrar e concretizar suas crenças.

Em Canindé, junto com a prática de depositar ex-votos como pagamento de promessas e publicar graças no jornal da paróquia, os devotos passaram a escrever diretamente para o santo. Prática também recorrente em Juazeiro. Todos os dias Pe. Cícero recebia muitas cartas dos devotos, que escreviam pedindo-lhe conselhos, direcionamentos, profecias e até intervenções no porvir¹⁴⁷. Prática que continuou mesmo depois de sua morte, em 1934, como as romarias, que não pararam de crescer.

¹⁴⁶ Em 1917, centenário da paróquia de São Francisco, o então arcebispo D. Manuel da Silva Gomes, na sagração do templo, concedeu para sempre uma indulgência de cem dias a todos que a 2 de outubro visitassem o santuário e rezassem na intenção do Papa. Já em 1919, Bento XV concedeu indulgência plenária aos romeiros que “devidamente confessados e comungados” fizessem o mesmo. Em 1926, 7º centenário da morte de São Francisco, o santuário recebeu mais uma indulgência plenária, e a distinção de Basilica Menor, equiparando-se às Igrejas de Roma. Id. Ibidem., p.67-70.

¹⁴⁷ Sobre este aspecto informa e interpreta RAMOS: “Conforme o depoimento de antigos moradores de Juazeiro, sabe-se que o Pe. Cícero não ficava passivo diante dos pedidos dos romeiros: costumava escrever respostas. Contudo, seus secretários ficavam, também, com a tarefa de redigir as correspondências. Nesses casos, o Pe Cícero apenas assinava. Além disso, sempre dava conselhos para os peregrinos que chegavam a Juazeiro, em curtas pregações à janela de sua casa ou em rápidas conversas com um determinado peregrino. Certamente, as notícias sobre essas cartas e essas pregações do padrinho circulavam em muitas partes do Sertão e, dessa forma, alimentavam a confiança do devoto que estava esperando uma correspondência de Juazeiro, dando motivos para uma repetição do pedido. O conhecimento sobre as cartas enviadas pelo Patriarca e suas pregações na ‘Terra da mãe de Deus’ foi, certamente, um dos nutrientes para a fé do romeiro.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 1998, p. 24.

Nas cartas para São Francisco não é raro encontrar preces a Padre Cícero. Em Canindé, os devotos escrevem para os dois santos. É como se o espaço de Canindé participasse de Juazeiro no plano do sagrado, como se os dois santuários comungassem a mesma dimensão. De forma que bem próximos de Deus e Nossa Senhora, ou abaixo deles, estão os dois santos a quem os devotos recorrem, como foi o caso desta devota, numa carta escrita em 2001:

“Meu Jesus em primeiro de tudo te peço Jesus Cristo tende de piedade de mim me ajude também ajude minha família principalmente meu sobrinho [nome] ele precisa de ser curado do estomago e de espírito. Senhor dê fé, e também peço a intercessão as graças de suas misericórdia são Francisco de Canindé e Padre Cícero Romero peço as intercessões implorar ao nosso pai celestial a oportunidade do [nome] ganhar 1 casa para ele com a esposa e os filhos. Obrigado santos, santos dos santos. [nome] Maranhão 18/9/01.”¹⁴⁸

Os dois santos aparecem como intercessores de uma força maior. Advogados dos devotos, os santos devem resolver os problemas. A devota implora para que os santos implorem. O milagre da casa própria requer a autoridade de dois santos “grandes”. Na concepção dos romeiros, Padre Cícero figura ao lado de São Francisco, bem próximos ao pai celestial, acima dos outros santos. Pois são, na concepção da devota, os santos dos santos, o que pode indicar uma preponderância em relação a poderes, santificação, ou prestígio na corte celeste. Afinal, os devotos entendem que cada santo tem sua especialidade, mas São Francisco e Padre Cícero resolvem de tudo e estão mais próximos. Um por ter vivido cá no Ceará, o outro por ter se avizinado e ‘escolhido’ o Sertão. De forma que, para os devotos, os dois santos se completam nos trabalhos, nas resoluções de problemas, como também indicam estes escritos:

“Meu senhor são Francisco mim live de todo mau e de toda doença que tive no meu corpo e no meu ovido para melhora com milargo de meu pardinho cícero para melhora e também eu pedi para são francisco de muita saúde a minha família e a nós todo.”¹⁴⁹

¹⁴⁸ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 18. Por razões de ética, nas cartas mais atuais optei por omitir os nomes dos missivistas. Datada: 18/09/2001.

¹⁴⁹ Id. Ibidem., nº 122. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

“Meu Deus, meu glorioso São Francisco segure o meu matrimônio em vossas mãos: [nomes completos da devota e do marido]”.

[Em outro pedaço de papel idêntico, a devota escreveu:]

“Meu Deus, meu glorioso Padre Cícero segure o meu matrimônio em vossas mãos: [nomes completos da devota e do marido].”¹⁵⁰ [grifos meus]

São Francisco vai livrar dos males com milagre de Padre Cícero. Mais uma vez os dois santos foram associados para realizar milagres. Na segunda carta, ou melhor, bilhetes, o devoto fez questão de escrever a mesma prece, igualzinha, em papéis separados, destinados um a cada santo, porém depositadas no mesmo cofre, de São Francisco. Esta unificação se dá também para se manter o vínculo com os dois. Neste caso, os devotos não pretendiam fazer uma escolha por um por ou por outro. Tanto que, estando na terra de um, não esqueceram do outro. Assim mantêm-se a boa relação com os dois. Além disso, quanto mais proteção, melhor. E os santos juntos são mais fortes.

Sob as mesmas preocupações, com assuntos de amor e casamento, outra devota pede aos dois santos:

[nomes de um casal] crie juízo meu São Francisco e Padri cícero Faça com que eles se unem e não si separem mas que os unem para sempre.

[nomes de outro casal] faça que eles se ajeitem e não se separem mas eu [nome] peço a vocês meu São Francisco das Chagas e Padri cícero faça com que eles criem juízo.¹⁵¹

Padre Cícero, quando vivo, recebia muitas cartas pedindo conselhos sobre este assunto. Pediam a opinião do padre quanto a casar ou não, se o (a) pretendente era digno(a) ou não, se o casamento seria duradouro, enfim os devotos esperavam o aval do santo padre, como bem interpretou RAMOS a partir da carta de Ermelinda Conceição escrita para Pe. Cícero em 1910 que dizia: “[...] Meu padrinho, mande-me dizer se eu caso com este. [...] Meu Padrinho me desculpe estas asneira que mando-lhe perguntar, porque se o senhor mandar dizer se eu não caso com ele eu deixo logo.[...]”¹⁵². Nestes casos, esperava-se claramente uma orientação espiritual, divinatória, visto que Pe. Cícero não tinha experiências no assunto. Mesmo que conhecesse a índole

¹⁵⁰ Id. Ibidem., nº 44.

¹⁵¹ Id. Ibiem., nº 23.

¹⁵² RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 1998, p. 18.

dos envolvidos, não poderia saber das possibilidades futuras a não ser que adivinhasse, e era o que se esperava. Na carta aos dois santos, a devota depõe a mesma confiança, pedindo a intervenção sobre os pensamentos e sentimentos dos casais para que se mantenham unidos. Como se verá no terceiro capítulo, o leque de pedidos, assim como o era para Pe Cícero, é bastante variado. Com algumas novidades nas temáticas e nas formas de pedir, obviamente¹⁵³.

Nas seguintes cartas os devotos se comunicam com o santo, que está ausente:

“Saudade do meu Padrim Padre Cícero do Juazeiro Meu Padrim vivendo com estas saudade do meu Padrim Padre Cícero do Juazeiro com estas venho a li pedi uma ajuda fico muito agradecido [nome] o que eu recebe todo agradoço muito obrigado” [No verso: receita de bolo, em baixo:] “Eu vou para Canindé: 19/09/2001”¹⁵⁴

“27/09/2001

Peço, a meu padre cécerio do juazeiro. Uma benção para toda minha família. Muita saúde , e paz a todos [nomes completos de nove pessoas]”¹⁵⁵

Os romeiros depositaram seus escritos em Canindé. No primeiro bilhete reproduzido, o devoto manifesta uma grande saudade do santo de Juazeiro e lhe pede ajudas, mas assim como a pessoa do outro bilhete, entende que Padre Cícero não é de Canindé e não está em Canindé, embora ali possa ser contatado. Este pensamento está nos moldes tradicionais que vinculam um santo a seu lugar de devoção, sua casa, seu santuário, onde seu poder sagrado se manifestou pela primeira vez fincando raízes. Esta consciência é mais que geográfica, trata-se de uma organização do cosmo, um

¹⁵³ RAMOS quando abordava as cartas escritas para Pe. Cícero durante sua vida, apontou a necessidade de se desenvolver uma reflexão sobre as cartas que continuaram sendo enviadas ao padre Cícero após sua morte em 1934. Comparando as cartas, na época “recentes”, com as estudadas em sua pesquisa infere: “Percebe-se que as formas pelas quais os devotos escreviam e ainda escrevem são, em certa medida, semelhantes. Por outro lado, um estudo mais aprofundado sobre essas cartas mais recentes poderá vislumbrar questões específicas, como o aparecimento de novos problemas na vida do romeiro, a idéia de continuidade da vida do Pe. Cícero depois de 1934, as (re)elaborações nas maneiras de crer, as influências das religiosidades que se (re)fazem sob a égide do protestantismo ou do espiritismo, bem como alterações nos costumes. Fica claro, portanto, que as afirmações do presente trabalho sobre o imaginário dos devotos são indícios de uma experiência religiosa feita de mudanças e permanências.” Id. Ibidem., p. 25.

¹⁵⁴ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 42. Por razões de ética, nas cartas mais atuais optei por omitir os nomes dos missivistas. Datada: 19/09/2001.

¹⁵⁵ Id. Ibidem., nº 51. Datada: 27/09/2001.

cosmo com vários centros que permitem a comunicação com o sagrado. No caso da próxima carta, encontramos outra dimensão bastante interessante:

“Caxias 13/09/2001

Meu c senhor São Francisco das chagas do Canindé peso [...] que meu marido deixe de beber acabar esta violência no próximo ano eu vou pra ir pagar minha promessa [...] Então peço todos que tem milagres peço também a nossa senhora de Fátima a padrin cícero do Juazeiro do Canindé que me ajude também a arebater esta bebida [...] agradeço a São francisco do canindé a Padrim Cícero do Caninder.”¹⁵⁶

Aqui Padre Cícero do Juazeiro é diretamente associado a Canindé. Pode-se pensar que se trata de um erro da devota. Ela pode ter confundido as cidades na hora de escrever, talvez um lapso de memória, mas fez questão de frisar “São francisco do canindé e Padrim Cícero do Caninder”. Como não foi a única a fazer isso, é possível que conheça muito bem os dois santos e as duas cidades, por isso mesmo lida com eles como lhes convém. Dirige-se aos santos, independente de onde esteja, dependendo do tamanho de sua fé, ou de sua amizade para com eles. Nessa desarrumação dos altares, a devota transfere o sentido de centro, lugar específico de cada santo, para si própria. Transcende a relação do espaço geográfico simbolicamente construído para um santo, ou a limitação do santo ao espaço de seu santuário.

É neste sentido que muitos devotos, estando em Canindé, escrevem diretamente e especificamente para Pe. Cícero. São Francisco, como bom vizinho e anfitrião, deve compartilhar sua casa e entregar as correspondências ao visitante. Nesta lógica, uma devota dirigiu a Pe. Cícero a seguinte carta:

“Meu senhor padre Cícero. Sou uma pessoa que tenho muitos sonhos. Padre Cícero ilumine meus caminhos, faça com que o emprego que a [nome] falou pra mim der certo, meu Senhor padre eu queria tanto ter minha casa para eu poder criar meus filhos em paz

Mais com os poderes do meu senhor Jesus Cristo e com a força do meu padre cícero eu vou conseguir o meu emprego.

Afastai todas as amizades ruins dos meus filhos, faça com eles sejam pessoas de caráter.

Meu padre Cícero me ajude por favor

Aceite minha benção e abençoe meus filhos e der muita saúde. [Nomes completos de sete pessoas]”¹⁵⁷

¹⁵⁶ Id. Ibidem, nº 57. Datada: 13/09/2001.

¹⁵⁷ Id. Ibidem, nº 46. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

A devota inicia se dirigindo diretamente a Pe. Cícero sem intermediação de São Francisco. Numa linguagem direta, expõe seus pedidos para o santo que não está sendo visitado no momento, pelo menos não o seu santuário. A devota pode ter escrito uma outra carta só para São Francisco, mas pode ser que não. O fato é que neste caso não associou um santo ao outro e sim ao espaço.

O devoto que escreveu a carta abaixo, pareceu enviá-la direto a Juazeiro, por meio de Canindé:

“De: [nome completo do devoto] Para: Meu padrinho pe. Cícero e Minha Mãe das Dôres.

Nesta oportunidade chego até vos para pedir, para mim minha esposa e todos os casais de família, meios de sobrevivência e que todos nós nos entendemos. Pai abençoa nossa viagem para que nós possamos ir e voltar na santa paz de Deus. Este é o pedido de: [nome completo novamente e nome completo de uma mulher]”¹⁵⁸

O devoto parece mesmo estar em Juazeiro, pois lá, oficialmente a padroeira é Nossa Senhora das Dores. E quando tudo aconteceu, o milagre, as perseguições da Igreja, Padre Cícero procurou acalmar os ânimos desviando a atenção de si e afirmando que as romarias se davam em virtude dos milagres realizados pela “Mãe das Dores”. Desta forma, este devoto se volta para os dois protetores de Juazeiro, como que se colocando sob proteção de um pai e uma mãe celestiais. Só não houve espaço para São Francisco neste colóquio. O devoto pede benção sobre sua viagem, romaria a Canindé e quem sabe sua continuidade passando por Juazeiro do Norte. Padre Cícero está onde está a fé e a vontade do devoto. E esta fé permite muitas coisas, no entendimento do devoto, inclusive fazer alguns pedidos meio ousados pela temática meio descabida, numa concepção oficial, como o fez a seguinte avó:

“Zé Ferreira 24 de agosto de 2001

Meu padrinho escrevo para o senhor so para pede saúde felicidade pais. Mim e minha família, em primeiro lugar minha beça [benção] ao senhor meu padrinho eu mando lembrança para meu padrinho meu padrinho eu mando dize que eu vivo doede quero que voz mi de saúde para mim e minha família meu padrinho eu estou cazi cega eu reso para o senhor todos dia e faso promessa com o senhor e toda a minha promessa san valida graças Deus.

Si meu Padrinho Cícero eu estou com um neto que gosta muito de jogo e faze promessa com o senhor para os time dele seja

¹⁵⁸ Id. Ibidem., nº 60.

campeões eu pesso a Deus e senhor para valer as promessas dele que eu reso todo dia todos jogo que pros ano ele vai mandar dinheiro de uma caza de arroz para dar saúde a ele e os times dele ganhar e eu pesso a meu padrinho para o corinthians ser capeão Brasileiro 2001 com fé em Deus e meu padrinho para o ano eu vou fazer outra carta para o senhor mando deze agradeze pelos títulos do times dele Fluminense seja campeão carioca cruzeiro campeão mineiro e pro treinador do corinthians copre grande jogador e internacional também copre do cruzeiro tobem do fluminense também meu padrinho porque internacional está com 23 anos que é campeão brasileiro mais este ano vai ser com fé em Deus, e meu padrinho cícero

Assina: [nome da missivista], Zé Ferreiro cidade Jardim mulato si meu Padrinho cícero que dí um rapaz que da um ataque mais eu viza um promessa com meu padrinho. [nas barras laterais da folha]: eu para ele não dar mais.

[na outra lateral] Tem um rapaz que bebe cachaça pesso que tire se cachaça dele.”¹⁵⁹

Nesta longa carta, uma longa conversa em prol de outrem. O padrinho há de compreender e ajudar. A devota toca em assuntos de saúde, sobre sua visão, mas o assunto mais desenvolvido é futebol. A devota o faz pelo neto. A avó reforça as promessas do neto e lista todos os times, títulos e passes que devem se realizar. Ela parece entender bastante de futebol, a não ser que o neto a tenha ajudado nos detalhes na hora de elaborar o escrito, ou que ele próprio o tenha feito, com a avó do lado a avalizar a prece.

Não são poucos os bilhetes para Pe. Cícero deixados no cofre de São Francisco e na Casa dos Milagres em Canindé. Alguns muito sucintos, apenas como lembretes, de passagem, como os abaixo:

“Padre Cícero ajude que meu irmão fique bom. Vote um corpo dele. Padre Cícero ajunda que meus filhos fique bom se composte. Com gente. (nome) e eu também.”¹⁶⁰

“Meu senhor padre cícero lhe peço que olhe por minha criança lhe proteja de todo mal. E lhe cure dessa gripe [...]”¹⁶¹

O espaço de São Francisco funciona, para estes devotos, como uma passagem, um portal de comunicação também com Juazeiro. Tanto concretamente, quando passam pelas duas cidades em romaria, quanto simbólica e subjetivamente quando não é possível a ida a Juazeiro e as cartas a Padre Cícero são enviadas por ali mesmo, pelo “correio de São Francisco”.

¹⁵⁹ Id. Ibidem., nº 116. Datada: 24/08/2001.

¹⁶⁰ Id. Ibidem., nº 26. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

¹⁶¹ Id. Ibidem., nº 38.

As cartas são escritas: este é um poder, o poder de materializar a prece, a oração, o voto. Ao fazê-lo, o devoto sabe que a entrega desta correspondência se dá na dimensão do sobrenatural. Os santos vão receber de um jeito ou de outro, se já não a tiverem captado no momento próprio da escrita.

Além de cartas, os romeiros também demonstram esta associação entre os santos e os espaços através de fotografias, ou melhor, de ex-votos. Assim como escrevem para Pe. Cícero estando na terra de São Francisco, realizam o inverso, produzindo retratos votivos em Juazeiro para os depositarem na Basílica de Canindé:

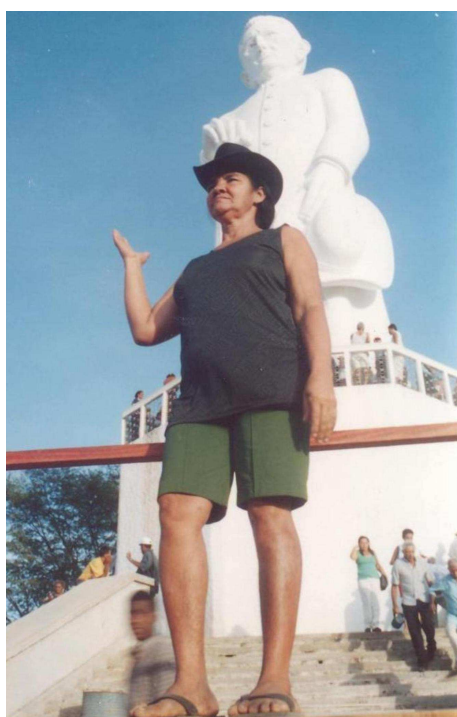


Imagem 1¹⁶²



Imagem 2¹⁶³

Aí não se apresenta uma simples imagem. Trata-se de uma benção ritualizada na fotografia. Padre Cícero ao fundo repousa sua mão sobre as cabeças das protegidas. Ao mesmo tempo em que estas buscam sua proteção e se entregam à séria reciprocidade de um voto. Mas estes retratos votivos foram duplamente significados como ex-votos, uma vez que compuseram novamente esta função sendo postos na casa dos Milagres em Canindé. Pois fazendo isto, as devotas também buscavam ou agradeciam algo. Elas, desta

¹⁶² Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Padre Cícero* nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

¹⁶³ Id. Ibidem., nº 02.

forma, colocaram-se sob as bênçãos de Pe. Cícero e de São Francisco. Um santo referenda o outro.

Os devotos vivenciam sua fé com certa liberdade, caracterizando estes dois santos de maneira semelhante. Para os devotos, o santo de Assis pode ser um caloroso padrinho nos sertões e Pe. Cícero, tão poderoso, ou mais, do que São Francisco, a despeito da Igreja. Os dois santos podem ter as mesmas reações de punição diante da falta de respeito e de fé de seus afilhados. Mas pode-se preferir um a outro e com certa liberdade de escolha, pois são parceiros entre si e podem compartilhar os devotos e os espaços.

Esta prática de escrever a um santo nas terras de outro demonstra esta flexibilidade desenvolvida pelos devotos em suas formas de crer e se relacionar com seus protetores.

2.2. Argumentação dos Devotos

Os agradecimentos publicados no Jornal O Santuário de São Francisco¹⁶⁴, desde 1915, indicam resolução de muitos e muitos pedidos. Assim como as cartas também mais tarde publicadas no mesmo jornal. Aqui tratarei deste diálogo que se materializa na escrita. Um diálogo prenehe de fé, razões e merecimentos, desenvolvido com cuidados e artimanhas, onde os meios justificam os fins. Neste caso, a interpretação recairá sobre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004, pois ao contrário das publicadas no jornal, na década de 60, por exemplo, não foram selecionadas de acordo com normas oficiais, nem limpas de qualquer ‘excesso’.

Os devotos pedem, pedem e pedem a São Francisco e a outros santos. Não aceitam a realidade inóspita e recorrem a quem tem o poder de transformá-la ou de lhes dar forças para fazê-lo. E crendo que os santos ‘podem’, constroem argumentos para convencê-los. Sim, porque o pedido não se resume a um pedido somente¹⁶⁵. É um diálogo. Um devoto tem seus meios, deve ter seus merecimentos. Pleitear um milagre torna-se quase uma prestação de contas de suas vidas. Os devotos, então, elevam suas preces aos Céus e, além disso, deitam-nas nos santuários terrenos, transcritas em pedaços de papel, guardanapos, folhas de agendas, bulas e receituários de remédios. Suas súplicas, por vezes desesperadas, apresentam-se de várias

¹⁶⁴ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Criado em 1915.

¹⁶⁵ Jorge Ferreira, procurando reconstituir “algumas idéias, crenças, práticas políticas e estratégias de vida de grupos sociais” durante o primeiro governo Vargas debruçou-se sobre um material semelhante ao apresentado aqui. Sua base documental eram cartas que os trabalhadores escreviam para Getúlio Vargas. (FERREIRA, Jorge Luiz. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário do povo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.) No caso estudado pelo autor os missivistas dirigiam-se a alguém no plano concreto, digo de carne e osso, e com o qual conviviam proximamente, com contato visual direto ou pela mídia. O caso dos devotos missivistas é diferente, porém semelhante. Principalmente no que diz respeito à natureza dos escritos, a exposição dos problemas, a espera de soluções. Assim como os trabalhadores utilizavam-se dos próprios pressupostos do Estado Novo para reforçar seus pontos de vistas, chegando a travar argumentações com o poder, os devotos também fazem rearranjos dentro dos limites de sua cultura, elaborando contra argumentos a partir do discurso cristão ou da Igreja católica, reinterpretando os elementos como melhor lhes convém.

formas, como se pode ver na seguinte carta, escrita possivelmente entre os anos 2000 e 2004:

“Meu Glorioso São Francisco das Chagas intercedei por mim, junto a Jesus o Pai Eterno, e me conceda a graça de acordo com o meu merecimento o meio para construir uma casa de quintal grande onde eu possa plantar árvores e criar animais. Agradeço a vós e ao Pai. [Assina a devota]”¹⁶⁶ [grifos meus]

A devota, muito humildemente, faz seu pedido legando ao santo a instância de avaliar seu merecimento. Sem argumentar, coloca-se numa posição desigual, uma humana pecadora diante do sagrado, e por isso mesmo talvez mereça ser atendida. Caso contrário, será compreensível o motivo da não realização da graça. Como se vê na carta deste cuidadoso devoto, escrita em período aproximado ao da carta anterior.

“Meu São Francisco sei que pesso muito e agradeço meu São Francisco das Chagas miperdoi por lhe chamar de meu São Francisco. Mas lhe quero le pedir mas uma coisa quero que você miajude que eu trabalha na prefeita em qualquer profissão si eu assinar minha carteira na prefeitura em quanto eu tiver vida todos os anos eu vou ao Canidé levando uma jóia pra você. Agradeço muito si eu não merece eu emtendo você será sempre o meu protetor meu nome é [nome]. Receba esta moeda de coração.”¹⁶⁷ [grifos meus]

Este devoto não pretendia incomodar o santo. Muito respeitosamente, se desculpa por pedir muito, já agradece, e pede perdão pelo tratamento intimista. E mesmo agradecendo antecipadamente, adianta que, não merecendo a graça, nada mudará em sua relação com o santo. Pretende, assim, demonstrar um amor sem desinteressado, não obstante se mantém sob a “proteção” do santo.

Como já vimos anteriormente, a ida ao santuário é parte fundante da devoção dos romeiros e pode prejudicar a posição do devoto em relação ao santo. Neste sentido uma outra devota procurou se justificar na seguinte carta:

“Meu Padrinho São Francisco mais uma vez estou lhe pedindo uma graça pesso que vos me der uma luz para que recopere minha visão que este ano eu não vou ao Canidé porque a pessoa

¹⁶⁶ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), n° 61. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

¹⁶⁷ Id. Ibidem. n° 62.

que sempre eu vou pra Canidé não vai que é o Sebasto meu pai São Francisco o Sebasto não vai este ano porque esta em dificuldade que no próximo ano ele vai pra o Juazeiro pagar a promessa dele meu pai São Francisco eu lhe pesso que no próximo ano eu Venho com o Sebasto pagar a minha promessa e quero que vós me der uma graça que eu merecer com fé em Deus e em São Francisco eu é de vim com a minha vista normal venho só lhe agradecer. Assina]”¹⁶⁸

Essa mesma consciência culpada do não merecimento aparece claramente também nas cartas abaixo:

“Timon, 28 de setembro de 2001

Saudação. É com muito amor e carinho que estou lhe escrevendo essas poucas linhas para lhe pedir muitas graças e lhe agradecer tudo que o senhor já me deu de saúde até a parte amorosa. Peço muitas desculpas por muitas vezes esquece-lo do senhor mas você sempre esta no meu coração apesar de fugir dos meus pensamentos. [...]”¹⁶⁹

“Carta para São Francisco

São Francisco sei e assumo que fiz muitas coisas mas nunca deixei de ser devoto do senhor, as vezes cometemos erros e não podemos concerta-los [...]

¹⁷⁰ [grifos meus]

Não obstante, o sentimento de culpa não impede os devotos de fazerem pedidos. A atitude de contrição e reconhecimento é uma forma de demonstrar a confiança na misericórdia do santo. Além de ser uma forma de se colocar com a humildade necessária para admitir os próprios erros, como o fez a seguinte devota:

“Para: São Francisco das Chagas

Senhor São Francisco das Chagas é com muito amor a minha mãe, que peço-lhe que ajude-a resolver todos os problemas, em primeiro lugar a saúde, Sei que só lembramos de vossa santidade nas horas de dor e lamento mais com sua infinita bondade a de ouvir e se puder atender meio pedido pois estou muito angustiada por não poder resolver os problemas de minha mãe peço que veja meu pedido com carinho, pois é de uma filha preocupada com sua mãe que te imploro . Não quero nada para mim pois tudo que preciso é ver minha mãe feliz. [Assina]”¹⁷¹ [Grifos meus]

A devota acima num reconhecimento do caráter inconstante de sua devoção, ou se colocando num quadro mais amplo de culpados, espera,

¹⁶⁸ Id. Ibidem. n.º 73.

¹⁶⁹ Id. Ibidem. n.º 67. Datada: 28/09/2001.

¹⁷⁰ Id. Ibidem., n.º 68. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

¹⁷¹ Id. Ibidem, n.º 32.

paradoxalmente, a compreensão do santo, apesar de, na sua concepção, não estar agindo de forma certa em sua devoção. Mesmo não merecendo ser atendida, acredita na infinita bondade de São Francisco que não a deixará desprovida e aventura-se a argumentar um pouco mais, afinal a causa é nobre, o pedido não é egoísta pois se destina a outrem, ainda por cima para uma mãe.

A seguinte missivista, ao contrário, certa de seu merecimento e das boas recordações que o santo tem dela, escreve:

“Oeiras 22/09/01. Glorioso São Francisco do Canindé, estou lembrando ao senhor que está com 12 anos que eu era romeira no Canindé hoje estou escrevendo esta carta dando os parabéns de sua festa e de seus romeiros. Glorioso São Francisco eu pesso o senhor uma cura para minha cabeça é gastura nos olhos e na minha cabeça e um piado em meus ouvidos, eu tomo remédio é mesmo que água de pote me mande uma cura para meu esposo ele esta doente uma enfermidade na perna e é surdo ele tem 82 anos, como eu também sou um pouco surda peço milagre ao senhor quando ler esta carta lembre-se desta pobre romeira que já foi romeira 12 anos ai no Canidé. Vai pela romeira que eu mando dez reais pra comprar de vela nada mais recordação da festa ai. [Assina]¹⁷² [Grifos meus]

A romeira reforça com o santo uma relação bem antiga. Apela para a memória, numa certa cobrança de consideração. Apesar da distância, tanto geográfica quanto temporal, a devota denota sua lealdade, e reafirma seus laços com o santo. Seu passado de romarias e sua condição — pobre romeira por 12 anos e que hoje em sua velhice contenta-se em escrever uma carta — lhe conferem certo prestígio. Além disso, merece quem tem fé e confiança nos poderes sagrados que podem mais que os preparos mundanos, pois os remédios não funcionam. Termina reforçando a cobrança de recordação de sua presença assídua no santuário por um longo período de tempo. Quanto maior a devoção maior o prestígio¹⁷³. Esse parece ser o sentido aqui para a devota.

¹⁷² Id. Ibidem, nº 24. Datada: 22/09/2001.

¹⁷³ “Quanto mais profunda a devoção, mais se exige do promesseiro e maiores os favores que é capaz de alcançar. Existe, portanto, uma reciprocidade que engrandece a parte fraca perante os seus iguais, emprestando poderes ao devoto, que o distinguem na rede social a que pertence. O Sr. João Luis, por exemplo, é bem respeitado em Barão Geraldo, porque se diz que ‘não tem pedido dele que o Bom Jesus não atende’.” FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1982, p. 47.

Mas essa confiança na devoção não é característica apenas dos mais velhos ou com longas experiências de romaria. A seguinte carta foi escrita por um jovem romeiro:

“Timon, 28 de Setembro de 2001.

Bom dia! Meu glorioso São Francisco. Meu nome é [nome] tenho 12 anos, moro na cidade de Timon, no Maranhão. Venho pedir a Deus por Vossa Santíssima intercessão a cura da enfermidade que se chama ‘adenóide’. Desde já agradeço por minha cura, pois confio muito em Vosso poder diante de Nosso Pai que está no céu. E lhe tenho meu Pai São Francisco como meu protetor, defensor e Intercessor e vos dou graças. Em breve se Deus quiser estarei ai agradecendo pessoalmente a minha cura e vossa bondade e a de Deus.”¹⁷⁴

O garoto de 12 anos expressa grande certeza de que será atendido. Para se obter sucesso numa apelação ao sagrado deve-se crer para merecer. Pois segundo a concepção dos devotos a fé inquebrantável é o pré-requisito primordial do pedinte. Os laços com o sagrado devem estar sempre bem definidos. Os devotos devem sentir-se parte de uma rede de proteções.

Sobre este aspecto que aparece claramente em muitas das cartas, ressalta-se uma peculiar relação na qual São Francisco é tomado como compadre ou como padrinho. Nas seguintes cartas, os devotos procuraram valer-se da condição de afilhados:

“Meu Padrinho São Francisco lhe mando muita lembrança entrego em sua mão todo o meu nervoso, toda as pesaquição que ocorre no meu coração contra minha fé todo problema de seu afilhado que enpede ele í a igreja falta de í a igreja. todo meu problema eu lhe entrego. [Assina]”¹⁷⁵

“De sua afilhada Francisca para seu padrinho São Francisco das Chagas. Meu senhor São Francisco por essas cartinha quero lhe agradecer de coração tudo que fez por meu pai e também tudo que já fez por mim e por minha família. E pedir-lhe que juntamente com Deus continue nos ajudando, não só nós mais também todo esse povo sofrido do nosso Nordeste [...]”¹⁷⁶

Como afilhados, os devotos devem obter muitas vantagens. Encontram-se assim protegidos. O que chamamos ‘religiosidade’ dos devotos é

¹⁷⁴ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 69. Datada: 28/09/2001.

¹⁷⁵ Id. Ibidem., nº 63. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

¹⁷⁶ Id. Ibidem., nº 70.

muito mais que um conjunto de crenças. Constitui-se, isso sim, num amplo universo cultural, na vivência de suas relações sociais onde suas crenças são parte fundante e ao mesmo tempo resultantes de suas experiências neste mundo. A dimensão batismal extrapola os âmbitos sacramentais para propagar-se nas relações sociais¹⁷⁷. Assim é comum esta transferência ou associação direta do batismo entre as relações cotidianas e o aspecto sagrado ou vice-versa.

Muitas fotografias postas na Casa dos Milagres retratam a cerimônia cristã do batismo, como as duas imagens reproduzidas a seguir:



Imagem 3¹⁷⁸



Imagem 4¹⁷⁹

¹⁷⁷ Em seu estudo sobre o universo cultural dos devotos do Pe. Cícero no qual “o apadrinhamento ocupa lugar de significativa importância”, Régis Lopes afirma que “um dos pontos primordiais da experiência dos devotos de Juazeiro é a percepção da vida como um fenômeno inserido numa tessitura de proteções [...] essa cultura de apadrinhamento e afilhados guarda íntima relação com as estruturas de poder desenvolvidas na chamada ‘Região Nordeste’.” E ao mesmo tempo com as estruturas de um catolicismo herdado: “O catolicismo que veio para a Terra de Santa Cruz carregou um código de regras que fabrica vários esquemas de apadrinhamento. Além do compadrio gerado na pia batismal, a religiosidade do ‘Velho Mundo’ plantou nas novas terras uma rede de segurança constituída por padrinhos de fogueira, padrinhos de casamento e a significativa participação de protetores do Além: os santos que cuidam de partes do corpo; o santo da devoção particular; o padroeiro da cidade; o santo para cada profissão; o anjo da guarda.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 1998. p. 38-41.

¹⁷⁸ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal), *Batizados* nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004. Possivelmente situada entre as décadas de 60 e 70.

A primeira foto, tirada na pia batismal, retrata a cerimônia do batismo cristão¹⁸⁰, na qual um casal (parentes ou amigos da família, ou pessoas escolhidas especialmente por sua elevada condição social ou posição de poder) aceita um convite dos pais de uma criança para serem padrinhos desta, e desde então constituírem uma nova e definitiva relação de parentesco na qual os padrinhos devem, ou há algum tempo atrás deveriam de forma mais rigorosa, prestar a devida assistência e orientação ao afilhado. Os pais e padrinhos passam a ser tratados mutuamente como compadres e comadres¹⁸¹.

A segunda imagem, datada de agosto de 1984, retrata a “madrinha de apresentar”, que poderia ser uma adulta ou criança, mas geralmente se escolhiam crianças por simbolizarem a pureza, ingenuidade da infância, ausência de todo pecado e, portanto, estarem aptas a apresentar a criança a seu novo mundo cristão. Pois esta era a função da madrinha de apresentar no batizado, segurar o recém nascido durante toda a cerimônia e apresentá-lo na hora da unção do espírito santo, a bênção do batismo. A “madrinha de apresentar” era também considerada como madrinha da criança tanto quanto os outros dois padrinhos.

Também poderia acontecer, como ainda acontece atualmente, e pode ter sido o caso da *Imagem 3*, de os próprios padrinhos serem apenas “padrinhos de apresentar”. Isto acontece no caso de os pais da criança a oferecerem-na como afilhada aos santos de sua escolha. Esta prática não consta nos documentos oficiais da Igreja Católica, reguladores das práticas litúrgicas. É, na posição da Igreja, uma prática ‘popular’. Vejamos as diretrizes do Código de Direito Canônico sobre o Batismo:

“TÍTULO I Do Batismo

¹⁷⁹ Id. Ibidem., nº 02. Datada: Agosto de 1984.

¹⁸⁰ Segundo o Catecismo da Igreja Católica, redigido após o concílio Vaticano II, a Igreja celebrou e administrou o batismo a partir do dia de Pentecostes, quando após falarem em diversas línguas, imbuídos do espírito Santo, os apóstolos propuseram à multidão que queria segui-los na nova Igreja de Cristo: “Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito Santo. Pois a promessa é em favor de vocês e de seus filhos, e para todos aqueles que o Senhor nosso Deus chamar”. (At 2, 38-39). *Catecismo da Igreja Católica*. Editora Vozes, 1993.

¹⁸¹ Como interpreta RAMOS, com a cerimônia do batismo “nascia uma espécie de irmandade de ajuda mútua baseada em laços de confiança e respeito”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 1998.p, 41.

Cân. 849 _ O batismo, porta dos sacramentos, necessário na realidade ou ao menos em desejo para a salvação, e pelo qual os homens se libertam do pecado, se regeneram tornando-se filhos de Deus, e se incorporam à Igreja configurados com Cristo mediante caráter indelével só se administra validamente através da ablução com água verdadeira, usando-se a devida fórmula de palavras.

Cân 872 _ Ao batizando enquanto possível, seja dado um padrinho, a quem cabe acompanhar o batizando adulto na iniciação cristã e, junto com os pais, apresentar ao batismo o batizando criança. Cabe também a ele ajudar que o batizado leve uma vida de acordo com o batismo e cumpra com fidelidade as obrigações inerentes.

Cân. 873 _ Admite-se apenas um padrinho ou uma só madrinha, ou também um padrinho e uma madrinha.”¹⁸²

Em nenhum momento o código faz referência à possibilidade de padrinhos espirituais, anjos, santos e santas, sendo bem clara a designação de pessoas capazes de conduzir o batizando a trilhar os caminhos cristãos. No entanto, é comum ainda, apesar de já ter sido mais recorrente, principalmente nas populações interioranas ou oriundas dos sertões, escolherem santos como padrinhos de seus filhos. A Igreja aceita esta antiga prática, porém não abrindo mão das regras canônicas, de forma que no batizado não deixe de haver os padrinhos convencionais, humanos, que ‘apresentam’ a criança. Assim sendo, durante a cerimônia o padre proclama os nomes dos padrinhos espirituais, junto aos nomes dos padrinhos humanos, que assinam os documentos, constando oficialmente como padrinhos. Com essa medida conciliatória a Igreja garante o cumprimento dos cânones oficiais, enquanto agrada os fiéis que se julgam duplamente beneficiados com os compadres do céu e da terra.

Muitos romeiros batizavam, e/ou batizam, seus filhos em Canindé por cumprimento de promessa ou enviam a foto do batizado para obter a proteção do santo. As duas últimas fotografias reproduzidas, deixadas na Casa dos Milagres, podem estar representando os afilhados de São Francisco. As fotografias desta natureza ali deixadas são, na maioria das vezes, registros de batizados nos quais São Francisco foi o padrinho.

A seguinte carta, escrita em setembro de 2001, expressa muito bem este parentesco. Uma afilhada conversa com seu padrinho:

¹⁸² Código de Direito Canônico. Codex Iuris Canonici. Promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Oficial: Conferencia Nacional dos bispos do Brasil. Totus Tuus. Editora Loyola, 1983.

“Teresina, 28/ 09/ 2001

Meu Glorioso São Francisco das Chagas de Canindé, e também Meu Padrinho de batismo Assim como nossa senhora de Fátima é minha Abençoada madrinha. Peço proteção abaixo a de Deus ao senhor para minha família. [seguem nomes] e também para a família dos meus amigos, e os meus inimigos e da minha família dê paz para que eles nunca façam mal a nós assim seja amém.

Sua afilhada querida são Francisco me abençoe

[Assina]. Amém. Jesus Cristo

Me ajude meu São Francisco das Chagas de Canindé.”¹⁸³

Poderosos padrinhos: São Francisco e Nossa Senhora de Fátima. O apadrinhamento os situa como responsáveis pelo bem estar da afilhada e ao mesmo tempo exige desta lealdade e observância de alguns critérios para merecimento da proteção. No entanto, esta relação que pode denotar uma cultura conformista não deve ser vista simplesmente como tal, uma vez que esta ‘cultura de proteção’ atribui responsabilidades mútuas para protetor e protegidos¹⁸⁴. Pois na condição de afilhado, o devoto deve ser amparado pelo santo incondicionalmente diante das agruras da vida. Nesta perspectiva, julga-se merecedor, ou melhor, julga ter direitos em relação ao santo. Desta forma, São Francisco não é, apenas, um santo a quem se pode recorrer. É um padrinho ou compadre preso numa aliança, inclusive ratificada pela Igreja. Nesta concepção, uma devota dirigiu-se a seu compadre:

“Meu Senhor São Francisco do Canindé meu compadre padinho do meus filhos potreja a mim meus filhos e meu esposo. ajude eu faser minha casa mande uma esmola para mim que sou sua devota e compadre pesso também para a fasto aquela bebedeira do meu jenro Filí e afasta meu marido do baralho! so vos como Santo tem o merecimento de Deus para mi concede estas Graças. Espero com fé e muita confiança em vos que serei atendida também retirais a doença da minha filia atonia da cabeça e dos olhos!”¹⁸⁵

“Meu compadre, padrinho dos meus filhos”, a comadre reforça a relação e a obrigação do santo não com a criança, mas para com sua família.

Por outro lado, lhe deve ainda respeito. Cobra com cuidado o benefício, reconhecendo o merecimento do santo diante de Deus e sua grandeza apesar

¹⁸³ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal) nº 64. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. Datada: 28/09/2001.

¹⁸⁴ “É preciso perceber o compadrio como um campo de acordos e conflitos, nem sempre explícitos” RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit., 1998.p, 43.

¹⁸⁵ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal) nº 65. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

da próxima relação de apadrinhamento. Ter parentesco com um santo é crucial neste mundo de necessidades, onde só através do sagrado as possibilidades parecem ser maiores. Essa relação de compadrio pode ser vista como uma reprodução das relações sociais de dominação e da idealização que coloca o pobre na condição de protegido pelos ricos e por Deus. Mas não é somente isso. Trata-se de uma negociação complexa, que busca a tradição em nome do presente vivido.

Na maioria das vezes, os devotos rezam diretamente para São Francisco, mas como a devota que escreveu a seguinte carta, por vezes há a concepção de que é bom ir direto a Deus ou a Jesus, e com muita argumentação:

“Senhor, viestes ao mundo para salvar os corações arrependidos; curates cegos, aleijados, paralíticos, leprosos, curastes hemorragias, ressuscitastes até mortos, fizestes tantas maravilhas... Sou uma humilde pecadora, que veio a ti pedir de todo coração, com fé e esperança de ser atendida e eu sei, que o senhor vai ter piedade e vai ouvir meus rogos:

‘Senhor Jesus Cura a [nome da pessoa]

Senhor Jesus Salva a [mesma pessoa]

Senhor Jesus Liberta a [mesma pessoa]

Obrigada Jesus, pois sei que vou ser atendida, pois tua misericórdia é infinita. “Amém.”¹⁸⁶

Lembrando a grande tarefa do Messias, a devota procura se inserir entre os eleitos. Sua oração ressalta os grandes poderes e feitos do Senhor Jesus, ao mesmo tempo em que se coloca como humilde pecadora. Com tantos milagres, e se ela acredita em todos eles, por que não merecer também uma graça?! É preciso lembrar que o protetor deve proteger e o protegido deve receber proteção. Os devotos constroem seus argumentos de forma a se beneficiarem. Nestas cartas seguintes, pode-se claramente perceber esta façanha:

“Pedidos para São Francisco. Em nome do nosso senhor Jesus e do nosso São Francisco peço que tenha misericórdia de minha família, principalmente da pessoa que eu mais gosto J.C.C.S.J e da família dele. Ó meu São Francisco ajudai que melhore a vida dele, que ele tenha muita saúde. E que um dia ele olhe e veja o quanto eu gosto dele. Ó São Francisco tenha misericórdia das pessoas carentes que precisam de amor, de saúde,

¹⁸⁶ Id. Ibidem., nº 66.

uma dessas pessoas sou eu.[...] E te peço que tire essa mulher da nossa vida.¹⁸⁷ [Grifos meus]

“Teresina, Piauí 21 de Setembro de 2001

Meu São Francisco das Chagas, escrevo estas poucas linhas para ti pedir ajuda, para auxiliar-me a arranjar um trabalho, e interceder para eu e minha mulher passar no vestibular, faço isso porque o senhor é um santo milagroso e sempre ajuda as pessoas que estão precisando como no meu caso. Amém.¹⁸⁸ [Grifos meus]

Num misto de desespero e esperança, os devotos e devotas comunicam-se com o santo da forma mais convincente possível. Reafirmam que estão dentro das exigências da tradição cristã e dos requisitos para merecer a misericórdia divina. Afirmam-se, apresentam a si próprios como dignos da obtenção das graças. Recorrem à lógica da misericórdia e condescendência. Relembam o óbvio: o santo deve socorrer os oprimidos. Esse óbvio, constantemente salientado, faz parte das negociações.

Uma das formas mais recorrentes de pedir é expor todos os problemas de forma bem detalhada para que todo o sofrimento seja avaliado pelo santo. A devota seguinte escreveu uma longa carta de 5 páginas, na qual expõe seu sofrimento.

“Esta mãe pede uma benção para São Francisco

Coroatá 4 de outubro de 2001

Padre ler a minha carta para para São Francisco

Meu Pai São Francisco eu estou lhe pedindo uma benção para minha família que está destruída e sem saída não tenho mais alegria na minha vida pai São Francisco eu era feliz quando meus filhos era beber, hoje estão adolescentes estão mim dando trabalho[...]¹⁸⁹

A devota começa a expor pormenorizadamente o problema que tem com cada filho, ressaltando sempre seu sofrimento de uma mãe que não tem com quem contar, nem dispõe de forças para educar os filhos em sua situação difícil. São problemas de relacionamento e comportamento dos filhos em casa e na sociedade. Após uma página de reclamações continua:

¹⁸⁷ Carta a São Francisco, Canindé [s/d], Apud. OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *Francisco: o santo vivo dos devotos*. Fortaleza: Edições Livro Técnico/Premius, 2001, p. 157.

¹⁸⁸ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal) nº 15. Datada: 21/09/2001.

¹⁸⁹ Id. Ibidem nº 72. Datada: 04/10/2001.

[...] eu estou desesperada meu pai São Francisco mim ajude. Mim der uma bença e uma graça eu rezo muito peço que voz mim ajude fiz uma promessa eu sei que voz vai me dar esta graça e bença eu quero que eles sai da rua sai dessas maus companhia eu já não agüento mais vivo desesperada [...] ele não quer estudar eu só vivo na escola sendo chamada pela diretoria [...] sai toda noite e dia só vem comer casa tarde da noite eu fico desesperada meu pai São Francisco [...] faço tudo por ele me xinga não me respeita estou lhe escrevendo meu São Francisco meu pai tem poder mim ajude entercedei pelo meu filho [...] estou contando meu sofrer meu pai São Francisco”¹⁹⁰

Depois de falar sobre o marido que bebe e de repetir como uma ladainha seus problemas e o nome do pai São Francisco, a devota conclui:

“[...] padre quando ler a minha [carta] para meu pai São Francisco pede uma bença meu filho e para minha família.[...] vou terminando com muita emoção e fé no meu coração eu sei que voz vai me ajudar [...] findo com emoção . Padre ler a minha carta e pede para são Francisco uma benção para meu filho estou desesperada esta mãe.”¹⁹¹

A devota parecia estar em transe na sua escrita. Tantas repetições, tantos detalhes, tanta ênfase no desespero que sentia. Uma carta comovente, porque dolorosa, por si. Os próprios problemas constituem o argumento. A condição de mãe sofredora fala com a língua que o santo deve entender. A mãe sofre e tem fé no pai São Francisco. E a fé tem força na medida em que um pai não pode abandonar uma filha, sobretudo quando a filha tornou-se mãe e pede por seu filho.

Todos os argumentos utilizados pelos romeiros em suas cartas são forjados no calor da fé e da esperança, confiança inabalável nos poderes sobrenaturais do(s) santo(s). Crendo na infinita misericórdia e sabedoria de seus protetores, em sua credibilidade junto a Deus para interceder por eles, os devotos debulham o rosário de suas angústias, necessidades e motivos para serem agraciados, fazendo uso de suas astúcias e da mesma confiança para flexibilizar os limites do bom relacionamento com os santos.

¹⁹⁰ Id. Ibidem.

¹⁹¹ Id. Ibidem.

2.3. Promessa é Dívida

Os devotos, ao pleitearem suas graças, comprometem-se e julgam que os santos devem protegê-los. Além de argumentarem implorando misericórdia ou cobrando a merecida proteção por diversos motivos, eles estabelecem votos ou alianças com a(s) santidade(s) ou fazem promessas¹⁹², como se pôde ver nas cartas já reproduzidas até agora. Estas relações, na verdade, permeiam toda devoção, uma vez que o apadrinhamento situa os devotos num círculo de proteção permanente, ao qual pode recorrer para pedir algo. Para tanto, porém, é necessário que os laços de devoção estejam bem definidos. Os devotos devem estar em consonância com seu santo, demonstrando, de maneira perene, sua fé e confiança. Mais uma vez, retomamos uma carta publicada em 1958, no Jornal O Santuário de São Francisco, escrita por Manuel Moura, que destacava sua benéfica relação com o santo:

“Sou um devoto do milagroso São Francisco das Chagas de Canindé e desde que comecei essa devoção, com a graça de Deus, tudo me corre bem [...] meu maior desejo é ir um dia visita-lo, pois minha fé nos seus poderes é grande e espero alcançar êste favor

¹⁹² Como já foi discutido, os devotos, em geral, mantêm-se numa rede de proteção com os santos, estabelecendo uma aliança constante garantida por seu voto de fé, que lhes confere proteção, e privilégios. Nessa aliança perene, ou independente dela, temos a promessa. Pedro A. R. de Oliveira a este respeito considera estas relações entre o fiel e o santo como dois modos de culto: o ‘modo da aliança’, já especificado, no qual o que está em jogo é uma relação permanente de devoção e proteção, e o ‘modo contratual’, “aquele pelo qual o fiel pede uma graça ao santo, obrigando-se a um ato de culto pelo qual o santo seja recompensado pela graça alcançada. Sua forma típica é a promessa. [...] promessa é coisa séria. Não se faz uma promessa à toa, nem se pode deixar de pagar uma promessa. [...] Em suma, o modo contratual de relações entre o fiel e o santo pode ser caracterizado pelo contrato moral entre eles; o fiel se compromete a realizar um ato de culto considerado equivalente à graça recebida ou por receber. Recebida a graça e paga a promessa, o fiel está quite com o santo, podendo voltar a recorrer a ele ou não.” OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e Dominação de Classe*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985, p. 117. Sobre isto Fernandes afirma: “A promessa, implica uma visão de mundo que condiciona a sua prática, caracterizando o que é razoável esperar dela, definindo os seus usos e abusos, oportunidades e perigos. Supõe, em resumo, que o real é comandado pelo pessoal, sendo arranjado em uma seqüência hierárquica de seres que se relacionam por gestos indicativos de seus poderes respectivos.” FERNANDES, Rubem César. Op. Cit. 1982, p. 47.

antes de morrer [...] Segue uma esmola para as obras sociais da Igreja [...] O humilde devoto (assina). Manaus.”¹⁹³

O devoto ressalta que sua devoção a São Francisco o beneficiou, pois é o motivo de tudo lhe ‘correr bem’. Sua aliança garante proteção e auxílio contra as dificuldades da vida, além de uma maior aprovação de Deus. O voto, portanto, aproxima os devotos de Deus, por estarem sob a proteção de um de seus prediletos, um santo. Para a maioria dos devotos, São Francisco encontra-se abaixo de Deus, embora sejam acusados pela Igreja de ‘endeusarem’ o santo¹⁹⁴. A confiança constrói-se justamente por entenderem que os santos têm privilégios diante de Deus e, conseqüentemente, poderes divinos. São, pois, a mediação, um canal entre os devotos e os mistérios de Deus. A confiança num santo se fortalece pelas narrativas de milagres e pelos próprios ganhos dos devotos. Neste sentido, em 1952, no Jornal ‘O Santuário’, um devoto publicava o desfecho de sua promessa:

“ [...] achava-me doente de uma ferida na perna esquerda em conseqüência da operação que fiz em 1952, e desde essa época não conseguia curá-la. Aconselhado por um amigo, fiz uma promessa a São Francisco das Chagas, e para satisfação minha em pouco tempo recebi o milagre, pois São Francisco das Chagas, atendendo ao meu pedido me deu a satisfação de ver a minha perna completamente curada [...]

Manuel Fonseca da Cunha – Oiapeque, Amapá.”¹⁹⁵

O devoto fez uma promessa a São Francisco, aconselhado por um amigo, e independente de manter um voto ou aliança com o santo este o atendeu. A promessa é feita especificamente para se obter uma graça, evidentemente é bem mais fácil, para o devoto, quando se mantém um voto

¹⁹³ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Cartas a São Francisco, 15 de Julho de 1958.

¹⁹⁴ Sobre essa relação entre Deus e os santos, no que denomina ‘catolicismo popular’ Pedro R. de Oliveira afirma: “Em todos os seus níveis, do culto privado e doméstico até as festas coletivas e romarias, o catolicismo popular tem por núcleo e objeto o culto dos santos. Porém, [...] ele compreende também toda uma seqüência de representações relativas à divindade suprema. Embora Deus não seja objeto de um culto específico – salvo quando é representado como um santo, como o Divino Pai Eterno, o Divino Espírito Santo, o Senhor Bom Jesus, etc. – sua representação como senhor do universo é essencial ao catolicismo popular, posto que os santos têm poder porque estão junto de Deus, e nada acontece na terra ou no céu sem o consentimento dele. [...] Tal concepção da onipotência divina exprime-se claramente na fórmula ‘se Deus quiser’, que deve acompanhar qualquer projeto humano pois estes só se realizam se estiverem conformes aos desígnios divinos.” OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. Op. Cit. 1985, p. 119.

¹⁹⁵ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Cartas a São Francisco, 1º de Junho de 1958.

permanente com o santo, entretanto, se a promessa é feita com fé pode ser atendida, como no caso acima. Em 1958, uma devota publicava no mesmo Jornal o agradecimento pela consumação de sua promessa:

“... agradeço a São Francisco das Chagas de Canindé, uma grande graça alcançada. Estando minha filha lone, doente há 4 anos, de sério mal, em risco de paralisia e cegueira, recorri a todos os meios da medicina, sendo inúteis os meus esforços. Então, com grande fé na Divindade, fiz promessa ao milagroso Santo, tendo a minha filha, de 15 anos de idade, a felicidade de receber a graça desejada [...] Hoje vendo-a curada completamente como mostra a fotografia, batida no dia de seu aniversário, cumpro assim o voto feito [...] quero testemunhar minha gratidão. Cândida Rodrigues Sales, Manaus.”¹⁹⁶

A filha da devota encontrava-se doente há 4 anos. Muito tempo de tentativas com a medicina e provavelmente, também, com muitas orações, quando finalmente foi atendida, após fazer uma séria promessa. A promessa deve ser feita no âmago da fé ou não será contemplada. Não importa muito o que se promete em troca. Para os devotos, a fé deve ser expressa durante todo o ato, na prece que se faz, na espera, longa ou não, do milagre, e depois, no cumprimento da promessa feita. A devota acima prometeu, como muitos outros na época, a publicação de seu milagre no Jornal ‘O Santuário de São Francisco’, juntamente com a fotografia de sua filha curada, para dar testemunho dos poderes de São Francisco, e principalmente, destes poderes em sua vida. A devota demonstrava assim sua conexão com o sagrado, seu próprio poder, o poder de ser atendida em suas preces. Atestava o cumprimento de sua palavra, e dignidade diante do santo, mantendo sua aliança, fazendo por merecer. Ela pediu e foi atendida. Esse fato mágico a tornava especial diante de Deus, ela poderia pedir muitas outras graças.

As cartas publicadas no Jornal ‘O Santuário de São Francisco’ geralmente traziam agradecimentos dos devotos por promessas realizadas. Isto se dava não só devido a uma escolha dos editores, mas pelas muitas solicitações dos devotos, visto que muitas promessas incluíam a publicação da graça no jornal, bem como a aquisição da assinatura do mesmo. Isso

¹⁹⁶ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Cartas a São Francisco, 15 de Maio de 1958. Fotografia reproduzida no Jornal ao lado da carta.

aconteceu durante toda vigência do Jornal nas décadas de 30 a 60. Abaixo alguns cumprimentos de promessa:

“Morada Nova_ Maria Luiza Nogueira Maia agradece ao glorioso São Francisco uma graça especial, com promessa de publicá-la. Mandou dizer uma Missa em ação de Graças, e mandou 2.00. [...]”¹⁹⁷

“Patu_ José de Paiva Meneses e mais 5 amigos, por promessa, assinam O Santuário e para esta publicação enviam, cr\$ 3,000.”¹⁹⁸

“Manaus_ José Lima de Albuquerque, cumprindo uma promessa, adquire 20 novas assinaturas deste Jornal.”¹⁹⁹

“Prata_ Agradecem a São Francisco: Joaquim Gomes da costa, o milagre de não ter morrido afogado em 1945.”²⁰⁰

1º de Março de 1958. Graças Alcançadas [ao final]: “A publicação das Graças é feito mediante a espórtula mínima de Cr\$ 10,00.”

Pode-se inferir que o Jornal era tão considerado pelos devotos quanto a Casa dos Milagres no que se diz respeito à divulgação de graças e pagamento de promessas. De acesso mais difícil e limitado, obviamente. As graças ou cartas publicadas eram freqüentemente acompanhadas de doações, além do pagamento de uma quantia mínima pelo serviço editorial. Interessante pensarmos como o sentimento de “sacrifício” faz parte do bom relacionamento com o sagrado. Às vezes, o voto exige sacrifício físico e/ou financeiro. As promessas podem ser feitas de muitas formas. Além da redenção da própria alma por meio do sacrifício do devoto. Prometem-se, também, ações caridosas, que redem júbilo e louvor ao santo. Nas publicações do Jornal ‘O Santuário’ os devotos se mostravam generosos. No dia 15 de Abril de 1948²⁰¹, os editores faziam o seguinte apelo:

“Pedimos às pessoas remetentes dos registrados abaixo, a gentileza de explicar-nos a finalidade das quantias seguintes, endereçadas a esta Editora:

Valor Cr\$	Procedência	Valor Cr\$	Procedência
5,00	Crato	20,00	Boca do Acre
10,00	Tauá	15,00	Florianópolis
15,00	São Benedito	20,00	Sta Eudóxia

¹⁹⁷ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano XXI. Graças Alcançadas, 1º de Janeiro de 1936.

¹⁹⁸ Id. Ibidem., 1º de Junho de 1948.

¹⁹⁹ Id. Ibidem., 04 de Outubro de 1948.

²⁰⁰ Id. Ibidem., 15 de Julho de 1954.

²⁰¹ Id. Ibidem., Correspondências – cartas com valor. 15 de Abril de 1948.

20,00	Pacoti	20,00	Canutama
65,00	Brasília	30,00	Foz do Envira
10,00	Redenção	65,00	Rio Branco
40,00	Rio Branco	100,00	Manaus
80,00	Manaus	200,00	São Luís
100,00	Distrito Federal	16,00	S.B.do Norte
5,00	Orós	50,00	Canoas
90,00	Reriutaba	100,00	Coari
105,00	Campo Grande	12,00	Quixadá
15,00	Acopiara	40,00	Capanema
5,00	Campos Sales	7,00	Manacapuru
20,00	Piraçununga	100,00	Alenquer
39,00	Batoque	10,00	Pirajuí
10,00	Crato	10,00	Arneirós
100,00	Rio Branco	15,00	Tauá "

Os devotos enviavam dinheiro à editora como o colocavam no cofre de São Francisco ou nas oferendas das missas. As ofertas em dinheiro quase sempre fazem parte da promessa. Para demonstrar caridade ou sacrifício, os devotos sentem necessidade de compartilhar com o santo algo que lhes seja caro, literalmente, como “jóias” ou dinheiro²⁰².

Também nas cartas mais atuais, compreendidas entre os anos 2000 e 2004, coletadas na paróquia, além de várias outras promessas, o dinheiro é uma constante, principalmente nas cartas depositadas diretamente no cofre da Basílica de São Francisco. Os devotos fazem questão de enviar dinheiro, apesar de pouco, como registrou uma devota no seguinte bilhete:

“Aceite senhor são Francisco este, beneficil. Que vai para os seus pés é pouco mais pouco com Deus é muito, mandado pela [nome], moradeira na Barragem, fico bem agradecida pelo seu milagre. Amém.”²⁰³

²⁰² Em 1963, em seu estudo sobre Canindé como centro de romaria, Padre Rolim afirmava: “Poder-se-ai julgar que os romeiros dão pouca coisa ao Santuário, uma vez que, sendo simples e pobres, nada teriam para dar. Engano. O romeiro é uma personagem dadivoso. Não sente escrúpulos em dar o que pode e até mesmo o que não pode. Faz suas economias, arruma o seu pé de meia para, na época da romaria, trazer a sua contribuição generosa, em dinheiro e em jóia, para o seu santo protetor. Há no Santuário um grande cofre embutido na parede, onde os romeiros depositam suas ofertas em dinheiro, em cheques e em jóias. O romeiro foi sempre um excelente contribuinte para o Santuário de Canindé.” ROLIM, Pe. *Canindé – Centro de Romarias*. CNBB. Secretariado Nacional de Pastoral Especial. 1963

²⁰³ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 74, Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

A oferta, ou pagamento de promessa neste caso se dá pelo sacrifício de repartir o pouco que se tem, concepção bíblica da recompensa pela multiplicação. O pouco com Deus se multiplica, como Jesus multiplicara pães e peixes para saciar uma multidão²⁰⁴.

O importante na doação, ou esmola em dinheiro, é de fato o gesto. Neste sentido muitos gestos servem ao propósito de agradecer ou se sacrificar. A carta abaixo revela um deles, bastante significativo e característico dos romeiros de São Francisco:

“Meu querido São Francisco
Aqui lhe mando esta cartinha para lhe agradecer mais uma vez por todas as graças alcançadas.
Coloquei 1 ano de marron por promessas. Pelas graças alcançadas, pela saúde de meus filhos, pelo emprego do meu marido e pela aquelas dores que sentia no peito, pelo aquele problema do meu utero. Olhe meu São Francisco peço que o senhor olhe pelos meus filhos meus sobrinhos e sobrinhas pelos meus pais pelo meu esposo. Em julho estarei ai pagando a promessa de mais uma graça alcançada. [nome]”²⁰⁵

A devota dialoga com o santo agradecendo por muitas graças, e ratificando o cumprimento de uma promessa. O ato de vestir o hábito marrom, de São Francisco, ou adotar esta cor em suas vestimentas é uma das promessas consideradas mais eficazes pelos devotos.

Quanto à adesão ao traje simples de Francisco, que depois tornou-se o símbolo da penitência e abnegação dos franciscanos, dois episódios específicos de sua vida determinam seu uso e sua representação. Primeiro, a ruptura de Francisco com a vida que levava até então configurado no ato solene que protagonizou em público, diante de seu pai e do Bispo: despindo-se de todas as suas vestes, renunciou a todos os seus bens e renunciou o início de uma nova vida de martírio e peregrinação. Sendo acolhido e protegido, foi vestido apenas com uma túnica simples que passou a ser tudo o que tinha. Anos depois, como “ato final de sua conversão”, Deus falou de novo a Francisco pela voz do padre que lia na missa, em Porciúncula, um evangelho

²⁰⁴ A Partilha dos Pães, episódio bíblico em que Jesus saciou a fome de uma multidão de mais ou menos 5 mil pessoas que o ouvia, multiplicando 5 pães e 2 peixes. Bíblia, evangelho de João 6, 1-15; Mateus 14, 13-21.

²⁰⁵ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 75, Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

que Francisco acreditou ouvir pela primeira vez, capítulo 10 de Mateus, que dizia: “Vai, disse o salvador, e anuncia por toda parte que o reino de Deus está próximo. O que recebeste gratuitamente, dá gratuitamente. Não carregue nem ouro nem prata no teu cinto, nem saco para a estrada, nem duas túnicas, nem calçado, nem bordão; por que o operário tem dignidade para manter-se por si.” Ouvindo isto, Francisco, transbordando de alegria, soltou um grito de alegria afirmando ser este seu propósito, e descalçando os calçados, conservou uma única túnica amarrada com uma corda em lugar de cinto²⁰⁶. Dando à vestimenta o sentido da humildade, pobreza e amor abnegado à imagem de Cristo.

Costume no santuário desde a chegada dos Capuchinhos que popularizaram e divulgaram as virtudes representadas pela vestimenta, a mortalha franciscana tem sido símbolo e instrumento dos romeiros de São Francisco.

Após ter passado um ano inteiro vestindo a cor marrom, como afirmou em sua carta, a devota agenda o pagamento de outra promessa. Não há limitações para um voto ou promessa, apenas a confiança em sua realização. Assim os devotos vão cumprindo uma promessa e fazendo outras, numa dívida interminável com seus santos. Quanto mais promessas pagas, mais credibilidade. Os devotos, então, escrevem pedindo e prometendo:

“São Francisco de Assis ô santo piedoso me ajude a passar no concurso da policia militar do Tocantins se o senhor me conceder essa graça eu lhe prometo meu santo que vou pagar uma promessa pro senhor aí em Canindé vou acender uma maço de vela no seu altar mandar imprimir 1000 orações sua para distribuir e comprar 1000 fitinha de braço e distribuir eu lhe prometo que vou aí pessoalmente pagar minha promessa se o senhor me conceder essa graça de eu passar em todas as etapas senhor eu preciso desse emprego meu São Francisco.”²⁰⁷

“Santa Inês 28/09/00

Venho por meio desta carta pela primeira vez pedir para que São Francisco, interceda perante ao senhor em meu nome [...] E desde já quero fazer um ‘voto’ com o senhor que se tudo o que eu te pedir for atendido eu vou o ano vem até o canidé e vou acender uma

²⁰⁶ LE GOFF, Jacques. Op. Cit. p. 69.

²⁰⁷ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 28. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

vela do meu tamanho com forma de gratidão pelos meus votos atendidos.”²⁰⁸

As promessas das cartas acima são verdadeiras demonstrações de gratidão e louvação ao santo. Consistem em cantar aos quatro ventos seu poder ao realizar as graças. Expressam-se tanto na quantidade, quanto na qualidade. Muitas velas e fitinhas, uma vela do tamanho do devoto, para expressar que seu tamanho é composto de fé num santo que não tem tamanho. Esta necessidade de materializar o agradecimento se dá também quanto aos pedidos e promessas. A devota deixa clara sua intenção de concretizar seu voto: “quero fazer agora por escrito uma promessa que já fiz no coração agora no papel.”²⁰⁹ A romaria aparece como parte das promessas. Estar pessoalmente no santuário, na casa do santo, agradecer diante de seu altar é uma prerrogativa constante nas cartas.

As fotografias abaixo, deixadas na Casa dos Milagres, retratam este momento do cumprimento da promessa:



Imagem 5²¹⁰



Imagem 6²¹¹

²⁰⁸ Id. Ibidem, nº 33. Datada 20/09/2000.

²⁰⁹ Id. Ibidem., nº 34. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²¹⁰ Fotografia ex-votos coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Promessas* nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

²¹¹ Id. Ibidem., nº 04.

Na primeira fotografia reproduzida, os devotos segurando o retrato do santo, ajoelhados em frente à Basílica de São Francisco posaram para a foto que seria a prova materializada do pagamento de sua promessa. A imagem foi então oferecida a São Francisco, assim como a segunda imagem, na qual a devota registra sua passagem por Canindé em um dos altares da Basílica vestindo a mortalha franciscana. A devota não se importa, ao que parece, de posar tendo ao lado devotos que dormem nos degraus do altar. Pois assim fica a Basílica nos dias de festa, repleta de romeiros que se ‘hospedam’ na casa de São Francisco²¹².

Várias são as promessas. Várias práticas podem compor este ritual: andar de joelhos em torno da basílica, oferecer os cabelos, carregar pedras na cabeça, subir a ‘avenida do monte’²¹³, ajudar a carregar o andor de São Francisco durante as novenas, deixar ex-votos de madeira representando partes chagadas ou curadas do corpo, acompanhar as procissões com pés descalços, etc. Deve-se, no entanto, ter cuidado ao fazer a promessa. Pois esta deve ser cumprida de qualquer forma. Alguns casos demonstram-se complicados. Promessas muito caras, ou muito trabalhosas, feitas no calor da oração e no suor frio do desespero nem sempre se apresentam passíveis de realização.

“Timon 29 de setembro de 2001

Ô meu São Francisco, em primeiro lugar te agradeço por você ser meu santo de devoção. Aqui esta me desculpe, essa é uma boneca de pano me representando, é pagando minha promessa, pois esse ano não poderei ir até você em canidé, mas espero no próximo ano poder está ai mais meu esposo [nome] e minhas duas filhas [nome]. [...] Me abençoes meu São Francisco e abençoe a sua afilhada [nome da filha] mas meu marido [nome] e esse outro filho que vem ao mundo, logo com fé em Deus espero está ai no próximo ano com minha família. Amém. Olhes por nós. Me abençoe. [nome] e família.”²¹⁴

²¹² Estando os abrigos e as pousadas da cidade lotados, os romeiros pernoitam pelas ruas, ou nos próprios caminhões em que viajam, ou dirigem-se para a Basílica ou para a praça de Assis, grande espaço ao ar livre para novenas, construída em 1987.

²¹³ Avenida Francisco Campos, ao longo da qual foram erigidos monumentos religiosos retratando as estações de Cristo (semana Santa) que formam a via-sacra.

²¹⁴ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 76. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas, nestas cartas mais atuais. Datada: 29/09/2001.

Neste caso, como em muitos outros, mesmo fazendo o possível, a devota não pôde cumprir sua promessa anteriormente feita. Então, ela a renegocia com o santo, argumenta com carinho e envia-lhe um ex-voto, uma boneca de pano que a representa. Enfim, a devota precisa saldar suas dívidas com São Francisco, provar seu afeto, cumprir sua parte na aliança sagrada, e ela acredita que assim o faz.

Alguns devotos insistem em fazer promessas em benefício de outrem, atribuindo-lhes, no entanto, também, seu pagamento, que desta forma nem sempre é garantido.

“29/09/01

Dona [nome] a senhora é mais do que uma mãe minha fiz uma promessa com São Francisco e com Deus e Nossa Senhora Perpeto de Socorro. E aqui quando a senhora ficar boa mandei fazer um pé de madeira para a senhora mandar pelo [nome] levar esse pé de madeira que Jesus mesmo vai fazer a senhora fica boa. E que a senhora vai pagar a sua promessa lar quando ficar boa que eu pago sua passagem para a senhora ir ao Canidé.

E que eu vi um pau de arara saindo daqui e me lembrei muito da senhora e que do dia que a senhora saiu. Vou mandando 10 reais para a senhora botar de oferta como qui a senhora esta mandando pedindo sua saúde. [Assina] Minha querida mãe.”²¹⁵

A devota fez uma promessa em prol de alguém de quem ela gosta muito, e que considera como uma mãe. Mas quem vai pagar parte da promessa, que consiste em ir a Canindé, é a senhora a ser beneficiada. Ficando com a parte mais difícil, talvez, embora a mais prazerosa, se a beneficiada também for devota fervorosa de São Francisco. Muitas são as vezes em que a pessoa beneficiada e intimada a pagar a promessa não consegue cumpri-la. Dá-se então uma complicação, pois o não cumprimento da promessa pode acarretar a quebra do voto e conseqüente perda da proteção, possibilidade que aflige os devotos. Como se pode perceber nestas cartas:

“Escrevo esta carta com muito prazer e alegria para meu senhor são Francisco e peço que o senhor me perdoe que não deu pra ir pagar a minha promessa porque eu não estou mi sentindo bem de saúde [...] então eu lhe peço com todo carinho e caridade que mi der um jeito para mi a melhor para mim ir pagar a minha promessa

²¹⁵ Id. Ibidem. nº 77. Datada: 29/09/2001.

para o ano que vem [...] fiquei com dor no coração porque não fui pagar a minha promessa.”²¹⁶

“São João do Anajá 27/09/20001. Meu senhor São Francisco minha promeça eu não pude ir paga este ano. mais vou trabalhar com fer indeus e meu São Francisco do caninder.

Para no outro ano eu ir paga e mando muita lembrança para meu São Francisco do canindé i no prosmo ano quero paga minha promeça. A importacia de 70 Reais e 30 sentavos

É aque miarcino [assina]”²¹⁷

Os devotos lamentam profundamente o não cumprimento da promessa. A quebra do voto é algo impensável para eles. Não concebem sua vivência sem essa relação com o sagrado. Isto iria de encontro à forma como constroem sua história, como pensam sua experiência e a relacionam com uma outra dimensão, a do além-mundo. A história dos devotos não é ‘feita’ só por eles. Nas suas lógicas não fazem suas histórias sozinhos. Recebem ajudas, intervenções de uma força maior, que eles não controlam. Portanto, diante de uma possível quebra dessa aliança, recorrem novamente às renegociações, adaptações das promessas. O dialogo com o sagrado é flexível. Não poderia ser diferente, pois os devotos, como entendem, são humanos e passíveis de erros e imperfeições. Renovam, então, seus votos com São Francisco. E continuam exibindo a todos, por meio de suas fotografias e ex-votos deixados na Casa dos Milagres, a resolução de seus problemas, suas participações e merecimentos diante de uma “força maior”.

²¹⁶ Id. Ibidem. n^o 41. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²¹⁷ Id. Ibidem., n^o 78.

CAPÍTULO 3: **‘Oi São Francisco, meus pedidos são...’**

3.1 A Diversidade dos Pedidos

Em minha experiência como moradora de Canindé e participante dos festejos de São Francisco, guardo a lembrança de minha infância e adolescência, dentre outras coisas, dos atos iniciais das novenas, quando o frade celebrante lia algumas cartas de romeiros, agradecendo a São Francisco por milagres recebidos. Eram lidas de 10 a 15 cartas, quase todas referentes a problemas de saúde. Eu, como outros participantes, ficava impressionada e feliz por ouvir que todas aquelas horríveis doenças, tão pormenorizadamente descritas, haviam sido por milagre curadas. Mas, diferente do que pensávamos eu e outros participantes da novena, os pedidos eram muito mais variados, referindo-se a questões que vão além da cura física e necessidades básicas como moradia e trabalho.

Os romeiros vão ao santuário de São Francisco para pedir e agradecer milagres. Em Canindé procuram aproximar-se de Deus, de São Francisco e de todo o universo sobrenatural, aproximando-se também de outros santos, e de outros locais sagrados, como Juazeiro do Padre Cícero. Mas, se essa aproximação, fé, e materialização dos pedidos pelas cartas e ex-votos são condições primordiais para a concessão de graças pelos santos, são, por outro lado, artifícios que permitem, aos devotos, usufruir desta relação como lhes

convém. Os devotos não acreditam gratuitamente. Esperam a modificação de uma realidade, quase sempre inóspita. Na medida em que o pedir é o possível e a realidade pode ser modificada por este possível, qualquer pedido torna-se plausível.

Neste sentido, os devotos não seguem regras congeladas de uma religiosidade característica, pretensamente pura, com determinadas formas e determinados motivos para pedir. Seguem suas próprias necessidades de acordo com suas vivências e formas de vivenciar este sagrado. A fé dos romeiros resolve os problemas da vida. E sua relação com os santos independe dos ensinamentos da Igreja oficial, assim como de normas preestabelecidas de culto.

Os pedidos brotam do cotidiano dos devotos. Um cotidiano complexo, o qual se desdobra, tanto numa aparente imobilidade irritante em que nada de novo e bom acontece e as coisas continuam caminhando nas mesmas condições de precariedade, quanto numa urgência, neste mesmo cotidiano, de se reinventar a cada dia para se manter vivo e apto a uma dinâmica de relações sociais não igualitárias e de mudanças rápidas. Assim, aponto que os devotos aqui referidos, ao contrário de pensarem seu cotidiano como algo sem perspectiva, por todas as dificuldades que o compõem, pensam-no como algo passível de ser modificado, principalmente pela intervenção de uma força maior a que eles podem ter acesso. Desta forma, nesta labuta cotidiana eivada de desejos e privações forja-se uma enorme variedade de pedidos.

Na carta seguinte, escrita no ano de 2003, a devota nos dá indícios de toda esta variedade.

“Meu Glorioso São Francisco
Bom-dia!
Boa-tarde!
Boa-noite!

Em primeiro lugar venho com o agradecimento de todas as graças que já me alcançaste, e pedir-lhe que continuando rogando a Deus por nós, coloco a seus pés, o que mais me aflige nesse momento, o Concurso do Estado, rogo ao senhor para que de forma beneficente a todos, cancele a idéia do governo de fazer esse concurso, que ele nos deixe por mais 02 anos e abra espaço pára aqueles que não tiveram ainda oportunidade de ingressar-se no contrato; a volta da minha AMIZADE com o [nome], que ele se deixe levar pelas suas graças e ouça a tua voz, que na cirurgia dele não haja nada de negativo, ao contrário, corra tudo em paz; para que eu

consiga tirar toda e qualquer mágoa que tenha em meu coração, pela saúde da minha mãe, a cura da minha avó; pagamento de todas as minha dívidas e da minha mãe, me mostrando uma LUZ DIVINA, e por final, uma pessoa (amor) na minha vida; boa, amiga, que faça valer o relacionamento. Tudo isso se for segundo a vossa vontade e a vontade de Deus. Obrigada por tudo! 31/07/2003. [assinatura da missivista]²¹⁸

A devota saúda o santo de forma versátil. Bom dia, boa tarde, boa noite. Um mistério envolve o recebimento ou a leitura da carta pelo santo. Ele pode já estar presente ouvindo os pensamentos no momento da escrita, mas também pode ser que haja uma ocasião, um tempo em que as requisições cheguem a ele. Na dúvida, “Bom-dia! Boa-tarde! Boa-noite”. Segue a devota, agradecendo muitas graças alcançadas. Implorando na continuidade desta relação de merecimento, expressa o que mais lhe aflige: o problema de emprego. Pede que o concurso que vai tirar-lhe o emprego seja cancelado, tirando, por sua vez, a possibilidade de emprego de outras pessoas. Contraditoriamente, a devota pede a possibilidade para aqueles que não foram chamados a ingressar no contrato, do qual ela faz parte. Temos aqui uma religiosidade bem complexa e ao mesmo tempo de lógica bem simples. Ao final, prevalece a lógica do “eu”. Os romeiros que vão a Canindé estão longe daquela religiosidade idealizada, envolta numa aura de ingenuidade e bondade universal. A devota expõe muitos problemas, São Francisco deve atender a todos independente de sua natureza. Problemas seus e de pessoas próximas, parentes ou amigos. Problemas de saúde, dívidas, proteção e orientação espiritual, e resolução de pendências afetivas, até a possibilidade de um “(amor)” companheiro.

Nesta outra carta, também escrita em meados de 2003, uma lista de necessidades é apresentada ao santo:

“São Francisco

Em 1º lugar quero que todos nós estejamos com muita saúde, paz, sossego, que haja muito amor, compreensão, alegria, união, e menos violência no mundo, etc.

Em 2º lugar São Francisco que eu e as minhas duas irmãs passemos direto e que não fique nenhuma reprovada, não só a gente também as outras pessoas.

²¹⁸ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 79. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. Datada: 31/07/2003.

Em 3º lugar que a minha irmã arrume um emprego como professora ou trabalhar em qualquer coisa que seja ao alcance dela.

Em 4º lugar que dê certo a mamãe comprar o colchão dela.

Em 5º lugar que o papai comece a trabalhar no mundo afora mas que seja perto daqui de Batalha [...]

Em 6º lugar, São Francisco eu e as minha duas irmãs somos louca para terminar a nossa casa o nosso grande sonho, [...] e comprar as coisas de pouquinho.

Em 7º lugar São Francisco que eu não sinta mais dor no meu estômago, que eu possa comer tudo que não me faça mal.

Em 8º lugar quero realizar outro sonho, você sabe São Francisco é aquele negócio será que vai dar certo.

Que não falte o pão nosso de cada dia de nossa mesa e nem de nenhuma casa.”²¹⁹

Esta devota inicia a carta se mostrando bastante preocupada com as questões mundiais. Sente-se na obrigação de tocar neste assunto, afinal, o mundo em que vive precisa de ajuda e seria muito egoísmo elaborar uma lista de interesses em que estas questões não entrassem. Seguidamente debulha suas carências, uma a uma. Ajuda nos estudos, um emprego para a irmã, a necessidade básica de um colchão para a mãe, e o sacrifício de aceitar a dura possibilidade de que seu pai só arrume trabalho em outra cidade, “mundo afora”, a casa interminada, a própria saúde, e, num certo ponto, “8º lugar”, a resolução “daquele negócio”. Muitos são os pedidos, mas vê-se que apesar de todas as especificações há, por vezes, na escrita dos devotos, códigos cuja atribuição apenas os missivistas e os santos conhecem. Não me foi permitido saber do que se tratava “o negócio”. Os pedidos estão sendo feitos na mente, no coração e no papel, talvez cheguem ao santo antes mesmo que o papel seja posto no cofre de São Francisco. No entanto, este ritual deve ser completado como salienta o devoto na seguinte carta:

“Ò meu padrinho São Francisco eu estou escrevendo estas poucas linhas para lhe dar as minha notícias eu sei que o senhor sabe. Porque tem o poder de saber de seus filho mesmo de longe, mas eu me encareço de mandar esta para o senhor eu estou bem mas os meus filhos parece que não estão e através desta eu quero lhe pedir saúde...”²²⁰

São Francisco tem o poder de saber de seus filhos e de resolver seus problemas. Todos os pedidos, enumerados, dirigidos ao santo, são o sonho da

²¹⁹ Id. Ibidem., nº 81. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²²⁰ Id. Ibidem., nº 120.

melhora, do possível. São Francisco configura-se assim como o santo de todas as causas, pois mesmo quando não tem o poder sobre os problemas, resta-lhe o prestígio junto a Deus e Jesus Cristo por ter em vida, segundo sua hagiografia, recebido suas chagas. Mas este São Francisco de Assis é São Francisco das Chagas de Canindé-Ceará. Os devotos encontraram, na hagiografia oficial do santo, difundida pela Igreja, elementos que unidos à suas próprias referências de milagres conferiram ao santo características bem familiares, que se adequavam perfeitamente às necessidades dos devotos²²¹. As “chagas” de São Francisco percorreram os sertões do Nordeste e o Brasil afora nos nomes de seus afilhados. Quantos Franciscos ou Franciscas das Chagas se pode conhecer procurando não muito longe, aqui mesmo no Ceará?! Para os devotos, São Francisco é antes de tudo o pai dos pobres, por sua opção pela pobreza. Sua vida exemplar de sabedoria e ensinamento inspira paz, harmonia e a busca por direcionamentos. Sua imagem de reformador da Igreja inspira respeito, mas ao mesmo tempo independência e radicalidade. Seu amor à ‘mãe natureza’ o faz protetor dos animais e de todas as criaturas. Sua relação com Santa Clara e as irmãs da nova ordem fundada por eles inspira respeito e consideração às mulheres. E finalmente, seus estigmas e sua morte configuram-no santo das curas e protetor das almas na passagem para o outro mundo, fato rememorado todos os anos nos festejos de Canindé, no dia 4 de outubro, na tradicional celebração do ‘Trânsito’ da “Irmã Vida” para a “Irmã Morte”. Todas estas características do Santo de Assis, em vida, e a apropriação destas pelos romeiros de Canindé sugerem um universo

²²¹ Em seu livro *São Francisco de Assis* Jacques Le Goff elenca os milagres do santo em vida, registrados por seus primeiros biógrafos oficiais (enviados pela Igreja). Por volta de 1219: “Atribuem-se a Francisco milagres mais e mais numerosos. Em Ascoli, ele cura doentes e converte de uma só vez trinta pessoas, clérigos e leigos; em Arezzo, as rédeas de um cavalo que ele tinha tido nas mãos curam uma parturiente moribunda; em Città della Pieve, um de seus seguidores cura os doentes tocando-os com uma corda que Francisco tinha usado como cinto; em Toscanella, cura um coxo, e, em Narni, um paralítico; exorciza possessos em San Gemini, entre Todi e Terni, e em Città di Castello. É perto de Bevagna que os pássaros teriam ouvido sua pregação, e é em Gúbio, segundo os *Fioretti*, que ele teria conseguido que o ‘irmão Lobo’ deixasse de ser mau. Aquele de quem zombavam levanta agora à sua passagem não apenas a curiosidade, mas a veneração e o entusiasmo. Quando se anuncia sua chegada a uma cidade ou uma aldeia, todo mundo acorre gritando: ‘Eis o santo!’ (*Ecco il santo!*) Tocam-se os sinos, verdadeiras procissões com ramos e cânticos seguem à frente dele, dão-lhe pão para benzer, cortam-se pedaços de seu hábito.” LE GOFF, Jacques. *São Francisco das Chagas de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 79-80.

de possibilidades, de poderes atribuídos ao santo. Neste sentido, tudo se pede. E de formas variadas, desde que sejam convincentes.

No tópico anterior 2.2., onde tentei perceber as formas de pedir dos devotos, me deparei com escritas cheias de meandros, nas quais o que interessava afinal era chamar a atenção do santo, mostrando-se merecedores da graça almejada. Na carta seguinte, escrita em 2001, uma devota faz o mesmo, com muita veemência. Sua carta, que na verdade compõe-se de três, é tão longa quanto sua lista de pedidos.

“Terezina 29/Setembro/2001

Viva a deus – viva a São Francisco das Chagas

Em nome de Deus pai Santo, Filho, e espírito-Santo

Peço a Deus, em nome de Jesus Cristo seu Filho, Amado Senhor, a licença de escrever esta carta a São Francisco das Chagas do Canindé, (pela tua infinita misericórdia! perdão) por que quero, perdão que aceite meu perdão, pelas faltas que eu cometi em prometer, e não cumprir, por que não tive a benção das suas mãos não veio direto a mim, sim foi as mãos do meu Ex-marido [nome], ele se descontrolou foi fraco e pode ter bens como um carro que o senhor nos deu, e pelo quadro desta metalurgica viver tão baixo e humilhado, de tanto sofrimento eu lhe peço perdoe-nos todas promessas que não cumprimos com a promessa de levarmos esse carro a Canindé, perdoe-nos eu Francisca das Chagas, meu padastro [nome], me dê essa chance, de pagar, essa promessa junto e ao lado de [nome do novo companheiro], que Deus e Sr. Meu Santo e meu deu, abra nossas portas, levante o quadro desta metalurgica que coisas grandes aconteça em nossas vidas, sem prejuízos e que seja firme pra sempre, cheia de vitórias, e bênçãos, me ajude-me a comprar um carro novo, que tenha condição de ir até aí, e servir pro nosso trabalho, meu Santo Glorioso, Santo do meu nome, nome do homem que eu amo, da minha filha, eu peço me perdoe, e me dê condição de pagar todas as promessas que eu lhe devo, ao lado [dele] obrigado por me dar ele, faça com ele me ame, ame minha família, e esqueça o vício da bebida, e esqueça as coisas do mundo, especialmente quero pedir- levante o quadro desta metalúrgica abra nossos caminhos, e portões, portas e chova de bênçãos, pois eu esperei até agora, com todo sofrimento, quedas, e barreiras, prejuízos que já tomei aqui, mais eu tinha certeza que um dia vós me ajudava ter só vitórias pra sempre, firme sem queda Amém!”²²²

²²² Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 80. Por razões de ética, não revelei os nomes dos missivistas nas demais cartas, nesta, entretanto, por tratar-se de um nome sintomático, de relevância temática, bastante comum entre os romeiros de Canindé, e recorrente nas fontes consultadas, (Francisco e Francisca das Chagas) optei pela não omissão. O fiz com certo receio, porém na esperança de que não haja maiores problemas quanto à escrevente, até pela mesma razão da recorrência dos nomes.

A devota, uma das muitas ‘Francisca das Chagas’, escreveu, em papel cor de rosa, uma carta longa, tão longa que fora preciso impor seus limites. Ela mesma encerrou esta primeira parte com um ‘Amem!’. Para depois continuar suas súplicas reiniciando a carta ainda por duas vezes nas folhas seguintes, com o cabeçalho tradicional, data e saudações ao destinatário. As três cartas compõem uma súplica que se desdobra em muitos pedidos. Nesta primeira parte citada inicia-se toda uma conversação, um pedido de licença, uma introdução ao diálogo. A devota explora sua oratória e inicia-se pedindo perdão pela grave falta de “prometer e não cumprir”, estando desta forma abalada toda sua credibilidade diante do santo. Procura resolver o problema, e ao se justificar, vira o jogo introduzindo todos os seus pedidos: a chance de pagar sua promessa significa ter condições para tal, a compra de um carro, uma melhora nos negócios da ‘metalúrgica’, e por aí vai debulhando suas aspirações, uma vida melhor ao lado de seu novo companheiro, e que chova bênçãos e vitórias para sempre. Adiante a devota continua sua carta:

“Terezina 29/Setembro/2001

Viva a deus – viva a São Francisco das Chagas

Pai Amado querido eu te peço a permissão, pra Dizer ao meu Glorioso São Francisco das Chagas do Canindé, que estou em peregrinação de casa em casa e de rua em rua, pra que o senhor possa diminuir as minhas penas e eu possa alcançar perdão pelas minhas falta para com vós Aceite, meu essas novenas que vos ofereço a Jesus e a vós meu Glorioso São Francisco das Chagas, me ajude a ser feliz com o [nome do novo companheiro] e filhos, abra todos os nossos caminhos, financeiros, espirituais, famílias, Sentimental, e Saúde pra mim viver sossegada, e Servir os mais necessidos, as pessoas carentes eu quero ajudar todos com o [nome do companheiro] e filhos meu santo nossa causa e urgente estamos com certeza que vós, e bom e maravilhoso, galante, nós te amamos, te louvamos meu Santo dessa moradia ouça nossas orações toque nossas peito os clamores nossos Amém!

[Segue lista das novenas realizadas, com data, local e nomes das pessoas que acolheram as celebrações. – grifos meus]²²³

Ela oferece a São Francisco sua peregrinação e a celebração de novenas, ou seja, nove celebrações realizadas por ela e outros devotos, cada dia na casa de uma pessoa, que ela cita uma a uma. Ciente de sua dívida para com o santo, a devota não desanima. Acredita e aposta na sua capacidade de

²²³ Id. Ibidem., nº 80. Continuação da carta.

reverter o quadro por meio da reza, do sacrifício e da louvação. Reforça suas necessidades, pedindo de uma vez a ‘abertura’ de todos os caminhos: financeiros, espirituais, familiares, sentimental, saúde, não ficando desta forma, se tudo for atendido, nenhum problema pendente. Não mede seu louvor, ou não toma o devido cuidado com os termos utilizados. São Francisco é “bom, maravilhoso, galante”, amado e louvado sem comedimento. Francisca das Chagas continua, recomeçando sempre:

“Terezina 29/Setembro/2001

– Pai Santo Amado, e querido eu a vossa Santa licença, para escrever a São Francisco que muito vos Sou grata por todas as bênçãos e graças vinde e vós, eu [nomes do companheiro e da filha] e filhos acreditamos tanto em vossa santidade e estamos aqui pedindo afaste toda maldição, invejas, olho grande, forças do mal e derrotas que exista em nossas vidas, separe tudo que é imperfeito, nos cure de todo mal, cure meu Filho [nome], tire todas as dores que ele tenha que passar, abençoa meus filhos me ajude a cuidar do futuro deles que eles sejam muito felizes, e que possa ser umas pessoas de Deus, e que nunca falte, pra verdadeira paz em tudo por tudo na vida deles. Amém! Consagre nossa Família, [nomes] que ele aceite meus filhos como filhos dele, e não aceite divisão em nossas famílias, eu agradeço por este presente que vós me deste obrigado pelo [nome do companheiro], Mas eu quero que ele deixe de beber, e esqueça aquela paixão absurda pela aquela mulher que tanto lhe prejudicou, mais eu estou com ele muito obrigado, pelo presente, a faça que seja a única mulher da vida dele, o coração dele seja meu pra sempre que ele não veja ninguém, nem uma outra, que não seja eu, seja estrela rainha e dragão, na vida dele, e meus filhos príncipes pra ele [...]. Meu Santo abençoa-nos daí-nos Sorte-fortuna na vida Saude, e paz, sossego tudo por tudo enquanto e bom entra e nossas vidas muito amor!”²²⁴ [grifos meus]

Agora pedindo sem muitos rodeios, de forma mais geral, solicita proteção completa. Ela acredita em Deus e São Francisco, mas, em sua concepção, as forças místicas do mal existem e atuam negativamente na vida das pessoas. Com sua fé, ao invés de desconsiderar a existência de tais acontecimentos fantásticos, a devota é impelida a acreditar mesmo que por oposição ou negação. Esta fé não anula a existência de outros mistérios, e sim mantém a devota protegida contra todos os males, inclusive os que não fazem parte das crenças cristãs, como o ‘olho grande’ e o poder de uma pessoa amaldiçoar outra. Continua sua escrita com as prioridades voltadas para si, principalmente quando se trata dos assuntos do coração. A devota foi

²²⁴ Id. Ibidem., nº 80.Continuação da carta.

categórica, passional. Suas preces não têm nada de ingênuas, sua forma de crer lhe permite este tipo de tratamento para com o santo e este pedido desmedido. No tópico seguinte se verá que estas questões se fazem bem presentes no rol de problemas a serem solucionados por São Francisco. A enorme carta ainda é continuada, desta vez pelas filhas da devota:

“Súplica

Meu São Francisco peço-te, proteção, paciência, libertação, cura de todos as doenças que tenho em meu corpo.

Que com esta carta tu possas ouvir minhas súplicas pois nada é maior que o amor de Deus e o amor de pessoas humildes e simples assim como o sr. Foi uma pessoa rica de amor e humildade com o próximo quero enriquecer também na tua graça

Que o Sr. Possa derramar sobre mim a saúde, paz, paciência, emprego, estudo, inteligência, e bom relacionamento entre eu e minha família, colegas, namorado, etc...

Que as graças de São Fco. , M^a Santíssima, Sr. Jesus possa curar, salvar, libertar as pessoas dos pecados e dos olhos enfeitos e que eu possa ter muita fé, fé, fé mesmo em tudo de bom q’eu faço. Pois eu meu São Fco. nasce em tua graça e quero com ela morrer em paz, em paz contigo mesmo e comigo mesma com todas as pessoas que me amam! Irei no último dia e outros dias nas novenas e festejos. ass: sua filha de corpo e alma e coração, mente. [nome]”

²²⁵

“De [nome] 28/09/01 tarde.

para: Meu Deus

Em 1^o , quero pedir-lhes milhares de desculpas por tudo q/ fiz de errado meu deus perante sua pessoa e a pessoa de milhares de pessoas q conheço – (perdão)

Em 2^o peço-lhes um emprego bom e sabedoria para eu passar todos os anos.

3^o Que o Senhor guie minha vida sentimental, e faça o amor renascer + forte perante my pessoa

4^o Guie my mãe e faça brilhar os desejos dela.

5^o cure e salve – a nós, os doentes, drogados, malcriados e aqueles que não confiam em te.” ²²⁶

Francisca das Chagas anexou à sua carta, as cartas das filhas, e remeteu-as a São Francisco. Mas quantos pedidos de uma só vez! A este respeito, a devota não se importa com limitações. Rasga-se a tênue cortina que a separa do santo. Sua religiosidade transborda-se em necessidades, em oito laudas escritas à mão, no calor da conversa, onde a enxurrada de pedidos é posta diante do santo de um fôlego só, numa carta que se divide, talvez, para efeito de organização, estética ou ritualização.

²²⁵ Id. Ibidem. Carta anexa, escrita por uma das filhas da primeira escrevente.

²²⁶ Id. Ibidem. Carta anexa, escrita por outra filha.

Ao contrário desta longa carta, com contribuições de toda família, a carta seguinte, apesar de escrita também de forma coletiva, foi bastante sucinta em oposição à sua amplidão:

“todos os problemas:

Pertubação, bebedeiras, vícios de baralho, maconha, drogas, falta de desemprego, violências, intrigas, inimigos, muita desunião com a família principalmente desunião doenças nele no filho e na esposa dentro da casa da família dele muita desunião e ele necessita de um emprego a mulher dele também ajude a minha família meu Glorioso São Francisco”²²⁷

Os devotos (porque a carta é assinada por várias pessoas) esperam resolução de “todos os seus problemas”, que são muitos, e de naturezas diferentes. A ‘especialização’ dos poderes de São Francisco — como a que é atribuída a alguns santos, como Santa Luzia, que protege a saúde dos olhos, São Braz para a garganta, São José para as chuvas, Santo Antonio, casamenteiro — pode ser pensada como um prisma de alternativas bem versáteis. São Francisco parece corresponder a todos os problemas. Apesar de ser comum que os outros santos recebam pedidos diversos para além de suas especialidades, a própria hagiografia de São Francisco deixa margem para todas as causas.

Sigamos adiante explorando as interpretações e os usos que os romeiros fazem dos poderes de São Francisco das Chagas de Assis de Canindé e de sua própria religiosidade, através de seus pedidos desmesurados e de sua escrita irreverente.

²²⁷ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 118. Não datada.

3.2 Saúde, Paz e Amor.

Apesar de toda variedade e das muitas excepcionalidades dos pedidos dos devotos — como foi apresentado no tópico anterior — não se pode desconsiderar que a busca pelo restabelecimento da saúde ainda é o pedido mais recorrente, pelo menos em termos quantitativos, nas cartas dos romeiros e mais ainda nos ex-votos deixados na Casa dos Milagres em Canindé. Os ex-votos, em sua grande maioria, expressam partes chagadas do corpo humano, indicando enfermidades, ou ferimentos decorrentes de doenças, acidentes ou casos de violência corporal. São Francisco é visto como o médico dos pobres.

E esta visão sempre foi difundida em Canindé. As narrativas de milagres antigos, perpassados pela oralidade e perpetuados nos livros de Augusto Rocha, Álvaro Martins, frei Venâncio Willeke²²⁸, referem-se em sua grande maioria a curas e proteção contra os males do corpo. Em geral os pedidos sobre saúde que se destacam, por sua urgência muitas vezes em fugir da morte certa, compõem o quadro de milagres que consagram o santuário e ainda mais o santo de Canindé. Muitas são as publicações de cartas no Jornal o santuário de São Francisco, expondo experiências de curas miraculosas. Em fevereiro de 1956, a própria paróquia encarregou-se de publicar nas páginas do Jornal, um grande milagre:

“Pela Paróquia de São Francisco das Chagas de Canindé
As Pedras desapareceram dos rins
Canindé_ Um verdadeiro milagre atestado por médicos do Rio de Janeiro, deu-se por intercessão de S. Francisco com d. Umbelina Nascimento enfermeira do hospital do IAPETEC, no Rio. D. Umbelina sofria de cálculos renais, comprovados por diversas chapas radiográficas. O único meio era uma operação, desaconselhada devido ao estado geral. Depois de fazer um pedido a S. Francisco, D. Umbelina submeteu-se a um novo exame radiográfico e as pedras haviam desaparecido, se bem que pelo tamanho, não pudessem ter saído pelas vias urinárias. Os médicos afirmaram não haver nenhuma explicação natural possível, para este

²²⁸ Pesquisadores da História de Canindé, autores explorados no 1º capítulo desta dissertação.

caso, de vez que cálculos também não se podiam desfazer tão ligeiro se isto fosse possível.”²²⁹

Os milagres ganham maior notoriedade quando comprovados cientificamente. É característica nestes pedidos a fé na possibilidade de se mudar uma fatal realidade, o santo tem o poder para tal. Mas, a Igreja, diante dos muitos milagres fora dos seus domínios, avaliza aqueles milagres comprovados “cientificamente” para atingir uma racionalidade que lhe confere uma autoridade ideológica de lucidez e verdade. Opondo-se, neste sentido, mesmo que apenas em suas premissas, às narrativas dos romeiros, por vezes tidas como ingênuas ou fantasiosas. Digo apenas em suas premissas porque, em discurso, a Igreja aproxima-se dos romeiros quando da divulgação de milagres, como dito anteriormente. Cartas de romeiros agradecendo por milagres eram lidas nas novenas de São Francisco. Cartas como esta, em que a devota agradece o extraordinário:

“Meu Senhor São Francisco das chagas hoje peguei nesse papel e caneta para Agradecer tudo de bom que o Senhor faz por mim que fiquei sega derrepente me valie o Senhor minha vista voltou ao normal dentro de uma hora por isso estou Agradecendo essa graça e muitas graças que o Senhor tem feito por mim pesso que me abenssoe todos para viver em união vou afindar. [nome da devota]”²³⁰

Que a vista tenha voltado ao normal dentro de uma hora é incrível, e por isto mesmo, prodigioso. Mas a devota agradece como quem agradece o esperado. Talvez não almejasse seu problema solucionado com tanta rapidez, mas era esperado, crível, que acontecesse. Pedir ao santo foi também o último e melhor recurso para a devota, que escreveu a seguinte carta:

“Meu senhor São Francisco Eu peso permissão ao meu pai do ceu para que ele lhe conseda uma permissão para ajuda a minha avô pois ela esta com uma doença incurável, eu sei que só através de seus milagres é que ela voltará a ser saudável. Prometo que no ano que vem ela virar de marron e trará em desenho a parte do corpo enfermo. Eu sei que ela irá lhe vê com muito amor pois ela le ama muito.

²²⁹ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano XLI. Graças Alcançadas, 1º de Fevereiro de 1956.

²³⁰ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 09. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

Obrigado meu senhor São Francisco amem. O nome da minha avó é [...].”²³¹

A devota tinha consciência do estado de sua avó quando escreveu a carta. Há problemas que fogem à limitação humana, mas assim como D. Umbelina (das pedras nos rins), a devota acreditou no milagre. As narrativas de curas impressionam pela quebra do impossível. No entendimento dos devotos, sua própria “História” é composta e deve ser contada a partir de milagres vivenciados ou em função de obtê-los, e assemelha-se com a “História” de Canindé. Um verdadeiro mosaico de memórias sobre fatos e milagres. A carta seguinte foi escrita em folhas de papel ofício dobradas e coladas em forma de livrinho, constituindo 6 páginas, com a capa “*Minha História*” e uma foto da beneficiada pelo milagre como contra capa.

“Minha História

Atenção

Minha gente, aconteceu comigo uma doença que eu pensei que não ia sobreviver, com a idade de 5 anos adoecer de um rim, um tumor de massa muito grande, os médicos ficaram dizendo que minha operação tinha sido fatal, eles tirou meu rim e mandou para fazer exame em São Paulo, quando chegou o resultado eu fui transferida para outro hospital Infantil para São Marcos, aí onde eu fui sofrer mi botaram para fazer um tratamento que quase não resistir fiquei como uma morta, passei 7 dias sem comer e sem beber. Vomitando direto e minha mãe desesperada para terminar os médicos me deu alta para que eu fosse morrer na minha casa, e minha mãe desesperada me entregou para Deus e Nossa Senhora e fez uma promessa com São Francisco do Canider para que eu ficasse boa que eu ia cortar meus cabelos no Canider e contava minha história com a idade de 15 anos. Agora estou com 15 anos estou boa. Não sinto mais nada já fiz todos tipo de exame não deu nada graças à Deus e São Francisco estou curada. Meu nome [assina no verso da fotografia tirada aos 5 anos de idade e colada no livrinho]”²³²

Esta é a “História” da vida desta jovem de 15 anos. Ela escapou da morte para “contar a história” a São Francisco e a quem quiser ouvir que o impossível aconteceu. A gravidade da doença, o rim sendo tirado para fazer um exame “em São Paulo”, sete dias sem comer nem beber, uma criança de 5 anos, além de todo sofrimento, sendo liberada dos cuidados médicos, a sentença final. Foi demais para uma mãe, pelo visto, para Deus, Nossa senhora e São Francisco também. A narrativa é dramática. Está tudo aí. A

²³¹ Id. Ibidem., nº 02.

²³² Id. Ibidem., nº 58.

fatalidade da doença, o jejum, o sofrimento e a inocência da vítima, o amor e fé da mãe que sofre as chagas da filha, a promessa, o cumprimento da promessa. E o depoimento da jovem que saiu da morte para reentrar na vida e na história dos milagres de São Francisco. Há ainda, muito importante por sinal, o depoimento da ciência, sem respostas diante da cura prodigiosa. Que devoto de São Francisco não creditaria toda sua fé nesta narrativa? Muitas cartas trazem memórias como estas em que se dribla a morte, e se agradece tão incríveis benefícios.

No entanto, outras trajetórias ainda não apresentam um final feliz, estão a meio caminho, como a da devota da carta abaixo, escrita em 25 de setembro de 2001.

“São Francisco

Venho-me através desta carta, para contar-lhe minha história. Ela é o seguinte:

— Me opereí uma vez e minha operação arrebentou, e então criou um ermes. Então com dois anos de operada ela arrebentou novamente. E gostaria muito que você se colocasse, nos lugares dos médicos e me operasse pela terceira vez. Sou muito gorda e os médicos não conseguem me operar. Então pesso a sua graça p/ que eu fique boa, curada para que eu possa trabalhar para cuida de minha família.

Meu São Francisco, eu agredito que sua graça e enorme, e gostaria que você curace minha perna que esta com um problema, de 16 anos fiz três promessas e a perna sarou, mais agora estou sentindo o mesmo problema de antes.

Com o coração cheio de esperança quando eu ficar sarrada irei pessoalmente deixar-lhe uma perna de pau. Agora mando-lhe um dinheiro não é muito, só para colocar um vela em seus pés. Cuidadosamente [assina]²³³[sic]

Ao contrário dos casos com resolução inacreditável, a devota queixa-se de ainda estar com problemas, a operação que não dá certo, e a perna doente há 16 anos. Mas faz uma ressalva para si mesma: a perna sarou com as três promessas, o problema foi que recomeçou, o que pede uma nova súplica que com fé será atendida. Vê-se, neste sentido, que o passado não está interessando muito, o que vale é aquilo que deve desenvolver-se a partir daí, a memória dos milagres futuros, que a devota espera conseguir. E como agradecimento, promete expor na casa dos milagres em Canindé uma perna de pau, representando sua perna sarada. Como já disse, a maioria dos ex-votos

²³³ Id. Ibidem., n° 119.

representa curas de doenças ou pedidos de saúde. Uma devota explica a natureza de seu ex-voto: “A medida desse cordão é de um pé de [nome completo] para dar saúde a ele e os filhos dele. Essa é uma promessa” ²³⁴. Um simples cordão, jogado entre outros objetos, é a medida da saúde e da felicidade de um crente. E como este, é comum, principalmente nos pedidos de saúde, que sejam feitos por uma segunda pessoa que assiste o desenvolvimento da doença:

“Meu querido São Francisco perdoe-me por meu marido não ter escrito com suas próprias letras. Por que ele se adoeceu.

Espero você atenda os meus pedidos daí-me a saúde do meu marido de volta. Porque ele está cheio de dores no corpo todo e aquela dor no joelho dele é de desaparecerem para sempre e nunca mais é de voltar.”²³⁵

“Meu pedido para São Francisco

1º Pedido é para que meu marido deixe de beber cachaça e ser raparigueiro

2º Pedido é para que São Francisco faça meu filho [nome] fica curado daquela pissoríase

3º Pedido é para que meu irmão o [nome] fique bom das pernas e volte a andar

4º Pedido é para que a [nome] fique bôa da dor de cabeça e o problema da válvula do coração [nomes] fiquem curada do estômago. [Assina]”²³⁶

Os devotos aproveitam a oportunidade de uma carta para pedir por várias pessoas. E são muitas as doenças que assolam os romeiros e poucos os recursos, tanto próprios, quanto dos serviços públicos. Não é, pois, à toa que os problemas de saúde tenham estado no topo da lista de pedidos a São Francisco desde sempre nas especulações sobre os motivos que levam os devotos a procura da ajuda divina.

Uma pesquisa realizada por uma equipe do departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará (UFC), num trabalho de catalogação de ex-votos em Canindé, relatou que o número total de peças depositadas entre 1984 e 1995 chega a 216.552 peças, registrando também centenas de quilos de cabelo e milhares de fotografias. Este estudo apresenta um quadro serial das partes chaguentas do corpo mais representadas nos ex-votos, e de outros pedidos.

²³⁴ Id. Ibidem., nº 90.

²³⁵ Id. Ibidem., nº 89.

²³⁶ Id. Ibidem., nº 82.

“Membros inferiores: é a região do corpo humano que tem mais exemplares: em oito anos foram repertoriados 47.257 ex-votos. Cabeça: foram catalogadas: 21.997. Membros superiores: ocupam o terceiro lugar em quantidade com 14.079. Mama é outro órgão que também tem aumentado proporcionalmente: 10.351. Também são catalogados ex-votos que representam os mais diversos órgãos (coração, útero, órgãos genitais, costelas, tronco, pulmões, coluna vertebral). Outros ex-votos simbolizam cereais, tijolos e maquetes de casas, casco de animais, certificado de cursos e ingresso em universidade. Total: 24.026. Também centenas de quilos de cabelo e milhares de fotografias de peregrinos são expostos num agradecimento à cura dos males.”²³⁷

Tal pesquisa voltada a identificar problemas na área de Medicina e Saúde “constata que o povo sofrido da região nordestina busca atribuir ao sagrado a cura que lhe é negada pelos profissionais de saúde pública”²³⁸, e vê no ex-voto a principal manifestação dessa necessidade. Não se pode negar completamente esta interpretação, entretanto deve-se considerar que segundo pesquisa recente²³⁹ desta mesma instituição, 74% dos entrevistados procuraram ajuda médica, e deste total cerca de 63% consideraram boa a assistência obtida, o que não lhes impediu de fazer promessas²⁴⁰. Não se deve, portanto, atrelar as necessidades e promessas dos devotos unicamente à falta de serviços públicos ou à sua condição social, embora não se deva desconsiderar estes aspectos. Outro ponto é que pesquisas desta natureza quase sempre impedem uma visualização mais ampla dos entrevistados. Nesta por exemplo, de 100 pessoas entrevistadas, 93 afirmaram estar pedindo saúde, porém, como vimos e veremos, o leque de pedidos é bem mais amplo e surpreendente. E alguns pedidos são tão inusitados que o próprio devoto, tendo consciência disto, não os revelaria a um entrevistador, restringindo-se a dizer o óbvio: saúde, emprego, enfim, o que se espera ouvir de um devoto, “religiosamente correto”.

²³⁷ ALVES, A.C.. “Casa dos Milagres e os ex-votos”. Diário do Nordeste, 04/10/1995, p.10.

²³⁸ Id. Ibidem.

²³⁹ Estudo Transversal realizado por estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (Departamento de Saúde Comunitária. Medicina e Saúde Comunitária - Abs 4) – através de entrevistas, por meio de fichas previamente elaboradas, com romeiros que portavam ex-votos, no município de Canindé – CE no dia 3 de outubro de 2005.

²⁴⁰ Fernandes chama atenção para este tipo de abordagem e o cuidado de não se obter conclusões simplórias: “a julgar pela maioria das matérias jornalísticas e por boa parte da literatura sociológica, este gênero de religiosidade não passaria de uma forma compensatória das carências dos serviços públicos”. FERNANDES, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: ed. Brasiliense, 1994.

Na carta seguinte, a devota também pede saúde, e apresenta outras necessidades:

“Meu Glorioso Pai S. Francisco

Paz e Bem

Meu Glorioso S Francisco, esta fazendo 1 ano que estive aí com o senhor, nesta festa linda. E fiz um pedido a vós, dizendo que se vós fizesse a [nome] ficar boa, eu este ano levaria uma cabeça em agradecimento, mas não deu, ela continua doente, mais a minha fé é grande, que um dia ela ficará boa.

Peço meu S. Francisco me ajude a resolver meus (débitos) problemas e a pagar tudo o que devo, são muitas as minhas dividas, mas confio em vós que um dia pagarei tudo e ficarei livre. Peço a vós que me livre de todas as aneurismas, de todos os derrames, desastres, morte repentina, animal peçonhento todas as doenças incuráveis e contagiosas, e de todas as tromboses, livra pai de tudo isso p/q so vós tem o poder. Ajuda todos os meus parentes e irmão. Daí-lhe pai a nossa saúde, mais uns anos de vida e felicidade. Obrigado Pai por tudo isso que eu peço. Derrame suas bênçãos sobre nós que nada de mal nos aconteça. E se Deus quiser irei aí lhe ver, na hora que ele conseti.

Tudo isso, peço com muita fé

Sua serva em Cristo [Assina]

Meu querido Pai S. Francisco, fazei que o [nome] mande um dinheiro pra mim.

A mesma. Ajuda Pai a vencer esta vida que é tão difícil, mas com a vossa ajuda tudo se tornará fácil, faça as pessoas que estão me devendo pagar. Sua serva Espírito Santo.²⁴¹

A devota se mantém crente apesar de não ver solucionado o problema após um ano de feita a promessa. Até adianta outros pedidos e acredita que de acordo com sua fé tudo se resolverá. Sua fé, entretanto, contrasta com fortes receios. Percebe-se uma grande ansiedade na carta, quanto aos perigos a que seu corpo está exposto. A devota, preventivamente, implora ser resguardada de “todos” os males, que podem tirar-lhe a vida ou a paz, trazendo-lhe dores físicas ou psicológicas. O medo dos males que rodam sua vida pode ser por si um mal bastante nocivo. Outros devotos se queixam, em suas cartas, de “nervoso”, “palpitações” (no coração) e sentimento de angústia, problemas que, segundo suas preces, se resolveriam com um pouco de “paz”²⁴². Pois a saúde

²⁴¹ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 93. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁴² A pesquisa do Departamento de Saúde Comunitária constatou muitos problemas referentes à ansiedade, estresse, nervosismo (problemas nos nervos, pressão alta, etc.) No que diz respeito ao tipo de afecção que acometia os romeiros, a maioria deles citou *DOR* e *ANSIEDADE*. Sendo que *ANSIEDADE* compôs o índice de 37%, quase metade do total, e

não deve se dar apenas no corpo, mas no corpo e na alma. Como indicam as seguintes cartas de 28 de setembro de 2001:

“Teresina, 28 de setembro de 2001

Visitei Canindé pela 1ª vez em 04/10/83, momento este em que passava por grandes dificuldades-saúde, sentimentos, etc.

Hoje, aos 18 anos parece que tudo se repete e com as mesmas características ou coincidência da vida.

Tenho certeza que posso contar com a sua ajuda, sua paz, sua misericórdia, sua proteção, seu exemplo de vida, esperança e confiança no senhor Jesus, fé e muita coragem para enfrentar todas as tribulações dessa vida.”²⁴³

“Pensamento de sofrimento tristeza e solidão.

São Francisco das Chagas eu venho lhe pedir ajuda da Graça para encontrar [nome] e quero São Francisco que você abra o coração da minha sogra [nome].

São Francisco ajuda [nome] e [nome] se amansar pra ela São Francisco eu quero conseguir duzentos reais para chegar.”²⁴⁴

Na primeira carta, a devota pede força para continuar a jornada da vida. Um sofrimento que se repete após 18 anos. A devota precisa de fé, e com o pouco que lhe resta refaz seus laços de proteção, que devem lhe garantir paz, um alívio imediato para o coração. Na segunda, o alívio imediato é a resolução do problema, encontrar uma pessoa, a causa do sofrimento. E em meio a um pedido tão comovente, uma necessidade de dominação, de que alguém se “amanse” para outrem. E pedido de dinheiro, que aqui deve ser a conotação concreta de paz, e resolução dos problemas, de forma prática.

Outro problema recorrente nos escritos, que impede a paz tão almejada, é a submissão aos vícios: “bebedeiras, vícios de baralho, maconha, drogas [...]”²⁴⁵.

Sem nenhuma referência à sua finalidade (o que pede ou agradece), não posso afirmar com certeza se a fotografia abaixo se refere ao vício da bebida. Mas o conteúdo de sua imagem, a este respeito, é bastante sintomático:

DOR 32%, sendo mais relacionada à cabeça. *Relatório de Estudo Transversal* realizado por estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará (Departamento de Saúde Comunitária. Medicina e Saúde Comunitária - Abs 4) com romeiros que portavam ex-votos, no município de Canindé – CE no dia 3 de outubro de 2005.

²⁴³ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 91. Datada: 28/09/2001.

²⁴⁴ Id. Ibidem., nº 48. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁴⁵ Id. Ibidem., nº 118.

Imagem 1²⁴⁶

Ele empunha uma garrafa. Ela, um copo. Ambos descalços, próximos ao que parece um boteco ou uma mercearia. É possível que alguém tenha enviado a fotografia para São Francisco na esperança de libertá-los do círculo vicioso tão grave e tão bem representado pela frase na camiseta dela: “Bebo para dormir, acordo para beber”. A vestimenta neste caso não é o marrom de São Francisco e os pés não estão descalços em pagamento de promessa. A mulher “vestiu a camisa do vício” numa consciência irônica de seu estado. Mas São Francisco deve acolher seus devotos seja lá em que situação se encontrem, deve compreendê-los e curá-los de todos os males.

No intuito de se verem livres dessa chaga muitos devotos intercedem a São Francisco:

“Meu S. Francisco eu estou ti pedindo enplorando que mi ajude por favor proteja meu menino o [nome] pra que ele deixe de beber cachaça e procure um cerviço pra ele trabalhar. Pra quando ele vim aqui vim como um homem pela a mor de Deus. Assina”²⁴⁷

“Teresina, 19 de setembro de 2001

²⁴⁶ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Lazer* nº 03. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

²⁴⁷ Id. Ibidem., nº 95.

Meu senhor São Francisco estou escrevendo esta carta com muita angústia no meu coração pelo sofrimento de minha mãe pois ela tem um filho que bebe muito e faz ela sofrer demais

Em nome de minha mãe eu lhe peço que derrame suas graças sobre a minha mãe [nome completo da mãe e do irmão] derrame suas graças sobre ele fazendo com que ele seja liberto do vício da cachasa e de todos os maus que n corpo do meu irmão esteve. E eu lhe prometo que eu aucansando esta graça eu irei deixa ou mandarei uma oferta para a sua igreja e levo uma carta lhe agradecendo pela graça alcansada. Assina:[nome]”²⁴⁸

São muitos os perigos do corpo e os males que eles causam a quem está próximo. A libertação dos vícios é entregue nas mãos de São Francisco. Na concepção destes devotos, só ele para libertar de tamanha prisão, em que seus cativos não têm mais vontade própria. O “vício da cachaça” é um dos mais mencionados nas cartas, e sempre como irremediável, “mal” que pode facilmente arrastar seus cativos para a morte. Com este receio muitas pessoas pedem por seus entes queridos, assim o fez uma esposa estipulando a seguinte promessa:

“Timon 28/09/01

Com muita fé e dedicação estou escrevendo para contar um pouco do meu sofrimento meu Senhor São Francisco de Assis estou lhe pedindo pelo amor de Deus que tire o vicio do meu esposo querido que faça com que ele abuse o álcool pois eu lhe prometo acender 1 masso vela no Cruzeiro do cemitério Santa Maria de janeiro em diante

[nome] e os filhos.”²⁴⁹

Velas no Cruzeiro do cemitério?! Pode ter sido a forma, pensada pela esposa, de manter seu marido afastado dali, salvá-lo da morte corpórea, causada pelos malefícios da bebida no corpo, ou da morte moral, que tolhe ânimos e oportunidades na vida do “viciado”. Uma tentativa de mudar seu fim, de fazê-lo renascer matando o vício. No entanto, não se podem precisar os reais motivos que a levaram a situar ali o pagamento de sua promessa, o que, aliás, lembra algumas práticas de Umbanda ou Candomblé realizadas em cemitérios.

Salvos, ou não, destes ou de outros perigos para o corpo, muitos devotos manifestam profundas preocupações com perigos que continuam na outra vida: os perigos para a alma. São Francisco é tido também como santo

²⁴⁸ Id. Ibidem., nº 102. Datada: 19/09/2001.

²⁴⁹ Id. Ibidem., nº 125. Datada: 28/09/2001.

da passagem para a outra vida. Segundo sua hagiografia, São Francisco soube esperar e ‘vivenciar’ com serenidade a ‘Irmã Morte’, como ele a chamava. Os devotos vestem a mortalha franciscana, traje marrom de São Francisco, em vida e na morte. São vestidos em seus velórios, de forma apropriada, para que se dê a passagem²⁵⁰. Durante a peregrinação em Canindé, os romeiros não deixam de mandar rezar missas para seus entes queridos já falecidos, encomendando as missas na secretaria da Basílica ou simplesmente as intencionando em seus escritos como o seguinte:

“Eu peço uma missa para minha mãe [nome] morreu 1986 para minha madrinha e padrinho [nome da madrinha] morreu 1951 [nome do padrinho] morreu 70 meu pai [nome] morreu em 1979 meu compadre [nome] morreu 98”²⁵¹

“São Gonçalo do Piauí 28 – 09 – 01
Eu peço que celebre uma missa para
[nome] nascida em 1930, Faleceu em 1981
[nome] nasceu em 1914 e faleceu em 1994
Agradece
Assina”²⁵²

“Bom Jardim 01-10-2001
Eu peço a pessoa que recolher essa jóia mandar o padre
rezar uma missa para essas pessoas da minha família que
faleceram. A jóia é de uma promessa que eu fiz, a missa eu estou
pedindo [segue nome e data de falecimento de quatro pessoas]”²⁵³

Os romeiros pedem missas para seus entes queridos falecidos já há algum tempo. Na primeira carta o(a) devoto(a) lembra a perda de seus pais e seus padrinhos, e ainda um compadre. Os pais que devem ter cuidado e

²⁵⁰ João José Reis ressalta a crença no século XIX que atribuía a São Francisco a salvação das almas, na qual, uma vez por ano o santo passaria pelo purgatório retirando de lá as almas que pudesse salvar. E a respeito do costume do uso da mortalha franciscana em Salvador, no século XIX, afirma: “Como outros costumes funerários, o uso da mortalha franciscana era uma herança ibérica. Data da Idade Média o costume de as pessoas em Portugal pedirem em testamento que seus cadáveres fossem amortalhados com hábito de São Francisco. A iconografia franciscana indica que o santo tinha um lugar destacado na escatologia cristã. (...)”. E sobre o cordão que prende a veste à cintura: “De acordo com uma tradição sertaneja que provavelmente foi um dia também litorânea, o cordão “afasta o inimigo e serve aos anjos para puxarem o finado”. REIS, João José dos. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

²⁵¹ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 97. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁵² Id. Ibidem., nº 99. Datada: 28/06/2001.

²⁵³ Id. Ibidem., nº 100. Datada: 01/10/2001.

guiado em vida seus filhos, agora “necessitam” de cuidados, de orações para serem guiados no outro mundo. Nesta, como nas outras cartas citadas, não importa o tempo de falecimento, os devotos rezam missas para pessoas que faleceram há 10, 20, 30, e até mais de 50 anos. Oração e missas nunca são demais, principalmente quando se trata da outra vida “que ninguém sabe como é lá”.

A missa na intenção das almas, rezada em Canindé de São Francisco, tem, para os devotos, eficácia garantida pelo santo da santa morte. Tanto que a maior comemoração de seus festejos se dá a 4 de outubro em comemoração de sua morte (1226), chamada cerimônia do Trânsito. Dessa forma, o santo sempre é lembrado como intercessor das almas para seu descanso eterno. “Senhor São Francisco das Chagas de Canidê[...] Pessoa que entereceda pela alma de [nome] para que ele possa descansar em paz. Assina”²⁵⁴.

Além das missas para seus mortos, os devotos depositam, na Basílica, fotografias e cartões fúnebres (impressos com foto do falecido (a), mensagens de pesar, orações, e convite para missas de sétimo dia), na esperança de que sejam guiados e protegidos por São Francisco na outra vida. São retratos de pessoas falecidas, velórios, e até mesmo registros do momento, das circunstâncias da morte (como a fotografia na qual a vítima fatal de um acidente de trânsito ainda jazia no chão com uma vela acesa posta em sua mão)²⁵⁵. A foto, que não ousou reproduzir aqui e que gera uma sensação terrível no observador, fora, entretanto, destinada a ser exposta no “mural dos milagres” entre outros retratos votivos. As imagens seguintes também foram deixadas na Casa dos Milagres para o mesmo fim:

²⁵⁴ Id. Ibidem., nº 98. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁵⁵ Duas fotografias do cadáver, tiradas de ângulos diferentes. Postas na Casa dos Milagres. Datação provável: 2000. Acervo Pessoal.

Imagem 2²⁵⁶Imagem 3²⁵⁷

Estas imagens retratam o velório, momento de pesar, crucial para os familiares e amigos dos mortos, momento em que se separa a alma do corpo. Uma cerimônia necessária para a aceitação de que a pessoa se foi para um outro plano da existência e que, portanto, o corpo deve ser devolvido ao pó. Um rito em que devem ser tomados certos cuidados, como a preparação do corpo, flores no caixão, velas acesas, a disposição do corpo na sala da casa, as devidas encomendações da alma, muito comumente feita por leigos rezadores e rezadeiras através de orações e cânticos e suas vestes nas cores e tamanhos apropriados²⁵⁸. A foto da esquerda mostra uma veste azul, relacionada à Maria santíssima, outras cores utilizadas são a marrom, mortalha franciscana, a preta diretamente relacionada à morte, e ao Padre Cícero, a branca, também relacionada à Virgem Maria.

As imagens foram produzidas neste rito. E é costume no sertão, quando se tem oportunidade, fotografar o morto em seu caixão, rodeado dos

²⁵⁶ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Morte* nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

²⁵⁷ Id. Ibidem., *Morte* nº 03.

²⁵⁸ José de Souza Martins em seu artigo, 'A morte e o morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça', discorre sobre o rito do velório, em que a alma é divorciada do corpo por meio de "um conjunto de cuidados, que são tomados na relação com o morto". Para o velório, "após lavado e vestido, o corpo deve ser tirado do quarto para a sala da frente, o cômodo que dá para a rua e para a estrada. E deve ser tirado com os pés para a frente, precedido por alguém que conduz a vela acesa. O velório deve ser feito de modo que o corpo fique com os pés em direção à porta e a cabeça em direção ao interior da casa. Luiz Câmara Cascudo observa que a posição do morto na casa é o inverso da posição do nascimento (...) no que diz respeito aos vivos esse é um modo de não atrair a morte. No que diz respeito aos mortos, é um modo de evitar que a alma permaneça na casa, e com ela a morte. A alma deve acompanhar o corpo embora separada dele.(...)." MARTINS, José de Souza (org). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1983, p. 265.

familiares e amigos²⁵⁹. Por vezes, encontrei, em visitas mesmo no interior de Canindé, fotografias expostas nas salas de entrada de algumas casas. Os parentes guardam como lembrança do momento da despedida e/ou as deixam sob a proteção de São Francisco na Igreja de Canindé.

Por outro lado, a paz, para os vivos neste mundo, é bem preocupante e pode depender da conjuntura mundial, de acontecimentos que possam parecer mais distantes do que o outro lado da vida, entretanto mais nocivos a esta. Há que se preocupar com as relações mais gerais, entre países, como demonstra a carta seguinte:

“Osama Bin Laden

São Francisco poderoso e glorioso peço a vós, encontre esse homem filho de Deus e converta para Jesus se for a vontade do Pai assim seja por favor atenda! Pelos sacrifício dos seus romeiro inocente exaltarei o seu nome junto ao de Jesus. Amém

George Bush

São Francisco vos que renegou todas as riqueza por amor a Jesus visite este homem e faça com que ele reconheça, que a potência maior é a de Deus.

Assim seja²⁶⁰

O(a) devoto(a) acima preocupou-se em pedir a Deus pelos dois homens apresentados pela mídia como responsáveis pelos acontecimentos que se desenvolveram em 2000, nos Estados Unidos da América, e no Iraque, a partir da derrubada das torres gêmeas. De certa forma, atribui a atitude de Osama à religião Islâmica ao pedir sua conversão, apesar de colocar-se numa posição modesta, deixando a decisão a cargo da sabedoria divina. Já a saga imperialista dos E.U.A, representada por Bush, é condenada diante do exemplo de São Francisco e do poder de Deus.

²⁵⁹ A historiadora Kênia S. Rios, traduzindo na escrita os passos de sua pesquisa de doutorado, relatou a visita que fez a um de seus entrevistados, de mais de 90 anos de idade, residente no Sertão Central do Ceará — área do Ceará onde também situa-se Canindé — onde também encontrou esta prática, pois o entrevistado mantinha uma estranha lembrança de sua filha mais velha, morta num acidente de trânsito. A pesquisadora observou: “[Seu Mauro] Expõe na parede da sala a foto da filha no caixão e, ao lado, a foto dela recostada na motocicleta do acidente”. RIOS, Kênia Souza. *Engenhos da Memória: narrativas da seca no Ceará*. Tese de Doutorado em História – PUC. São Paulo: PUC, 2003, p. 214.

²⁶⁰ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 83. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

Inseridos na atual cadeia de comunicação, de várias formas interligados ao mundo, os devotos preocupam-se com acontecimentos mundiais. Mas o perigo pode estar mais perto do que se espera. O bilhete reproduzido abaixo, direto e objetivo, pede uma paz nada amistosa:

“Meu São Francisco retire essas pessoas da minha vida e
peço-lhe para elas mim da paz.
[nome das pessoas] Se eu conseguir essa graça prometo-
lhe comparecer todos os anos a esta festa”.²⁶¹

A devota, ou devoto, pede para certas pessoas serem ‘retiradas’ de sua vida, não especifica como, é uma prece perigosa. Mas encontra-se angustiado(a) e São Francisco é a solução. Em pesquisas, como a do Departamento de Saúde Comunitária da Universidade Federal do Ceará, em que são realizadas entrevistas, é improvável que os devotos revelem seus pedidos quando estes são, na própria concepção de quem pede, indignos diante da igreja ou das outras pessoas. E não devemos pensar, entretanto, que isto acontece devido aos tempo atuais. Temos aqui um problema de fonte. Não foram encontrados registros de pedidos desta natureza nas fontes oficiais, exceto um, que me deixou surpresa, uma graça publicada no jornal O Santuário, de 1936, bastante imprópria para um bom cristão: “A Senhora D.M.A.M agradece a São Francisco a graça de afugentação de um mau vizinho, que não se podia suportar. Enviou 11 prometendo enquanto for viva dar a esmola de 2000.”²⁶²

A devota pediu e, julgando-se contemplada, agradeceu a São Francisco, prometendo gratidão, por toda sua vida. A relação com o tal vizinho havia de ser mesmo insuportável e mesmo longe estará presente na vida da devota, sempre que der a esmola ao santo, enquanto for viva. O que deve ter causado tamanha aversão? Talvez um acontecimento marcante ou talvez a simples quebra de conveniências²⁶³, sutis na dialética do cotidiano.

²⁶¹ Id. Ibidem., nº 35.

²⁶² Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Ano XXI. Graças Alcançadas, 1º de Janeiro de 1936.

²⁶³ Segundo Pierre Mayol a organização da vida cotidiana nos espaços limítrofes entre público e privado se articula segundo dois pontos: Os comportamentos e os benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de “se portar”. Explica: “Existe uma regulação articulando um ao outro com o auxílio do conceito de conveniência. A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” (ou “vaquinha”): representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das

Nos escritos abaixo, os devotos, (ou devotas), pedem de forma genérica, ao que parece, não se referindo a uma pessoa determinada:

“Teresina, 29 de Setembro de 01

Meu querido São Francisco das Chagas desde que meus filho são pequeno luto p/ eu ir ai, mas nunca deu certo, mais um dia vai dar certo. Peço a voz meu querido irmão e pai proteger por tudo que é sagrado me ajude eu a vencer esta dificuldade que estou passando. Me ajude a pagar minhas dívidas construir minha casa. (..) Me livre eu e meus filhos e irmão, irmã de tudo que é ruim der a paz par nossa família e a paz mundial. Meu querido pai me livre de qualquer bruxaria, feitiçaria, da peste e da praga do mau vizinho.²⁶⁴
[grifos meus]

“Meu padrinho São Francisco

me ajude preciso vender e comprar outra casa pelo nome de Jesus. Ter um pouco de paz p/ me meus filhos parente. Preciso de minha saúde enome de deus. Sosego.proteção e boasamizade para essa casa e para a outra que eu comprar amem Bons Vizinhos. (...)me livre do mal vizinho sempre amem meu padrinho Padre cícero seja minha guia de noite e de dia e no pingo do meio dia, me livre da praga do mal vizinho”.²⁶⁵ [grifos meus]

Na primeira carta, existem muitas coisas de que se deve livrar-se, uma delas é o mal do mau vizinho. O perigo está nas relações humanas, em pessoas com as quais o devoto é obrigado a conviver²⁶⁶. O vizinho mora ao lado e tem o direito de fazê-lo. Resta rezar para que ele não seja um mau vizinho, e se for, que vá para bem longe. A segunda carta começa pedindo a

pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por esse ‘preço a pagar’ (saber ‘comportar-se, ser ‘conveniente’), o usuário se torna parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana”. MAYOL, Pierre. I. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de et. *A invenção do Cotidiano*; 2. Morar, cozinhar. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 38.

²⁶⁴ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 86. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. Datada: 29/09/2001.

²⁶⁵ Id. Ibidem., nº 59. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁶⁶ Ainda discutindo a vida cotidiana, e como se desenvolve no bairro, Pierre Mayol pensa as relações aí vivenciadas como vizinhança: “o bairro é o espaço de uma relação com o outro como ser social, exigindo um tratamento especial. Sair de casa, andar pela rua, é efetuar de tudo um ato cultural, não arbitrário: inscreve o habitante em uma rede de sinais sociais que lhe são pré-existentes (os vizinhos, a configuração dos lugares etc.). A relação entrada/saída, dentro/fora penetra outras relações (casa/trabalho, conhecido/desconhecido (...)). É organizadora de uma estrutura inaugurável e mesmo arcaica do “sujeito publico” urbano pelo pisar incansável porque cotidiano, que afunda em um solo determinado os germes elementares (decomponíveis em unidade discretas) de uma dialética constitutiva de autoconsciência que vai haurir, nesse movimento de ir-e-vir, de mistura social e de recolhimento íntimo, a certeza de si mesma enquanto imediatamente social”. Continua, caracterizando o vizinho, como aquele por quem se é obrigado a passar nas imediações de casa, o outro, “intocável porque distante, e no entanto passível de reconhecimento por sua relativa estabilidade. Nem íntimo, nem anônimo: vizinho”. MAYOL, Pierre Op. Cit., p. 43.

São Francisco, numa relação de apadrinhamento, para ser concluída com recorrência a outro padrinho, um bom vizinho de São Francisco, Padre Cícero. Aí também a devota implora por paz e sossego no aconchego de um lar sem a praga do mau vizinho. Esta apresenta uma fórmula contra o mau vizinho, um versinho, bem conhecido oralmente, que repetido protege contra este perigo bastante temido que mora ao lado. Desamores à parte, muitos devotos procuram mesmo é proteger-se dos dissabores da vida resolvendo seus afetos, ou encontrando um companheiro ou companheira ideal.

“*Cheio de amor! Cheio de amor!*”. Diz o refrão de um dos famosos cânticos a São Francisco, entoado pelos romeiros. “*As chagas trazas do Salvador*” continua o refrão. Muitas são as chagas dos devotos, inclusive as chagas abertas do coração. As cartas apontam o amor como bálsamo e como penúria. Ou como doença da paixão. Sentimento que dá e tira a paz, adoece os sentidos²⁶⁷.

A solidão é uma chaga que deve ser curada. Num pequeno bilhete, escrito entre 2000 e 2004, um devoto pediu: “São Francisco do Canindé, Me dê uma pessoa que me entenda, e que me faça feliz é porque eu sou muito carente e preciso de alguém pra mim dividir meus problemas ta. [...]”²⁶⁸. Neste caso, a felicidade depende de outra pessoa. O devoto espera encontrar, ou melhor, receber em sua vida, alguém, não especifica quem, e sim *o quê*. Quer um complemento para sua vida. Uma força a mais, uma salvação. Na carta seguinte a devota foi bem objetiva ao apresentar suas pretensões:

“Meu Senhor São Francisco meu nome é [nome] e quero lhe pedir um milagre, pesso-lhe que me ajude para que eu me case, com o [nome] pois eu amo muito ele, e sei que ele me ama também mais se não for com ele, que seja com outro, desde que ele seja bom para mim.”²⁶⁹ [grifos meus]

²⁶⁷ Os devotos confessam a São Francisco suas fraquezas em relação aos assuntos do coração. Uma música, composta pelos cantores Fagner e Belchior, retrata essa faceta dos devotos revelando seus problemas amorosos ao santo: “*Ai meu deus/ O que é que eu faço/ Tua beleza ta me carregando pelo braço/ Já rezei até pro meu santo/ Da terra de Canindé/ Que me dê um amor bem grande/ Pois pequeno não dá pé(...)*”. Música *Noves Fora*, composta por Raimundo Fagner e Antônio Carlos Belchior.

²⁶⁸ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 106. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁶⁹ Id. Ibidem., nº 123.

Um bom casamento é uma necessidade para esta missivista. Não há tempo a perder. Ter exatamente a pessoa amada parece ser um privilégio muito grande e trabalhoso, difícil de se conseguir. Então, na prática, o milagre de se casar com quem ama pode ser substituído pelo milagre de casar-se simplesmente com qualquer outro, desde que seja bom pra ela²⁷⁰. Por sua carta, fica claro que para esta devota um casamento ainda representa um “meio de vida”, ou a realização de uma vida. Em 29/09/2001, uma devota desiludida, mas esperançosa de se refazer de um drama amoroso, pede a São Francisco o que passou a considerar importante para seu futuro:

“Pedreiras 29/09/01

Meu São Francisco peço lhe que me bote uma benção todos os dias, e lhi peço também que você me dê um bom casamento que o meu marido seja fiel para sempre comigo e que nós dois seja muito feliz, e que nada seja difícil daquilo pra frente pra mim e que São Francisco das Chagas me dê um bom emprego pra mim.

São Francisco peço que me ajude que eu esqueça o [nome] e que eu nunca mais vou me homilhar a ele e a homem nê um.

E que São Francisco dê o cartigo que ele merece por tudo o que ele fez para mim.

Meu São Francisco me abençoi

E atender a todos os meus pedidos. [Assina]”²⁷¹

[grifos meus]

Pedindo um bom casamento, a devota parece querer separar os sentimentos que experimentou até então. Um bom casamento significa encontrar uma boa pessoa para ela, uma união benéfica²⁷². Não tendo em vista

²⁷⁰ Esta preocupação com o bom casamento, ao que nos indica RAMOS, ocupava os devotos e ao próprio Padre Cícero, de Juazeiro do Norte, a quem eram solicitadas orientações, previsões ou intervenções sobre o assunto. “Em uma carta do dia 10 de fevereiro de 1910, a devota Ermelinda Conceição, depois de pedir a benção do Padrinho Cícero, queria saber sobre o futuro do seu casamento: ‘(...) *Meu padrinho mande-me dizer se eu me caso com este, (...) Meu Padrinho me desculpe estas asneiras que mando-lhe perguntar, porque se o senhor mandar dizer se eu não caso com ele eu deixo logo(...).*” (RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998, p. 18.) Como se vê, se o rapaz não servisse, (segundo a orientação do Padre Cícero), seria descartado. Raciocínio semelhante ao da devota que pediu a intervenção de São Francisco para casar-se. Nos dois casos o que importa é a “opinião” do santo, mais do que a pessoa desejada. A dúvida, ao escreverem, era se o casamento seria proveitoso para as devotas.

²⁷¹ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal) nº 104. Datada 29/09/01.

²⁷² RAMOS nos apresenta mais uma carta em que os devotos do Padre Cícero pediam, desta vez, não previsões ou conselhos, e sim sua interferência para a garantia de um casamento feliz: “Em 5 de novembro de 1910, Luiza Maria mandava a seguinte carta: ‘*Meu padrinho primeiro q. todo mim boti sua benção para eu ser bem filis si meu padrinho participo que justei casamento caso mi em Novembro no dia 25 e meu padrinho me emcomendi a santíssima virgem mi emcomendi a minha mãe das dôris para euser filis no*

uma pessoa em especial, a devota pede o casamento como quem pede uma forma de se prover na vida. Claro que um bom emprego ajuda, mas o valor do casamento aparece aqui como o constituidor de uma “evolução” na vida. Embora voltada para um futuro milagre, a devota está presa a um passado de chagas amorosas, do qual quer se livrar. Embora tenha aprendido a lição de não mais se “homilhar a ele e a homem nê m um”, não escondeu sua mágoa, desejando que o dito cujo fosse castigado. Embora o castigo pedido tenha sido moderado, de acordo com que o rapaz “merecia”, não era coisa que se pedisse a um santo. Pois, segundo a Igreja e a lógica cristã, não se deve julgar. Embora o castigo seja considerado pedagógico, o que a devota quis foi punição “o castigo que ele merece”.

Os devotos das cartas seguintes, entretanto, imploram a volta de uma felicidade passada. Neste bilhete bastante sucinto um devoto, expressou um grande pedido: “Eu peço que o senhor devolva minha família de volta, minha mulher e o meu filho”²⁷³. Pede a volta de um bem precioso, sua família. A volta da felicidade em duas pessoas, que lhe foram tiradas, não se sabe por que ou quem, quiçá pela morte, ou se pela vida, ou por seus próprios atos, em algum momento, impensados. O fato é que para este devoto São Francisco tem o poder de devolvê-las. Assim também como para esta devota que pede a volta de um “amor”:

“Um pedido para meu pai São Francisco de sua filha [nome]
Carta a São Francisco

Ó meu pai São Francisco peço que o senhor me faça muito feliz e trazendo o [nome] pra mim, ó pai se for para meu bem faça isso pra sua filha. Traz meu amor de volta porque com ele sou muito feliz. Oh meu São Francisco deixa eu ser feliz por [??], te imploro esse pedido faz com que nos sejamos muito felizes, deixa nós formamos uma família muito linda.

Pai quando eu não conhecia ele eu teria corage de ficar com outro homem agora não pai é diferente não consigo amar mais outro homem, sinto traindo algo que não consigo distinguir o que é bem. Se o pai fizer isso posso ti dar uma prova desse amor te dando uma foto minha e dele como prova de agradecimento posso te dar

meu casamento meu padrinho abençoi a mim e Josue para nois ser bem filis(...).” RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 1998, p. 19.

²⁷³ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 107. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

algo que enfeite seu altar. Me ajude que ficarei te devendo pra sempre. De sua filha [nome]”²⁷⁴

Sem economia de palavras a devota expõe seu caso. Sua vida divide-se em antes e depois de conhecer a pessoa referida na carta. Não se sente capaz de ser feliz com mais ninguém. Aqui, um casamento, por melhor que viesse a ser, não seria bom o bastante para compensar a falta da pessoa desejada.

A carta seguinte, escrita em 28/09/2001, também apresenta um problema mais sentimental e menos pragmático em relação ao casamento. E pede uma intervenção:

“Timon 28 de Setembro de 2001

São Francisco de Assis eu sou uma pessoa que desejo muito ser feliz no amor pois até hoje meu amor nunca foi correspondido. Eu estou com 1 ano e dois meses namorando com o [nome] eu o amo com toda a minha alma eu quero muito que ele corresponda a esse amor que é tão bonito, quero lhe pedir que o senhor e ajude que dê tudo certo com ele que ele me ame como eu o amo, e que ele me peça em casamento, que a gente São Francisco nos casemos e que sejamos muito felizes e que tenhamos filhos lindos que eu lhe prometo São Francisco que quando eu tiver com um ano casada com ele eu vou ai em Canidê, onde sua imagem e deixar uma foto de nosso casamento. Também quero lhe pedir que o senhor me ajude a da tudo certo na venda que eu vou colocar aqui em casa, que seja um sucesso a minha loja que venda bastante e tenha lucro, que tudo São Francisco dê certo em minha vida.

Lhe peço mais uma vez me ajude a dar tudo certo entre eu e o [nome] que ele assume ficar comigo que a gente nos case. Se tudo que eu pedi se realizar o mais rápido possível eu irei ai em Canidê, pagar a minha promessa.

Faça com que o [nome] fique mais carinhoso comigo que ele me dê atenção que tenha tempo p/ mim p/ nós ficarmos juntos.

Obrigado São Francisco e assim eu vou ficar esperando o resultado desse pedido que eu fiz. [Assina]”²⁷⁵

Trata-se de um desabafo de inseguranças e aspirações amorosas. A devota busca ser feliz no amor, e por meio de São Francisco isto será possível. Não que ele seja o único, ou o mais indicado para o assunto. Muito se pede a Santo Antônio, considerado padroeiro dos namoros, santo casamenteiro. Entretanto, segundo a Igreja, São José seria o mais indicado como padroeiro do casamento, por ter sido um bom marido e pai dedicado, provedor de sua sagrada família, Jesus e Maria. Santa Catarina é outra santa indicada como

²⁷⁴ Id. Ibidem., nº 103.

²⁷⁵ Id. Ibidem., nº 108. Datada: 28/09/01.

responsável por estes assuntos. Mas, São Francisco tem recebido muitos problemas desta natureza. Visto que os devotos não seguem determinações oficiais quanto às fronteiras de pedidos e especializações dos santos. Como num encantamento de amor, pedem a transformação das pessoas desejadas em amantes perfeitos, derramando-se em carinhos, correspondendo sentimentos. Como a devota da carta citada, vão além, pedindo uma família, prometem em troca a fotografia do casamento. Como ela, muitas pessoas prometem e cumprem o mesmo. As fotografias abaixo foram, possivelmente, deixadas na Casa dos Milagres com este intuito:

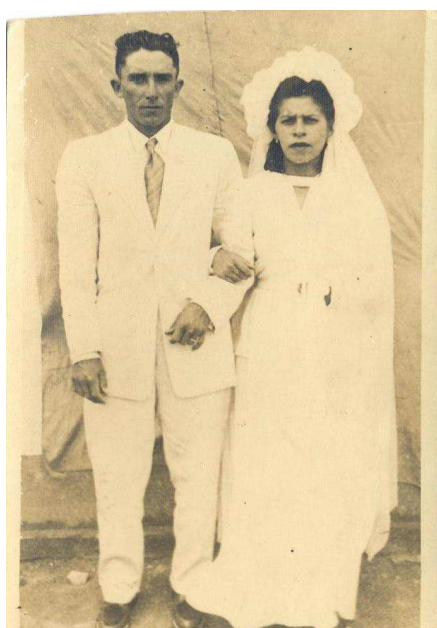


Imagem 4²⁷⁷



Imagem 5²⁷⁶

À esquerda uma fotografia mais antiga, porém não datada, retrata os recém-casados, à direita uma cerimônia de casamento. Embora ambas não apresentem indicação de data ou escrita anexa sobre pedidos ou agradecimentos, pode-se inferir que as fotos destinaram-se a agradecer ou pedir bênçãos e paz nos matrimônios.

Os pedidos de amor são intrigantes. Em geral requerem do santo uma intervenção direta nas vidas e nas mentes, isto é, no coração das pessoas visadas. Vão contra o livre arbítrio. São o averso do que pregam os preceitos da Igreja. Em certo sentido, entram em contradição com a oração de São

²⁷⁶ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Casais* nº 02. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

²⁷⁷Id. Ibidem., *Casais* nº 01.

Francisco, oração em forma de Cântico, muito difundida entre os romeiros, que aponta como mais importante para o indivíduo “consolar que ser consolado; compreender que ser compreendido”, e principalmente, “amar que ser amado”. Claro que de forma bem mais ampla, e por isso mesmo equivalente a todas as relações, inclusive amorosas. Neste sentido, os devotos, ao que parece, quando se trata desses assuntos não vêem muita vantagem em “amar, (mais do) que ser amado”. Querem mesmo é ser amados. E entendem que São Francisco não deve contrariar o devoto que pede com fé e cheio de amor, ainda mais de forma tão ardente, como neste bilhete:

“Bom dia meu São Francisco, meu São Francisco eu estou fazendo esta linha eu tenho muita fé no senhor, que a pessoa que eu amo não me dê mais contrariedade nem do meu lado e nem do lado dele, o senhor sabe o que ele fez comigo, que mande o coração dele para mim, que ele tenha olhos só pra mim, não se interesse por mas ninguém.

Muito obrigado por tudo que o senhor vai fazer por mim.
[Assina]”²⁷⁸

A pessoa amada não deve ter escolha, nem escapatória. A devota pede que o coração dele lhe seja dado, isto é, que seja completamente enfeitiçado, só tendo olhos para ela. Deste ponto de vista, o santo deve intervir totalmente na mente da pessoa em questão, tirando-lhe todo e qualquer discernimento.

Na carta a seguir, a jovem missivista expõe um curioso pedido:

“P/ São Francisco em: Canindé no Juazeiro do Norte.
São Francisco

Receba esta oferta com todo o seu amor peço-lhe a graça de passar no vestibular, que eu ganhe minha moto e que o Senhor mim ajude a fazer que o [nome de um rapaz] mim ame loucamente, pisicopatadamente e eternamente, que ele não pare de pensar em mim, que ele venha mim procurar, implorar o meu amor, mim ajude meu querido São Francisco, eu te peço do fundo do meu coração.

São as três únicas coisas da minha vida que quero realizar.
Obrigado Pai Eterno De [nome] p/ são Francisco.”²⁷⁹ [grifos meus]

Grosso modo este pedido poderia até ser considerado perigoso. Sendo atendido, a própria devota pode correr riscos. Uma pessoa que ame

²⁷⁸ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), n° 124. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁷⁹ Id. Ibidem., n° 90.

loucamente, psicopatamente, pode até cometer atos de loucura. Mas, para a devota não importa, desde que estabeleça seu domínio sobre a pessoa desejada. E São Francisco deve possibilitar isso. Este pedido desmedido coloca-se ao lado de outros dois, (passar no vestibular e ganhar uma moto), como as três realizações da vida da pedinte.

Não se tratando de um julgamento sobre a carta, ou melhor, sobre a devota, mas, de uma busca por interpretações possíveis, uma coisa a se pensar é que a escrevente, como muitas e muitas outras, passam longe de regras rígidas sobre pedidos ideais a serem dirigidos a qualquer santo. No entanto, a devota não deixou o âmbito de sua religiosidade — se é que podemos chamar assim um emaranhado tão complexo e diverso de relações. E mais, deve-se atentar que, mais intrinsecamente, faz parte desse “emaranhado” escrever estas coisas. A carta ainda foi endereçada a “Canindé no Juazeiro do Norte”. Confusão ou não, dentro de uma lógica aceitável ou não, os pedidos estão sendo feitos, cada um com seu nexos. Uma possibilidade para se compreender estes pedidos pode ser pensar na idade das pessoas que escreveram: adolescentes, talvez imaturas. Mas esta idéia não é boa. Simplória. Muitas cartas indicam que as devotas não são tão jovens assim, ou já vivenciaram experiências de adultos, como se pode ver no bilhete abaixo:

“Para mim que S.F. do Canindé faça com que eu conquiste o heart de [nome] como sempre sonhei que um man mim amase, e que love my sons também, me dê saúde, paz, luz, alegria, etc.

Para meus filhos netinho e guguinha: saúde, paz, alegria, muito amor, luz e muita prosperidade, vida longa e que eles realizem os seus sonhos.”²⁸⁰ [grifos meus]

Interessante este texto em que se fundiram palavras escritas em inglês e o nosso português. O que a devota pretendeu? Talvez apenas uma figuração de linguagem, por força da expressão?! O fato é que em inglês ou no bom português, ela deseja que São Francisco a ajude na conquistar o heart (coração) de seu man (homem). Pede ainda “que love my sons” (ame meus filhos). Na concepção da devota, São Francisco deve entender. Linguagem para ele não é problema. Entretanto, a devota seguinte preocupou-se com toda uma organização da exposição de seu caso:

²⁸⁰ Id. Ibidem., n° 101.

“Presidente Dutra 17/09/2001

1º lugar Deus depois você

Meu desespero

Meu São Francisco estou lhe pedindo 2 ajudas 1º é que eu amo [nome] e que ele estar medindo forças com vocês com meu São Francisco e meu Deus e que tenho certeza que vocês tem mais poder do que ele.

Quebre as algemas do coração dele e traga ele para mim, eu estou te pedindo e te implorando que só você pode fazer isso por mim.

Faça com que ele me ame com todas as suas forças do coração e feche todos os becos de outras mulheres para ele, e você já sabe meu São Francisco se fizer isso por mim eu pagarei sua promessa já sabe como é me ajude, me ajude eu tenho fé vou espera, e sim eu estou pensando em colocar uma lanchonete ajude-me que to precisando de forças para dê certo muita paz para o meu lar, mãe, meus filhos e dê bastante vergonha para os meus filhos.

Ass. [nome] a sofredora mais que vai vencer com sua ajuda eu tenho fé. Deus vai te entrega essa carta meu São Francisco.”²⁸¹
[grifos meus]

Em primeiro lugar Deus, depois São Francisco, os dois por ela. Mas a situação não é muito favorável. Pelo visto o rapaz está resistindo a um desejo profundo, e possivelmente a um pedido já feito anteriormente, e ao que parece difícil de ser consumado. Sobre este risco, de não ter o pedido atendido e a possível reação dos devotos, o poeta popular paraibano, José Costa Leite (utilizando o pseudônimo H. Renato) no cordel de exemplo e encantamento “A moça que virou cabra no sertão do Ceará” ²⁸², conta o caso de Maria José. Uma moça que apaixonada por um rapaz e não sendo correspondida fez promessas a São Francisco para se casar com ele. Julgando não ser atendida, zombou dos poderes do santo e foi castigada. Seguem alguns trechos do cordel:

“O tempo foi se passando
Então Maria José,
Sem vê milagre no santo
E fez zombaria até,
Aperreou-se e chorou
Dizendo: Nunca mais vou
Visitar o Canindé!

- São Francisco faz milagres
Mas não quer me atender,

²⁸¹ Id. Ibidem., nº 06. Datada: 17/09/2001.

²⁸² A moça que virou cabra no sertão do Ceará. Autor: H. Renato (Pseudônimo de José Costa Leite, nascido em Sapé- PB, aos 27/07/1927) Publicado pela editora Coqueiro, de Recife-PE. Cordel citado por VIANA, Arievaldo. Op. Cit. p. 109.

Não quer fazer Salomão
 Me amar e me querer,
 Eu vivo me derretendo
 Mas ele não está vendo
 E nem quer me atender.

Ela disse: - Eu só creio em
 São Francisco de Canindé
 No dia em que eu virar cabra
 Der um salto e fazer: -Bé!
 E correr o mundo inteiro
 Atrás de um pai-de-chiqueiro
 Pra quebrar o catolé.

Disse a mãe dela chorando:
 -Filha, não diga isso não,
 São Francisco é poderoso
 Abrande o seu coração
 Faça uma romaria,
 Que talvez, você um dia
 Se case com Salomão.”

O castigo não tardou diante da blasfêmia e insolência da moça:

“Isso foi cedo do dia,
 Contou-me Joaquim Seabra,
 Que as três e meia da tarde
 Disse a moça:-Mamãe, abra
 Ligeiro a porta da frente
 Sinto um troço diferente
 Eu estou virando cabra!

Disse a velha: -Credo em cruz!
 Jesus, Maria e José,
 Você fez sua promessa
 Por pilhéria, sem ter fé,
 Como fez profanação
 Foi castigada por São
 Francisco do Canindé.

A moça virando em cabra
 Não pode mais se casar
 Onde vê uma pessoa
 Tem vontade de matar
 De homem ela corre atrás
 E quando avista um rapaz
 O seu desejo é capar.

E a cabra quando chega
 Aonde tem um forró
 Bota o povo pra correr
 De ninguém ela tem dó,
 Outro dia se agarrou
 Com um rapaz e furou

Bem perto do fiofó.

A cabra remexeu
Maranguape, Itapajé,
Madalena, Aracati,
Parambu e Quixeré
Massapé e Parangaba,
Beberibe, Aracoiaba,
Quixadá e Canindé. [...]”²⁸³

Segundo Arievaldo Viana, este é um cordel singular por tratar-se de um pedido de casamento a São Francisco, uma vez que o santo “casamenteiro” nos sertões e abordado como tal nos cordéis é o também franciscano Santo Antonio de Lisboa. Na narrativa, além de fazer um pedido desta natureza, a jovem o fez com pouca fé, e ainda zombou do santo. São Francisco deu o castigo que ela mereceu e ‘pediu’ em suas brincadeiras. A estória exemplar dá uma lição sobre o quê pedir, como pedir e se portar diante das vontades do santo²⁸⁴.

Nas cartas aqui observadas este perigo é um pouco distante, pois os romeiros de Canindé são bastante astuciosos em suas preces e diálogos escritos. Mesmo não satisfeitos como na carta anteriormente citada, continuam

²⁸³ “A cabra prossegue, Ceará afora, praticando toda sorte de estripulias, mordendo, principalmente, mulher falsa ao marido, e *‘sujeito que usa brinco, fala fino e desmunheca’*, segundo o autor do folheto. O animal não desencanta no final da trama, para que a história tenha continuidade na obra Encontro da moça que virou cabra com o rapaz que virou bode, escrita pelo mesmo autor. ‘Final feliz’ para o casal de caprinos...”. (Id. Ibidem., p. 112.) O rapaz que virou bode é personagem de outro folheto escrito também por José da Costa Leite, “O rapaz que virou bode porque profanou frei Damião”.

²⁸⁴ Na cultura dos devotos de Juazeiro do Norte, “o castigo da metamorfose é um fenômeno de profundo significado”, como demonstrou Régis L. Ramos, tratando do assunto — largamente difundido pelos “poetas do povo” — através do cordel “*A Moça que virou cobra*” de Severino Gonçalves, no qual uma moça, que zombara dos poderes de Padre Cícero, também fora castigada, sendo transformada numa asquerosa serpente. Também neste caso, o padrinho que tem o dever de proteger aplicou um merecido castigo. RAMOS observa: “as metamorfoses que fazem intercâmbio entre o mundo dos homens e dos animais são fatos que guardam raízes nas mais antigas culturas. Fazem parte das ‘narrativas populares’ e mitologias que, até hoje, ocupam posição de destaque em várias configurações culturais, invadidas ou não pelas ondas da modernidade tecnológica. Nesse sentido, as várias profecias do pensamento racionalista, que, no séc. XIX, falavam sobre o fim das mitologias, mostraram, com o passar do tempo e os estudos da antropologia, sinais de clara inconsistência.(...)” Discute ainda: “Além de obedecerem a uma ‘pedagogia do medo’ que reafirma o poder do sagrado e converte o incrédulo, essas narrativas nos falam, metaforicamente, sobre a diferença entre o homem e os animais. Nesse sentido, a essência do homem seria a sua devoção. Sem o sagrado, seria um animal. O infiel estaria no plano dos inferiores por não possuir religião. (...) Nota-se que o padrinho não abandona o afilhado, é o protegido que, sob a égide do Satanás, nega o protetor, ou seja, abandona a condição humana. O homem constrói sua metamorfose nas trilhas do pecado (...)”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. Op. Cit. 1998, p. 61-63.

pedindo com jeito e renovando as promessas. Voltando à última carta, vê-se que, ao invés de se revoltar contra São Francisco, a devota inverte a situação, se voltando para a rebeldia do rapaz diante dos poderes divinos. O caso é posto como um desafio para o sagrado, pois o rapaz está “medindo forças” com Deus e São Francisco. E a devota continua “tenho certeza que vocês tem mais poder do que ele”. Com fé pede que se “quebre as algemas” do coração dele, para então, convenientemente, algemá-lo a ela. A devota segue, mais do que pedindo, conjurando seus desejos. A carta seguinte segue este raciocínio. Escrevendo-a em 30/09/2001, a devota expressou toda sua fé nos poderes de São Francisco e em outros poderes também:

“Timon 30/09/2001

Meu Glorioso São Francisco das Chagas, aceite este R\$ 1,00 me ajude que eu [nome], venha a ter muita saúde e o meu filho [...] Meu Glorioso São Francisco da Chagas quebre toda macumba de feitiço ou bruxaria que fizerao para me separar de [nome] quebre toda essa mandinga e jogue nas águas do mar sagrado. E faço com que ele venha há morrer comigo e me assumir como sua esposa.”²⁸⁵

Os pedidos de amor expressos nestas últimas cartas reproduzidas, pela forma como foram formulados, assemelham-se aos desejos e suas realizações através dos trabalhos de amor, ou feitiços de amor, muito comumente realizados nas religiões afro-brasileiras. Na carta acima, a devota faz alusão direta às práticas da magia. São Francisco deve quebrar “a macumba” feita para separar a devota de seu amado e ao mesmo tempo fazer sua parte, revertendo a situação.

Na Umbanda, por exemplo, se a pessoa quer atrair o amor do ser desejado como se pediu na carta anterior, (“Quebre as algemas do coração dele e traga ele para mim”)²⁸⁶, o trabalho a ser feito seria o *Arrasta*, feito para trazer a pessoa desejada para perto. Mas se o caso é mais sério, e deseja-se que a pessoa ‘amada’ “ame loucamente, pisicopatamente e eternamente,”²⁸⁷ então o equivalente a isso é o trabalho de *Amarração* que tem esse propósito.

²⁸⁵ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 121. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

²⁸⁶ Id. Ibidem., nº 06. Datada: 17/09/2001.

²⁸⁷ Id. Ibidem., nº 90. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

E para manter a harmonia pode-se encomendar ainda o trabalho de *União*. Há ainda o desejo manifestado nas cartas, de que a pessoa amada não se sinta atraído por outrem, como na carta já citada anteriormente: “Faça com que ele me ame com todas as suas forças do coração e fecha todos os becos de outras mulheres para ele”²⁸⁸. Neste caso far-se-ia um trabalho de *Capação*, para que a pessoa não se interessasse por mais ninguém, “estando desta forma com seu desejo castrado em relação às outras pessoas”.²⁸⁹

E pensando sobre um conhecido lema que diz: “*Deus dê saúde e paz, o resto a gente corre atrás*”, pôde-se ver que os devotos deram muita importância aos assuntos do coração como parte primordial de suas vidas, de fato correndo atrás. Mas esse “resto” que se deve correr atrás é todo o resto, é muita coisa. Dando a volta no ditado, para se ter saúde e paz faz-se necessário “que não falte nunca o pão de cada dia”²⁹⁰. E este pão a que os devotos aspiram, como se verá no próximo tópico, é o pão mirrado da sobrevivência, mas também o pão da bem-aventurança, da fartura e do deleite do corpo. Além do corpo e em interação com ele, o pão dos sonhos materiais, o pão que é um mundo a ser consumido e, se possível, de forma fácil, por meio de milagres. Milagre é difícil para o devoto, mas fácil para o santo. Os santos, nesse sentido, podem e devem facilitar a vida dos devotos.

²⁸⁸ Id. Ibidem., nº 06. Datada: 17/09/2001.

²⁸⁹ Kelson Gérison O. Chaves pesquisando o terreiro São Jorge Guerreiro, mais conhecido como terreiro do Pai Gledson, no município de Limoeiro do Norte, e observando os ‘trabalhos de amor’ distinguiu “a existência de quatro tipos principais, denominados por Pai Gledson de arrasta, amarração, união e capação, tendo cada especificidade um propósito bem definido.” Sobre “trabalho” fez questão de destacar: “...que na umbanda o termo além de designar uma imensa gama de rituais diferentes praticados nessa religião, tem o mesmo significado que magia. (Pordeus Jr., 1993)”. CHAVES, Kelson Gérison Oliveira. “Trabalhos de Amor”: as práticas de magia no terreiro de Umbanda São Jorge Guerreiro – Limoeiro do Norte – Ce. *Propostas Alternativas/Instituto da Memória do Povo cearense. n. 14 – (2006) Religiosidade Cearense 1*. Fortaleza: IMOPEC, 2006.

²⁹⁰ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 88. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

3.3 O Pão (e o Jogo) de Cada Dia



Imagem 6 ²⁹¹

No ano 2004, tive acesso ao depósito da Casa dos Milagres em Canindé, que guardava sacos de cartas e fotografias dos romeiros. Encontrei a fotografia acima, revelada em tamanho 15cm x 22cm, destacando-se das outras de tamanho mais comumente utilizado.

Em torno de uma mesa pequena, mais de vinte pessoas, maioria crianças, apresentam pratos cheios, sorrisos nos rostos. Alguns, com os olhos na comida. Vê-se que a pose consistia em mostrar a fartura.

²⁹¹ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) Almoço nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

O menu, possivelmente diferenciado do cotidiano, é composto por uma espécie de torta, de frango ou peixe, arroz, 'salada de maionese', cenoura, beterraba e batatinha. Cardápio comumente presente nas celebrações de aniversários, ou no almoço da Sexta-feira Santa (apesar do jejum que o antecede). Privilégio de poucos dias ao ano. Distribuídas no cenário, quatro velas acesas concebem a chama da oração.

A configuração da imagem é sintomática. Seu principal elemento é a comida, que aparece ostentada como troféu ou ofertada simbolicamente na esperança de sua multiplicação. Não se sabe a procedência exata da fotografia. Mas considerando-se que os romeiros de Canindé provêm em grande parte do Ceará, Maranhão, Piauí, podemos, senão situá-la nestes estados, pelo menos, circunscrever sua origem ao Nordeste.

A importância dada à comida é bem perceptível através do conto de São Saruê²⁹², transposto em algumas versões de cordel, dentre as quais uma das mais famosas, a de José Costa Leite:

Com três dias de viagem
A carruagem parou
Perto de São Saruê
E o vento me avisou
Que já estava pertinho
E ali mesmo me deixou

Perto de São Saruê
Eu vi um rio de nado
Uma moça numa canoa
Me avisou com cuidado
Que a terra São Saruê
Ficava do outro lado

Pois a dita moça estava
Dentro da embarcação
Sem precisar de tarrafa
Pegava peixes com a mão
E todos já eram fritos
Prontos para refeição

Fiquei muito admirado
Vendo a grande riqueza

²⁹² "A comida, a fartura, rios de leite com pedras de cuscuz. Uma das lendas contadas na literatura de cordel pelo ciclo do Maravilhoso é justamente a existência do país de São Saruê. O lugar perfeito, a terra prometida, o mundo sonhado pelo estomago faminto dos sertanejos, em períodos de seca. No sertão, a 'Idade do Ouro' é traduzida na descoberta de um país onde tudo é comida. Uma utopia que enxerga, antes de tudo, montanhas de rapadura com açudes de chá." RIOS, Kênia Souza. Op. Cit., p.88.

Que tem em São Saruê
 Posso dizer com certeza
 Que numa terra daquela
 Não se conhece pobreza

[...]

Tem rio de mel de abelha
 Rio de leite e de chá
 As barreiras dos rios são
 De cuscus e mungunzá
 Tem açude de cerveja
 E cacimba de guaraná

Manteiga lá cai do céu
 Fazendo lama no chão
 Vê-se rio de conhaque
 E rio de vinho São João
 O trigo nasce no mato
 E bota cacho de pão

As pedras são rapaduras
 Tem outras que são cocadas
 As pedrinhas são confeitos
 De cores fantasiadas
 Verdura de toda espécie
 Lá nasce pelas calçadas

Galinha, lá não põe ovo
 Põe pinto e já é torrado
 Maior do que a galinha
 Gordo, bonito e cevado
 Peru, nasce de escova
 E é gordo que é inchado

[...]

Feijão em São Saruê
 Também já bota cosido
 Bem temperado e gostoso
 De vitamina enriquecido
 E lá todo povo é
 Gordo, corado e nutrido [...]"²⁹³

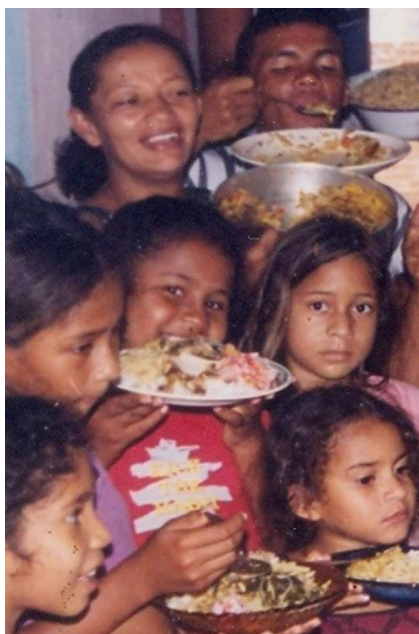
A fome, estigma do Nordeste²⁹⁴, pode ser vencida ao menos no plano

²⁹³ Cordel: O país de São Saruê – José Costa Leite. Apud RIOS, Kênia Souza. Op. Cit., p.89.

²⁹⁴ O Nordeste comporta "a nação semi-árida", "região que abrange os nove Estados nordestinos, norte de Minas Gerais e um pequeno território do Espírito Santo. Marcado pela caatinga e por imensas áreas desertas, o semi-árido tem 1.031 dos 5.507 municípios do Brasil. É nesta área onde menos chove no país, com média pluviométrica de 750 milímetros por ano. Em períodos de grande seca, esse índice desce para uma média de 200 milímetros. (...) Área de fome histórica, a zona rural do semi-árido tem altos índices de desnutrição. De cada quatro crianças, uma é desnutrida, o pior número do Brasil." (SÁ, Xico.

do imaginário, passada para traz quando do encontro de uma terra prometida, onde 'se corre leite e mel', enganada como se possível fosse enganar mesmo a morte, sinônimo de fome, de seca. Os comensais da fotografia não estavam no país de São Saruê, mas desfrutavam temporariamente de felicidade correspondente.

A imagem daquele 'almoço à luz de velas' apresenta as várias dimensões que a comensalidade pode proporcionar. O ar de festa e fanfarronice expresso nos pratos cheios divide espaço com a austeridade da oração e do ritualismo inerente às velas. O evento registrado nesta imagem foi uma celebração humana e sagrada, ou melhor, do corpo e da alma. A fim de destacar alguns aspectos seguem estes detalhes da fotografia comentada.



detalhe 1



detalhe 2

Este registro da bem-aventurança, do momento da partilha, retrato da fartura, foi dedicado a São Francisco, em agradecimento, e para que todos os

Nova Geografia da Fome. Texto: Xico Sá/Fotografias: U. Dettmar. Fortaleza, CE: Tempo d'Imagem, 2003, p.125.) Refletindo essa triste constatação, devemos atentar para o que seriamente nos alerta Josué de Castro. Pioneiro nos estudos do fenômeno da fome, nos brindando com sua obra "*Geopolítica da Fome*", cujo objetivo foi "estudar o terrível fenômeno da erosão que a fome está provocando no homem e na civilização", nos ajuda a pensar a FOME como fenômeno universal, que não traduz uma imposição da natureza, nem tampouco se deve a determinadas regiões, a não ser pelos "fatores culturais, produtos de erros e defeitos graves das organizações sociais em jogo (...) a fome como praga feita pelo homem constitui um uma condição habitual nas mais diferentes regiões da Terra". CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo.* 1º vol. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. p. 79.

dias sejam como esse. O milagre da mesa farta se fez e deve se repetir. Para isso era imprescindível reunir todos nesta hora sagrada, elevar o pão como fizera Jesus e seus discípulos na santa ceia. Atentemos para a impressionante expressão do olhar e do gesto das crianças (nos detalhes acima destacados da fotografia) ao erguerem seus pratos. No silêncio da imagem elas mostram, ofertam, agradecem e pedem a comida.

Prestadas as devidas homenagens e oferecidos os agradecimentos ao sagrado, é mister saciar o corpo, necessidades e prazeres. Naquele momento, todos estavam prestes a ‘matar’ a fome, ou a vontade de comer. As mãos estavam a postos para dar início à operação. A saliva preparava a boca para degustar, mastigar, engolir. O rapaz (no alto do detalhe 1) antecipou-se a seus companheiros na pose da foto, elevando não só o prato, mas a colher até a boca, para satisfazer seu estômago. Veja-se a felicidade da menina (no centro do detalhe 1) ao segurar seu farto prato. Todos anseiam pela realização de ver o prato vazio, e talvez voltar a enchê-lo se ainda for preciso e possível²⁹⁵. É preciso ter em si aquelas substâncias para tornar-se forte, nutrido, sentir que ganhou algo em si, ou para si. A comida reverbera na carne, a pessoa fica mais ‘corada’, cheia de vida e de carne. Sinal de que se vive bem, de que se é bem sucedido(a)²⁹⁶. São corriqueiras no Ceará frases como: “Fulano está gordo

²⁹⁵ A historiadora Kênia Rios em seu trabalho de doutorado sobre memórias e narrativas da seca no Ceará tratou com maestria, dentre outros temas, sobre imaginário e experiências relacionados à comida. Pensando sobre as experiências de Cassiano (Seu Muriçoca), recolhidas através de entrevistas, a historiadora dialogou com outros autores, apresentando-nos interessantes discussões que vieram a contribuir sobremaneira para o aspecto similar que trato aqui: “o comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais desse corpo são que ele é aberto e inacabado, em interação com o mundo. É no comer que essas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. O encontro do homem com o mundo que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga é um dos assuntos mais antigos do pensamento humano. O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele um parte de si. (BAKTIN, Mikhail.1993, p.243)”. Ainda sobre a psicologia do comer, a historiadora traz outra contribuição de leitura muito propícia: “aquele que come aumenta de peso; sente-se mais pesado. Há aí uma fanfarronice: ele não pode mais crescer, mas engordar pode, ali mesmo, ante os olhos dos outros. Também por isso aprecia comer na companhia deles; é como uma competição para ver quem é capaz de encher-se mais. O conforto da repleção, quando já não é capaz de comer mais, é um ponto extremo que se gosta de alcançar. Originalmente, ninguém se envergonhava disso: uma grande presa tinha de ser comida logo; comia-se tanto quanto possível, carregando-se as provisões no próprio corpo. (CANETTI, Elias. 1995, p218.)”. RIOS, Kênia. Op. Cit.,p. 86-87).

²⁹⁶ Kênia Rios observou este aspecto em sua pesquisa com a narrativa de Seu Muriçoca (Cassiano) que tendo viajado a São Paulo como soldado voluntário da pátria durante Revolução Constitucionalista de 1932, deparou-se com uma nova realidade, passando a

como um major” ou “comeu (bem) feito um padre”²⁹⁷. Quem tem o poder de ter uma mesa farta, tem o poder. Além da necessidade básica, ter comida é ter dignidade, valor.

A comida é uma dádiva, portanto há de ser celebrada, como é o caso nas Festas Juninas, em que, como comparou Kênia S. RIOS, a fartura aproxima-se da do fantástico país de São Saruê, assim como aproxima-se do cordel a música ‘Liforme’ de Raimundo Granjeiro, cantada por Luiz Gonzaga:

“Mandei fazer um liforme
Com toda preparação
Pra botar no arraia
Na noite de São João

Chapéu de arroz doce
Forrado com tapioca
As fitas de alfinim
E as fivelas de paçoca
A camisa de nata
E os botões de pipoca

A ceroula de soro
E as calças de coalhada
O cinturão de manteiga
E o buquê de carne assada
Sapato de pirão
E as enfias de cocada.

As meias de angu
Presilhas de amendoim
Charuto de biscoito

alimentar-se fartamente. A historiadora observa: “Na volta para casa, estaria mais gordo e todos notariam. Seria elogiado pelo seu novo porte físico, motivo de grande orgulho no sertão, onde o que importa não é ser bonito, mas ser forte e cheio. Muitas vezes, talvez, a mãe de Cassiano sentiu vergonha em apresentar um filho tão franzino. Ou quem sabe, teve que argumentar como tantas outras mães, que ele ‘não engordava de ruim’. É comum no Ceará ouvir esta expressão quando os filhos são magros. É preciso justificar a escassez de peso, papel quase exclusivo da mãe, encarregada de alimentar as crias. No interior do Ceará, engordar, além de privilégio, é uma virtude. Os bons geralmente engordam. Retornar à sua cidade mais cheio de carne era, talvez, um dos objetivos de Cassiano”. Id. Ibidem., p.88.

²⁹⁷ Em Angicos, Sergipe, Xico Sá, anotou em seu diário de viagem as impressões de uma moradora do lugar sobre este assunto: “Hoje em dia, na capital, tem essa moda de graveto, coisa sequinha, só osso, as moças parecem aquelas vaquinhas da seca, andam tudo desconjuntadas, pernas destrambelhadas, vixe!, que diabo de tempo é esse? Tem moça rica, com condição de comer direitinho”. O autor acrescenta: “De certa forma, o pendor pelos mais cheinhos e cheinhas, sinais de bonança, não deixa de ser uma vingança estética contra a memória da fome, sertão dos flagelos. A busca da fartura até nas carnes de casamentos e pecados, cercas tantas do amor. Mas no restaurante familiar de dona Gilda, de nome Angicos, as moças sequinhas das metrópoles escapariam com peixes e saladas da caatinga. ‘Mas aviso logo: comer pouco aqui é uma desfeita’, diz. ‘Gosto de quem come como se o mundo fosse acabar logo um tempinho depois.’ SÁ, Xico. Op. Cit. 2003, p. 72.

E os anelão de bolinho
Os óculos de ovo frito
E as luvas de toucinho

O colete de banana
E a gravata de tripa
Paletó de ensopado
E o lenço de canjica
Carteira de pamonha
E a bengala de lingüiça

Vai ser um grande sucesso
No baile da prefeitura
A pulseira de queijo
E o relógio de rapadura
Quem tem um líforne desses
Pode contar com fartura”²⁹⁸

Contam com a fartura também os devotos, que configuraram naquela imagem tornada ex-voto uma forma de atrair o “pão de cada dia”. Comungam da idéia de que datas especiais devem ser comemoradas de preferências, e se possível, com alguma comida. Uma refeição digna ou mais pomposa do que de costume é considerada uma boa festa. Na fotografia, a fartura lembra aniversários ou Sexta-feira da Paixão. Mesmo quando a celebração é sagrada e deve haver jejum, como neste dia, em que no calendário cristão se revive o sofrimento e morte de Cristo, a comida é central. Na verdade, tradicionalmente, é um dos dias em que se come melhor no ano, dia em que se deve jejuar até o almoço, e ‘cear’ com a família reunida. Costume antigo nesta celebração é o ato de pedir e dar esmola, ou como se chama “o jejum”, que deve ser uma comida qualquer, um legume, um punhado de feijão verde, um pouco de peixe, ou qualquer outro alimento que contribua na ceia da Sexta-feira Santa.

Dias especiais à parte, é preciso ter o “pão-de-cada-dia”²⁹⁹. Lutar por ele, ou ser agraciado, como o desejaram os seguintes devotos, em suas

²⁹⁸ LOPES, Ribamar. *Cordel: mito e utopia*. São Luiz: Func, 1996. p. 109-110. (Apud RIOS, Kênia Souza. Op. Cit., p. 97)

²⁹⁹ “A HISTÓRIA da humanidade tem sido, desde o princípio, a história de sua luta pela obtenção do pão-nosso-de-cada-dia. Parece, pois, difícil explicar e ainda mais difícil compreender o fato singular de que o homem — este animal pretensiosamente superior, que tantas batalhas venceu contra as forças da natureza, que acabou por se proclamar seu mestre e senhor — não tenha até agora obtido uma vitória decisiva nesta luta por sua própria subsistência.” O autor lança esta primeira provocação para discutir como apesar da alta capacidade tecnológica de produção de alimentos, sua produção e consumo processam-se “indefinidamente como puros fenômenos econômicos” dirigidos em função dos interesses financeiros de “minorias obcecadas pela ambição do lucro”, e não como fenômeno de interesse social, “para o bem estar da coletividade”. CASTRO, Josué de. Op. Cit., p. 45-49.

orações escritas:

“Para São Francisco
Meu senhor São Francisco lhe mando esta jóia. quero lhe agradecer pelas vezes que o senhor atendeu os meus pedido, e junto com Deus mim ajudaram. Quero lhe pedir muita proteção, saúde o pão de cada dia, que você livre eu e toda minha família das doenças incuráveis. (...) [assina] Bacabal-MA”.³⁰⁰

“De [nome da devota] pra
São Francisco das Chagas de Canindé:
Mi abençoi e rogae a Deus por mim e toda minha família e os meu filho e me de permissão que no outro ano eu estarei ai aos seu pés. Mim ajude que nunca deixe falta o pão de cada dia pra mi e pra os meu filho de sua devota=[nome completo] Timom-MA”

“Meu São Francisco das Chagas eu mando muita lembrança para vc eu e meu marido [nome do marido] abençoe a minha família protege a minha casa não deixe faltar o pão de cada dia, meu senhor São Francisco acompanhe meu filho dia e noite não deixe nada de rui lhe acontecer. [...]”³⁰¹ [grifos meus]

Não deve faltar o sustento para o corpo. É, pois, o corpo que pede auxílio para lutar por seu sustento. “Não deixe nunca faltar o pão”. Como quem engana o estômago, os devotos, ao esperarem ajuda divina na provisão do dia a dia, sabem que não devem ficar parados, pois nem os pássaros o fazem (procurando de um lado para outro o alimento que Deus dispôs para eles na própria natureza)³⁰². Os devotos devem fazer sua parte, mas nunca sozinhos: “Concedei [intercedei] por mim meu glorioso São Francisco junto ao meu Senhor Jesus Cristo me ajude a vencer todos as barreira, p/ que nunca falte o pão de cada dia”³⁰³. São Francisco, que viveu a “Irmã Pobreza” por opção, deve ajudar seus protegidos nesta necessidade básica a que até um santo, em vida, está sujeito. São Francisco “esmolava”, pedindo para os pobres que procura assistir, ou ajudava-os a conseguir o sustento. Neste sentido, os devotos não esquecem de frisar, mesmo entre outros pedidos. O pão não cai do céu, mas as forças de lá devem ajudar:

“Timon 28-09-2001
FELICIDADES

³⁰⁰ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 126. Por razões de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

³⁰¹ Id.Ibidem., nº 127.

³⁰² “Os pássaros não semeiam, nem colhem, não possuem celeiros ou armazéns, No entanto, Deus os alimenta.” Bíblia Sagrada (Lc. 12,24).

³⁰³ Id. Ibidem., nº 130. Datada: 28/09/2001.

Meu querido e amado São Francisco das Chagas, venho por meio desta pedir-lhe que por meio desta interceda junto ao nosso senhor Jesus Cristo filho de Deus que ilumine meu caminho e de minha família [...]

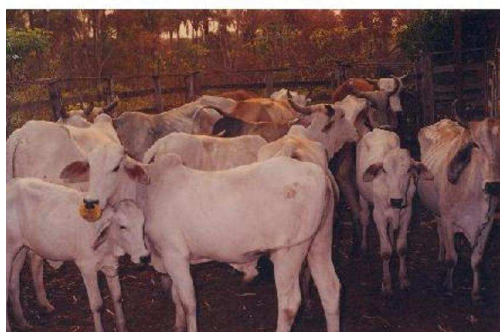
Iluminai o meu destino levando-me sempre a ser um seguidor a Jesus. Ajudai-me a dar uma boa criação aos meus filhos, não nos deixai faltar o pão nosso de cada dia. Iluminai o meu caminho para que possamos vencer todos os obstáculos com fé que tenho em Jesus cristo filho de Deus tenho certeza que meus anseios serão alcançados. Desde já agradeço a sua ajuda meu São Francisco das Chagas. [assina]³⁰⁴ [grifos meus]

Esta carta divide-se em duas partes como a Oração do Pai Nosso, ensinada por Jesus Cristo: Primeiro, “Pai Nosso que estais no céu”, exaltando seu nome, invocando o merecimento de participar do reino do céu, e manifestando submissão a vontade divina, e então recomeça-se, “O pão nosso de cada dia nos daí hoje...”, para tratar do cotidiano da carne, de agruras, desafios, lutas pela sobrevivência, aí onde a carne sujeita a alma ao pecado e aos padecimentos. Pai/Pão, palavras que regem a Oração e a carta acima, na qual o devoto inicia recorrendo a São Francisco que recorrerá a “Jesus Cristo filho de Deus” pela provisão do “pão de cada dia”. Pai/Pão, Reino do Céu, almejado para além da vida, Reino da Terra, a ser vencido, subjugado, consumido. Reino da carne em que se pena para existir, e luta de uma forma ou de outra, para viver, desfrutar o quanto puder antes “que venha a nós o Vosso Reino”, e se for merecido.

Garantir o básico em si já é difícil. Para tanto é necessário, de forma mais concreta, um bem tão primordial quanto a comida, o meio de provê-la: um emprego, ou algo que conceba o dinheiro, que transformar-se-á em alimento. É por isso que a expressão “ganhar o pão de cada dia” tem um significado muito amplo.

Neste sentido, um bem, como um animal, por exemplo, pode ser de muita valia. A galinha dos ovos de ouro, a vaca que pode ser trocada por feijões mágicos. Em algumas cartas ou através de fotografias é pedida uma proteção para animais de estimação. Mas é dada significativa importância aos animais provedores de uma renda, ou alimento. As imagens abaixo foram deixadas na Casa dos Milagres, sob a proteção de São Francisco:

³⁰⁴ Id. Ibidem., nº 128.

Imagem 7³⁰⁵Imagem 8³⁰⁶Imagem 9³⁰⁷

Um dos atributos de São Francisco é o de protetor da natureza. Em vida louvava a Deus por todas as criaturas. Foi considerado pela Igreja, e não só por ela, como “o santo da ecologia” e guia da humanidade³⁰⁸. É muito conhecido o episódio do ‘lobo de Gúbio’, citado nas primeiras biografias do santo e reproduzido artisticamente na pintura e escultura. São Francisco teria selado a paz entre os habitantes da cidade em que morava à época, Gúbio, e um ferocíssimo lobo que os aterrorizava. Segundo os ‘Actus ou Fioretti’ de São Francisco³⁰⁹, tendo compaixão das pessoas que não mais ousavam sequer sair

³⁰⁵ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) Animais nº 12. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

³⁰⁶ Id. Ibidem., *Animais* nº 03.

³⁰⁷ Id. Ibidem., *Animais* nº 10

³⁰⁸ Jacques Le Goff considera Francisco “não apenas um dos protagonistas da história, mas um dos guias da humanidade.” E reproduz em seu livro o *Cântico do irmão Sol ou das Criaturas*, louvação atribuída a São Francisco. “Altíssimo, todo-poderoso e bom Senhor/ (...) Louvado sejas, Senhor, com todas as tuas criaturas (...)/Louvado sejas tu meu Senhor pela irmã nossa mãe a Terra/ que nos carrega e nos alimenta, que produz a diversidade dos frutos com as flores matizadas e as ervas(...)”. LE GOFF, Jacques. Op. Cit. 2001, p. 115.

³⁰⁹ Os Fioretti que quer dizer “Florinhas de São Francisco”, ou *I Fioretti* do original italiano, começou com um outro livro, que se chama *Actus beati Francisci et sociorum eius*, o que quer dizer: “Feitos de São Francisco e de seus companheiros”. Segundo Jacques Le Goff, aos “*Fioretti*” deve ser dado um lugar à parte entre outros textos biográficos de São Francisco, pois de caráter mais lendário do que histórico, desempenhou um papel de primeiro plano na mitologia franciscana. Explica o autor: “os Fioretti, compilação em italiano reunindo, cerca de um século depois da morte de São Francisco, pequenas narrativas edificantes, umas traduzindo diversos opúsculos latinos de devoção, outras ilustrando através de *exemplos* de historinhas as máximas do *Speculum perfectionis*. Essa obra muito popular, depois de quase cair em descrédito por causa da crítica moderna, reconquista hoje um certo crédito. Parece mais próxima de fontes

de casa por medo, e do lobo que poderia vir a ser morto numa operação de caça dos moradores, o santo homem foi ao encontro do animal. Encontrando-o, fez o sinal da cruz e disse: “*Vem aqui, frei lobo, eu te mando da parte de Cristo que não faças mal nem a mim nem a ninguém*”³¹⁰. O animal que ameaçava atacar, milagrosamente tornou-se dócil, diante de Francisco e dos moradores que o acompanhavam. Continuou a pregar para o lobo e para os moradores, selando um acordo. O lobo passou a ser alimentado pelos habitantes, tornando-se um animal estimado do lugar, e viveu ali na cidade por dois anos, morrendo de velhice. Essa narrativa instiga não só a paz, como a proteção e compreensão quanto à natureza. Em outras situações narradas, o santo evitou pisar em formiguinhas trabalhadoras e salvou rolinhas da morte certa, dando-lhes a liberdade³¹¹. Há ainda o sermão dos pássaros o qual aconteceu logo após um período de dúvidas sobre os trabalhos religiosos, que dizia respeito a tornar-se eremita ou promulgar a palavra de Cristo. Tomada a decisão saiu a pregar e passando viu algumas árvores ao lado da estrada, sobre as quais havia uma multidão de pássaros. São Francisco ficou maravilhado com isso e disse aos companheiros: “*Esperai-me aqui na estrada, e eu vou pregar a meus irmãos pássaros*”. Entrou no campo e começou a pregar³¹² aos pássaros, que ouviram, não indo embora até que ele lhes desse a sua bênção fazendo o sinal da cruz e dispensando-os.

A basílica de São Francisco em Canindé, durante a reforma que lhe conferiu a atual configuração, entre 1910-1915, recebeu em seu teto pinturas

autênticas do que se pensava. (...) restabelece um certo equilíbrio quebrado em favor do São Francisco oficial; deixa claro, finalmente, que São Francisco inspirou desde cedo uma literatura na qual lenda e história, realidade e ficção, poesia e verdade estão intimamente ligadas.” LE GOFF, Jacques. Op. Cit. 2001, p. 57.

³¹⁰ I Fioretti. Capítulo XXI. Disponibilizado no original em italiano e com tradução simultânea em português no site <http://www.procasp.com.br>, aí se encontra digitalizada ampla documentação sobre São Francisco, escritos próprios e obras biográficas.

³¹¹ Id. Ibidem. Capítulo XXII.

³¹² “Meus irmãos pássaros, vós sois muito queridos por Deus vosso criador e sempre e em todos os lugares deveis louvá-lo, pois ele vos deu a liberdade de voar para qualquer lugar, e também vos deu roupa duplicada e triplicada; também porque reservou vossa semente na arca de Noé, para que vossa espécie não viesse a faltar no mundo. E ainda tendes obrigação para com ele pelo elemento do ar, que ele entregou a vós. Além disso, vós não semeais e não colheis, e Deus vos alimenta e vos dá os rios e as fontes para vós beberdes, e vos dá os montes e os vales para o vosso refúgio, e as árvores altas para fazerdes os vossos ninhos. E como é coisa boa que vós não saibais fiar nem costurar, Deus vos veste, a vós e a vossos filhotes. Daí vosso Criador vos ama muito, pois ele vos dá tantos benefícios. Por isso, guardai-vos, meus irmãos, do pecado da ingratidão, e procurai sempre louvar a Deus”. Id. Ibidem. Capítulo XVI.

que retratam a vida de São Francisco, executadas pelo artista Jorge Kau. Abaixo, a reprodução de um dos painéis, referente ao ‘Sermão dos Pássaros’:



Imagem 10

Os devotos erguem seus olhos aos céus quando rezam e encontram no teto da basílica, como nos desenhos da via-sacra, signos que caracterizam a santidade do santo das Chagas de Canindé. O sermão dos pássaros é uma passagem muito conhecida e admirada da vida de Francisco, sempre relacionada à louvação do santo por toda a criação de Deus³¹³. Dessa forma os

³¹³ Conquanto esta seja uma passagem a que se atribui sugerir uma atitude sempre pacífica de São Francisco ante a vida, Le Goff lembra-nos que sua construção nas biografias não foi tão homogênea. Pois segundo alguns biógrafos a pregação aos pássaros, no vale de Spoleto, situou-se logo após a audiência de Francisco com o Papa Inocêncio III, em que este “aprovou o texto que Francisco lhe submetia. Mas o fez cercado-se de muitas precauções. (...) sente-se que, ainda que tivesse conseguido o essencial, Francisco não superou a desconfiança papal. (...) é duvidoso que o próprio Francisco tenha ficado satisfeito com sua viagem a Roma”. Le Goff apresenta, portanto a versão de Mateus Paris sobre o sermão dos pássaros, que “dá ao episódio uma interpretação muito distante do clima elegíaco em que a envolveram — em uma data mais tardia — os biógrafos oficiais de Francisco. O santo, ferido pela acolhida dos romanos, por seus vícios e suas torpezas, teria chamado os pássaros do céu — e os mais agressivos entre eles, aqueles de bicos perigosos, aves de rapina e corvos — e lhes teria ensinado a boa palavra, não a dos miseráveis romanos. Vê-se de onde se origina essa historinha. Foi tomada ao Apocalipse (19, 17-18): ‘E vi um anjo, de pé ao sol, e ele gritava com voz forte e dizia a todos os pássaros que voavam no céu: Vinde e reuni-vos ao grande banquete de Deus; comei a carne dos reis, a carne dos tribunos, a carne dos gloriosos, a carne dos cavalos e dos cavaleiros, a carne dos homens livres e dos escravos, dos pequenos e dos grandes.’ Essa invectiva não se parece com o doce Francisco e mostra como o partido franciscano extremista quis atribuir ao fundador da Ordem a assimilação de Roma e da Igreja com a maldita Babilônia. A iconografia do século XIII conservará essa lembrança: as imagens que

devotos de Canindé muito se valem desse atributo pedindo por seus animais e plantações, através de fotografias como as vistas anteriormente, e cartas como as seguintes:

“P/ São Francisco Cande [Canindé]

Vou mandar jóia que eu lhe prometer que se o meu boi não morresse que a cobra mordeu. Mais eu como não pude ir vou mandar uns cinqüentas reais por esse amigo mandar meu retrato representando minha pessoa. [assina]”³¹⁴

“Chácara Santa Irene 12/09/2001

Meu Senho São Francisco, eu vos agradeço pelo senhor ter zelado pela saúde das minhas galinhas, recebi a graça da promessa que fiz, foi válida, muito obrigada, meu senhor são Francisco zele pela mina saúde e toda, minha famili, estou lhe mandando o dinheiro do seu capão 15,00, meu senhor são Francisco mais uma vez eu peço não deixe minhas galinhas morrer mais. Eu e toda minha família mandamos muitas lembranças pro S. Francisco. Assinado com muita fé [assina]”³¹⁵ [grifos meus]

A primeira carta, ou bilhete, compõe-se de um envelope que continha o pagamento da promessa, tendo escrito por fora o enunciado acima citado e colada uma fotografia 3x4 do devoto remetente no local destinado ao selo postal. Curiosa a selagem do envelope que representa ‘a pessoa’ do devoto. O agradecimento e o cumprimento da promessa dão-se pela salvação de um boi, vítima de picada de cobra. Assim como o porco e o burro das fotografias anteriormente reproduzidas, o boi tem certamente uma função provedora nas vidas dos devotos. Como também as galinhas da escrevente da última carta, que pagou a promessa vendendo um de seus animais e doando o dinheiro ‘a São Francisco’.

No campo ou na cidade, a garantia do “pão de cada dia” depende de bens e/ou de uma ocupação que dê rendimentos. Neste sentido, muitos são os pedidos referentes a problemas de emprego, ou desemprego. Frase feita, “o pão de cada dia” vai revelando muitos significados que também seriam bem

representam Francisco pregando aos pássaros copiarão mais ou menos outras imagens contemporâneas nas quais o anjo do Apocalipse está chamando os pássaros à carniça — até que Giotto impôs definitivamente a interpretação idílica da cena.” LE GOFF, Jacques. Op. Cit. 2001, p. 75.

³¹⁴ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 55. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

³¹⁵ Id. Ibidem., nº 14. Datada: 12/09/2001.

definidos em “jogo de cada dia” no sentido de “se virar”, “correr atrás”, barganhar, ser/estar esperto, ou até mesmo saber lidar com a sorte. Esse “jogo” pode garantir o pão e algo mais.

Sendo o desemprego uma chaga aberta, muitos romeiros apelaram para São Francisco, como nas cartas seguintes, escritas em 2001:

“Um pedido à São Francisco em 28.09.2001

São Francisco em primeiro lugar quero dizer-lhe que no próximo ano eu estarei aí com o senhor com toda certeza. Quero lhe fazer alguns pedidos em primeiro lugar a minha saúde, da minha filha e do meu marido, depois um emprego fixo para o [nome] e um para mim. Se o senhor nos atender com certeza eu irei aí onde o Senhor se encontra nesse céu na terra. Amém. Obrigada por tudo.”³¹⁶

“Teresina, 30 de Setembro de 2001

Meu querido São Francisco.

Não pude ir aí fazer meu pedido pessoalmente, mais estou mandando o meu pedido através desta carta

O que eu mais quero nestes momentos é que apareça um bom emprego pro [...], pois eu sei que o senhor sabe as dificuldades que ele está passando. E eu tenho certeza que com suas graças e depois de ler esta carta aparecerá logo logo um emprego pra ele.

Se aparecer este bom emprego eu prometo que da próxima vez que eu for aí, eu vou acender umas velas e rezar um terço, especialmente pro senhor que é milagroso.

Aqui finalizo com fé e confiante de que meu pedido será atendido logo, logo. Espero em breve respostas do senhor milagroso São Fco. Assina uma devota sua: [nome]³¹⁷ [grifos meus]

Em primeiro lugar a saúde, depois um emprego fixo, aliás, dois. Considerando-se a atual situação político-econômica, que prioriza o capital em detrimento de novas atividades produtivas e de uma maior distribuição de renda, e as exigências do atual mercado de trabalho, pode ser considerado um verdadeiro milagre conseguir um emprego no Brasil³¹⁸. Só do ‘céu na terra’

³¹⁶ Id. Ibidem., nº 87. Datada: 28/09/2001.

³¹⁷ Id. Ibidem., nº 109. Datada: 30/09/2001.

³¹⁸ Com 7,7 milhões de pessoas desocupadas, segundo o IBGE, o Brasil já é o terceiro país do mundo em número de desempregados, perdendo apenas para a Índia e para a Rússia. Em 1990, estávamos na oitava posição e, em 95, na quinta. O nosso índice de desemprego aumentou 369% (de 1,73%, em 75, para 9,85%, em 99). Em número de pessoas, a conta na década saiu de 2,3 milhões de desempregados, em 90, para 7,7 milhões, em 99. Estando a maior alta da taxa de desemprego situada entre 1995-2003. E apesar de uma significativa queda do desemprego a partir de 2004 a taxa continuou elevada, em torno de 9%. *Radar Social – 2006: Condições de vida no Brasil*. Brasília: IPEA, julho, 86p. O Radar Social – 2006 é uma publicação do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), e apresenta análises de eventuais mudanças ocorridas em diversas áreas – trabalho, renda, educação, saúde, moradia e segurança – com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD – 2004), elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

poderia vir uma oportunidade dessas de estabilidade por meio do tão sonhado emprego fixo. A segunda pede um bom emprego, que será concedido assim que a carta for lida por São Francisco. Promessa feita, só resta esperar confiante, como numa fila sagrada de entrevistas de emprego.

Aqueles que já têm seu emprego tratam de garantir melhorias nas condições de trabalho, ou de suas funções, como a devotada funcionária que escreveu esta carta:

“Meu Deus pai todo poderoso, abençoi-nos e abençoa e dê a sua graça para que a empresa que eu trabalho J.M.R. Com.de Peças Ltda seja construída a oficina, pois a melhora da loja é uma melhora para nós também. Meu divino espírito Santo eu vos peço com seu servo meu São Francisco que abra as portas da loja para que dê tudo certo para a abertura da oficina. Amém! Meu pai, sua benção. Obrigado meu pai por ter alcançado muitas graças”.³¹⁹

A devota pede fervorosamente pela expansão da empresa onde trabalha e da qual se vê como parte. Daí depende seu sustento, sem muitas opções há que se ajudar a construir uma empresa que não é sua, mas da qual depende. Assim, seus patrões têm nesta funcionária uma boa aliada, que até faz promessas pelo futuro da empresa, por julgar que também sairá lucrando.

A temática do emprego está presente em muitas fotografias. Pessoas fotografadas em seus locais de trabalho para agradecer, pedir novo emprego ou argumentar em seu favor por diversas graças, mostrando-se na labuta do dia-a-dia.

³¹⁹ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 110. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

Imagem 11³²⁰Imagem 12³²¹Imagem 13³²²

Nas imagens acima, pessoas em seus locais de trabalho. As circunstâncias da construção da imagem não são conhecidas, não se sabe se foram produzidas com a intenção de representar mais enfaticamente o trabalho, ou a pessoa fotografada, porém a escolha da fotografia pode indicar sim uma preocupação ou agradecimento em relação às ocupações de trabalho.

Assim como trabalho, também negócios. Muitas são as fotografias em 'comércios' (lojas, mercearias, etc.). Há muitos pedidos sobre projetos de trabalhos informais e, por outro lado, pedidos para passar em concursos públicos. E um dos pedidos mais recorrentes neste sentido tem sido para passar no vestibular:

"São Francisco de Assis

São Francisco de Assis venho ao seu encontro através desta carta para mesmo a distância rogar ao senhor com a permissão do Divino Espírito Santo ajudar meu filho nos estudos com relação ao vestibular. Naquilo que for para a felicidade dele.

³²⁰ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Trabalho* nº 05. Datada: Outubro/1992.

³²¹ Id. Ibidem., *Trabalho* nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

³²² Id. Ibidem., *Trabalho* nº 04.

Imploro ao Senhor que o ilumine na hora das provas e lhe dê a tranqüilidade suficiente para realizar seus objetivos. [...] e que o senhor dentro da sua liberdade junto ao Senhor Jesus passe nosso pedido”³²³

“São Francisco do Canide.

cidade dos sonhos que se realiza com fé e esperaça.

[...] Meu São Francisco eu te peço agora me ajude a passar no vestibular por favor, meu santo ajude que eu passe. São 10 vagas ajude que 1 dessas vagas seja minha e com gratidão eu te agradeço e vou colocar pro resto da minha vida no mês do senhor que é outubro vou colocar o mês todo de marron, ou São Francisco me escute e me ajude, eu estou pedindo porque o senhor nunca deixou eu na mão, então vou me despedindo com um grande beijo meu santo milagroso”.³²⁴ [grifos meus]

Para a mãe da primeira carta, a possibilidade de seu filho cursar uma universidade pode garantir um futuro mais promissor. Enquanto seu filho depende de muito estudo e de suas preces para passar no vestibular, a mãe necessita da permissão do “Espírito Santo” para pedir a São Francisco, que pedirá ao “Senhor Jesus” a devida ajuda. A segunda carta, em que o próprio estudante intercede ao santo que nunca lhe faltara, é bem mais enfática, pedindo uma vaga. Nestas cartas, como em outras, o vestibular e outros concursos, ou o bom desempenho nestes, são vistos como verdadeiros milagres, frutos não só do esforço, mas também da fé. Uma fé que age para um em detrimento de outros. Pois, se todos os inscritos em um grande concurso escrevessem para São Francisco com igual fé pedindo uma vaga, teria que haver uma pré-seleção das cartas a serem atendidas, ‘um concurso’ para escolha dos escreventes, todos concorrendo na classificação da fé.

Nesta concorrência da guerra diária por sobrevivência, os devotos como se estivessem recorrendo a um tribunal de causas, pedem a resolução de pendências burocráticas, questões judiciais de trabalho, de família, ou deferimentos de aposentadorias, como foi o caso na seguinte missiva:

“São Francisco de Canindé Quero meu pai pedi-lhe uma graça pela recuperação da saúde de meu esposo [nome]

Pede também a meu pai são Francisco para que nos ajude a resolver os problemas da aposentadoria e todos os problemas da

³²³ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 114. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

³²⁴ Id. Ibidem., nº 71. Datada: 28/10/2001.

firma, ficarei muito agradecido se São Francisco nos atende neste pedido. [assina] uma devota de São Francisco de Juazeiro do Norte³²⁵

Aposentar-se depois de uma vida de trabalho no Brasil é tão justo quanto difícil. Muitos romeiros, idosos, pedem por esta modesta, mas complicada questão. Na maioria dos casos, os devotos contam com a aposentadoria, embora no fim da vida, para se ter certa estabilidade, pelo menos como complemento de uma renda informal que por ventura continuem a obter.

Um outro problema recorrente nos apelos é o da moradia, se não digna, pelo menos própria. Os devotos pedem ajuda para comprar a casa própria ou terminar de construí-la. Abaixo, uma fotografia enviada em agradecimento por uma graça alcançada, que a remetente revela em sua escrita no verso da fotografia:



Imagem 14³²⁶

[Verso da fotografia:] “Meu padrio São Francisco tou lhe agradecido pela sua perça divina que eu perdi a vós que eu arcaneei e recebi obrigado meu padrio São Francisco pela casa que vós mim

³²⁵ Id. Ibidem., nº 22. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

³²⁶ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Moradia* nº 01. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

deu o retrato da casa ta cumprido a minha promessa perço que mim
 aberçoi”³²⁷ [sic]

Com esta fotografia “ta” cumprida a promessa, o agradecimento pela casa “recebida”. Não é “uma casa muito engraçada”. Mas é uma casa “cheia de graça”. Sem porta nem janela, já concede à sua dona a dignidade de ter um teto e paredes que lhe protejam e guardem minimamente das adversidades do mundo. Como forma de gratidão e cumprimento de seu voto, a devota posa para a fotografia em frente à “graça” (casa), segurando na mão direita um punhado de terra, a mesma terra que, unida à água, formou a massa vermelha que sustentada por varas e cipós constitui sua tão sonhada moradia. Talvez, também na fotografia, as mesmas mãos que ajudaram a construir a “graça”. A devota certamente fez sua parte. Esse tipo de moradia, “casa de taipa”, é construída literalmente com as próprias mãos. Vai-se preenchendo um empilhado de varas com o barro amassado e apertando com as mãos, até levantar uma parede que secará ao sol. Olhando a fotografia se vê na rugosidade das paredes os indícios desta forma de edificar.

Por vezes, entretanto, as aspirações são bem maiores do que um modesto teto. Já que estão pedindo, e havendo a possibilidade de obtenção da graça, alguns devotos aproveitam para não perderem a viagem, ou a escrita, e pedem uma casa ideal, casa dos sonhos, como o fez, detalhadamente, a devota da carta abaixo transcrita:

“São Francisco

São Francisco, quero-lhe pedir algumas coisas, muito importantes para mim e minha filha querida.

O que eu quero e super importante lhe emploro que me ajude a ter e conseguir uma casa [desenho de uma casa] um emprego fixo e muita saúde, paz, amor, carinho, dinheiro e felicidade amim e minha família em geral. se tudo der certo eu um dia há de ir em seus pés pagar essa promessa em canidé.

_se eu conseguir minha casa darei uma reza em casa em homenagem a você São Francisco.

gostaria de ter uma casa boa e grande 1 area, 2 salas, 3 quartos, 1 banheiro 1 cosinha grande um quintal bem grande ser feliz nela com minha filha e uma pessoa que amo e que ame minha filha. e que tenha condições que seja mais velho do que eu.

São Francisco mim ajude o mais rápido pocível esta carta indo ou não pos tenho fé em você do fundo do meu coração e com muita fé em você, mim realize com meus desejos.”³²⁸ [grifos meus]

³²⁷ Escrita no verso da fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Moradia* nº 01.

A devota continua no verso da folha desenhando a casa descrita na carta, que reproduzo a seguir:

o v

Barra do cordão

Sao Francisco

Sao Francisco, quero-lhe pedir algumas coisas, muito importantes para mim e minha filha querida.

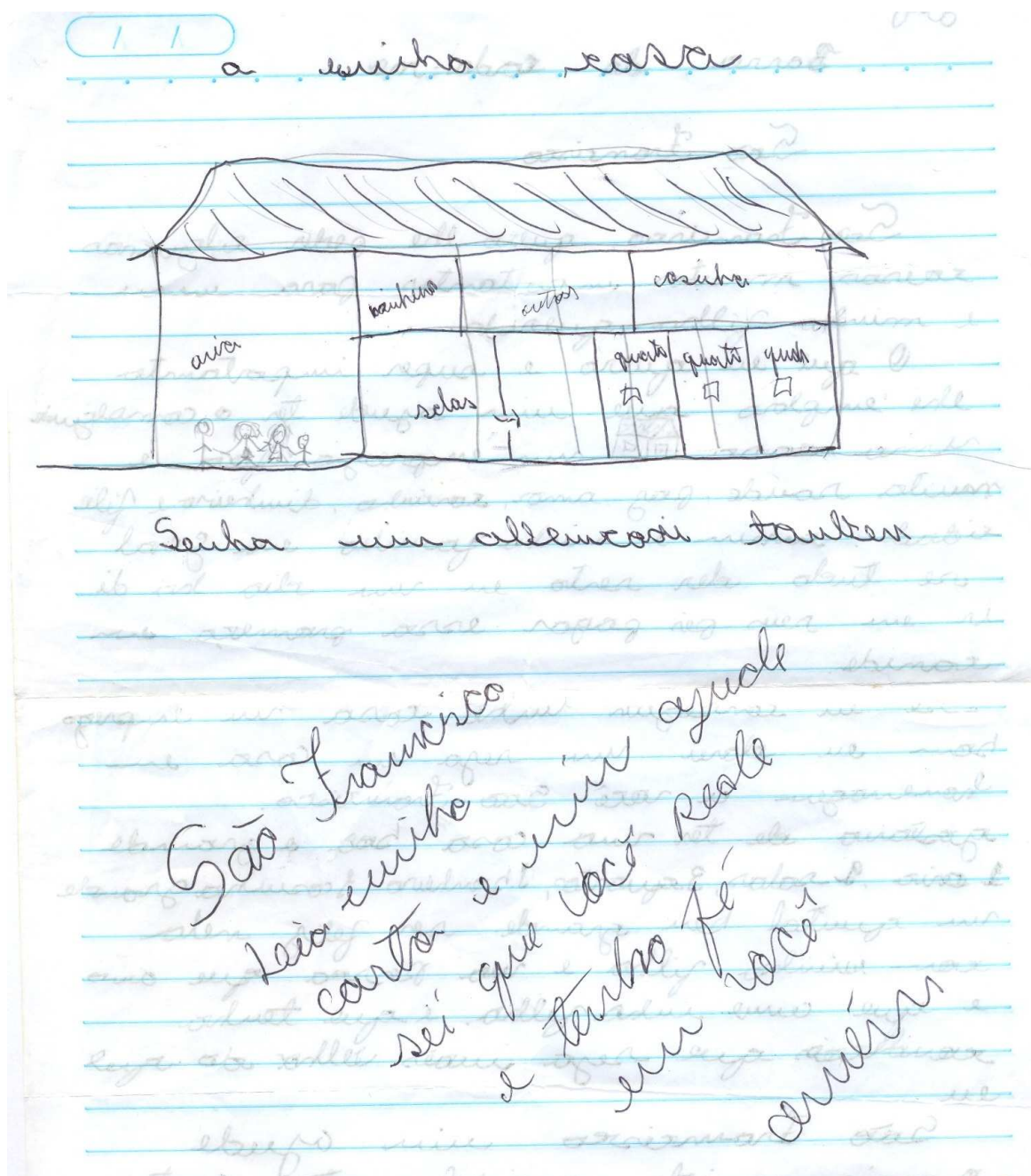
O que eu quero e super importante e um emprego que me ajude ter o dinheiro para uma casa  um emprego fixo e muita saúde, paz, amor, sorriso, dinheiro e fidelidade. Assim e minha família em geral se tudo der certo eu um dia hei de ir em seu pé pagar essa promessa em canidá.

Se eu conseguir tinha casa um emprego bom eu dou um regalo em casa em homenagem a você Sao Francisco.

Gostaria de ter uma casa boa e grande com 3 ou 4 salas, 3 quartos, 1 banheiro bastante grande um quintal bem grande ser feliz nela com minha filha e uma pessoa que amo e que ame minha filha. e que tenha condições que seja mais velha do que eu.

Sao Francisco um ajuda o mais rapido possível isto conta tudo eu conto por tanto já em você do fundo do meu coração e com muito já em você, um realize com seus desejos.

tilbra

Imagem 15³²⁹

A devota, mais do que um teto, pede um castelo de felicidades. Transpõe para o papel a casa dos sonhos. Uma casa boa e grande, com quintal onde possa ser feliz com sua filha e uma pessoa amada. Além do seu próprio emprego 'fixo', poderá ainda contar com o novo amado (que tem que ser mais velho e ter condições). Mais do que o estritamente necessário, a devota idealiza a vida que julga merecer. Seu projeto, mais engenhoso que

³²⁹ Carta nº 37, (reprodução por meio scanner), frente e verso, omitidos os nomes da missivista e sua filha.

arquitetônico, até remete aos desenhos de casas comumente realizados por crianças, mas esta devota cresceu e tem uma filha, e a casa desenhada com as especificações dos cômodos e pessoas dentro dela não é uma brincadeira, e pode vir a ser realidade, segundo sua fé.

Os romeiros de Canindé buscam alívio para suas vidas sofridas, e não se encabulam de revelar a Deus e aos santos seus desejos, mesmo que estes quebrem os 10 mandamentos católicos ou se enquadrem nos ‘7 pecados capitais’, estudados até hoje no catecismo. Para além do pão de cada dia, está um mundo de consumo do qual os devotos também querem fazer parte. Portanto, mesmo os ideais mais modestos podem denotar esta necessidade: “São Francisco [...] se eu passar no vestibular irei aí em Canindé agradecer, [...] Não quero riquezas apenas um futuro estável, seguir meus estudos, ter uma casa e um carro [...]”³³⁰. Deste ponto de vista, a comida, o emprego, a casa passam a ter significações dúbias e muito próximas, a de sobrevivência e a de distinção, onde ter estabilidade não é apenas ter emprego, o que comer, ou onde morar — o que já poderia ser considerado um luxo, levando em consideração as necessidades expostas nas cartas — é ter além da casa, um carro, no mínimo.

Os sonhos materiais, praticamente inatingíveis diante das dificuldades e falta de oportunidades da vida, são postos diante de São Francisco na esperança de sua realização. Abaixo, uma longa carta revela todos os sonhos, os que o dinheiro pode, e os que não pode comprar:

“Oi São Francisco despo-me por encomodá-lo com meus problemas [...] este são os meus pedidos quero muito que se realize e que o Senhor São Francisco me conseda se eu merecer por que eu sei que sou pecador mais pesso perdão por tudo que fiz sem saber se era pecado ou não [...]

São Francisco e estes são meus pedidos muita saúde para mim e minha filha [...] saúde, sorte, paz e felicidade [...] São Francisco essas graças são mais enprotede por são especial por o dinheiro não compra não compra saúde, paz, felicidade e vida. Agora este são meu pedido material que o dinheiro compra mais não compra minha intelivel [inteligência?] para ser o bom profissional este curzos que muito fazelo e estudalo são estes curzos de Bolo-doces-festa, chocolate, Pão-de-mel, licores, Sorvete, coste e costura,

³³⁰ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 34. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

Beijouterias, manequim e modelo, Eletronica, Fotografia, Dezenho artístico e Publicitaria, Espanho, Básico Inglês, Beleza de Mulher, Eletronica Digital, Trico, Bordado e Crochê, Silk Scream, Caligrafia, Letrista Cartorista, Datilograrfia, e orgetação e Tec. Informática (computação), artisplastica, artecendo, org. cerimônia, esteleto de moda [...] em tudo os cursos quero fazer [...] e depois conseguir um bom emprego ganhando um bom salário mínimo por mês e monto meu problem [próprio?] negosso uma casa ou escritório com muito freguese (crente) graça material casa do meu sonho completa com muito bem materiais no Sitio meu sonho. Uns carros coisas para filha para minha mãe e todos que amo material roupas brinquedo etc[...]

____ São Francisco consedo esta graça e pedidos e por favor ajude-me ganhar 500 mil reis no prêmio da tele- sena(e os 300 mil do 8º grande concurso se só verdadeiro) com a tele-Sena mais gostaria 500 mil da Tele-Sena com este dinheiro fou realizar financeiramente e consegui meu bem material [...].

Obrigado por tudo e le agradeço do fundo do meu coração o abraço São Francisco.”³³¹ [sic - grifos meus]

O(a) devoto(a) introduz-se em defesa própria. Assumindo erros e pedindo perdão por seus pecados, demonstra uma análise de consciência não só a respeito de si, mas a respeito de seus pedidos. Na diferenciação entre bens que o dinheiro pode comprar e os bens “que o dinheiro não compra” indica estar ciente de que os pedidos têm determinados valores diante do santo. Um pedido pode ser afinal mais digno do que outro?! Demonstra a importância dos dois tipos de pedidos: saúde, sorte, paz são especiais, exatamente por o dinheiro não poder comprar, só dependendo, portanto de Deus ou dos santos. Os bens materiais, por sua vez são passíveis de serem adquiridos, porém, devido às condições sociais, dificuldades financeiras e falta de oportunidades da vida, torna-se escasso o meio (dinheiro) para aquisição material, pois nessa selva é preciso além de esforço, inteligência, que o dinheiro não compra, o que leva o devoto(a) portanto de volta ao santo, que deve ajudá-lo. O(a) missivista entende que deve ter o preparo necessário para um mercado de trabalho seletivo e excludente. As múltiplas e diferenciadas alternativas de cursos a serem feitos indicam um desespero e ao mesmo tempo a noção de que, nos tempos atuais, para se dar bem, é necessário ser ‘polivalente’. Idealiza, então, uma montanha de qualificações, saberes, experiências, talvez, certificados. Diante da lista de possibilidades, de cursos

³³¹ Id. Ibidem., nº 117.

de Pão-de-mel a Silk Scream³³², pode se imaginar como uma pessoa poderia ser tão insensata a ponto de pedir coisas tão absurdamente diferentes?! A carta é requerente de várias profissionalizações, a que vier é lucro.

Certa vez, assistindo televisão, vi no intervalo comercial um anúncio do Instituto Universal Brasileiro, que oferecia vários cursos profissionalizantes, e percebi que o texto do anúncio era semelhante ao da referida carta, que por sinal já me havia impressionado desde o primeiro contato na pesquisa. Panfletos deste instituto profissionalizante e de outros são deixados em agências dos Correios, onde são livremente distribuídos. Abaixo estão reproduzidos trechos da propaganda dos panfletos de dois institutos, com alguns dos cursos oferecidos, cujos foram citados na carta:

“Instituto Monitor – Cursos oferecidos: Bolos, Doces e Festas • Chocolate • Pão de Mel • Licores • Corte e Costura • Bijuterias • Eletrônica • Desenho Artístico e Publicitário • Eletricista Enrolador • Eletricista • Letrista e Cartazista • Caligrafia • Silk-Screen • Chaveiro • Motivação Pessoal • Métodos e Processos Organizacionais • Vendas e Representações [...]”³³³

“Instituto Universal Brasileiro – Cursos oferecidos: Corte e Costura, Bijuterias, Eletrônica de Rádio e TV, Fotografia, Desenho Artístico e Publicitário, Espanhol, Inglês, Beleza da Mulher, Eletrônica Digital, Tricô, Bordado e Crochê, Silk Screen, Caligrafia, Datilografia e Digitação, Curso Básico de Informática [...]”³³⁴

³³² Técnica de pintura que pode ser utilizada para gravar imagens em roupas, adesivos, sacolas plásticas, e outros objetos. O processo se dá com uma tela de seda ou nylon esticada sobre um quadro de madeira e protegida por uma película vedante onde é vazado um desenho.

³³³ Instituto Monitor_ instituição de educação à distância. Fundado em 1939, é credenciado para ministrar educação a distância e autorizado a funcionar com os cursos de Educação de Jovens e Adultos (Ensino Fundamental e Médio) e Educação Profissional. <http://www.atendimento@institutomonitor.com.br>

³³⁴ Instituto Universal Brasileiro- cursos de qualificação profissional livres a distância. São Paulo. Fundado em 1942. <http://www.institutouniversa.com.br>

Imagem 16 ³³⁵

O(a) devoto(a) provavelmente teve acesso a estes panfletos gratuitos de cursos (que por sua vez são pagos), e diante da propaganda positiva destes idealizou neles um futuro promissor. Apesar de não ter condições para fazê-los, nem se julgar cognitivamente à altura, pediu a São Francisco todos de uma vez, numa fome de ser alguém, e de ser alguém que ‘tem’. Na perspectiva do devoto(a), quem sabe mais pode ter mais. Os cursos ou o trabalho são pressupostos para a realização de sonhos materiais. Sobreviver, o(a) escrevente já sobrevive. O bom emprego, o próprio negócio, são caminhos para a “graça material” que seria sua casa completa, com muitos bens materiais, no sítio de seus sonhos, com ‘uns’ carros... etc.

Como a fantasia do país da comida e da fartura de São Saruê, os devotos parecem sonhar com um reino do dinheiro e das realizações materiais. De casas enormes de vários cômodos, com piscinas, onde se pudesse nadar em dinheiro, e jardins de árvores frondosas e endinheiradas. Um reino onde, quando se estivesse cansado de caminhar, carros aparecessem, novinhos, com a chave na ignição, prontos para serem apossados. Onde programas de saberes e profissões fossem distribuídos para serem introjetados e aprendidos (por quem quisesse, e só pelo prazer e realização de se ter uma profissão).

³³⁵ Folder do Instituto Universal Brasileiro.

Mas o desejo das realizações materiais não deve ficar só no plano dos sonhos. E por isso pedem o que desejam, ou o meio para se obter “graça material”. E São Francisco tem realizado muitos desejos. É o que afirmam alguns missivistas em suas cartas de agradecimento e fotografias em pagamento de promessas.

Em Canindé é tradição a benção dos objetos no final da missa, quando os romeiros levantam suas lembrancinhas (fitinhas de santo, imagens de santos, terços), compradas na cidade, ou outros objetos, como chaves de veículos, para obterem proteção sobre estes bens. As fotografias abaixo foram deixadas na casa dos Milagres, agradecendo a aquisição dos veículos fotografados e/ou pedindo proteção em sua utilização:

Imagem 17³³⁶



Imagem 18³³⁷



Imagem 19³³⁸

Estes veículos receberam destaque, pois são o milagre realizado de alguma forma. Muitas são as fotografias de carros ou motos em destaque. Significando o pedido de proteção contra acidentes, ou um bem que serve de

³³⁶ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Veículos* nº 04. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

³³⁷ Id. Ibidem., nº 06.

³³⁸ Id. Ibidem., nº 02

instrumento de trabalho, sempre significam finalmente uma bênção ou agradecimento sobre um objeto inanimado, que exerce um grande poder na vida das pessoas. Em algumas cartas aparecem promessas feitas com o objetivo de se adquirir um carro ou moto. A imagem 17 demonstra bem um momento de pagamento de promessa. Pois o carro foi posto diante da basílica, local em que é proibido o tráfego de veículos, exceto por pagamento de promessa. O carro adentrou um local sagrado por um motivo sagrado. O milagre provê anseios materiais e pode manter resguardado um bem tão valioso. Vejamos a seguir esta fotografia, que retrata o momento da bênção de um automóvel por um frade franciscano.



Imagem 20³³⁹

Ao lado da basílica de São Francisco e da Casa dos Milagres, numa pequena cerimônia em que estão presentes, possivelmente, os donos do veículo, um frade lança a bênção de São Francisco sobre o automóvel. Para consolidar o agradecimento, o momento foi registrado numa fotografia, deixada como ex-voto. Mas sobre o que incidirá a bênção? Sobre o automóvel (personalizado) ou sobre sua utilidade? Ele abençoa a romaria ou o carro? Parece não haver um limite ou definição entre apego material e necessidade do instrumento de transporte.

³³⁹ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Veículos* nº 03. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

O fascínio do carro, como do celular, ou de outros bens, exerce uma preponderância sobre sua simples utilidade. Fica claro que, para os romeiros, é muito tênue a diferença entre ostentação e necessidade, contrariando a passagem bíblica que diz, como palavras de Deus: “Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor naquilo que não pode satisfazer?”³⁴⁰

Além do milagre do trabalho, há caminhos mais curtos que podem realizar o reino dos sonhos materiais (necessidades forjadas num mundo real, de consumo). Com fé, o milagre pode se dar num golpe de sorte, através de uma ‘fezinha’ em jogos ou sorteios. Pois, na última carta aqui reproduzida, após pedir todos aqueles cursos para conseguir uma profissão, montar o próprio negócio e ganhar dinheiro, o devoto finaliza pedindo para ganhar “500 mil reis no prêmio da tele-sena (e os 300 mil do 8º grande concurso)” para se realizar financeiramente e conseguir seu “bem material”.³⁴¹ Ganhar em jogos ou sorteios não é considerado um pedido digno perante o sagrado, nem pela igreja, nem (supostamente) pelos devotos. Mas, na intenção destes, às vezes, os fins justificam os meios. O fim é o necessário (resolver os problemas) e o sonhado (ter dinheiro suficiente para gozar a vida, além de sobreviver). Para os romeiros, este é um objetivo digno, o que os leva a crer que São Francisco atenderá seu pedido de ganhar dinheiro em sorteios, mesmo que para isto outras pessoas tenham que perder. Na carta seguinte, escrita em 30/09/2001, temos um pedido ‘profano’ totalmente envolto numa aura sagrada:

“Pio XII. M. Milindroza

Saudações

[nome do devoto] oferece, um pai nosso para São Francisco de Canidé.

Pai nosso que estais no céu, santificado seja o vosso nome, [sic], seja feita a vossa vontade assim, na terra como no céu. O pão nosso de cada dia, nos daí hoje. Perdoai nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, não dexais cair, em tentação, mas livrai-nos do mal Amém.

Ave Maria cheia de graças, o senhor é convosco bendito sois vozes entre as mulheres, bendito é o fruto do vosso ventre Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, vogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém. Em nome do pai e do filho, e do espírito santo Amém. Meu santo, eu peso que me ajude a ganhar na

³⁴⁰ Bíblia Sagrada (Is 55, 2).

³⁴¹ Referência ainda à carta nº 117.

lotomania, me ajude a fazer 20 numeros, e eu prometo que faço uma igreja aqui na Milindroza pra você. Assina³⁴²[grifos meus]

O devoto reza por escrito as duas orações mais pronunciadas em toda história do catolicismo, o Pai Nosso e a Ave Maria. As duas orações têm um teor de coletividade, pois o pai é nosso e não ‘meu’, e a santa Maria roga por ‘nós’. O devoto, então, afunila sua prece, pedindo a São Francisco que olhe por ele, em específico, e por sua família. Só após o fechamento da oração com o sinal da cruz, situa o verdadeiro objetivo da missiva: ganhar na lotomania. A promessa parece tentar redimir, mais do que agradecer. Tudo na carta segue os ditames do cristianismo, menos o pedido do sucesso num sorteio onde todos devem perder e só um ganhar. Pois, segundo a Bíblia, ou segundo a interpretação cristã, e não só a católica, ninguém deve buscar o proveito próprio, antes “cada um o que é de proveito para todos”³⁴³. Além disso, o sustento deve ser fruto do trabalho³⁴⁴, e as riquezas adquiridas sem trabalho não duram³⁴⁵. A Bíblia está repleta de ensinamentos sobre a busca de dinheiro e bens materiais, e sobre as formas de adquiri-los. Mas a Bíblia está repleta de muitas coisas, em diferentes situações. Sobre sorteio, por exemplo, pode indicar duas situações. O sistema de sorteio, dependendo da finalidade, pode não ter problema. Pois, até mesmo no Novo Testamento, vamos encontrar os apóstolos sorteando entre dois homens, para ver quem tomaria o lugar de Judas no apostolado³⁴⁶. Outra passagem, entretanto, leva a classificar o sorteio, ou jogos de sorte, ou de azar, como jogatina vil, por tratar do episódio em que os soldados romanos lançaram a sorte para decidir quem ficaria com a túnica de Jesus³⁴⁷. No entanto, a interpretação cristã, católica ou de diferentes

³⁴² Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 56. Datada: 30/09/2001.

³⁴³ Bíblia Sagrada (I Co 10, 24)

³⁴⁴ Id. Ibidem. (II Ts 3,10)

³⁴⁵ Id. Ibidem. (Pv 13,11)

³⁴⁶ “Então eles apresentaram dois homens: José, e também Matias. Em seguida fizeram esta oração: ‘Senhor, tu conheces o coração de todos. Mostra-nos qual destes dois tu escolheste para ocupar, no serviço do apostolado, o lugar que Judas abandonou para seguir o seu destino’. Então tiraram a sorte entre os dois. E a sorte caiu em Matias, que foi juntado ao número dos doze apóstolos” Id. Ibidem. (Atos 1, 23-26).

³⁴⁷ “Depois de o crucificarem, fizeram um sorteio, repartindo entre si as roupas dele” Id. Ibidem. (Mt 27, 35).

igrejas evangélicas, a respeito de jogos de azar é categórica quanto à sua condenação³⁴⁸.

Os devotos das cartas citadas, por sua vez, se utilizam de todos os tipos de jogos, como veremos adiante, (loteria, jogo do bicho, mega-sena, etc.), e além de legarem seu sustento e suas vidas à 'sorte', ainda esperam que São Francisco aí interfira.

Na carta seguinte, a escrevente também procura justificar seu pedido e até confere à sua realização uma finalidade romântica:

“Prezado São Francisco das Chagas de Canindé

Prezado São Francisco escrevo-te para que enterceda por mim e por minha Família nesta estrada de sofrimento angustia por qual estamos passando por um momento tão difícil peso-te em 1º lugar saúde, força honestidade humilde paz em nossa família . Agradeço por ter sempre o pão de cada dia por pouco que seja pois pouco com Deus é muito e muito sem Deus não é nada [...]sei que para ti meu Santo São Francisco nada é impossível faça [...] com que minha mãe realize seu sonho de ganhar na loteria para ajudar a quem precisa, a quem tem frio a quem tem fome. Com certeza quando as graças forem alcançadas viajaremos a Canindé e rezaremos o terço em tua gloriosa glória uma quantia em teu cofre e soltaremos 3 foguetos em teu dia de vangloriosa glória. Aos cuidados de São Francisco das Chagas de Canindé. Amém”³⁴⁹ [grifos meus]

Como numa carta citada anteriormente, aqui são expostos primeiro os pedidos que o dinheiro não pode comprar (alívio de angústias, saúde, força, honestidade), para adentrar nos pedidos em que o dinheiro é determinante. O pão de cada dia é pouco, mas o pouco “com deus é muito”, e se para “São

³⁴⁸ Assim discute o tema, um dos centros de estudos bíblicos: “Embora reconheçamos que a Bíblia não dá nenhuma base para qualquer regra rígida contra cada tipo de aposta, ela nos ajuda ver que a jogatina é um sério mal que resulta no afastamento do homem de Deus. A jogatina, amiúde, induz à preguiça. Incentiva as pessoas a Conseguirem algo em troca de nada, além de levá-las a mentir e/ou a defraudar, a fim de obterem o que desejam sem trabalhar. A Bíblia incentiva o homem a ganhar o seu pão com o suor do seu rosto. E é justamente isso que Deus ordena em Gênesis 3,19: No suor do teu rosto comerás o teu pão... (Gn 3, 19). Paulo recomendou: Se alguém não quiser trabalhar, não coma também. (...) Jogos de azar são atividades que dependem do acaso. A finalidade é de lucro ou ganho, sem trabalho nem inteligência. Neste tipo de jogo, todos contribuem com dinheiro para que um, ou poucos, possam ganhá-lo. Qualquer tipo de jogo que se enquadre neste princípio, é um “jogo de azar”: as várias modalidades de Loteria, Apostas, Raspadinhas, Jogo do Bicho, Bingos, Caça-níqueis, etc.” *Centro Apologético Cristão de Pesquisas*. Copyright(c) 2003/2005. 3ª Igreja Batista de Marília. <http://www.centroapologético.com.br>.

³⁴⁹ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 111. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

Francisco nada é impossível” o sonho de ganhar na loteria³⁵⁰ pode tornar-se realidade, principalmente se a beneficiada é digna de receber a graça e tem boas intenções. Não que a devota tenha lido e se apropriado da passagem bíblica do sorteio entre os apóstolos, não se pode saber, mas, assim como naquela situação, a finalidade exposta é digna (resolver os próprios problemas e “ajudar a quem precisa”), e a sorte está sendo convocada através de oração.

O devoto, na carta abaixo reproduzida, foi mais pragmático quanto à finalidade do dinheiro que pretendia ganhar:

“Fortaleza 30/09/01 Para: São Francisco

Meu São Francisco do canidé mim faça uma caridade mim dê uma esmola. Faça com que eu consiga pagar minhas dividas e principalmente minha energia mim dê uma felicidade no jogo do bicho que é a única solução. Eu prometo que nunca mais em toda a minha vida eu jogarei. Mim ajude em nome de Deus! Quando for no dia 31 de dezembro eu irei passar minha entrada de ano em sua casa. Assistirei 3 missas em seguida principalmente a missa do galo. Obrigado meu São Francisco. Assina: [nome]³⁵¹[grifos meus]

Na carta, pede-se o mais urgente: pagar dívidas. Neste caso, o devoto demonstra um entendimento de que o jogo não é algo bom ou digno de se pedir ao santo, porém sendo necessário, que seja com sua ajuda, para que de certa forma ocorra inclusive uma libertação. A promessa feita é, ao mesmo tempo, promessa de regeneração, pois o devoto entende que pedir tal coisa é faltar com respeito ao santo, em compensação pretende se afastar dos jogos (um possível vício do devoto).

Na maioria das cartas, no entanto, os jogos são tratados como possibilidade normal — porém difícil — de transcender na vida, em que o santo pode, e deve ajudar. Nas cartas que se seguem, os devotos pedem o milagre de serem os beneficiados em sorteios vinculados a programas de TV:

“Meu pedido

Meu São Francisco de Assis, peço-lhe que ajude-me a ganhar na tele-sena, e prometo-lhe que se eu ganhar, todo ano que for romaria mandarei cinco cestas básicas bem grande de alimentos

³⁵⁰ Loteria Federal do Brasil foi iniciada em 1962, faz dois sorteios por semana e outros extra em ocasiões especiais (Natal, São João, Independência, Carnaval e alguns sorteios especiais promovidos por entidades filantrópicas). Conquanto, o sistema de loteria tem assumido modernamente várias outras formas no Brasil. (Federal, Federal Instantânea, Esportiva, Quina, Supersena e Mega-Sena).

³⁵¹ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 113. Datada: 30/09/2001.

e calcinhas e cuecas para as criança eu prometo meu São Francisco de Assis. Amém. [assinatura da devota]³⁵²

“Meu grorioso São Francisco de Assis do Canidér eu não mando nada pra vos porque não tenho nada mais vou li perde uma casa meu pai pai de cosolação pai de bondade pai de ternura pai de amor pai de misericórdia eu não tenho uma casa a pena estou pagando uma do baú do Siuva Santos todos méis 15 reas por isso e que eu li peso esta esmola que vos e meu pais me ajude eu granhar esta que estou li pedido meu pai se eu granhar no prosmo ano eu vou aos pes de vos levando uma esmola com formi minhas condição der, me ajuda meu pai de piedade. Meu nome é [nome]. Piauí.”³⁵³

As duas cartas referem-se a sistemas de sorteio em que se compra um boleto, no caso da tele-sena, ou um carnê (do Baú), e os sorteios são acompanhados pela TV, mais precisamente neste caso, no canal SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), através de programas apresentados por Silvio Santos³⁵⁴. Este famoso apresentador tem sua imagem atrelada diretamente ao dinheiro, uma vez que seus programas, em sua maioria, sempre focaram possibilidades de ganhar dinheiro pela sorte, ou por jogos de inteligência ou habilidades. A famosa frase repetida por ele ganhou os lares através da televisão: “Quem quer dinheiro?” E quem não quer? Os jogos de Silvio Santos não deixam de ser uma esperança para alguém que, como a devota, acompanha detidamente os resultados de ganhadores que, assim como ela, cumpriram suas obrigações para com o Baú da Felicidade³⁵⁵, ou compraram uma tele-sena, e tiraram a sorte grande. A esperança da devota é quase uma certeza, pois considera que já está pagando as prestações de seu futuro imóvel: “eu não tenho uma casa apenas estou pagando uma do baú do Siuva Santos todos méis 15 reas”. Mas o que ela está pagando não é a casa, e sim as prestações de um carnê, que lhe possibilita participar de um sorteio mensal,

³⁵² Id. Ibidem., n^o 112. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

³⁵³ Id. Ibidem., n^o 21.

³⁵⁴ Silvio Santos, verdadeiro nome Senhor Abravanel, (nascido no Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1930) é apresentador de televisão e empresário brasileiro, dono do Grupo Silvio Santos (que inclui inúmeros negócios como o Baú da Felicidade e o Banco Panamericano) e do Sistema Brasileiro de Televisão. Como apresentador do Programa Silvio Santos, tornou-se uma das mais destacadas celebridades da televisão no Brasil. SILVA, Arlindo. *A Fantástica História de Silvio Santos*. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.

³⁵⁵ O Baú da Felicidade é a empresa brasileira pertencente a Silvio Santos, que constitui as lojas ‘do Baú’ e a veiculação do Carnê ‘de Mercadorias’ ou ‘da Casa Própria’, O cliente do Baú adquire o carnê e deve manter-se rigorosamente em dia com o pagamento das mensalidades sob pena de não lhe ser permitido participar dos benefícios caso seja sorteado. Após um prazo determinado, o cliente pode trocar o valor pago por mercadorias à sua escolha nas lojas do Baú. Id. Ibidem.

em que sendo sorteada e estando quite com as prestações pode participar de um outro sorteio na TV em que estará concorrendo a prêmios, e/ou à 'casa própria'. A esperança, neste caso, que poderia ser remota, torna-se quase uma certeza. Pois, fazendo sua parte ao pagar os 15 reais, e com a ajuda de São Francisco, ela acredita que seu dia de sorte chegará e sua casa lhe será entregue por Sílvio Santos, com todas as honras, num de seus programas, como acontece com os felizardos que ela está habituada a ver a cada final de semana em sua televisão.

A força que a televisão³⁵⁶ exerce na vida dos devotos é indicada, para além dos pedidos a seu respeito, nas várias imagens votivas, em que aparece ao lado dos devotos, ou melhor, os devotos se posicionando a seu lado para a pose da fotografia, como se pode observar aqui:

Imagem 21³⁵⁷Imagem 22³⁵⁸Imagem 23³⁵⁹Imagem 24³⁶⁰Imagem 25³⁶¹Imagem 26³⁶²

³⁵⁶ Segundo o IBGE, mais de 90% dos brasileiros da área urbana têm acesso à TV. Nos municípios com até 20 mil habitantes e na área rural a média é de 74%. Sendo que a média total de domicílios com televisão em todo Brasil é de 86,21. IBGE- Censo 2000.

³⁵⁷ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Promessas* nº 10. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

³⁵⁸ Id. Ibidem., nº 08.

³⁵⁹ Id. Ibidem., nº 03.

A televisão está lá, como uma força inconsciente, magnética. Ou consciente, mesmo³⁶³. As pessoas perto dela, posando para São Francisco ou não, escolheram aí se posicionarem. Por quê? Pode-se pensar que os devotos consideraram esta a melhor parte da sala para se fotografar, (muitas pessoas têm essa preferência, na sala, junto aos eletrodomésticos de entretenimento, e neste sentido, ainda pode ser um sinal de ‘status’ ter tal eletrodoméstico); ou se identificam com a televisão; ou é já tão intrínseca que nem pensaram nada disso, apenas a consomem, compondo idéias, anseios e perspectivas que nascem deste encontro aparentemente unilateral com a TV, e que se alastram no horizonte das próprias redes que a produzem e distribuem³⁶⁴. Os devotos fazem usos da TV, o que não os situa como telespectadores simplesmente por influenciados esta. Sim, deste encontro forjam anseios que levados em consideração pelos devotos fomentam a fabricação de concepções e práticas inusitadas que passam a permear suas devoções.

A participação em programas de TV, ou o recebimento de prêmios deles decorrentes por meio de sorteios são pedidos recorrentes a São Francisco. Na carta seguinte, a devota escreveu:

³⁶⁰ Id. Ibidem., nº 11.

³⁶¹ Id. Ibidem., nº 09.

³⁶² Id. Ibidem., nº 02.

³⁶³ Xico Sá, em seu diário de viagem, pelo semi-árido nordestino, narra o episódio em que encontrou pelo caminho, sertão de Angicos, município de Sergipe, o agricultor Orestes, que para ajudar no sustento, “se vira” fazendo pequenos fretes na sua carroça. Em cima da carroça, seu amigo Zildo Jesus Duarte, 38 anos, dono da parabólica e da TV que carregam, afirma com bom humor: “Nosso divertimento aqui é esse mesmo (aponta para a TV), senão a gente se larga a fazer menino que não acaba mais”. O autor observa: “O jegue segue, lerdo, meu Deus, conduzindo as duas criaturas e os aparelhos do mundo moderno.” SÁ, Xico. Op. Cit., 2003, p.125.

³⁶⁴ “Depois dos trabalhos, muitos deles notáveis, que analisaram os ‘bens culturais’, o sistema de sua produção, o mapa de sua distribuição e a distribuição dos consumidores nesse mapa, parece possível considerar esses bens não apenas como dados a partir dos quais se pode estabelecer os quadros estatísticos de sua circulação ou constatar os funcionamentos econômicos de sua difusão, mas também como o repertório com o qual os usuários procedem a operações próprias. Sendo assim, esses fatos não são mais os dados de nossos cálculos, mas o léxico de suas práticas. Assim, uma vez analisadas as imagens distribuídas pela TV e os tempos que se passa assistindo aos programas televisivos, resta ainda perguntar o que é que o consumidor *fabrica* com essas imagens e durante essas horas. (...) Enigma do consumidor-esfinge. Suas fabricações se disseminam na rede da produção televisiva, urbanística e comercial. São tanto menos visíveis como as redes do enquadramento se fazem mais apertadas, ágeis e totalitárias.” CERTEAU, Michel de et. Op. Cit. 1996, p.93-94.

“São Francisco

Estou lhe escrevendo estas poucas linhas, só para lhe pedir uns favores:

São Francisco realize estes meus sonhos pela indicação de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa gostaria muito que aquele terreno fosse vendido, para que eu possa ter meu próprio trabalho, outra coisa e paz e união em minha família.

São Francisco eu vou escrever para o programa para [nome] minha filha ter um dia de princesa e também vou escrever a nestlé me ajuda pela intecessao de Nossa Senhora, depois que u alcançar irei para canider pagar promessa com todos de minha família e vestidos de São Francisco. Estou esperando sua resposta também rogo a Deus por minha saúde e de todos da minha família.”³⁶⁵ [grifos meus]

O dia de princesa a que a devota se refere era um quadro do programa Domingo da Gente exibido pela rede Record de Televisão nas tardes de domingo, apresentado pelo cantor de pagode Netinho de Paula. Neste quadro, intitulado originalmente ‘A princesa e o Plebeu’, e exibido desde março de 2001 até 2006, uma jovem, adolescente, era escolhida por sua história de vida exposta numa carta. Uma vez escolhida, a princesa teria alguns de seus sonhos realizados. Primeiro, necessidades básicas como ajuda para arranjar emprego, dinheiro para algum projeto referente à saúde ou moradia, e depois uma ‘transformação visual’. A princesa ia às compras, ganhava muitos presentes, tinha direito a um passeio e um jantar pomposo. Assim como nas cartas para São Francisco, as escreventes tinham que caprichar na história de vida, na argumentação, nos detalhes, nas cartas enviadas ao programa, pois segundo as regras do quadro, divulgado na TV e na Internet:

“Os sonhos realizados são escolhidos de acordo com a história de vida que vem descrita ali, na carta. Não vale ligar, nem passar fax, nem mandar e-mail. Quem quer participar tem de escrever para “Domingo da Gente - Rua da Várzea, 240 - Barra Funda - SP - CEP 01140-080” contando os detalhes da sua vida e qual é o seu sonho. Depois, é só torcer para que a sua carta seja escolhida.”³⁶⁶

³⁶⁵ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 40. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

³⁶⁶ Este enunciado foi divulgado no site da rede Antena, uma rede de TV do Piauí, situada em Teresina, que divulgava o quadro do programa Domingo da Gente, anunciando uma possível ida do apresentador Netinho à cidade, para prestigiar “não só uma princesa, mas duas”. <http://www.Redeantena.com.br>

E assim deve ter procedido a devota que também escreveu a seguinte carta, enviada a São Francisco:

“Quadro A Princesa e o Plebeu (Netinho)
 produção Domingo da Gente
 Rua da Vársea 240 Barra Funda
 – São Paulo CEP- 01140- 080
 São Francisco das Chagas ilumina o meu caminho para eu alcançar esta graça que é grande desejo participar deste quadro A princesa e o plebeu com muita fé e os poderes do “Senhor” São Francisco das Chagas é de atendei-me a está penitente [nome]] mora na rua [segue endereço completo]. Obrigado pela sua misericórdia.”³⁶⁷[grifos meus]

No anseio de ser escolhida, a jovem deve ter enviado uma carta para a produção do programa e outra (acima reproduzida) para São Francisco. Nesta, pede pelo sucesso da carta destinada à emissora. Argumenta com São Francisco para que os argumentos da outra carta, por sua vez, sensibilizem os produtores do programa e ela seja escolhida. Fez questão de designar o endereço completo do seu sonho de princesa, e o seu próprio, para que não houvesse perigo de o milagre errar o destinatário.

Uma das principais realizações que a produção do programa, no papel de fada madrinha da princesa, podia conceber era a chance de uma transformação visual. A princesa era submetida a tratamentos intensivos em clínicas de estética, onde dependendo do caso, se procedia limpeza de pele (a lazer), tratamento capilar com mudança de corte, cor e até textura dos cabelos, e em alguns casos havia intervenções cirúrgicas como implante dentário para recomposição do sorriso, e mesmo lipoaspiração. Transformação visual da princesa, para além dos prêmios que ela recebia, parecia ser o ponto alto do programa, quando a ‘princesa’ aparecia no palco ‘transformada’, para deleite dos telespectadores ansiosos pela mudança configurada, não só no vestuário, mas também na carne. O que indica a possibilidade de reconfigurar a vida através de mudanças no próprio corpo.

Na carta abaixo, ou melhor, no pequeno bilhete, a missivista apresenta, sem circunlóquios, seus desejos materiais e estéticos:

³⁶⁷ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 39. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

“Senhor Francisco de Assis que o meu cabelo cresça que tu me ajude a comprar as coisas da minha casa. Eu queria ganhar na raspadinha para poder comprar minhas coisas.”³⁶⁸ [grifos meus]

Sem muitas argumentações, os pedidos são expostos: aquisição de bens, através do milagre de ganhar dinheiro na ‘raspadinha’³⁶⁹, e crescimento dos cabelos. A realização pessoal da devota depende da arrumação do seu domínio material, apreensível em ‘sua casa’, e da satisfação do próprio corpo, por meio do qual vive e sente-se bem ou mal em relação ao mundo. O pedido sobre os cabelos, aparentemente, não se refere a problemas de saúde, e sim de estética.

A preocupação com o corpo não é novidade em relação aos romeiros de São Francisco. No entanto, não é do corpo doente, chagado, desprovido de forças — geralmente representadas nos ex-votos, em madeira ou barro, partes destacadas, como braços, pernas, cabeças, — de que tratam algumas cartas, como estas últimas sobre crescimentos dos cabelos, ou tratamentos de estética como prêmio de um ‘dia de princesa’. O desejo das devotas, a esperança da misericórdia de São Francisco, recai sobre a possibilidade de reconfigurar suas vidas de privações, e principalmente, as privações do corpo em atender a expectativas internas e externas de uma identidade social pautada em aspectos estéticos. Trata-se do corpo como elemento fundador de uma subjetividade inteiramente ligada à idéia de consumo, onde o sucesso, a felicidade, enfim a realização pessoal passa necessariamente pela boa aparência, mais do que isso, pelo corpo perfeito em consonância com o mundo contemporâneo.

E se as diferentes temporalidades e formas de vivenciar o mundo coexistem e alguém ainda pode dizer que “fulano vive bem, pois está gordo”, ou, “tem poder, pois tem mesa farta”, por outro lado, no modo de pensar contemporâneo, seria mais apropriado inferir, como indicam algumas cartas, que ter ‘cara de gente rica’ é ser magro ou esbelto na medida certa (com músculos para homens, e curvas definidas para mulheres). O corpo perfeito

³⁶⁸ Id.Ibidem., nº 36.

³⁶⁹ A Loteria Federal Instantânea, “a raspadinha” foi iniciada em 1991, e funciona por emissão de bilhetes com prêmios predeterminados pela Caixa Econômica Federal. Essa modalidade premia também com bens como carros, jet-skis, motos, etc.

está estampado e é exigido o tempo todo na cena midiática, nos meios de comunicação em geral, de forma mais eficaz no discurso da televisão.

O descortinamento do corpo, sua resignificação experimentada ao longo do século XX, levou à sua livre exposição inclusive nos locais relacionados a ideologias e instituições nas quais ele foi historicamente mais execrado, como na Igreja Católica.

Grande parte das fotografias no grande mural que é a Casa dos Milagres expõe corpos, desnudos. Caso das fotografias abaixo:



Imagem 27³⁷⁰

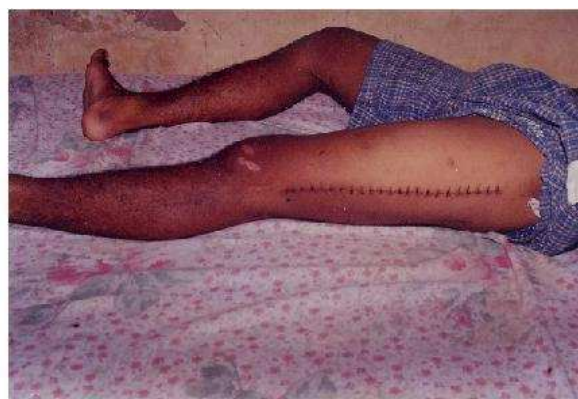


Imagem 28³⁷¹

Em geral, as fotos que revelam corpos seminus, ali estão por força das circunstâncias, mostra a parte chagada, local de uma ferida, ou cirurgia, enfim, da enfermidade a ser curada. É o corpo que quer sarar. Ou já restabelecido. Mas nas seguintes imagens, as fotos não sugerem a mesma condição, no entanto, foram escolhidas e enviadas para a basílica:

³⁷⁰ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Corpo* nº 10. Não datada, posta na Casa dos Milagres entre 2001 e 2004.

³⁷¹ Id. Ibidem., nº 16.

Imagem 29³⁷²Imagem 30³⁷³Imagem 31³⁷⁴

A imagem 30, acima, datada de maio de 2001, retrata um casal em trajes de banho, nada mais natural considerando-se as circunstâncias em que foi produzida, assim como as outras duas, em que também são expostos os corpos seminus. No entanto, estas foram designadas para constituir uma função sagrada: pedir ou agradecer algo em nome, ou para as pessoas fotografadas. A priori, o desejo de quem deixa uma fotografia na Casa dos Milagres é que seja exposta no local sagrado entre as outras imagens ex-votos no grande mural que configura o salão de milagres, adjacente à Basílica de São Francisco. Não obstante, tendo em conta os preceitos religiosos que predominaram por séculos na concepção do corpo como inimigo na busca espiritual pela santidade, e sendo o trabalho de organização e exposição dos ex-votos em Canindé pautado pela mesma moral cristã, pode ser que imagens como estas sejam evitadas no mural, por sua conotação profana. Mas a sombra deste pensamento não interferiu na escolha dos donos das imagens e sua destinação ao espaço sagrado de São Francisco. Pois estes vivenciam sua fé como vivem sua vida. O corpo que a experimenta é o mesmo corpo que trabalha, adoece, namora e vai à praia.

³⁷² Id. Ibidem., *Lazer* nº 01

³⁷³ Fotografia ex-voto coletada na paróquia de Canindé (catalogação pessoal) *Casais* nº 03. Datada: Maio/2001.

³⁷⁴ Id. Ibidem. *Lazer* nº 02.

Neste sentido, mais uma devota dirigiu sua prece ao santo de Canindé.

“Meu Senhor São Francisco em primeiro lugar peso-me desculpas pelas falta que eu falhe com o Senhor. Quero lhe pedir que o Senhor der Saúde e Felicidade pra minha família meu filho, marido. Também que eu consiga fazer a minha e daqui alguns anos terminar os meus estudos e mim formar para trabalhar e ajudar meu marido e se não for pedir demais quero que o Senhor me ajude a emagrecer meu São Francisco e quero que o Senhor cuide do meu cabelo também e que eu seja uma pessoa mais amável com marido e meu filho e tenha mais paciência no momento e só isso que eu lhe peço. Amem”³⁷⁵ [grifos meus]

A devota pede a ajuda do santo para emagrecer e para cuidar dos cabelos ‘Se não for pedir demais’. Ela deve imaginar que este assunto é supérfluo para a santidade diante de tantas coisas mais importantes que ele tem a resolver, inclusive os pedidos dela mesma, de saúde, felicidade, realização profissional. Mas a felicidade não estaria completa sem a conformação com o próprio corpo, depositário de todos os seus significados, pelo qual se expressa e interage em sua vivência, com o mundo, e do qual depende sua existência, e em escala bem particular, inclusive a vida conjugal, por vezes difícil e probatória, requerente de ‘paciência’ e amabilidade.

A seguinte missiva, escrita no dia 29 de Setembro de 2001, revela experiências e desejos, alimentos para satisfação do corpo e do espírito de sua escrevente:

“Muitas saudades

Meu querido São Francisco eu lhe escrevo essas poucas linhas com muitas saudades para da minha noticias todas minha família olha meu querido eu no próximo ano estarei ai com toda a minha família olha nós fizemos uma promessa para pagar quando nós termina de pagar o carro no mês de Julho air outubro vamos pagar vamos levar uma carrada de gente pra lhi visita quero que você mim ajude compra um terreno e faz um casa muito boa que eu realizar quero que você dê muito e muitos anos de vida e saúde para o [nome] e para mim que mim defeda de tudo me proteja quero que você mim dê uma graça que você mim ajude a realizar meu sonho de ter força de vontade de perder 8 kilo com saúde que você dê uma boa sorte para meu filho [nome] e [nome] que mude as natureza deles que seja uma boa sorte que seja pessoas boa querida que

³⁷⁵ Cartas a São Francisco, paróquia de Canindé, não publicadas, (catalogação pessoal), nº 03. Por razão de ética, optei por omitir os nomes dos missivistas. A carta não contém uma datação exata, porém foi coletada entre as cartas recebidas pela paróquia entre os anos 2000 e 2004.

defeda de todos mau que me pedoí todos os nomes feios nós meus filhos.

Termino com muitas saudades e com muitas vontade e lhi ver mas no outro ano nós todos vamos ver você e o padre cícero quero que você me de tudo de bom, pra mim e todas minha família mi defeda de todo mal. [a devota assina, e escreve nomes de outras pessoas.]³⁷⁶ [grifos meus]

A carta foi iniciada com certo padrão de correspondência (saudações, e notícias como primeiro objetivo, o que confere à carta o sentido de que haja o desejo de participar ao destinatário sua vida). A devota o fez com muita afetividade, “muitas saudades” do ‘querido São Francisco’. Interessante como o motivo da carta, inclusive a romaria anunciada, relaciona-se mais diretamente com a aquisição de um bem material, o carro. Não só a devota, mais uma “carrada” de gente terá se dirigido a Canindé em romaria após o pagamento do automóvel. A dívida espiritual pelo pagamento de uma dívida material será quitada com a viabilização de uma peregrinação de pessoas também com seus pedidos. A missivista por sua vez adianta-se já pedindo mais, “um terreno” e “uma casa muito boa” e saúde para usufruir a vida por muitos anos, e então vem algo primordial, entre a saúde e o deleite de si própria, perder 8 kilos. Mais uma devota que pede ao sagrado algo que as inspirações mundanas exigem de si. A satisfação do corpo/carne que ‘peca’ por sonhar com graças materiais, montanhas de comida, ou ao contrário, força para se privar a ela, garantindo um corpo magro, perfeito, exigido pelos padrões de beleza contemporâneos. Estes devotos aqui interpretados através de suas escritas ou produções fotográficas buscaram São Francisco para se satisfazerem em todos os aspectos. ‘Carradas’ de gente, com suas preces, suas causas grandes e pequenas, ‘dignas’ ou não.

³⁷⁶ Id. Ibidem., nº 85. Datada: 29/09/2001.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro semestre do curso de História, comecei a me interessar pela história de minha cidade. De “minha aldeia”. Como não encontrara, em meus primeiros esforços, obras que suprissem minha curiosidade resolvi, como mais nova profissional da área, desenvolver meu próprio estudo histórico. Pensei que uma cidade como Canindé necessitava de uma “HISTÓRIA”, uma obra que aparecesse, já que, procurando, nada encontrei sobre o assunto. Logo descobri, dentre outras coisas, que não havia procurado bem e que uma “HISTÓRIA”, como pensava no momento, completa, “Total”, era impossível.

A impressão era a de que quanto mais se aprendia, mais complicado ficava. No decorrer do curso, às voltas com vários modelos ou abordagens históricas e outros temas, esqueci por um tempo o “projeto Canindé”. No entanto, parecia que o tema me acompanhava, como uma sina. Quis arriscar outras temáticas, mas Canindé, São Francisco e os romeiros me perseguiram. Então concluí que a forma de me libertar do problema era mergulhar de cabeça nele. Renovei os ânimos, as leituras, busquei novas fontes e elaborei a proposta de pesquisa que culminou nesta dissertação, idealizada e escrita com certas dificuldades, e que encerro com satisfação.

A busca pelas experiências religiosas dos romeiros, seu relacionamento e formas de comunicação com o sagrado, objetivo inicialmente proposto e considerado até aqui, levou-me a discutir importantes aspectos e a explicitar contradições, práticas e atribuições inusitadas, desconhecidas e inimaginadas sobre os devotos, suas formas de crer e agir diante de São Francisco. Sinto-me feliz neste sentido, uma vez que partilho do direcionamento teórico segundo o qual o historiador deve focalizar uma “invenção contínua do cotidiano”, evidenciando as contradições do “vivo”³⁷⁷

³⁷⁷ Evidenciar as contradições do vivo, (ser, que é histórico) em oposição à tendência de o transformarmos num “morto”, no túmulo da escrita da História ou de qualquer outro ponto de

com suas reelaborações, reinvenções e desvios. Desta forma o que encontrei e procurei ressaltar foram homens e mulheres, pessoas de todas as idades, a maioria pobre, vivendo suas vidas e buscando modificá-las com o auxílio de forças sagradas. O que vêm fazendo através de uma comunicação que se torna eficaz por sua materialização na escrita de cartas, produção de fotografias e outros objetos.

Gostaria de destacar que julguei necessário traçar considerações sobre a constituição do espaço sagrado, no primeiro momento, não para buscar “as origens” ou configurar um pretenso “contexto” em que a crença se desenvolve, mas para discutir o que outras obras sobre Canindé não discutiam: “os mitos”, os “primeiros milagres” ou outros muito difundidos. Estes são apresentados, na maior parte dos trabalhos, como “a origem” do santuário. Simplesmente narrados, sem nenhuma problematização. Procurei relacioná-los com outros aspectos formadores para não iniciar mais uma vez como nos trabalhos citados, afirmando a origem sagrada do santuário. E sim pensando a sacralização como processo, para tentar perceber o espaço e a crença como construções humanas e históricas, de memórias, escolhas, narrativas e vivências.

Outro aspecto que gostaria de destacar é que os romeiros de Canindé, em comparação com o estudo de Régis Ramos sobre os devotos de Juazeiro do Norte, compartilham da mesma construção e resignificação contínua de sua fé e confiança nos poderes do santo. E buscam, a partir de suas “experiências sociais historicamente situadas”, “sentir-se parte de um universo coerente, justo e previsível.”³⁷⁸ Entretanto, acrescento que para os devotos aqui estudados, este “universo coerente, justo e previsível” não é o mesmo para cada devoto, assumindo várias faces de uma lógica do “eu”, onde cada um pede exatamente o que lhe convém e para fazer justiça a si mesmo é necessário desmerecer o outro. Pois, o santo deve ajudar na luta por um melhor porvir, em que muitas vezes há que se vencer o outro (tomar sua vaga no vestibular ou num concurso público, ganhar no jogo do bicho em detrimento de outros que também

vista. Diálogo proposto por Certeau. CERTEAU, Michel de. A Cultura no Plural. Campinas-SP: Papyrus, 1995.

³⁷⁸ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998. Respectivamente p. 18 e 27.

apostaram e perderam, merecer o amor de alguém por quem outro(a) sofre, etc.).

Estes devotos não seguem formas pré-estabelecidas para se dirigir ao(s) santo(s) ou para selecionar o que se deve pedir. Apesar de participarem das formas de culto direcionadas e bem administradas pela Igreja, o fazem de acordo com as suas necessidades e a aliança que estabeleceram com seu protetor. Não aceitando suas agruras cotidianas recorrem cheios de fé e “razão”. Julgam ter merecimentos, e se não o têm, prometem fazer por merecê-los. Dialogam, argumentam, com cuidados e artimanhas, sendo mais dóceis e submissos num ponto, ou mais incisivos em outro, vão se relacionando à sua maneira com o santo.

Quanto ao destinatário das cartas e fotografias, é geralmente São Francisco das Chagas, “o pobrezinho de Assis” em Canindé. Santo dos pobres, amante da natureza, santo da boa morte, merecedor das santas chagas de Cristo. Entretanto, desde cedo (1936) já há registros, inclusive oficiais (jornal da paróquia: “O Santuário”)³⁷⁹, de promessas e agradecimentos a outros santos em Canindé. Espaço de entrecruzamento entre este mundo e um outro gênero de existência, Canindé vem sendo vivenciado pelos romeiros como um canal entre este mundo e um outro, que permite a comunicação não apenas com São Francisco, mas com outros santos e até almas benfeitoras.

Os pedidos brotam do cotidiano dos devotos. Composto de labutas, conflitos, angustias, afetos, desejos e sonhos de consumo. Revela-se, então, uma fé encarnada, onde o sagrado deve estar à disposição, não apenas para resolução de problemas e necessidades básicas, a que “um operário tem direito”³⁸⁰, mas para prover qualquer desejo, necessidades “supérfluas” e até excentricidades. E para uns devotos em detrimento de outros. São pedidos que não se enquadram nas concepções oficiais de culto, ou na idealização de uma pretensa religiosidade típica.

Diante destas questões, ao final desta difícil trajetória — da dissertação, não da pesquisa — percebo que muitos aspectos poderiam ter sido mais bem trabalhados e algumas questões ficaram ainda por ser

³⁷⁹ Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. (1915-1968).

³⁸⁰ Bíblia Sagrada (Mt 10, 10).

exploradas. Não tento aqui justificar as limitações deste trabalho, que são muitas, mas justamente apontá-las como possíveis caminhos a serem desbravados por mim ou por outros pesquisadores em trabalhos futuros.

O que aqui vos ofereci foi um caleidoscópio de formas de crer e agir, expressado por essa impressionante produção dos devotos.

Fico em falta com uma análise ou uma elaboração mais trabalhada desta produção. Para uma interpretação mais delineada sobre essa prática de materializar a aliança, principalmente no que tange à produção em si da escrita e das imagens votivas dos romeiros.

Outra preocupação que permeou a feitura deste texto foi a escolha de como apresentar a complexa variedade de pedidos. Neste sentido caberia a verticalização de muitas questões. Porém, entendo que isso não poderia acontecer antes da explicitação deste mar de contradições, para vislumbrarmos suas profundidades, e como dizer, “comermos com os olhos esse prato cheio” de temáticas a serem problematizadas, historiadas. Optei por trazer à tona a abundância de questões como se apresentavam a mim, digo ao santo, demorando-me aqui, apenas tocando ali, para confrontar as contradições do “vivo”, e deixar vivas as ousadias, liberdades e inventividades dos romeiros em vivenciar o sagrado a partir de suas experiências sociais.

FONTES

Manuscritos

Regulamento que se deve observar a Comissão encarregada de administrar os bens de São Francisco das Chagas de Canindé – 1897.
Regulamento que se deve observar a Comissão encarregada de administrar os bens de São Francisco das Chagas de Canindé – 1898.

Fontes Publicadas

Anais da Biblioteca Nacional, Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, vol. 81, 1961, p. 335.

Jornais

Jornal A República, 14 out. 1898.
Jornal O Cruzeiro, 17 nov. 1956.
Jornal O Santuário de São Francisco (1958 a 1968).
Diário do Nordeste, 17 set. 1982.
Diário do Nordeste, 04 out. 1995.

Cronistas

MARTINS, Álvaro. *A Capela Milagrosa*. Fortaleza: Typ. Universal, 1898.
ROCHA, Augusto. *Santuário de Canindé*: resumo histórico. Fortaleza: Tipografia Minerva (2ª ed.), 1911.
SANTOS LESSA, Joaquim dos. *Memórias Canindeenses, 1775 (?) – 1906 (?)*.
WILLEKE OFM, frei Venâncio. *São Francisco das Chagas de Canindé*: resumo histórico. Canindé 1973. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 1973, Instituto Histórico e geográfico Brasileiro.
_____. Um santo conquista o Brasil in: Revista de Cultura VOZES. Rio de Janeiro: Vozes, Ano 56, pág. 262-269, Abril de 1962.

Cordéis

Canindé, da lenda à realidade – Gonzaga Vieira, 1999.
A inocente perdida nas matas do Amazonas e os milagres de São Francisco – João de Cristo Rei, 1974.
A moça que virou cabra no sertão do Ceará. – José Costa Leite.
O país de São Saruê – José Costa Leite.

Músicas

A Morte do Vaqueiro - Luiz Gonzaga/Nelson Barbalho
Noves Fora – Raimundo Fagner/Antônio Carlos Belchior.
Liforme – Luiz Gonzaga/Raimundo Granjeiro.

Cartas

Publicadas no Jornal O Santuário de São Francisco – Órgão Oficial da Basílica de Canindé – Quinzenário. Cartas a São Francisco (1958 a 1968).

Cartas, bilhetes (e versos de fotografias) escritos pelos devotos. Coletadas na Casa dos Milagres na paróquia de Canindé entre 1996-2004.

Total que compõe acervo pessoal em processo de catalogação: 748 cartas.

Citadas no texto: 110

Retratos Votivos

Fotografias ex-votos coletadas na Casa dos Milagres de Canindé entre 1996-2004. Com datação entre 1980 a 2004. Total do acervo: 1.430

Reproduzidas no texto: 37

Outros Objetos

Os barcos de São Francisco – pequenos barcos enviados à Canindé por via fluvial.

1ª Cruz levada nas costas para Canindé pelo devoto Zé Paulino, em 1972, de Cabedero Paraíba.

Cruz de 40 kilos levada nas costas para Canindé pelo devoto Zé Paulino, em 1982, vindo de Castello – Piauí.

Obras de Referência

Bíblia sagrada. Edição Pastoral. PAULUS Gráfica, 1996.

Catecismo da Igreja Católica. Editora Vozes, 1993.

Código de Direito Canônico. Codex Iuris Canonici. Promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Oficial: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Totus Tuus. Editora Loyola, 1983.

I Fioretti di San Francesco.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco das Chagas de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Verbo Encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Marta. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ABREU, Jean Luiz Neves. Difusão, produção e consumo das imagens visuais: o caso dos ex-votos mineiros do século XVIII. In: *Revista Brasileira de História*. Órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 25, nº 49, jan-jun, 2005.

Álbum ilustrado da paróquia de Canindé. Comemorativo do 7º Centenário de Morte de São Francisco. Canindé: Tipografia da Casa de S. Francisco de Canindé, 1927.

ARENDT, Hannah. *O Conceito de História – Antigo e Moderno*. In: *Entre o Passado e o Futuro*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992, p.69-126.

AZZI, Riolando. *A vida religiosa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1982.

_____. *As Romarias no Brasil*. In: *Revista Vozes*. Petrópolis: Vozes, 1979.

BARROSO, Francisco de Andrade. *Igrejas do Ceará: crônicas histórico-descritivas*. Fortaleza, 1997.

BARROSO, Gustavo. *À Margem da História do Ceará*. Fortaleza, 1962.

BÉRGAMO, Frei Cirilo de, OFM. *Apontamentos históricos das capelas da paróquia de Canindé*. In *RIC*, tomo XXXVI.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Edito Brasiliense, 1980.

_____. *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da Fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população do mundo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1961. Vol. 1 e vol. 2.

CAVALCANTE, Antonio Mourão. *Corpo de Saúde, Corpo de Fé*. Colóquio Internacional Religião e Saúde, (Canindé-Ce). Fortaleza: Imprensa Universitária, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Campinas-SP: Papirus, 1995.

_____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. A Operação Histórica. In: LE GOFF, Jacques (comp.) *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979. p. 18-33.

_____. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Tradução de Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOYLE, Eric. Francisco de Assis e o Cântico da Fraternidade Universal. São Paulo: Paulinas, 1985.

DOSSE, François. A Oposição História e Memória. In: *História e Ciências Sociais*. São Paulo: Edusp, 2004.

ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Ed. 70, 1965.

_____. *Imagens e Símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins fontes, 1998.

FEITOSA, NERI. *Igreja de Canindé-200 anos: Francisco Xavier de Medeiros e seu tempo*. Canindé: Instituto Memória de Canindé monografia 3, 1996.

_____. *Renguengue, não! Renguengo!* Canindé: Instituto Memória de Canindé mgf 1, 1996.

_____. *Centenário da Presença Franciscana em Canindé 1898-1998*. Instituto Memória de Canindé.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e a Cultura Popular: história de classe ou história do povo? In: *História e Perspectiva*. Uberlândia, jan/jun de 1992.

FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1982.

_____. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: ed. Brasiliense, 1994.

FERREIRA, Jorge Luiz. *Trabalhadores do Brasil: o imaginário do povo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FURET, François & OSOUF, Jacques. Trois siècles de métissage culturel. In: *Lire et Écrire: l'alphabétisation des français de Calvin à Jules Ferry*. Paris, Minuit, 1977.

GADAMER, Hans-Georg. *O Problema da Consciência Histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. *O Saber Local*. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas e Sinais: morfologia e história*. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

_____. *O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRUGUIÈRE, André. A Antropologia histórica. In: LE GOFF, Jacques (org). *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.

_____. *São Francisco das Chagas de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEAR. *Santuário de São Francisco de Canindé*. Canindé, 1926.

LEITÃO, Pe. Luís de Souza. *Notas Políticas e Religiosas da Vila de Canindé*. In: *RIC*, p 46-59, tomo XVI.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Raça e História*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

_____. O Feiticeiro e sua Magia. In: *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LONDOÑO, Fernando Torres. "Devoções Populares: cotidiano e memória" In: *PUC, Viva Revista*. São Paulo: PUC,s/d, s/a.

_____. Imaginária e Devoções no catolicismo Brasileiro. Notas de uma pesquisa. In: *Revista Projeto História nº21, História e Imagem*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de, São Paulo, 2000.

MACHADO, Maria Clara Tomáz. *Pela Fé: A representação de tantas histórias. Religiosidade Popular*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MARTINS, Álvaro. *A Capela Milagrosa*. Fortaleza: Typ. Universal, 1898.

MARTINS, José de Souza (org). *A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1983.

MARTINS, Mário de Souza. *Canindé: a caminhada prometida (um estudo sobre romarias)*. Tese de Dissertação do Mestrado de Sociologia do Desenvolvimento. UFC, 1983.

MELLO E SOUZA, Laura de. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTES, Maria Lúcia. As Figuras do Sagrado: entre o público e o privado. In: *História da vida Privada do Brasil*. Vol. 4. coleção organizada por Fernando Novaes. Companhia das Letras.

MORALES, Lúcia Arrais. *Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

NEGRÃO, Lísias... [et al]; QUEIROZ, José. *A Religiosidade do Povo*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

NOBRE, Geraldo Silva. *História Eclesiástica do Ceará* 1ª parte. Fortaleza: Secretaria de Cultura e desporto, 1980.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero-1935*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

OLIVEIRA, Marcelo João Soares de. *Francisco: o santo vivo dos devotos*. Fortaleza: Edições Livro Técnico/Premius, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. *Religião e Dominação de Classe*. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

OTTEM, Alexandre. *“Só Deus é grande”*: a mensagem religiosa de Antônio conselheiro. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

PINTO, Augusto César Magalhães. *Viagem pela História de Canindé*: ensaio cronológico e iconográfico. Instituto memória de Canindé, 2003.

PINTO, Hélio Vieira. *Cronologia Canindeense*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1997.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Verbo Encantado*: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

_____. *O Meio do Mundo*: territórios de sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Tese de Doutorado em História – PUC. São Paulo: PUC, 2000.

_____. O Sangue da Terra: tramas do sagrado no espaço de Juazeiro. In: *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Argos, 2001.

_____. Museu, Ensino de História e Sociedade de Consumo. In: *Trajetos*. Revista do Programa de Pós-Graduação em História social e do departamento de História da Universidade Federal do Ceará. V.1, n.1 (nov. 2001). Fortaleza.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa*: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIOS, Kênia Souza. *Engenhos da Memória*: narrativas da seca no Ceará. Tese de Doutorado em História – PUC. São Paulo: PUC, 2003.

ROCHA, Augusto. *Santuário de Canindé*: resumo histórico. Fortaleza: Tipografia Minerva (2ª ed.), 1911.

_____. *Notas Cronológicas de Canindé*, in: *RIC*, tomo XXVIII, DE 1914.

ROLIM, Pe. *Canindé – Centro de Romarias*. CNBB. Secretariado Nacional de Pastoral Especial. 1963.

SÁ, Xico. *Nova Geografia da Fome*. Fortaleza, CE: Tempo d'Imagem, 2003.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SCHWARZ, Lília K. Moritz et GOMES, Nilma Lino. *Antropologia e história*. Debate em região de fronteira. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCHWARZ, Lília K. Moritz. *O Império em Procissão*: mitos e símbolos do Segundo Reinado. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 2001.

SILVA, Arlindo. *A Fantástica História de Sílvia Santos*. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.

SILVA, Maria Augusta machado da. *Ex-votos e Orantes no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.

STEIL, Carlos Alberto. *O Sertão das Romarias*: um estudo antropológico sobre o santuário do Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: ZAHAR editores, 1981.

_____. *Costumes em Comum*: estudos sobre a cultura popular traicional. Tradução: Rosa Einchemberg. São Paulo: companhia das Letras, 1998.

VAINFAS, Ronaldo. *Brasil de Todo os Santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 2002.

VASQUEZ, Pedro Karp. *A Fotografia no Império*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIANA, Arievaldo. *São Francisco de Canindé na Literatura de Cordel*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2002.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo, PEIXOTO, Maria do Rosário da cunha e KHOURY, Yara Maria Aun. *A Pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 1995.

WILLEKE OFM, Venâncio. *São Francisco das Chagas de Canindé*: resumo histórico. Instituto Histórico e geográfico Brasileiro. 2ª edição. Canindé, 1973. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 1973.

_____. Um santo conquista o Brasil in: *Revista de Cultura VOZES*. Rio de Janeiro: Vozes, Ano 56, pág. 262-269, Abril de 1962.